

LOUISE PENTLAND

*Dupla
Mais
que
Perfeita*

Vai ser um ano de grandes mudanças na vida de Robin Wilde e da pequena Lyla.

Bestseller do Sunday Times





Louise Pentland é uma *vlogger* de *lifestyle* e beleza galardoada e um dos rostos escolhidos para a campanha do YouTube #MadeForYou. É embaixadora do United Nations Global para a Igualdade de Género. Em 2016 foi nomeada para *Glamour Woman of the Year* e recentemente venceu os prémios InStyle para *Best High-Street Fashion YouTuber* e Shorty Award para *Best YouTube Guru*. Ainda no mesmo ano, lançou a sua segunda coleção de roupa SIMPLY BE.

O livro de não ficção de Louise Pentland (*Life with a Sprinkle of Glitter*) foi um enorme sucesso de vendas. *Dupla mais que perfeita* é o seu primeiro romance.

Dupla mais que perfeita

Louise Pentland

Publicado em Portugal por:

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Porto

Email: delporto@portoeditora.pt

Título original:

Wilde Like Me

Copyright © Louise Pentland, 2017

Tradução: Cláudia Ramos

Design da capa: Alexandra Allden

Ilustrações da capa: Sinem Erkas

Adaptação da capa para a versão portuguesa: NOR267

Fotografia da autora: © Louise Pentland

1.^a edição em papel: maio de 2019

Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-67804-1

*Dedicado a Clare, Esther, Victoria e Maddie,
a cura perfeita para O Vazio*

Prólogo

O fim do meu conto de fadas...?

Tenho resistido a isto há demasiado tempo, penso, vibrante de entusiasmo, enquanto saio do táxi. Após uma longa conversa telefónica e uma intensa troca de mensagens, acabei por concordar em encontrar-me com ele. Convidou-me para jantar num bar superexclusivo no topo da OXO Tower, um dos edifícios mais icónicos de Londres, construído sobre o rio Tamisa, com um terraço que oferece uma vista espantosa de trezentos e sessenta graus – e, aparentemente, cocktails de sonho. Fiquei secretamente encantada pelo facto de o meu trabalho de hoje, como assistente da Natalie, a minha chefe, ter acabado mais cedo do que o previsto. Tratámos da maquilhagem para um anúncio, num loft muito trendy em Shoredich – e correu tudo lindamente. Com a tarde inteira só para mim, aproveitei para me mimar... e adorei cada passo dos preparativos para esta noite.

Saio para o passeio, deslizo pelo pavimento liso da zona ribeirinha e sinto-me como um pavão exibindo as penas.

Assim que me aproximo da fachada de tijolo vermelho da antiga fábrica, reparo no meu reflexo nas janelas mais baixas. Pela primeira vez desde há muito tempo, sinto-me linda. De acordo com os padrões de beleza mais básicos, o meu metro e sessenta e oito, o cabelo castanho-arruivado e os olhos cor de avelã faziam-me sentir um «pãozinho sem sal». Não são propriamente atributos exóticos ou excepcionais, pois não? E também não representam certamente o epíteto da perfeição das revistas de moda. Mas a verdade é que hoje sinto qualquer coisa de especial. Quando me vejo de relance a caminhar com a cabeça bem erguida, os meus

olhos parecem mais suaves, o cabelo mais vaporoso. Já não penso em *mamã desleixada*, mas, sim, em *mulher bonita a caminho de um encontro especial*. E só o facto de me pensar assim faz com que me sinta mais alta e... meu Deus, estarei mesmo a abanar o rabo?

Felizmente, a minha maquilhagem saiu perfeita: quente e resplandecente. Exagerei um pouco no contorno e no highlight, mas acabei por conseguir corrigir a coisa antes que o meu rosto ficasse com verdadeiras *arestas*. E estou absolutamente apaixonada pela minha roupa. Optei por uma saia preta acima do joelho, em camadas de tule e renda, uma verdadeira pechincha que encontrei numa loja vintage praticamente desconhecida. Por entre as camadas, tem estrelinhas bordadas a dourado. Quase que nem se veem, a não ser quando as luzes da rua incidem diretamente nelas, fazendo-as parecer pontinhos brilhantes num céu noturno. Conjuguiei a saia com um top cruzado, com um vertiginoso decote em V, que encaixei na faixa de cetim da cintura, e uns fabulosos *pumps* pretos de verniz – herdados da Piper, a irmã da minha melhor amiga, numa das suas mudanças de casa.

Se eu tivesse lata suficiente para pedir a um estranho, na rua, que me tirasse uma foto, publicava-a no Instagram com um #OOTD (*Outfit Of The Day*), dedicada àqueles não tão obcecados pelas redes sociais quanto eu, e fingia ser blogger.

Respiro fundo e lembro a mim própria tudo aquilo que sou; por fim, empurro a majestosa porta de vidro, dirijo-me confiantemente para o elevador e carrego no botão de subir.

Vai ser perfeito.

Vai ser exatamente como eu quero que seja.

Repito mentalmente estas frases, uma e outra vez. Quero que o universo as oiça e as torne reais. Passados quatro anos (e dez

meses e cinco dias), não será altura?

Entro no elevador, olho pela última vez para o meu reflexo no espelho e sorrio, serena – finalmente, sem me preocupar com maquilhagem esborratada ou cabelo tipo espantalho.

É agora...

A porta abre-se com um *ping* melódico, e demoro ainda uns segundos a assimilar o que vejo.

Em vez de apinhado de gente, como de início previ, o glamoroso bar iluminado com néon azul, que conduz à zona do restaurante no terraço, está praticamente deserto.

Aquilo que os meus olhos encontram deixa-me sem alento.

Centenas de pequenas velas brancas em copinhos de vidro prateado estendem-se desde as portas do elevador até ao interior do bar e seguem para o pátio do terraço – traçando o percurso cintilante que eu devo atravessar. Junto às portas do pátio, no final do trilho iluminado por velas, um empregado de mesa faz-me uma vénia educada e encaminha-me até à única mesa ocupada – onde *e/le* se encontra de pé, sorrindo e estendendo-me um braço acolhedor.

Fiadas douradas de luzinhas decorativas pendem de cada corrimão, criando um ambiente envolvente, e há já uma garrafa de champanhe a gelar num balde, junto à cadeira dele. A vista deste lado exhibe o Tamisa, com os barcos deslizando, as luzes coloridas a piscarem para nós, cá em cima – mas, francamente, mal reparo nisso.

Estou *enfeitiçada* por ele.

Mal consigo respirar perante a beleza de tudo isto; o belo que *e/le* é. Reparo na doce melodia do piano lá ao fundo e na brisa suave sobre a minha pele.

Sinto-me como a protagonista de um filme com um final perfeito.
Se morresse agora, neste preciso momento, morreria feliz.

Ele afasta a cadeira para eu me sentar.

– Robin Wilde – murmura suavemente, dardejando-me um sorriso que me faz parar o coração.

Primeira Parte

Ser mãe solteira é tramado

Nove meses antes...

Um Janeiro

Abro os olhos muito lentamente e sou saudada pelo brilho das luzinhas da árvore de Natal (que me esqueci de desligar antes de adormecer) e por um corpo quente encostado a mim, um braço que cobre pesadamente o meu peito e um outro, enterrado algo dolorosamente nas minhas costas.

É suposto que a primeira semana de janeiro represente um novo começo. Mas esta não. Nos últimos dias praticamente não dormi, ainda que exausta, e sempre que fecho os olhos sinto-me a cair no vazio e acordo sobressaltada.

Com a imagem do quarto devidamente focada, volto-me para ela e acaricio-lhe suavemente o cabelo. As suas pestanas são mais compridas que as minhas, mas o narizinho é igual. Fico a vê-la respirar por uns momentos, perguntando-me como é que alguém como eu conseguiu conceber uma filha tão perfeita. Seis anos parecem-me seis meses. É verdade aquilo que se diz sobre eles crescerem demasiado depressa. Entretenho-me a pensar em como esta coisinha faz da minha vida aquilo que ela é, até que sou sobressaltada por um ruído vindo da cozinha.

Olho para o telemóvel: são 7h45. Levanto-me e vou lá abaixo, deixando uma Lyla semiadormecida no seu lado da cama; deparo-me com a tia Kath rodeada de todo o tipo de utensílios que possamos imaginar existir em armários e gavetas de cozinha. *Todos* os meus utensílios culinários estão espalhados sobre cada centímetro disponível de bancada. Trata-se de uma cozinha de tamanho razoável e, apesar dos riscos nas bancadas, de a zona dos pequenos-almoços não passar de um cantinho exíguo e de a mesa

me ter custado apenas quatro libras numa loja solidária, eu adoro-a. Adoro os meus azulejos cor de menta – que o meu pai me ajudou a colocar no ano passado (a minha querida avó, que viveu cá antes de mim, tinha um papel de parede às flores que *até o meu pai* concordou ser horroroso) – e a decoração de tema náutico. No verão, quando a luz se insinua pelas portas de vidro, a cozinha torna-se a divisão mais fresca e clara da casa. No inverno, quando há menos luz e nós penduramos luzinhas no topo dos armários e fazemos vinho quente (o «sumo especial de Natal da mamã»), é um sítio fantástico para nos sentarmos a conversar ou a embrulhar presentes de Natal e fazer cartões de boas-festas. E ainda amo mais este espaço quando tudo o que tenho aqui *não está* amontoado nas bancadas ou empilhado pelo chão-de-linóleo-em-tempos-branco. (OK, o meu orçamento limitado ainda não se esticou para eu poder optar por algo mais simpático, e, além disso, quem é que quer gastar dinheiro num chão?)

Arrependo-me nesse mesmo segundo de ter dado uma chave de casa à tia Kath. E de não ter limpado as bancadas todas antes de desmaiar na cama, ontem à noite.

– A minha resolução de Ano Novo é arrumar e organizar! – diz-me a tia Kath, demasiado entusiasmada, para o meu gosto, a esta hora do dia.

Ainda só passaram seis dias do Ano Novo e a Kath já vai bem avançada na corrida. Quem me dera conseguir ter esta atitude em relação seja ao que for.

Há já quatro anos (e dois meses e vinte e quatro dias) que vivo sozinha com a Lyla. *Cinquenta e um* meses. É o meu quinto Ano Novo como mãe solteira e o meu quinto Ano Novo em que o único beijinho e abraço de boa-noite que recebo é o da minha filha. Não

estou *sozinha, sozinha*, claro. Tenho a Kath e tenho os meus amigos. Faço coisas normais, como trabalhar e sair; passei o réveillon numa festa fantástica, em casa da minha melhor amiga Lacey e do marido Karl... mas sempre pouco animada. Fartei-me de esboçar sorrisos polidos, tentei ao máximo divertir-me, mas deixei a festa assim que me senti socialmente aceite (meia-noite e vinte), alegando que tinha imenso trabalho no dia seguinte. Mas a verdade é que eu nunca tenho *imenso* de nada. Nem sei se aguentava ter *imenso* de fosse o que fosse neste momento. Mal consigo lidar com *alguma coisa* – pelos vistos, ao contrário da Kath, que anda num corupio desenfreado de positivismo e de querer resolver coisas.

Olho-a com uma expressão ausente, perguntando-me de que planeta é que ela terá vindo. Uma pausa. E depois continua:

– Não devias *mesmo* guardar as batatas-doces num armário, amor. Aguentam-se melhor no frigorífico.

Não encontro explicação para o facto de ela querer arrumar e organizar a *minha* cozinha. Decido que não passa de mais uma «Kathice» e faço-lhe a vontade.

– Pois... sim, obrigada, Kath – murmuro, antes de sair para ir abrir a porta.

Por que raio é que o mundo todo decidiu começar antes das oito da manhã e logo no primeiro dia de escola da Lyla? Será que ninguém recebeu o memorando a avisar que hoje há «Manhã de Formação de Professores» e que, portanto, por muitos meses, esta é a minha última oportunidade de dormir até tarde? Que inferno madrugador é este?

Paul, o meu vizinho da frente, arrasta-se para dentro de casa com a sua caixa de ferramentas e um «bom-dia-’tás-boá-mostra-lá-esse-interruptor-avariado». Percebo que também ele ainda não

acordou completamente. Mas a Kath, sim, infelizmente. Já está a tratar do assunto. Eu também estaria, se fosse o tipo de mulher que crava um faz-tudo para ir lá a casa às oito da manhã, para arranjar uma coisa que não precisa de arranjo. O interruptor está ótimo: acende logo, se lhe dermos uma palmada com força no canto inferior esquerdo.

– Olá, Paul! Adoro ver um homem de caixa de ferramentas em riste logo de manhã!

Por favor, por favor, alguém pare esta mulher...

O Paul dirige-se ao quarto da frente para arranjar o interruptor, e eu começo a subir as escadas – assumindo que está tudo sob controlo. Ainda oiço a tia Kath a falar para – não *com* – o Paul:

– Que tal está a patroa, Paul? E os teus meninos lindos? Oohhh, sabes que tive de levar a Mollie ao veterinário na semana passada? Andou tão mal... Não queria comer, não queria ir à rua, completamente diferente do que costuma ser.

O Paul vai murmurando uns «sim, sim» e uns «a sério?», enquanto a Kath prossegue com a ladainha:

– Descobriram-lhe pedras na vesícula! Duas! Coitadinha, não admira que não quisesse comer, eu também não ia querer duas bolas daquele tamanho dentro de mim...

Dois

A tia Kath, irmã mais nova do meu pai, vive a cinco minutos, a pé, da nossa casa e é uma daquelas personagens saídas de um livro infantil: uma mulher adorável e maternal, de voz doce, palavras sensatas e um abraço que poderia bem resolver a maioria dos problemas mundiais. Um dos seus grandes talentos é a capacidade de descobrir as melhores pechinchas nas lojas solidárias e de beneficência. Outro, é saber *tudo* acerca de *toda a gente*. Kate Drummond é a primeira a saber qualquer notícia, escândalo ou drama a decorrer num raio de seis quilómetros de Edgeton Vale. Os achados incrivelmente baratos da tia Kath conferem-lhe um estilo único. Saias vaporosas e coloridas (muitas vezes adornadas, por ela, com pormenores de rendas, lantejoulas, entrançados ou contas), casaquinhos em croché e sandálias com apontamentos brilhantes representam os seus básicos. E, curiosamente, resultam. Tem um rosto muito mais jovem do que os seus cinquenta e dois anos, com lábios cheios e olhos brilhantes e generosos. É uma senhora com muito bom ar, que cuida de si com «loções e poções», segundo palavras suas. Passa os dias empenhadíssima no Clube do Cupcake ou no Clube do Croché – no fundo, um pretexto para ela e as amigas se empanturrarem enquanto se dedicam à costura – ou no mais recente Clube da Saia Escocesa. Também dirige um Clube de Passeadores de Cães, que, na verdade, não é bem um clube. Ela e um casal amigo, a Moira e o Alan, que vivem cinco casas acima, levam os respetivos cães a passear, duas ou três vezes por semana, para espiarem os vizinhos que vivem nas redondezas do descampado.

Pelo que soube, as cortinas da Anthea Lamb fecham-se demasiadas vezes *ao longo do dia*, coincidindo sempre com uma grande carrinha de carga estacionada à porta de sua casa. Por alturas em que o Gary, o marido dela, chega a casa, a carrinha já lá não está e as cortinas estão abertas. A Kath, a Moira e o Alan nunca teriam coragem para a confrontar cara a cara com este facto, claro, mas adoram espiar e especular.

O cabeleireiro da Kath fica no centro de Cambridge, mas eu acho que ela passa lá mais tempo em tricas e fofocas do que propriamente a arranjar o cabelo.

Oiço a voz dela de novo, desta vez dirigida a mim:

– Robin – chama-me, alegremente –, fiz lasanha, querida. Deixei uma dose para ti e para a Lyla, e congelei o resto, está bem?

Ela vive para agradar aos outros. Ou, pelo menos, tenta – ainda que às oito horas de uma manhã gélida e cinzenta de janeiro me seja extremamente doloroso admiti-lo.

Começo a sentir-me stressada por ter demasiada gente em casa, mas depois lembro-me de como os momentos de silêncio e solidão nem sempre são assim tão apaziguadores.

Apelidei esse sentimento de «O Vazio». Quando me sinto longe e isolada. Tenho dias em que sou consumida pela ansiedade e a solidão, e sinto-me absolutamente desalentada. A Lyla está na escola, e eu estou em casa, sozinha, sentindo que não tenho lugar no mundo ou que não valho absolutamente nada, desesperada para que a minha vida não me pareça tão triste.

Devia agradecer por ter cá a Kath e a sua autodenominada *ajudinha*. Ela tem as melhores das intenções, sei disso.

Depois de assustar o Paul ao ponto de ele sair disparado cá de casa (não sem antes arranjar o interruptor, acho eu) e de causar

uma devastação total na minha cozinha – transmitindo-me a nítida sensação de que jamais voltarei a encontrar o saca-rolhas ou o ralador de queijo –, a tia Kath sai finalmente às 10h30 para ir deixar a Kyla na escola. Ainda é um esticão até lá, e eu agradeço-lhe imenso esse gesto simpático. Acho que percebeu como eu me sinto esta manhã. No caminho até ao carro, comenta que para ela não há «Manhãs de Formação de Professores» e que as coisas têm de ser feitas. Nem me dou ao trabalho de argumentar ou explicar; limito-me a correr o fecho do blusão roxo-berrante da Lyla, dar-lhe um beijo e um abraço de despedida, e soltar um longo suspiro de alívio assim que fecho a porta.

Paz, finalmente.

Mas, à medida que as horas do dia vão passando, fico cada vez mais ansiosa por ir buscar a Lyla à escola – para dar vida a esta casa e ter alguém com quem conversar. Faço uma limpeza à minha mala de maquilhagem e preparo-a para o meu próximo trabalho. É já para a semana, nas gravações de um anúncio para um novo chá de frutas. Aparentemente, a equipa criativa quer as modelos maquilhadas de forma a transmitirem uma sensação de *infusão de frutas*, por isso, já gastei algumas horas em pesquisas na net em busca de ideias e inspiração. E, pelos vistos, «maquilhagem inspirada em chá de infusão de frutas» ainda não se tornou viral entre os bloggers ou youtubers de moda. Não percebo porquê.

Com o trabalho de *administração doméstica* em dia – por *em dia* entenda-se ignorar um e-mail do contabilista a pressionar-me e gastar quarenta e cinco minutos a acrescentar artigos à minha lista de desejos da ASOS¹, se-e-quando-alguma-vez-ganhar-a-lotaria-e-puder-dar-me-ao-luxo-de-cuidar-de-mim –, chega finalmente a hora de ir buscar a Lyla à escola.

São 15h14 e eu já estou no portão da escola, um minuto antes da hora de saída. Inscrevi cá a Lyla no início do ano escolar. O pai e a tia Kath libertaram a última parte da herança da minha maravilhosa avó de modo a eu poder pagar esta escola fantástica. Mas confesso que ainda me estou a tentar habituar a tudo isto. Não tem nada que ver com a barulhenta e obsoleta escola primária em que a Lacey e eu andámos. Não foi nada fácil para a Lyla quando andou na sua antiga e lotadíssima escola pública. Como sempre, atribuo as culpas disto a um lar disfuncional e a uma mãe emocionalmente fragilizada. A Hesgrove Pre-Prep School é muito semelhante a uma mansão gigantesca, com heras a treparem pela fachada e enormes janelas emolduradas a pedra; com a diferença de que, para onde quer que se olhe, existe algo de extremamente sadio ou reconfortante: uma longa fileira de cabides baixos para os miúdos pendurarem o equipamento de Educação Física; trabalhos manuais e de artes plásticas nas paredes, fruto dos passeios das crianças pela natureza; anúncios de festas, de bailes e de vendas de bolos; e aquele cheirinho a tintas e a livros novos que instantaneamente nos remetem para a nossa própria infância – quando não tínhamos de nos preocupar com impostos e corações partidos.

Bem sei que hoje é só o primeiro dia de regresso à escola depois do Natal, mas – *respira fundo, Robin, e começa com o pé direito logo de início* – acho que a partir de hoje serei *sempre* o tipo de mãe que chega aos portões antes de tocar para a saída. Olho em volta, esperançosa, em busca de algum tipo de cumprimento cúmplice por parte das outras mãezinhas perfeitas – cujos nomes ainda preciso de decorar. Aquelas que também chegam cedo. Mas nenhuma parece querer comprometer-se. Estas mulheres são profissionais, e

é pouco provável que se vangloriem (pelo menos em público) de terem ganhado o primeiro lugar no Concurso de Cozinha da Associação de Pais e Professores, quanto mais por conseguirem chegar a horas ao portão da escola. Ficam aqui à espera que toque, com as suas botas rasas da Hunter e os seus skinny jeans – que, sabe-se lá como, conseguem disfarçar todo e qualquer vestígio de barriga-de-mãe ou dos pneus na cintura. *Por favor, Deus, faz com que elas tenham pneus na cintura!* Observo (o mais discretamente que me é possível) os conjuntos praticamente iguais de camisolas Breton às riscas brancas e azul-marinho, debaixo de coletes acolchoados da Jules, e as écharpes cinzentas de cachemira. E juro a mim mesma jamais me render a este tipo de uniforme-de-mamã. Os meus jeans rasgados (*avec* pneus na cintura), sweat largueirona com slogans e blusão de pele (OK, de *falsa* pele) podem não berrar elegância, mas pelo menos, sossego-me, hoje não vim de gabardina com o pijama por baixo. Com este gelo de janeiro, porém, talvez venha a considerar a cena da écharpe cinzenta...

Houve uma coisa em que reparei nas MEC (Mães de Escola Chiques): andam todas com a chave do carro na mão. Quer dizer, todas elas têm carteiras, claro – supermacias, modelo *slouchy*, com espaço para uma Bentô² e uma caixinha de plasticina Sensory Play –, mas as reluzentes chaves do carro andam sempre na mão. Desconfio que se trata de algum tipo de símbolo de status ou, quem sabe, de um rito de iniciação de algum clube secreto a que pertencem. Olho para baixo e reparo que também eu seguro na minha mão cor-de-rosa, fria e sem manicura, as chaves do meu Nissan Micra. Geralmente, as minhas unhas estão sempre arranjadas – na minha profissão é importante marcar pontos nesse aspeto –, mas ultimamente as coisas têm andado meio

descontroladas. Ainda assim, trago as chaves na mão. Há que fazer um esforço.

Passo uma parte considerável da minha vida a tentar desesperadamente que a Lyla seja mental e emocionalmente equilibrada. Estou constantemente receosa de que a parte que ela herdou do Simon a tenha, de algum modo, marcado da pior forma. E se mais tarde ela for parar ao consultório de um psicólogo, contando-lhe quão pouco disponível era a sua mãe-viciada-em-encontros-pela-internet? Ou como sempre desejou passar mais tempo com ela ao ar livre, de mãos dadas, a fazerem correntes de margaridas, como as personagens dos livros da Enid Blyton? OK, nota mental: remover todos os vestígios da Enid Blyton lá de casa e substituí-los por títulos mais adequados, tipo *A Minha Mãe Tatuada*, de Jacqueline Wilson.

Às 15h15, abrem-se as portas do átrio. Ali está ela, a minha beldade morena! As crianças não desatam a correr para os nossos braços, como acontecia na antiga escola. Aqui existem estritas medidas de segurança. Cada criança tem de ser identificada junto à respetiva mãe, e o nome é riscado de uma prancheta das mãos da Mrs. Barnstorm, a responsável pela Assistência Pastoral. Também a mim me dava jeito um bocadinho de *assistência pastoral*...

– Olá, mãe-da-Lyla!

A Mrs. Barnstorm é magra e aprumada, tipo furão. Recebe-nos com um sorriso plástico, de dentes cerrados. Deixei de ter nome. Nenhuma de nós tem. Demos à luz crianças, por isso, existimos apenas para ser «a mãe da Tabitha», «a mãe da Natasha» ou «a mãe da Ava».

– Olá – respondo à Mrs. Barnstorm, com um aceno excessivamente entusiasta... e não é por ela me meter medo.

Merda, ela vem aí! OK, admito, ela mete-me medo.

– Hoje, tivemos um problema, mãe – diz, em tom condescendente. – A Lyla não trouxe o equipamento de Educação Física e teve de usar as meias do ballet em vez das de ginástica.

Uma pausa expectante, e algumas cabeças viradas para nós.

– Ah, pois... Hmm... Achei que estavam no saco. Não as pus no saco da ginástica?

Pus? Sei lá, para mim não passam de pares de meias brancas.

– Não pôs – declara ela, regressando ao sorriso forçado. – É importante que as crianças usem o equipamento correto, para sua própria segurança. Para a semana, meias de ginástica, por favor, mãe! – Enquanto risca o nome da Lyla da prancheta, eu fico da cor da beterraba. Completamente esmagada e humilhada perante as MEC. *Outra vez.* Aposto que elas têm gavetas cheias de *pares de meias corretos*, todos arrumadinhos, à espera de serem amorosamente depositados nos sacos da ginástica que, por sua vez, serão ternamente colocados à porta do quarto, na véspera, à noite, prontinhos para serem levados para a escola na manhã seguinte. E aposto que essas não têm de perguntar dezoito vezes: «Já comeste os cereais?», «Importas-te de acabar de comer, *por favor?*» ou «Já acabaste o pequeno-almoço, querida?»

Que se lixe, tenho isto controlado. O dia ainda não acabou.

Um ligeiro revés na maternidade, mas, caramba, isso forma a personalidade, não?

Quando estamos finalmente dentro do carro – é incrível o tempo que demoramos a entrar no carro quando temos uma filha de seis anos –, surgem logo vários dilemas: de que lado é que ela se senta, põe o cinto, põe o cinto *agora*, põe a porcaria do cinto de uma vez!

Se podemos ouvir o Frozen? Se me vou aguentar sem gritar a mais uma descarga insuportável de Let It Go?

E hoje decido que não vou aguentar ir direta para casa.

Lá, está a desordem total, apesar dos esforços da tia Kath, e eu ainda nem sequer tive coragem para olhar para o novo «sistema de organização» da cozinha. Por isso, para fazer tempo, decido que vamos fazer uma visitinha à Lacey, para pôr a conversa em dia e adiar um bocadinho a mais-que-expectável-rotina-a-duas de atividades e jogos *do mais divertido que há*, douradinhos, história ao deitar e TV-porcaria. Pelo menos, sei que a Lacey também desconhece a diferença entre meias de ballet e de ginástica.

A Lacey é a minha amiga mais antiga e a mais querida. Conhecemo-nos quando ela ficou na minha turma na pré-primária, e eu fui nomeada a sua «tutora», no recreio – uma importante e responsável função que implicava tomarmos conta de um ou uma colega e certificarmo-nos de que teria amiguinhos durante todo o intervalo, um papel que, aparentemente, ainda não deixei de lado. A Lacey é o tipo de amiga com quem nos sentimos tão confortáveis, que é quase como se fôssemos irmãs. *Quase*, porque ela tem uma irmã verdadeira, que eu também adoro.

A Piper, seis anos mais nova do que nós, é algo a que a minha mãe insensivelmente chamaria de «ups... um bebé». De facto, a família Dovingtonh não planeou a Piper, mas a Tina e o Michael sempre fizeram questão de dizer que ficaram encantados com a *feliz surpresa* e com o facto de darem uma irmã à sua belíssima filha.

A Lacey é mesmo linda de morrer. *Petite*, no seu metro e sessenta e cinco, andou muitos anos com o cabelo louro e ondulado até ao rabo, mas agora cortou-o pelos ombros. Tem uns lindíssimos

olhos azuis e uma cinturinha 36, parecendo mesmo uma personagem de uma comédia romântica californiana. É casada com o Karl Hunter – lindo (obviamente), um metro e oitenta e sete, de espesso cabelo escuro –, que trabalha na City³ a fazer sabe-se lá o quê no mundo financeiro. No ano passado, tiveram o casamento mais bonito que se possa imaginar, num antigo celeiro de quinta, remodelado, nos arredores de Cambridge. Grossas paredes de tijolo à vista e vigas de freixo, luzinhas decorativas brancas em cada canto, velas em frascos antigos de mercearia, cadeiras com enormes laços de juta e renda, um bar de doces com poemas melosos sobre o amor – uma produção maravilhosa. São o perfeito casal Pinterest. Tiram selfies ao pôr do sol, sob luz dourada e céus rosa-bebé, têm uma parede da casa pintada a tinta de giz, para os amigos escreverem mensagens, e fazem frequentes escapadinhas românticas pela Europa – sem discutirem quem é que ficou de reservar o estacionamento no aeroporto. Vivem em Hopell Village, a dez minutos de carro de minha casa, o que é perfeito para mim. Com o Karl a trabalhar quase sempre até tarde, a Lacey tem imenso tempo livre para chás e conversas. Mas, à noite, fica absolutamente feliz ao lado do marido, a verem as séries preferidas na TV ou a planearem a próxima miniaventura. E aí, lá fico eu por minha conta. Mas não a critico. O Karl é fantástico, e fico muito feliz por ela ter encontrado a sua alma gémea e viver tão feliz e abençoada. Ela é boa pessoa. Do melhor que conheço, mesmo.

A Lacey herdou uma florista da avó paterna, a Dovington's, e dirige-a com a ajuda da Terri, a sua gerente. Os melhores atributos da Lacey são a organização e a eficiência. Não há nada que ela não resolva. Às vezes, penso que se déssemos à Lacey todos os problemas do mundo ela tê-los-ia resolvidos antes de qualquer um

de nós acabar uma lista de coisas-para-fazer. No fundo, sei que ela não precisa realmente da Terri, mas esta já está na loja desde os tempos da avó Dovington e adora o que faz. E a Lacey aprecia a ajuda, claro. Ela costuma dizer que tem uma vida «fluida». Se lhe apetecer sentar-se e conversar comigo durante três horas, enquanto a alegre e atenciosa Terri se entretém a fazer montras e a atender clientes, pode fazê-lo. Se lhe der para dedicar todo o seu tempo a organizar workshops de grinaldas florais ou de coroas de flores, também o pode fazer. Uma vez que o Karl é o principal ganha-pão e a loja se gere a si própria (obrigada, Terri), a Lacey é a primeira a dizer que tem uma vida excelente. Num futuro próximo, vê-se completamente realizada, com uma casa cheia de filhos, vestidinhos de jérsei da *Joules*, e labradores amarelos. Mas, neste momento, ela e o Karl são uma família de dois. Ainda que andem a tentar mudar esse estado de coisas.

Por vezes, a Piper também aparece na loja para dar uma ajuda. Licenciou-se recentemente, voltou a viver com os pais e, desconfio eu, anda aborrecida. Estudou arte em Londres, na Central Saint Martins, e saiu de lá com uma licenciatura em Cultura, Curadoria e Crítica; deve ter pensado, digo eu, que entraria de imediato no emprego dos seus sonhos. Depressa descobriu que não é assim tão simples, e, como tantos recém-formados, neste momento «anda à procura». Mas tenho a certeza de que vai conseguir arranjar alguma coisa; consegue sempre. Provavelmente, uma coisa chique. A Piper é a jovem mais elegante que eu conheço: acho que nunca a vi com roupa de andar por casa ou com uma velha mala XL ao ombro, cheia de recibos, lenços de papel, bálsamo para os lábios e moedas perdidas no fundo. Como eu. Ela vive num nível superior a isso tudo. Tal como a irmã, é lindíssima, e tem um certo ar travesso que

a torna ainda mais atraente. É a miúda que todas as miúdas adorariam ser. É uma daquelas pessoas que queremos detestar, mas que, assim que conhecemos, nos deixam absolutamente rendidas ao seu charme, inteligência e perspicácia. É impossível não a adorar – o que tem feito muitas vítimas masculinas. A Piper adora o jogo do gato e do rato, e está longe de se aproximar sequer dos padrões da irmã, no que respeita a assentar e criar família. O homem que conseguir domar a sua rebeldia será um sortudo.

– Adivinha onde vamos, *Lylielobblue*? – pergunto, num tom falsamente animado, enquanto viramos para a rua principal. É fingir, fingir o mais possível. Não quero que ela perceba o quão desanimada me sinto neste momento.

– Ao *Wacky Warehouse*? – oiço-lhe a vozinha esperançada, ao mesmo tempo que lhe vejo os olhos escuros, quase azul-marinhos, a iluminarem-se e a cabecinha a surgir, de lado, no espelho retrovisor.

– Não...

Graças a Deus. O último sítio onde me apetece estar neste momento é num frenético e gigantesco barracão com placas de chapa ondulada, em plena zona industrial, com *um milhão* de crianças aos berros, enfiadas em diversões várias. O meu pior pesadelo, mesmo.

– A casa da tia Kath?

– Também não...

Lembro-me de a Kath ter dito que tinha uma reunião em casa da Moira e do Alan, sobre o caso do Gordon, um vizinho que vive quatro portas abaixo e que está a construir um anexo no jardim *sem licenciamento*. A Moira está absolutamente escandalizada, e o Alan redigiu uma fervorosa e indignada carta dirigida a quem de direito.

Quanto à Kath, apenas adora meter o nariz seja onde for, por isso, acompanha-os na expedição de controlo. Expedição essa que, sem dúvida, consistirá num passeio pelo bairro, com a Mollie, a sua *golden cavalier* – e uma boa espiadela ao jardim do Gordon.

– Àquele cabeleireiro especial, para eu poder brincar com o teu telemóvel! – sugere a minha filha.

Meu Deus, como é que ela ainda se lembra disto? Uma vez, *uma vez*, eu não tinha ninguém para ficar com ela e não tive alternativa senão levá-la comigo à depilação. Instalei-a num canto do salão e deixei-a jogar um jogo vibrante e indutor-de-PHDA⁴ – só para tentar distraí-la do facto de me estarem a arrancar pelos das minhas partes íntimas. Na altura, expliquei-lhe que a mamã tinha um cabeleireiro especial para cuidar da sua «zona adulta» (não que alguém tenha dado à minha «zona adulta» alguma atenção especial nos últimos longos tempos) – e não houve mais perguntas. E agora, sete meses depois, ela decide desenterrar o assunto e debatê-lo. Só espero que este não tenha sido um tópico escolhido por ela na hora do «conta-me uma história», com a Mrs. Barnstorm.

Opto por não lhe dar mais oportunidades para analisar o seu banco de memórias e decido que o mais seguro é dizer-lhe de uma vez:

– Vamos à Dovington's ver a Lacey! Não é o máximo? De certeza que ela vai descobrir alguma coisa divertida para tu fazeres... e eu aproveito e converso um pouco com ela. O que é que achas?

– Porcaria.

Olha que bom...

Fico feliz por ela sentir uma tal gratidão pelos maravilhosos programas que faz comigo. Mas, como um agente de topo da CIA,

não vou negociar com ela nem vergar-me à sua vontade.

– Que tal se eu te comprar uns *Smarties* pelo caminho?

– OK.

¹Famosa loja online britânica de moda e produtos de beleza. (N. da T.)

²Tipo de marmita japonesa para uma pessoa, com compartimentos que contêm geralmente arroz, peixe ou carne e legumes cozidos. (N. da T.)

³City, ou City of London, é o centro histórico, cultural e financeiro do Reino Unido, situado no coração de Londres, onde se concentra um grande número de empresas com atividades na banca, seguros, bolsa de valores, advocacia e outras áreas de negócio. É considerado um dos maiores centros financeiros da Europa. (N. da T.)

⁴Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção. (N. da T.)

Três

Quando entramos na Dovington's, deparamo-nos com a Terri a trazer lá de dentro uma série de vasos altos com flores, pronta para começar a arrumar a loja por causa da hora do fecho. Vê-se perfeitamente que ela continua neste emprego por amor. Mesmo que não fosse paga, tenho a certeza de que ela estaria aqui todos os dias, a cuidar das plantas, a oferecer os melhores conselhos sobre como tratar delas, a compor ramos e arranjos maravilhosos.

– Olá, Terri, como estás?

– Olá, querida! Eu estou ótima. Já viste estas camélias lindas que acabámos de receber? Não são divinais? – A Terri refere-se a estas flores cor-de-rosa vivo como se alguém lhe tivesse acabado de depositar no colo um caixote com cachorrinhos. – Lyla, já viste bem? São tão delicadas... Já reparaste como se parecem com rosas?

A Lyla aproxima-se das flores, observa-as e toca-lhes ao de leve, enquanto eu olho em volta à procura da Lacey. Mas é difícil descobrir aqui seja o que for: a loja está apinhada de parafernália botânica – filas de plantas envasadas, expositores rotativos com cartões para colocar nos ramos, todos com mensagens especiais cuidadosamente redigidas; carros montados na parede com fitas de todas as cores possíveis e imaginárias; e, claro, ramos e ramos de flores frescas e bem cheirosas. Mas, da Lacey, nem sinal. Deve estar no ateliê das traseiras. É o meu lugar preferido. Em contraste com o espaço amplo da loja, com chão de cimento e iluminação clara, o ateliê é uma salinha calma e aconchegante, com tapetes todos diferentes, um aquecedor elétrico e pequenas lâmpadas encastradas no teto que transmitem um ambiente quente e

acolhedor – o retiro perfeito nesta noite gélida de janeiro. Inicialmente, era um simples armazém que servia os dias da avó Dovington, mas a Lacey transformou-o num simpático ateliê destinado aos clientes que pretendem fazer algo diferente a partir de um simples ramo de flores. É costume, por exemplo, a Lacey organizar tardes especiais para noivas interessadas em aprender a fazer a coroa de flores que vão usar no dia do casamento ou para adolescentes ajuizadas aprenderem a fazer uma pulseira de flores naturais, para usarem no baile de finalistas. De tempos a tempos, a Lacey também organiza ateliês sazonais, onde se aprende a fazer coroas de Natal ou arranjos de Páscoa – mas, na maior parte do tempo, o ateliê é o *nosso espaço*. Sentamo-nos à volta da enorme e robusta mesa de carvalho, cada uma com a sua chávena de chá, e conversamos, rimos, choramos e o mais que houver. E a verdadeira beleza deste espaço é o facto de ele representar um verdadeiro paraíso criativo para a Lyla.

A Lacey é como uma tia para a Lyla, e ama-a incondicionalmente. Dão-se lindamente uma com a outra; entre elas não há manias nem tretas.

A Lyla chega, senta-se no chão junto à janela-que-já-agradecia-uma-lavagem e pede educadamente a lata das bolachas. Sinto sempre uma pontada de orgulho quando oiço a minha filha ser bem-educada. Pelo menos, *nisso* fiz um bom trabalho! E lá aparecem as bolachas com recheio, as pétalas soltas, os restos de papel de embrulhar os buquês... e lá nasce uma obra-prima. Às vezes, a Lacey até deixa a Lyla arrancar os bolbos murchos ou fazer uma coroa de flores. Por isso, é frequente termos a nossa casa cheia de artefactos florais feitos aqui na loja.

Graças a este agitado início de dia, à bronca que levei na escola e ao facto de hoje estar um dia de inverno horivelmente gelado e cinzento, sinto-me particularmente deprimida. Por isso, é com enorme alívio que, depois de tentar roubar a melhor bolacha da lata e de me servir de uma reconfortante caneca de chá, me sento, finalmente, à mesa ao lado da minha melhor amiga.

– Sou uma mãe de merda, Lacey – digo-lhe, o mais calmamente que me é possível.

– Quê? Não és nada – diz ela, apontando para uma Lyla profundamente entretida e concentrada. – Olha para ela... É fantástica!

– Baralhei-me toda com o equipamento de ginástica da miúda e levei uma bronca diante das outras mães. Elas já acham que eu sou desleixada, mas isto vai dar cabo da reputação que me resta.

– Elas *não acham* que és desleixada! Acham que és igual a elas. Aposto que todas têm os seus dias maus, Robin.

– Lacey, eu adoro-te, mas olha que não, estás completamente enganada. Aqui há tempos, perto do Natal, uma delas viu-me a sair do carro, de pijama por baixo do casaco, e comentou «Ena, ena, esta manhã estava com pressa, hã?», no tom mais irritantemente condescendente que possas imaginar. Digo-te: se o snobismo fosse um desporto olímpico, aquelas mulheres estavam carregadinhas de medalhas de ouro. E o pior de tudo é que eu nem sequer estava com pressa nesse dia, só que não vi motivo nenhum para me aperaltar. Tencionava voltar logo para casa, limpar a cozinha e ver um documentário sobre cultos americanos esquisitos.

– Mas por que é que te ralas com o que elas pensam? De certeza que te estás nas tintas, não? Elas não te conhecem, não sabem como és engraçada, dedicada e talentosa. Não são pessoas

especiais na tua vida, logo não merecem que as tenhas em tão grande conta.

– Não sei... Tudo o que eu quero é ser boa mãe. Tenho tanto medo de ter feito mal em mudá-la de escola. Acho que ela ainda não se sente completamente integrada. E eu não estou a ajudá-la, pois não? Achei que as coisas acabariam por ser mais fáceis, mas cada vez se complicam mais.

Solto um longo suspiro e olho para a minha filha. O sedoso cabelo escuro cai-lhe pelos ombros e sobre os braços, enquanto desenha cuidadosamente os tijolos de uma casa, com as canetas de feltro da Lacey. A pele dela, tal como a da maioria das meninas, é perfeita. Sem uma única mancha ou borbulhinha. As pestanas, escuras e compridas, criam a moldura perfeita para aqueles olhos que me derretem toda sempre que encontram os meus. Não é nem a mais alta nem a mais baixa da sala, mas agora está sentada meio encolhida e ainda parece mais pequena e delicada. Sempre que dedico um momento a observá-la, sinto uma incrível mistura de emoções. Amo-a e quero protegê-la e cuidar dela; quero mantê-la perto de mim e evitar tudo o que possa prejudicá-la, destruir-lhe a alegria de viver ou transmitir-lhe inseguranças – como ter de fazer ginástica com meias de ballet, ou todas as outras coisas que me atormentam a mente quase a toda a hora. O Vazio surge-me absolutamente esmagador neste momento. Quase insuportável.

A Lacey estende a mão para afagar a minha, e eu deixo que a minha cabeça se encha de todas as razões pelas quais falho enquanto progenitora (será que o comportamento dela revela uma insegurança que advém da minha postura pouco direta com as pessoas e de, regra geral, me retrair e afastar?). Nesse momento, a Piper entra no ateliê – como que acabadinha de sair da *Vogue*.

Veste umas leggings justinhas, tipo calças de montar (não sei se ela alguma vez sequer se aproximou de um cavalo), botas castanho-chocolate rasas e pelo joelho, uma camisola creme de decote redondo, da mais suave cachemira, e o cabelo dourado apanhado num rabo de cavalo alto. Num elegantíssimo estilo *country-chic*, é o exemplo ambulante da perfeição. Baixo o olhar para os meus jeans coçados e reparo numa nódoa de iogurte, que entornei esta manhã. Porreiro.

– Olá, mana velha – diz ela à Lacey, dirigindo-se à lata das bolachas. Faz uma festa na cabeça da Lyla ao passar por ela; esta recebe a festinha com uma mão, continuando a desenhar com a outra – tão habituada que está a este tipo de mimos por parte das mulheres da vida dela.

– Olá, caçulinha – responde a Lacey.

Oxalá eu tivesse tido uma irmã mais velha ou mais nova com quem pudesse fazer esta cena do mana velha/caçulinha ou qualquer outra coisa. Ainda que a Lacey seja a melhor amiga do mundo, sei que não posso competir com o tipo de ligação que elas têm e que jamais terei direito a um trato especial como o delas. Mas depois penso na sorte que tenho por ter estas duas na minha vida, mesmo não sendo do meu sangue.

A Piper senta-se à mesa e começa a brincar com uma pétala esquecida.

– A mãe está a dar comigo em doida! Acabei de chegar de Londres, de uma entrevista potencialmente interessante, mas ela acha que eu estou a desperdiçar a minha vida porque «não vou à luta procurar um companheiro decente, como a minha irmã». Por isso, vim até cá para esfriar a cabeça. – Olha para mim, com

aqueles olhos enormes: – *Tu* não tens um «companheiro decente» e estás ótima.

– Estou?

– Claro, olha bem para ti! Um emprego de sucesso numa área que adoras, filha linda, casa giríssima, liberdade, independência... És uma mãe solteira do caraças e safas-te sempre lindamente, querida! E eu, aprisionada em casa com uma mãe constantemente queixosa, numa eterna e infrutífera procura de um emprego de sonho, por mais que me esforce. E, decididamente, não ando atrás de um «companheiro decente» para assentar e morrer de tédio.

– Eh, eu não morro de tédio! – protesta a Lacey.

– Sabes o que eu quero dizer. Não é morrer de tédio, mas... A verdade é que eu não quero o mesmo que tu. E tu queres assentar e brincar às famílias felizes.

– Espera uns aninhos e também vais ser assinante de uma revista de decoração e sonhar com sofás novos – diz a Lacey, com um sorrisinho.

– Não, por favor, poupa-me! Tudo o que eu realmente desejo fazer em sofás não pode ser dito à frente de ouvidos inocentes!

A Lacey e eu desatamos a rir. Penso rapidamente em mudar de assunto antes que a menina dos ouvidos inocentes queira entrar na brincadeira e comece a fazer perguntas. Era mais uma situação do género da depilação, e ainda dava um ataque cardíaco à Mrs. Barnstorm.

Mas a verdade é que fico encantada por parecer a mais fixe e invejável deste grupinho. Era precisamente disso que eu estava a precisar hoje.

– Ouviste isto, Lyla? A Piper acha que a mamã é do caraças! Tu também achas?

– O que eu acho é que tens uma nódoa de iogurte nas calças, mamã.

Ah...

Quatro

Quando entro em casa às sete da tarde, desejo sempre ter deixado uma luz acesa antes de sair. Há algo de horivelmente agoiro em chegarmos a casa e vê-la escura e silenciosa. É inquietante. Apesar de não existir nenhum vestígio de arrombamento, não sossego enquanto não acendo a luz. Assumo logo que está um assassino escondido no escuro, e o meu coração acelera ainda mais do que quando a Natalie, a minha chefe, me convenceu a fazer uma aula de *spin* (a Natalie vai para o ginásio todos os dias, às 5h45 da manhã, por isso, não entendeu por que razão eu me vi à beira de um ataque cardíaco ao fim de vinte minutos de aula.)

Adiante. Com a destreza e a elasticidade de um polvo, lá consigo abrir a porta, acender a luz da entrada, largar a mochila da Lyla no fundo das escadas e deixar as chaves e o telemóvel na mesa – tudo isto enquanto tento segurar uma criança de seis anos adormecida no meu colo, a cabecinha apoiada no meu ombro. Acabámos por ficar na florista muito para além de a loja ter fechado e de a Terri ter saído. Ficámos as quatro refasteladas no ateliê e mandámos vir *fish and chips*. Comemos diretamente da embalagem, com aqueles garfinhos de madeira que vêm com a encomenda – e era precisamente disso que eu estava a precisar. Sei que uma boa mãe, uma mãe cuidadosa, teria seguido a saudável rotina do banho-cama-história. Mas só a ideia de chegar a uma casa vazia, cozinhar sozinha e depois instalar-me sozinha no sofá pareceu-me insuportável. Por isso, deixei-me ficar por ali mais umas horinhas. E a companhia soube-me maravilhosamente. Teria ficado até mais tarde, se pudesse.

A minha pequena aliada adormeceu assim que entrou no carro – tentei ignorar a pontada de culpa por ser a porcaria de mãe que deixa a filha acordada até tarde, em véspera de escola –, e, com todo o cuidado para não a acordar, carreguei-a para dentro, juntamente com a tralha toda. É um talento notável com que somos dotadas assim que somos mães: a capacidade de segurar nos braços uma carrada de coisas de uma vez só.

É hora de meter a minha Lyla Blue na cama.

Eu costumava adorar esta hora do dia; aquele momento especial, por volta das sete, quando desligamos finalmente da estafadeira dos brinquedos espalhados, dos douradinhos meio comidos, do fingir que nos interessamos pela *Peppa Pig* e de ter de limpar toda a espécie de fluidos corporais – isto durante doze horas seguidas. Finalmente, aconchegamo-los nos cobertores quentinhos e respiramos fundo. Conseguimos. Mais um dia em que mantivemos os nossos filhos vivos (*per se*, um feito notável). E, à nossa frente, mais um serão em que podemos desfrutar de um mísero copo de vinho (só hoje, amanhã não; é bom que não se torne um hábito). Via muita TV-porcaria, com malta de vintes e tais anos com vidas porreiras, como eu já tive; saíam e beijavam-se muito e comiam minhocas em selvas. OK, eu nunca fiz estas coisas, mas gosto de ver os outros a fazerem-nas. A questão é que aquele era de novo o *meu momento*. Recuperava o cérebro por uns instantes, o que era uma bênção.

Contudo, ultimamente não tenho desfrutado destas horas mágicas. Vejo imensas amigas a postarem no Facebook sinceríssimas atualizações de estado, jurando que os filhos são tudo para elas e que não lhes passa pela cabeça outra coisa que não seja dedicarem-se-lhes mais ainda. Já eu tenho dias em que todo o

meu mundo me parece um enorme quarto escuro e vazio – comigo e a Lyla no centro, olhando para o nada. Alguma de vocês sente o mesmo que eu? Sei que é minha função amá-la e protegê-la, e cumpro-a com todas as forças que tenho, mas, ultimamente, o copo de vinho e a TV-porcaria não conseguem preencher o resto do quarto escuro, à medida que as noites se estendem, longas de mais. Quero oferecer à Lyla muito mais do que isso... e não sei o que é suposto fazer para o conseguir. É um sentimento que insiste em apoderar-se de mim.

Depois de quatro horas sozinha, o fator novidade do *tempo para mim* já se esvaiu na escuridão. Nas noites frias de janeiro, quando a Lyla era mais pequena, eu sentava-me no sofá, com um pijama fofinho e um bloco de notas por estrear, e dedicava algum tempo a escrever uma lista de todas as coisas que queria fazer no ano que aí vinha. Algumas, exequíveis, como passar um dia inteiro na praia com a Lyla; outras, mais sonhadoras, como redecorar completamente a casa ou viajar até Las Vegas. Mas este janeiro, mais do que qualquer outro, parece-me desanimador. Esgotei definitivamente as energias e escrever uma lista de coisas para fazer não faz sentido nenhum. Nem sequer comprei um bloco de notas novo este ano. Não aguento olhar para a frente, tanto como não aguento olhar para trás.

Tenho saudades de ter outra pessoa em casa, mesmo que não se sentasse ao meu lado nem interagisse comigo; sinto falta de ouvir o som de outro ser humano a fazer coisas. Quando o Simon cá vivia, não era fantástico, mas não era solitário. Quando ele se foi embora, passei a sentir-me destroçada diariamente. Aprendi que cuidar sozinha de uma criança pequena é semelhante a correr uma maratona e, sempre que o dia chegava ao fim, caía no sofá

completamente exausta e ansiosa por uma noite sem fazer nada. Agora, com a Lyla na escola todo o dia, sendo já capaz de fazer tanta coisa sozinha, fico com muito *nada*. *Nada* durante seis horas ao longo do dia; quatro horas de brincadeira com ela quando chega a casa e depois... um serão inteiro de *nada*. Quanto menos cansado está o meu corpo, mais cansada fica a minha mente.

Nem sei como, mas consigo carregar a minha menina escada acima. Quando é que ela ficou tão grande? E quando é que os meus braços ficaram tão fracos?

Puxo a roupa para trás, deito o seu corpinho quente na cama e começo a despir-lhe as peças desnecessárias. Desaperto cada um dos seus sapatinhos azul-escuros de fivela e poiso-os no tapete rosa-bebé junto à cama; desabotoo-lhe com todo o cuidado a saia plissada cinzenta, tiro-lhe o relógio que a Natalie e o marido lhe ofereceram no Natal e solto-lhe os ganchos do cabelo. Como ela já está a dormir, parece-me cruel acordá-la para vestir o pijama; deixo-a, por isso, dormir com a t-shirt vermelha da escola. É tão perfeita, a minha filha... Claro que sou suspeita, mas quando olho para ela não lhe encontro um único defeito, mesmo que me esforce.

Pergunto-me o que lhe irá na cabeça, o que é que ela entenderá do mundo. Será que se apercebe de quão disfuncionais são as nossas vidas, da porcaria de mãe solteira em que me estou a tornar e até que ponto O Vazio me anda a consumir neste momento? Será que estou a protegê-la o suficiente, escudando-a do quão duro o mundo me parece? Com a nítida noção de que jamais saberei as respostas a estas terríveis questões, puxo o edredão lilás de xadrez até ao seu pescoço e dou-lhe um beijinho na testa.

Cá em baixo, a sala está muito mais agradável, com as luzes ligadas e as velas acesas. Servir-me de um copo de Malbec, numa

quarta-feira à noite, não será talvez a ideia mais fantástica, mas não quero saber. O vinho ajuda. Não devia, mas ajuda. Este dia foi cinzento, mesmo com a Kath, a Lacey e a Piper a fazerem parte dele. Faço um brinde a que o amanhã seja mais colorido.

Cinco

Depois de desligar o alarme pela terceira vez, e apercebendo-me agora de que já passa das 7h30, levanto-me, inspiro profundamente e decido que *este* vai ser um dia bom. Ontem foi duro. Senti-me completamente encurralada n'O Vazio e, mesmo tendo estado com amigas e tratado de coisas (ou de a Kath ter tratado de coisas por mim), não me senti *eu própria*. Mas hoje, não. Definitivamente, não! Hoje é um novo dia, um novo começo, uma oportunidade de aproveitar ao máximo a minha vida e dar graças. Não aguento mais um dia a sentir-me tão mal como me senti ontem.

Robin Wilde, digo a mim mesma, ao espelho, *algo precisa de mudar...*

De certeza que consigo isto.

Tal como disse a Lacey, sou tão boa quanto outra qualquer, e hoje tenciono mostrar ao mundo a massa de que sou feita! Em vez de me arrastar até à escola de leggings e casaco XL, vou soltar a minha beleza interior e orgulhar-me de mim própria. (Basicamente, vou fingir que sou a Natalie, a mulher mais confiante e bem-sucedida que eu conheço.)

A Lyla já acordou; é definitivamente madrugadora. Senta-se a fazer jogos de construção, fazendo de professora dos seus peluches. Oiço-a dizer-lhes para que «amontoem as peças em pilhas pares e ímpares, por favor», esperando pacientemente que eu lhe prepare a farda. Veste-se, lava os dentes e comunica-me que hoje gostava de ter *noventa e dez* trancinhas no cabelo.

– Eh lá, *noventa e dez* vai ser complicado... Acho que não temos *noventa e dez* elásticos – argumento eu.

– Fazes – ordena-me ela.

Caramba, estou a ser vítima de bullying por uma criança! O que é que isto diz da minha vida? Mas, não. Hoje não vou por aí. Hoje, a Lyla e eu *vamos ganhar!*

– Amorzinho, eu adoro essa confiança toda que tens em mim, mas que tal fazermos só duas tranças? Punha-te uns lacinhos nas pontas e ficavas como a Pipi das Meias Altas! – sugiro, num tom esganiçadamente entusiasmado. Aposto que ela não resiste a isto.

– Quem?

Ah, sim, às vezes esqueço-me de que já não vivemos nos anos 80 e já não lemos *Os Cinco* e *Os Sete*.

– Esquece. É a personagem de uma história. Tem duas tranças, *duas* tranças, por isso, vamos lá...

– NOVENTA E DEZ! – grita-me ela, na cara, ao mesmo tempo que bate com o pé no chão. Oh, meu Deus, estou a criar um monstro.

– Lyla! Para! São sete e quarenta e cinco e temos de sair daqui a nada. Vou fazer-te duas tranças lindas e vais ficar giríssima.

– A Storie faz muitas tranças – amua ela.

Lá vem a perfeitinha da Storie... É a nova namorada do Simon. Continuo a dizer *nova*, mas já lá vão mais de quatro anos. É claro que a Storie faz muitas tranças. E provavelmente fá-las ao mesmo tempo que canta para os gnomos do jardim e fermenta a própria urina para fazer um creme de rosto.

– Pois, mas eu sou a mamã e faço-te duas.

Apercebendo-se de que não vou ceder, a minha filha desiste da discussão e deixa-me fazer-lhe duas bonitas tranças francesas, que ficam maravilhosamente bem no seu longo e luzidio cabelo castanho. Quando acabo, desata aos saltinhos de alegria. Ena, ena,

não é tão bom sermos valorizadas e apreciadas? A maternidade é ou não é uma verdadeira bênção?

Depois de lhe pôr à frente a torrada com o exato formato de que ela gosta (Deus proíba que eu alguma vez a corte quadrada e não triangular), apresso-me a subir para me ir arranjar.

Hoje não é dia de ir à balda ou maltrapilha, por isso, pego nos meus melhores skinny jeans, que não são aqueles superconfortáveis, todos coçados entre as pernas – mas por que raio é que isso acontece? Será que tenho coxas tão gordas, que esfregam uma na outra quando ando? Vou passar a prestar mais atenção a isso... –, e conjugo-os com a minha camisa branca Ralph Lauren – aquela que comprei há dois anos numa loja de descontos e que, graças ao facto de raramente a usar, parece sempre novinha em folha, ao contrário de muitas outras, ruças e enxovalhadas, no fundo do meu roupeiro.

Já estou a meio caminho de ser uma vencedora.

O meu cabelo é que jamais parecerá bem às 7h55 da manhã – por essa razão, dou graças ao Menino Jesus pelas alegrias do champô seco; depois, apanho-o no que pode ser considerado um rabo de cavalo «falsamente desleixado». Quando vejo modelos com o cabelo apanhado assim, acho-as tão chiques, tão cintilantes! Mas, quando sou eu a feliz contemplada, parece sempre que enfiei uma touca de natação com um rabicho atrás. Enfim, pensemos *chique* e deixemo-nos de ilações.

Momento da maquilhagem. Esta é uma das poucas áreas na minha vida em que *eu sei* que sou boa, e isso deixa-me confiante. Estamos em cima da hora, por isso, não tenho tempo para compor um look integral. Mas restam-me minutos suficientes para um eyeliner líquido impecavelmente aplicado, umas boas camadas de

rímel, uma base uniforme e uns perfeitos lábios vermelhos. (A maquilhagem é algo a que devemos estar eternamente gratas quando acordamos com cara-de-excesso-de-vinho-tinto-da-véspera.) Não há nada que grite mais «Tenho esta merda toda controlada!» do que um batom vermelho bem aplicado. É audaz e sensual, e agora, quando faço boquinhas ao meu reflexo, no espelho, sinto-me muito bem comigo mesma. Pode tudo não passar de uma máscara, mas pelo menos é uma máscara *eficaz*. Além de que me sabe lindamente fazer algo *por mim*.

Conseguimos fazer o percurso até à escola sem qualquer tipo de catástrofe. A Lyla não entalou os dedos em portas ou fechos ou cintos de segurança; não me esqueci da mochila dela nem de nenhum dos artigos dos equipamentos de ballet e de Educação Física.

Além disso, preparei-lhe uma nutritiva lancheira com alimentos decentes, como tiras de vegetais crus e uma tacinha com húmus para as mergulhar (em vez da habitual sanduíche e uma tonelada de guloseimas-porcaria em embrulhos coloridos). E consigo tudo isto enfiada numa toilette gira e com uma maquilhagem cheia de classe! Talvez esta cena da maternidade não seja assim tão difícil quanto eu a pinto, afinal... Talvez EU SEJA tão boa como qualquer outra pessoa. E, como cereja em cima do bolo, chegamos a horas. Entramos no portão às 8h50, de mãos dadas, comigo a transbordar de orgulho. Que bom para nós.

E eis que chega a Finola Brennan com os dois filhos, a Honor e o Roo. O Roo (diminutivo de Rupert) tem sete anos e anda na sala da Lyla. A Honor é três anos mais velha do que eles, alta e forte, obcecada pelos cavalos e póneis que os Brennan criam. A Finola é uma mãe firme e cheia de garra. Não tolera disparates e acredita

em equidade e formação de caráter. Gosto imenso dela e quero muito que ela goste de mim. E também tenho um bocadinho de medo dela.

A seguir, chega a Gillian com a Clara, também colega da Lyla e que é a coisa mais querida do mundo. Acredita fervorosamente em fadas e magia e unicórnios. Quanto à Gillian, parece-me... razoavelmente agradável.

A Finola e a Gillian são amigas; acho-as aquele tipo de mamãs boazonas que se encontram muitas vezes para tomarem café, com os respetivos filhos, e que não passam o dia sozinhas em casa, de fato de treino e o cabelo apanhado numa mola, ressentidas por não se sentirem suficientemente à altura para se juntarem às outras mamãs e fazerem amigas.

– Bom dia! – exclamo em tom alegre, pondo discretamente o rabo de cavalo sobre o ombro numa tentativa de mostrar que o escovei. E que lhe dei um jeito especial. Uau, hoje sinto-me mesmo bem!

– Bom dia. Honor! Roo! Vão pendurar os vossos sacos e voltem cá para um beijo de despedida – ordena a Finola em tom severo.

– Olá... Oh, Clara, querida, já é a quarta vez que te peço para não me puxares o braço dessa maneira. É que magoas a mãe, filhota – observa submissamente a Gillian, dirigindo-se à filha, tendo já notoriamente passado por muito esta manhã.

– Devias falar um pouco mais alto, Gillian – sugere a Finola. – As crianças são como os cães, respondem melhor a um tom autoritário.

A Gillian parece um pouco chocada, mas felizmente a sua boa educação inata prevalece.

– Hmm... Pois... Obrigada, Finola, vou tentar fazer isso – reponde-lhe, piscando repetidamente os olhos.

A Lyla vê as colegas correrem para o bengaleiro e faz o mesmo, enquanto nós, as mães, entramos lentamente pela escola, deixando-nos ficar no átrio à espera de as levarmos até às respetivas salas. Ficamos sempre aqui. É uma regra tácita que aprendemos no primeiro dia de aulas e que fica para sempre. Se alguém violasse este código de etiqueta, seria o inferno. Para onde poderia ir a mãe que não respeitasse esta regra? Com quem falaria? E se a sua preciosa criança a fosse procurar ao átrio e não a encontrasse? Nem sequer me atrevo a imaginar.

Aprendi da pior maneira que neste colégio existem várias dessas regras veladas, e que devem ser levadas muito a sério. Quando a Lyla e eu entrámos para a sala do primeiro ano em vez de aguardarmos no átrio, foi duro para ambas. Enquanto a Lyla ficou a aprender as regras da sala de aula e do recreio, eu tive de decorar as normas do átrio e do parque de estacionamento.

É muito bom ver a Lyla a correr e a brincar com os colegas – ainda que me preocupe vê-la meio isolada de vez em quando. Espero que a cada dia que passe, e à medida que ela se for entrosando, eu possa também vir a dar-me mais de perto com estas mulheres. Todas parecem ter os seus grupos e círculos, e, tirando o meu *bom dia!* alegre e ruidoso e um sorriso supostamente cúmplice aqui e ali, não faço a menor ideia de como me enturmar.

– Está um dia tão bonito, hoje... Que bom ver um bocadinho de sol, para variar – digo, como ponto de partida. Já decidi que hoje vou começar a integrar-me. Estou farta de me sentir constantemente posta de parte.

A minha mãe sempre me disse: «Não corres risco nenhum se falares do tempo, de como dormiste bem ou do que vais fazer para o jantar.» Ela sempre foi exímia em conversas de chacha – aliás,

ainda me lembro de, quando eu andava na primária e o dia de escola chegava ao fim, ficar ao pé dela ouvindo-a falar com as outras mães, a dissertar sobre os altos valores da Inglaterra. Eu só pensava em chegar a casa e rezava para que ela parasse de se gabar do primeiro prémio que ganhou no concurso dos Jardins em Flor de Cambridge. Mas, neste caso, ela tem toda a razão: falar do tempo não pode correr mal.

– É maravilhoso... Esta manhã levámos os nossos quatro cavalos a passear e assistimos ao nascer do Sol.

É claro que a Finola fez isto.

– Consegues fazer tanta coisa! – observa a Gillian. – A Clara não ia gostar que eu dedicasse tanto do meu tempo a outras coisas. Continua a adorar ter aquele tempinho especial só comigo e salta para a minha cama assim que o Paul sai para trabalhar.

– Ah, quem me dera que a Lyla continuasse a fazer isso. Faz-me falta a companhia.

Pelos vistos, esta frase não cai nada bem. A Finola e a Gillian olham para mim; depois, uma para a outra e, por fim, parecem encavacadas e sem saber o que dizer. Talvez não seja suposto admitirmos que nos sentimos sós, que valorizamos de mais a companhia dos nossos filhos?

– Hoje estás particularmente bonita, Robin. Tens algum programa especial? – pergunta a Gillian educadamente, com toda a certeza para mudar de assunto e ser simpática.

– Talvez caçar maridos em Sainsbury, outra vez? – oiço a fervorosa voz da Val, mesmo ao meu lado.

Está a usar roupa de marca dos pés à cabeça, meio cambaleante nos seus botins de salto agulha, e sorri para si própria (para mim é que não é, certamente). A Valerie Picking é o

suprassumo das MEC – e a pior de todas. É mãe de uma Corinthia, de seis anos (que eu desconfio que seja uma cabra em miniatura, já que dizem que quem sai aos seus não degenera), e casada com o Roger, onze anos mais velho do que ela, absolutamente podre de rico e a ficar cada vez mais careca. A Val é ferozmente competitiva e, por alguma razão, odeia-me. Nunca lhe fiz nada de mal – nem de bem, diga-se –, mas nunca a ouvi dirigir-se a mim sem ser carregada de sarcasmo ou numa tentativa clara de me rebaixar em frente de toda a gente. A minha única forma de defesa contra esta mulher é ignorá-la, cerrando os dentes, fazer-me simpática e ser educada. A criatura faz-me sempre sentir como um monte de merda.

– Estás de facto muito glamorosa hoje – ri-se ela. É esperta, diz isto como um elogio, mas eu sinto bem a ferroada.

Não vou deixá-la estragar-me o estado de espírito. Depois de ontem e da miserável noite de solidão no sofá, fiz um esforço do diabo. Não! Não me vou deixar perturbar.

– Pois é. Esta manhã resolvi dedicar um pouco mais de tempo a mim própria – digo o mais secamente possível.

– Ah, claro... Viver sozinha deve ser do melhor para nos embonecarmos todas, não é?

Uau! Esta foi muito baixa. Fico meio atordoada durante uns segundos.

Para minha surpresa, vejo a Finola, de peito feito, a vir em meu auxílio.

– Valerie, que bom ver-te! O Edgar disse-me que desde o Natal que o Roger está a ficar na vossa casa de Huntingdon. De certeza que ultimamente também tens conseguido algum tempo só para ti, não?

A Val esbugalha os olhos, com o choque, enquanto a Finola continua a olhá-la fixamente. Até que a Gillian resolve intervir para quebrar a tensão:

– Que bonita cor de batom, Robin – diz-me.

Fico tão emocionada com os gestos solidários da Finola e da Gillian, que mal retenho as lágrimas. Há muito tempo que ninguém me defendia desta maneira.

– Tens de me dar a marca e a cor para eu comprar um para mim – continua a Gillian. – Fica-te mesmo bem.

Antes de eu poder agradecer a ambas, toca para a entrada e o átrio transforma-se num verdadeiro caos. Todas as crianças correm para nós como ímanes; há mães que seguem os filhos até às salas, gritando ordens e orientações aos seus rebentos como se não voltassem a vê-los nunca mais: «Não te esqueças de pôr as luvas!», «O fato de judo está no saco azul!» ou ainda «Não te atrevas a bater no Hugo hoje!» E somos arrastadas pelo meio do rebuliço, antes de a Val ter oportunidade de poder reagir à surpreendente retaliação da Finola. Tenho a certeza de que a coisa não fica por aqui; com a Val, isso nunca acontece, mas para já estou profundamente grata por não ter de levar com ela. E ainda um pouco em choque por a Finola me ter defendido... Talvez ela não seja tão fria como eu pensava.

Assim que as crianças são entregues às suas oh-tão-sorridentes-professoras (como é que conseguem estar tão felizes às nove da manhã?), dirigimo-nos todas para o parque de estacionamento. Da Val, nem sinal. Sem dúvida de que saiu disparada à nossa frente.

– Obrigada, Finola, fiquei sem saber o que lhe dizer. Não me ocorreu rigorosamente nada naquele momento. Agradeço-te imenso teres intervindo.

– Não tens de quê, Robin. Mulheres daquelas são como cães em matilha; assim que percebem quem manda, acalmam logo.

No mundo da Finola, toda a gente é como um cão ou um cavalo.

– O Edgar e eu estamos sempre disponíveis para uma boa galopada, se alguma vez te apetecer encher os pulmões de ar fresco logo pela manhã. Nem imaginas o bem que faz.

– Obrigada, Finola. *Mesmo* – digo, enquanto me dirijo rapidamente para o meu carro antes que ela me veja as lágrimas nos olhos. A ideia de me ver incluída numa *boa galopada* é ridícula, mas a oferta foi muito gentil e fez-me sentir bem.

Uma vez em casa, verifico e volto a verificar se tenho tudo o que preciso para o anúncio do chá de infusão de flores, daqui a dias. Regra geral, O Vazio não se intromete na minha profissão. E os trabalhos esporádicos que tenho feito ultimamente têm funcionado cada vez mais como férias para o meu cérebro. Em vez de me sentir estagnada e triste, sinto que posso dar largas às minhas ideias – de uma forma que não consigo fazer na minha vida de mãe.

Ainda levo mais umas boas cinco horas em «pesquisas» (o chá de limão pede uma modelo «fresca e vigorosa», enquanto os sabores a frutos silvestres precisam de alguém «quente e acolhedor»), que basicamente consistiram em 30% de navegação na net *realmente* relacionada com o trabalho, 20% no YouTube, no submundo das raparigas a mostrarem o que compraram no último impulso consumista, e 50% a clicar em links inúteis ou posts gabarolas que amigas partilharam no Facebook. Nem sei porque é que ainda me dou ao trabalho de ir ao Facebook, é tão deprimente... Toda a gente que eu conheço ou está a organizar um casamento com gigantescas tendas iluminadas ou a mostrar os

bebés nos conjuntinhos novos da John Lewis ou a posar para selfies com a praia em fundo, exibindo os namorados excessivamente bronzeados. Clicar ou fazer scroll nestas cenas é uma verdadeira autotortura. Felizmente, não perco muito mais tempo nisto, uma vez que já está na hora de ir buscar a Lyla e regressar ao modo Mamã.

A coisa corre sem problemas. A Val nem aparece. Pelos vistos, mandou a mãe (uma versão mais velha e ossuda dela própria) ir buscar a Corinthia à escola. A mulherzinha olha-me de cima a baixo – mas eu não vou deixar que isso me afete. Pelo menos, percebo que a Val tem a quem sair. A Lyla e eu vamos diretas para casa tratar do jantar. Ainda não me sinto totalmente esgotada, o que é melhor do que acontece na maioria dos dias, por isso aproveito e ponho legumes a estufar, grelho frango e ponho no forno uma mão cheia de batatas fritas congeladas (estava tudo a correr tão bem... mas não resisti a um pecadilho alimentar). Finalmente, sento-me à mesa com a minha filha.

– Mamã, mamã, olha para este jantar! Parece que estamos num restaurante, não é? O Restaurante da Mamã e da Lyla!

Quase que chorei. Ontem, ela não disse nada – quando lhe servi um punhado de Smarties antes dos *fish and chips* – mas, hoje, que é frango grelhado com legumes, está mais feliz que nunca. E deu-me a sua aprovação total. Bingo!

– E é! Vamos brindar a isso, minha *Lylieloo blue*! – E batemos com os copos de sumo um no outro.

Passamos o serão enroscadas no sofá, com livros, o ursinho BunBun e uma parafernália de peças *Stickle Bricks* entaladas entre as duas, a televisão nos desenhos animados, meia hora antes de nos deitarmos... e uma ótima sensação no meu coração. O batom certo na hora certa faz toda a diferença. Nota mental: amanhã, vou

usar o vermelho mais vivo e brilhante que tiver. Vai ser um grande dia.

Seis

Hoje, vou dar assistência à minha chefe, Natalie Wood, no meu primeiro grande trabalho deste ano, e não posso dar-me ao luxo de fazer asneira. Depois de deixar a Lyla no *Early Risers Club* – um ATL que recebe crianças uma hora antes da escola, para pais que trabalham cedo ou que querem apenas dispor de mais uma horita livre nas suas vidas –, ainda tenho de ir a casa a correr para preparar (pela enésima vez) a minha mala de maquilhagem e certificar-me de que o meu rosto está em condições para ser socialmente aceite, e não parecer uma batata com três semanas. Por alguma razão, o compromisso de hoje está a deixar-me agitada. Já não arranjo um trabalho desde antes do Natal, e a insegurança tomou-me de assalto. E isso faz com que a horrível carantonha d'O Vazio me surja à frente. *Hoje não, por favor, hoje não!*

A Natalie e eu temos de estar no estúdio às 11h para ajudarmos a organizar as coisas. Hoje é o Simon que vai buscar a Lyla à escola, por isso, depois de uma conversinha severa comigo mesma, decido que *posso* sentir-me entusiasmada com o facto de poder desfrutar de umas horas como gente grande – ainda por cima a fazer uma coisa em que sou realmente boa.

A Natalie chega às 10h30 em ponto e vai ter comigo à porta de casa. Odeio fazê-la esperar, por isso, antecipo-me e espero eu por ela uns segundos, como uma excitadíssima criança de seis anos à espera que a levem a comer um gelado. O Range Rover cinza-metalizado da Natalie é espaçoso e imaculado, ao contrário do meu Micra, minúsculo e nojento. Ponho a mala de maquilhagem no porta-bagagens gigante, entro, e seguimos para o estúdio. Se bem que já nos conheçamos há já quatro anos, seria estranho ela ter

subido. A nossa relação não é desse gênero. Eu já fui duas vezes a casa dela, uma moradia supermoderna de três andares, e em ambas as vezes apenas para ir buscar produtos meus que, por engano, tinham ido parar à mala de maquiagem dela. Nunca lá entrei como convidada. A Natalie costuma dizer que é importante estabelecermos limites, e eu acho que ela tem toda a razão. Como em quase tudo, aliás. Trabalhamos juntas e respeitamo-nos mutuamente. E a coisa funciona muito bem.

Muito honestamente, a Natalie deslumbra-me. Para já, é linda de morrer. Imaginem a Michelle Obama, mas ainda mais gentil e simpática. Pele da cor da avelã e cabelo asa-de-corvo pelos ombros – que eu já vi em milhares de estilos diferentes, cada um deles assentando-lhe na perfeição; profundos olhos castanhos que irradiam sabedoria e lábios tão cheios, que lhe permitem usar qualquer tom de batom e ficar sensacional. Está sempre impecável. Para ajudar à festa, tem três filhos adolescentes perfeitos, o Nathan, o Daniel e o Maxwell, todos excelentes alunos, e um marido excecional, o Martin, que de boa vontade deixou a carreira de lado para ficar em casa a cuidar dos filhos, enquanto ela se estabelecia e abria a agência. Por fim, e para completar o quadro, a Natalie adora o que faz. Começou logo a trabalhar, assim que acabou os estudos, nos balcões de maquiagem dos grandes armazéns Debenhams; depois, trabalhou como freelancer em maquiagem artística; e, por fim, pouco antes de nascer o seu primeiro filho, abriu a agência MADE IT. É calma, generosa e ambiciosa. A Natalie é, basicamente, uma deusa. Não faço ideia de como ela consegue, mas é uma mulher que *tem tudo*. E tudo o que eu mais quero é aprender com ela. Ora, deixemo-nos de tretas... Eu quero *ser* como ela.

Conheci-a através da Lacey. O Martin trabalhava em Londres com o Mark (antes de sair para dar apoio à Natalie, cuidando ele dos filhos), e, depois de eu me separar do Simon, a Lacey tratou de «me promover» e conseguiu-me uma série de trabalhos aqui e ali. Primeiro, eram esporádicos, mas era precisamente disso que eu precisava. Com uma criança de dois anos a meu exclusivo cargo praticamente todos os dias, era-me fisicamente impossível ter um emprego fixo – e não podia pedir à Kath esse tipo de apoio. Mas essa fase de trabalhos temporários revelou-se brilhante. Comecei com passos pequenos e seguros, sempre com expectativas de melhorar profissionalmente. Tive a oportunidade de passar algum do meu tempo com adultos e, mais importante, pude manter acesa a chama criativa. Ao fim de três anos, aqui estou eu – como assistente da diretora da agência MADE IT, a trabalhar em comerciais muito empolgantes.

Chegamos cedo ao platô; enquanto a Natalie se dirige confiantemente ao fotógrafo para partilharem visões criativas, eu abro a mala de maquilhagem e vou retirando os produtos necessários. Ficamos a saber que o realizador decidiu que quer que os cabelos das modelos expressem o movimento do chá a ser vertido nas chávenas. Vejo as cabeleireiras, Jodi e Chloe, instaladas a um canto, pesquisando freneticamente ideias no Instagram – uma vez que a abordagem pré-acordada de um *carrapito simples* foi por água abaixo.

Decidimo-nos por sombra e eyeliner roxo-vivo; chego, entretanto, à conclusão de que um simples excesso de pó bronzeador parece transmitir um look que grita «chá de frutas» num rosto humano. De início, pensámos num tom castanho-profundo nos lábios, tipo lama, mas, depois do comentário entre dentes de uma das modelos –

«merda nos lábios» –, espalhou-se a semente da dúvida na mente do realizador e optámos antes por aplicar um brilho *nude*. Escusado será dizer que a modelo em questão não voltará a ser convidada para outros trabalhos.

As oito modelos (para um total de oito sabores de chá) entram finalmente no estúdio, e é então que começa o nosso trabalho. Trabalhamos juntas harmoniosamente, como sempre fizemos. Fico radiante por a Natalie gostar das ideias que lhe apresento, resultado das minhas pesquisas de ontem. Ela pede-me que comece por preparar os rostos com hidratante, base primária e base; depois, é ela que assume os comandos e passamos aos eyeliners, sombras, sobancelhas, pestanas e lábios.

À medida que as modelos são chamadas ao platô, a Natalie e eu deixamo-nos ficar atrás dos projetores e tripés gigantescos, prontas para avançarmos para eventuais retoques. Esta é a parte mais agradável de um dia de trabalho. Menos intensa e stressante, permite-nos dois dedos de conversa, enquanto assistimos aos fotógrafos a fazerem magia.

A Natalie aproxima-se de mim e segreda:

– E então?... Como é que a Lyla se saiu a montar a cavalo?

Sinto o coração a afundar-se. Antes do Natal, e num gesto que acreditei que agradaria à Finola, decidi levar a Lyla a visitar uns estábulos próximos, para a sua primeira experiência a cavalo – infelizmente, apenas para constatar que a minha filha detesta equitação. Antes de nos mudarmos para Hesgrove, jamais me passou pela cabeça pôr a Lyla em cima de um cavalo, mas estava tão ansiosa que ela se integrasse... Não sei exatamente o que lhe terá passado pela cabeça para gritar em altos berros, logo que lá chegámos: «Eu odeio a merda dos póneis! Quero ir para casa!»

Mas sei que fiquei mortificada. Primeiro, porque ofendemos os donos da quinta; segundo, por ela ter praguejado. Balbuciei qualquer coisa sobre ela ter ouvido a palavra da boca do pai (eles jamais saberão) e saí de lá a correr, corada que nem um pimentão e quarenta libras mais pobre – *quarenta libras!*

– Ah... humm... correu lindamente, obrigada. Ela adorou.

– Boa. E pensas mantê-la lá?

– Sim, acho que sim. A Lyla tem um elo tão bonito com animais... – minto descaradamente.

Jamais admitiria à minha chefe que a minha filha não liga pevide ao mundo da natureza –sobretudo porque eu temo que isso se deva ao facto de ela estar emocionalmente desequilibrada por o pai me ter deixado quando ela era bebé.

– Pois olha que tens mais sorte do que eu – diz-me a Natalie. – Antes de o Daniel nascer, ainda tentei pôr o Nathan a montar, mas ele detestou. Fartou-se de berrar. Desistimos rapidamente da ideia, e eu percebi que era muito melhor deixá-lo a brincar na creche, quando eu tinha de trabalhar, do que obrigá-lo a desenvolver um elo não desejado com um pónei.

Oh... afinal podia ter dito a verdade. Esqueço-me sempre que ela é *normal* e não a Supermulher – ou uma MEC.

– E como é que o Nathan se tem dado em Oxford? – Como é óbvio, o filho mais velho da Natalie já está no segundo ano de uma universidade de topo, a estudar Ciências de Engenharia.

– Lindamente... e continua a adorar! E o Daniel já anda a tratar de conseguir uma bolsa de rãguebi para o próximo ano letivo. Vai ser fantástico! Daqui a quatro anos, sai o Maxwell do ninho, e ficamos só o Martin e eu em casa. Vamos aproveitar para viajar,

claro – responde ela, calma e suavemente, sem a menor réstia de vaidade ou arrogância.

– Que bom, vai ser magnífico. E parabéns ao Daniel!

Meu Deus, que sorte que ela tem. Três rapazes súper bem-sucedidos e um marido lindo e musculado com quem viajar! Mal posso esperar para ser *Uma Natalie* quando for crescida.

Talvez por pressentir os meus desejos secretos, ela diz-me, amorosa, enquanto se prepara para fazer os próximos retoques:

– Espera só até a Lyla crescer e sair de casa. Vais lembrar-te destes dias de escolinha e de filmagens e vais ter saudades. Anda daí, vamos lá aos retoques.

Sigo-a e sinto uma onda de satisfação a invadir-me, pelo meu dia. Pela primeira vez desde há muito tempo, acho que estive bem. O Vazio não apareceu. É um estímulo enorme perceber que não faço só merda na minha vida, mas que também a consigo controlar.

De regresso a casa, decido que vou arranjar uma maneira de otimizar as minhas competências. Ainda não sei como, mas vou.

Sete

Fevereiro

Detesto fevereiro. Pensei que me sentiria melhor assim que me livrasse de janeiro, mas não sinto. E, para ser franca, isso assusta-me um pouco. A minha cara é uma constante máscara de felicidade (converso em tom alegre no trabalho, sorrio à rapariga da caixa do supermercado e canto canções à Lyla no carro), mas, bem no fundo de mim, sinto-me desmoralizada. Muito, muito desmoralizada.

Nestes últimos anos, tenho feito tudo sozinha. Ir às compras sozinha, passar os serões sozinha, planear sozinha as saídas da Lyla, ir de carro sozinha seja onde for, pagar contas sozinha, dormir sozinha. Ao fim de algum tempo, isso começa a produzir os seus efeitos. Sinto que não tenho ninguém na minha equipa, ninguém que me apoie. Sei que tenho a Lacey e a Kath, e a mãe e o pai, se realmente precisar deles, mas não é a mesma coisa. Não tenho ninguém que acorde ao meu lado e se chegue a mim para me dar um maminho. Ninguém com quem ir beber copos ou partilhar um *takeaway* de comida chinesa, quando a Lyla fica com o Simon. Ninguém com quem partilhar os meus momentos felizes ou as preocupações graves. E, por vezes, quando já é tarde e a casa fica completamente silenciosa, pergunto-me se alguma vez virei a ter alguém. O Dia dos Namorados está aí à porta. A qualquer loja que vá, sou confrontada com uma parafernália de flores, ursinhos e corações – lembrando-me friamente que não vou receber coisíssima nenhuma.

Não me interpretem mal: eu sei que há pessoas por aí com vidas muito piores do que a minha. Mas sinto-me isolada. Tudo o que eu faço, faço-o sozinha ou como líder do «Clube da Robin e da Lyla», e

isso por vezes torna-se difícil. Adoraria ter um companheiro de equipa apenas para atenuar as coisas. Como se fosse aquela quantidade necessária de anestesia de que precisamos no parto para evitar arrancarmos os olhos à parteira e berrarmos obscenidades às paredes da sala de parto. É só disso que eu preciso – algo que me atenua a solidão. Tudo o que eu mais queria era um pouco de ajuda, amor e companhia. Será que é pedir muito?

Mas eu *não quero* que a Lyla alguma vez perceba como me sinto na merda.

Quero que ela me veja como uma rocha, a *sua* rocha, e que saiba que, aconteça o que acontecer, por pior que a vida nos trate, eu estou aqui, confiável e segura. Nesta fase não me sinto confiável nem segura, mas começo a cantar ou esganiço a voz enquanto brinco com ela e com as bonecas pela décima oitava vez nesse dia. Escondo o vazio que sinto por dentro, para que ela se sinta segura. É uma coisinha perfeita que precisa de ser protegida a todo o custo, por isso nunca vou querer que ela carregue o fardo de saber que a mãe *batalha muito*. Fez-me um cartão de S. Valentim, na escola, com um misterioso ponto de interrogação, e eu alinhei naquilo; quando ela confessou finalmente que era dela, soltei uma exclamação de surpresa: «Oh, meu Deus, tenho tanta sorte!»

Não dei a entender que o seu gesto tão querido só fez com que me apetecesse chorar e desejar que aquele cartão fosse um verdadeiro cartão do Dia dos Namorados.

Para quem tem filhos com custódia partilhada, os fins de semana podem ser muito difíceis. Para os outros, parece uma vida perfeita: temos tempo para relaxar, noites inteiras para sair e beber copos, ler revistas ou ir às compras – mas na realidade as coisas não são

assim. Dava tudo para ter uma família completa e funcional, para poder ouvir as vozes de outras pessoas em casa. Neste fim de semana, a Lyla está com o Simon. E eu consigo sentir as nuvens d'O Vazio a acumularem-se novamente sobre a minha cabeça.

Decido que, desta vez, não vou deixar que isso me consuma e ligo à Lacey para saber se não quer aparecer para um copo de vinho e dois dedos de conversa. E quem sabe um *makeover* de maquilhagem? É quase garantido a Lacey aparecer quando lhe proponho um tratamento facial e uns belos olhos esfumados. Já era assim quando éramos adolescentes ingénuas, refasteladas nos nossos quartos peçados de pósteres. A Lacey tinha os melhores conselhos para dar, e eu, a melhor maquilhagem. Abria-lhe completamente o meu angustiado coração de catorze anos, absorvendo como uma esponja o que ela tinha a dizer sobre os rapazes da escola ou as raparigas que eu odiava ou invejava. E ela folheava as páginas da *Bliss* e da *Sugar*, e escolhia um estilo de maquilhagem para eu experimentar naquela sua carinha bonita.

Hoje em dia, as coisas são muito semelhantes, com a diferença de que substituímos as revistas de *teenagers* pela *Grazia* e que bebemos vinho e comemos azeitonas – e eu, basicamente, já não odeio ninguém. A não ser a Valkyrie, talvez. Somos bem mais sofisticadas, agora.

– Conta lá o que é que se passa – diz ela, pousando no sofá a caixa de *Maltesers* que trouxe consigo e instalando-se. Adoro o facto de a Lacey levar sempre alguma guloseima onde quer que vá.

Depois, arrasta pelo chão a minha gigantesca mala de metal de maquilhagem e abre-a, como se fosse uma arca do tesouro.

– Como é que sabes que se passa alguma coisa? – pergunto.

– A tua casa está imaculada, tens as unhas arrançadas e tens respondido às minhas mensagens em nanossegundos. De certeza que se passa alguma coisa ou a tua vida estaria bem mais caótica – diz ela, rindo-se da última frase.

– Ah. Hmm... Excelentes pontos de vista, todos eles – digo eu, admirando o bonito tom lilás das minhas unhas. – Não sei... estou muito em baixo. Sempre que sinto que recuperei a velha chama, acontece qualquer coisa de insignificante que me faz sentir uma merda outra vez. Hoje foi um desses casos, com uma coisinha de nada. Como tinha tempo livre – o que já vem sendo apanágio da porcaria da minha vida –, apeteceu-me ir ao Facebook ver fotografias minhas antigas. Recuei até aos tempos pré-Lyla e vi as nossas saídas à noite e aquela nossa viagem a Edimburgo. E... senti imensas saudades de me divertir um bocado, acho eu. – Até que, finalmente, confesso: – Estou infeliz, Lacey. Sinto-me só.

– Oh, Robin – diz ela, a cabeça ligeiramente de lado, num jeito maternal. – Mas tens a Lyla, apesar de tudo.

– Eu sei, mas ela passa o dia na escola e o Simon fica com ela duas noites por semana. Quando ela era mínima, tinha a minha atenção total e exclusiva. Agora já não precisa disso. Na verdade, ninguém precisa realmente de mim. – Sinto lágrimas a inundarem-me os olhos.

– *Eu preciso* de ti! No outro dia, percebi que estavas um bocado em baixo, mas nunca pensei que as coisas estivessem assim tão mal. Devias ter-me ligado. Sabes bem que podes contar comigo para tudo.

– Sinto a falta de *qualquer coisa* na minha vida.

– De um homem – lança-me a Lacey, ríspida, abandonando definitivamente o tom maternal.

– Nem tudo tem que ver com homens.

A Lacey estuda-me o rosto por um momento.

– Mas isto tem.

– Pensei que fosses feminista, Lacey Hunter.

– E sou. Ser-se feminista implica querer que toda a gente seja igual; ter as mesmas oportunidades, possibilidades, a mesma forma de tratamento que o resto do mundo. Não significa que eu não goste de sentir os braços do Karl à minha volta, à noite, ou que me levem a jantar fora, de ter uma boa noite de conversa ou de alguém que leve o lixo para o contentor...

– Não me consigo lembrar da última vez que alguma dessas coisas me aconteceu. A Kath vai muito lá a casa e ajuda-me imenso, mas não é o mesmo que teres um marido lindo de morrer, que te lava o filtro da máquina da loiça ou te apara a relva, pois não? A última criatura com quem eu jantei foi o raio da *Peppa Pig*! – rio-me, tristemente.

– Ouve lá, Robin... Já pensei nisto há uns tempos... Acho que tu precisas mesmo de começar a sair, de conhecer alguém. Mereces divertir-te um pouco, não?

– Eu nunca hei de conhecer alguém, a não ser que um pai solteiro sensualão me apareça por magia no portão da escola. E, já agora, num dos raros dias em que eu não me assemelhe uma desenterrada. Ou então que um dos jovens modelos masculinos com quem trabalho fique subitamente cego e me ache o máximo.

A Lacey dá-me com uma almofada na cabeça e exclama:

– Robin! Para começar, não digas essas coisas! Tu tens tanto para dar a qualquer homem... E, além disso, não tens obrigatoriamente de conhecer alguém na escola ou no trabalho. Toda a gente tem encontros online hoje em dia.

– Não! Jamais faria uma coisa dessas – exclamo eu, espalhando um pouco de base na palma da mão, num gesto meio brusco.

Como é que a Lacey tem uma pele tão bonita? Neste horrendo e interminável inverno, a minha parece sempre baça e sem vida.

– Isso é para gente desesperada e foleira – acrescento. – É só velhos sinistros que se masturbam a ver a secção de roupa interior de um catálogo da *Littlewoods*!

– Não é nada! – indigna-se ela, tentando manter o rosto firme, mas sem conseguir. – As coisas mudaram, e muito. E tu devias mesmo experimentar. Lembra-te da Meredith, da nossa escola. Esteve solteira mais de dez anos, até que conheceu o Peter num site de encontros. Olha para ela agora.

– Pois. Enfiada em casa, a chorar, com um gémeo debaixo de cada braço, mas fazendo questão de publicar fotos de família no Facebook, com todos muito sorridentes, e hashtags tipo #NãoTrocavaEstaVidaPorNada, quando, na verdade, todas sabemos que ela *podia, sim*, ter tido outra vida. Uma vida *sem* nódoas de vomitado na roupa e *sem* ter de pesquisar coisas no Google, do género «Será que a minha vagina mudou depois do parto?» Não é isso que eu quero para mim! Quero romance, quero ser seduzida!

– Sim, OK, mas como é que achas que ele enfiou os gémeos dentro dela?

– Que conversa horrível! Não quero nem imaginar o Peter, que ela conheceu num site de encontros, a enfiar seja o que for na Meredith. Poupa-me! Já me é extremamente difícil introduzir um pincel extrafino em eyeliner líquido para te fazer olhos-de-gata perfeitos, sem ter de imaginar uma nossa antiga colega de escola a

enrolar-se com um homem chamado Peter, que ela conheceu num site de encontros.

– Estás a fugir ao assunto, minha melga. Chega de embirreres com sites de encontros... Dá-lhes uma oportunidade! Que tal baixarmos o MatchMe ou outra cena dessas? Vai ser divertido.

– Oh, meu Deus, tem mesmo de ser? – pergunto, com um suspiro. Termino o eyeliner e misturo um trio de sombras (moca, dourado e vermelho-escuro) para lhe aplicar nas pálpebras.

– Sim, tem mesmo de ser ou vou-me embora *neste momento* e tu ficas sozinha a noite toda, sem ninguém com quem choramingares.

– Nem penses, não vais a lado nenhum, ainda só te pinteí um olho e ias parecer uma louca alucinada.

No fim, ela belisca-me amorosamente o braço e, depois de mais um copo de vinho (OK, *três* copos de vinho), apercebo-me de que estas aplicações de encontros até são divertidas. É como se estivéssemos a *comprar* homens, mas sem termos de nos preocupar com o facto de estarmos a olhar descaradamente para eles ou a dizer qualquer coisa de estúpido. Em poucos minutos, fico ligada ao Gareth 34 Engenheiro, ao Dylan 32 Consultor Freelancer e ao Phil 37 Informático. Desatamos aos gritinhos de excitação quando vemos aparecer o primeiro «Olá, como estás?»

Mas por que raio nunca me passou pela cabeça fazer isto antes? *Comprar homens* a partir do meu sofá!

Duas garrafas de rosé depois, uma Lacey muito alegre e aos risinhos parvos mete-se num táxi, deixando-me absolutamente rendida ao facto de ter potenciais candidatos a um minuto da minha atenção.

Yessss!

Levando a coisa descontraidamente (a conselho da Lacey), vou para a cama, alegre, cheia de *vino* e de expectativas em relação à minha futura vida amorosa.

Oito

A caminho da casa da Kath, começa a chover. Confesso que hoje não tencionava pedir-lhe apoio – aliás, eu nunca planeio pedir apoio a ninguém. Se pudesse, fazia tudo sozinha, orgulhosamente enfiada nos meus skinny jeans índigo, que me fazem um rabo fabuloso e não se enrodilham nos tornozelos. Mas não se pode ter tudo, certo?

Tinha decidido passar uma agradável manhã de sábado na IKEA, para comprar umas caixas de plástico novas para a Kyla guardar a sua sempre crescente coleção de brinquedos. Li um artigo no Facebook que defendia a importância de as crianças viverem em ambientes *feng shui* em prol do seu bem-estar emocional, e agora preocupa-me que a crescente coleção de brinquedos da minha filha lhe cause danos psicológicos profundos. Mas também acho que a solução para isto passa por arranjar meia dúzia de caixas plásticas com tampa, nas mais variadas cores – uma vez que as energias do quarto dela jamais saberão a diferença entre a IKEA e o Harrods, ou entre os salários dos part-times da mãe e uma inconsistente pensão de alimentos por parte do pai.

Porém, tal como em tudo na minha vida, as coisas não correram da melhor maneira. A IKEA estava à pinha. O mundo e a sua sobrecarregada esposa apareceram em força, preparados para se amontoarem nas mais variadas secções à procura de estantes em pinho da série BILLY ou a tirar medidas a móveis de televisão, a ver se cabem naquele canto da sala.

Quando, finalmente, conseguimos entrar na secção de criança, já eu suava em bica e tinha o meu carrinho cheio de tralha absolutamente desnecessária. Escolhemos as nossas caixas

(fazendo figas para que elas se adequem à futura realização emocional da minha filha) e fomos fatalmente forçadas a passar por todas as outras secções antes de chegar às caixas – como geralmente acontece nestes locais labirínticos. E isso, para mim, foi a estocada final.

Logo hoje, que eu tinha decidido *mimar-me*, caramba. Sentia-me tão sozinha e tão em baixo, que pensei ser absolutamente justo ceder à tentação de comprar um conjunto de três tábuas de cortar em forma de coração. Tinha esse direito, que raio! E já que só *eu* é que piso a alcatifa do meu quarto, *podia perfeitamente* comprar aquele tapete lindo, preto e cor de laranja de 180 por 180, bolas! Já agora, como sempre sonhei ter uma parede-galeria, desatei a escolher molduras na secção de arte... agradecendo a Deus pelo saldo a descoberto.

Por um momento, senti-me muito melhor. O meu carrinho a abarrotar encheu-me o coração vazio, e senti-me excitadíssima por ter gastado tanto dinheiro em caprichos decorativos. Sabia que me iria arrepender no final do mês, mas naquele momento, no elevador, a caminho do parque de estacionamento, senti-me maravilhosa. Talvez tivesse descoberto a solução para O Vazio.

Apenas alguns minutos depois, percebi que não.

Assim que abri a bagageira, percebi que estava lixada. A não ser que, por um golpe de magia, o meu carro minúsculo se transformasse na TARDIS⁵, não havia a menor hipótese de eu conseguir enfiar ali dentro quatro caixas para brinquedos (com tampa), oito molduras, dois candeeiros, três tábuas de cortar, seis tesouras (não sei porquê) e um tapete de um metro e oitenta.

Sabia que a decisão mais sensata seria sentar a Lyla no banco da frente e rebater os de trás, mas, só de pensar no trabalho que

isso daria, senti-me exausta. Teria de ler o manual do carro para saber como desligar os airbags da frente, para a Lyla poder ir sentada no seu banquinho, consultar de novo o manual para rebater os bancos de trás, carregar a tralha toda, devolver o carrinho – e, mesmo assim, não tinha a certeza de que coubesse tudo.

Olhei à minha volta, desesperada, na esperança de me deparar com uma solução mágica naquele instante. E ali estava ela – a família de sonho, que devia ser a minha. Um pai giríssimo, de jeans e t-shirt de fim de semana, a empurrar um carrinho cheio de coisas lindas para a casa; um menino, pouco mais velho que a Lyla, instalado à frente do carrinho e a adorar a viagem; e uma esposa-maravilha que, num vestido-envelope rosa-bebé muito macio, envolvendo uma barriguinha de grávida, redonda e perfeita, transportava a mochila do rapazinho – provavelmente contendo snacks com baixo teor em açúcares e puzzles de madeira artesanais (uma arte em que ele virá a ser exímio.) A Mãe-Perfeita pega no Menino-Perfeito ao colo e senta-o no seu banquinho. O Pai-Perfeito arruma impecavelmente as coisas na mala do carro. Decididamente, o sol de inverno brilha mais no exato local onde eles se encontram.

A Lyla acorda-me subitamente para a realidade.

– Mamã, tenho de fazer chichi! Estou a morrer de vontade! Mamã! Mamããããã!

Literalmente, a última coisa de que eu preciso agora é levá-la de volta à loja, com o carrinho, e ter de fazer tudo isto de novo.

– OK, espera só um minuto, que já resolvemos esse problema. – Isto geralmente faz-me ganhar uns dez, vinte minutos. Ela nunca está *a morrer de vontade*.

Tento concentrar-me, olhando de novo para o meu carro. Depois de dez minutos a bufar e a arquejar (e com uma mancha nojenta de suor a aparecer-me nas costas), já tenho um banco rebatido – mas o outro recusa-se a mexer-se um centímetro. Tanta gente a passar por mim, a perceber perfeitamente que estou com dificuldades, a grunhir e a gemer, com a Lyla sentada no carrinho a gritar que precisa de fazer chichi (toda a gente ouviu e ficou a pensar que sou horrível por não dar prioridade a isso) e à espera que eu lhe instale o assento no banco da frente... Só para lhe mostrar que não vai ficar naquele carrinho para sempre, tiro-a de lá e pouso-a no chão, em frente do carro, enquanto lido com a bagageira.

Ninguém se oferece para me ajudar.

E porque não? Porque não têm de o fazer. Estão exclusivamente dedicados às suas próprias estruturas familiares, abençoadamente ignorantes do desesperante que é não termos uma estrutura familiar. Da merda que é tentar perceber como se desliga um airbag, enquanto a nossa filha está aos saltos e aos pulos, aflita para ir à casa de banho. Do quão fisicamente esgotante é tentar enfiar pela bagageira dentro um tapete de um metro e oitenta, no banco de trás.

Eu também quero um Pai-Perfeito que me ajude a fazer isto. Quero usar um vestido-envelope rosa-bebé. Quero não ter de pensar no *horror* que tem sido a minha manhã...

Cheia de manchas de suor debaixo dos braços, lá consigo enfiar a tralha toda dentro do carro, quando passa um tipo por mim que diz: «Acho que a miúda precisa de ir à casa de banho.» Oh, por amor de Deus, *eu sei muito bem!* Volto-me para a Lyla, que continua aos saltinhos, esforçando-se ao máximo para não chorar.

– Mamã, vou fazer chichi!

Diz isto com um novo tom de urgência na voz – e aqueles fabulosos dez a vinte minutos de margem passam rapidamente a *dez, vinte segundos*. Porreiro, pelos vistos, os estranhos preocupam-se mais com as necessidades fisiológicas da minha filha do que eu. Meu Deus... Olho desesperadamente em meu redor à procura das casas de banho mais próximas, sabendo perfeitamente que só se encontram dentro da loja. *Merda, merda, merda*.

– MAMÃ, VOU FAZER...

Pego nela e corro pelo parque de estacionamento. Deixei a bagageira e a porta de trás do carro abertas e... foda-se, também deixei a carteira no banco – mas o instinto de sobrevivência toma conta de mim, e não consigo sequer pensar na ideia de ela fazer chichi pelas pernas abaixo. Corro como uma atleta (uma atleta pesada, desequilibrada e com ar de louca) até ao átrio da IKEA e atiro-me para dentro da casa de banho. Sem pensar sequer em fechar a porta, baixo-lhe as leggings e as cuecas e sento-a na sanita. Alívio instantâneo. Conseguimos! Mal acredito que estive tão perto de deixar a minha filha de seis anos numa situação tão complicada.

– Mamã, está um homem cá dentro!

Com a pressa e o pânico, enfiei a minha menina na menos higiénica das casas de banho... a dos homens! Instintivamente, tapo-lhe os olhos com a mão.

Será que *alguma vez* farei a coisa certa?

⁵ Acrónimo de *Time and Relative Dimensions in Space*, a nave espacial e máquina do tempo da série *Doctor Who*, um espaço exíguo, à primeira vista, mas que consegue levar os seus passageiros para qualquer lugar no tempo e espaço. (N. da T.)

Nove

Mesmo depois da manhã que passámos, é quase impossível não elevarmos o estado de espírito assim que chegamos à casinha de estilo vitoriano da tia Kath. É o reflexo perfeito dela própria, um álbum de recortes vivo da sua existência. Cada canto, e recanto, está decorado com fotografias, bilhetes, cartas e momentos do seu passado. E cada um destes pedacinhos de tesouro tem uma história muito própria. Os soalhos de madeira estão cobertos com tapetes bordados ou carpetes com padrões; as paredes, pintadas em tons de pedras preciosas; as cortinas são de veludo. Cada peça de mobiliário é de estilo diferente, com apontamentos florais ou coxins vibrantes a decorá-las. Há molduras em todas as paredes, com as fotografias da vida da Kath a espreitarem por detrás do vidro, muitas com o rosto sorridente do Derek. O Derek Drummond, falecido marido da Kath, era um bom homem. Todos nós sentimos a sua falta, mas, como é óbvio, a Kath é quem mais sofre com a perda. Formavam um casal fantástico. Viajaram pelo mundo inteiro e formavam a equipa perfeita. O Derek era forte e calmo, e adorava as excentricidades fantasiosas e desordenadas da mulher. Quando ele adoeceu, a Kath esteve ao seu lado dia e noite e, quando ele finalmente partiu, ficou em estado de choque. Creio que ela também sente O Vazio com alguma frequência. Tenciono contar-lhe a nossa manhã infernal, mas neste momento sinto-me tão consumida pelo meu próprio vazio – e pelo desprezo por mim própria por ser uma mãe de merda, que nem sequer satisfaz as necessidades mais básicas da filha –, que acho que não ia conseguir. E também creio que não ia ajudar em nada.

Olhando em volta, à primeira vista, dá a ideia de que *nada* nesta casa dá a bota com a perdigota, mas de certo modo tudo resulta. Tudo tem um toque muito próprio: o candeeiro em forma de concha, que ela própria forrou colando uma série de conchinhas mais pequenas; o próprio videogravador também tem conchinhas coladas, algo nunca visto; a toalha da mesa de centro com rebordo a pompons (por favor, quem é que põe uma toalha na mesa de centro?); o mapa do País de Gales emoldurado (nós não somos Galeses nem conhecemos ninguém que lá viva), onde ela marcou alguns locais com diamantes autocolantes. Tudo nesta casa foi «kathizado».

Assim que ela nos abre a porta, sinto-me logo mais leve.

– Olá, meus amores! Tinha saudades vossas! – acolhe-nos com um sorriso de orelha a orelha, ainda que nos tenhamos visto há apenas quatro dias.

A Mollie fica ainda mais radiante por receber visitas. Eu queria muito gostar dela, mas é tão excitada, salta tanto e ladra tanto... E, se a deixarmos, lambe-nos cada centímetro de pele exposta.

– Beijinhos, não, Mollie, por favor! – diz a Kath, entre risadas, vendo a Lyla praticamente afogada naquela molhadíssima receção. Ignora o meu mal disfarçado desagrado e faz sinal à miúda para a seguir até à cozinha, fechando a cadela no quintal de trás. Pelos vistos, o meu desagrado foi evidente. E eficaz.

Sinto logo o cheirinho de alguma coisa no forno (por favor, que sejam scones, por favor, por favor, que sejam scones!); as luzes estão todas acesas, criando um ambiente acolhedoramente perfeito nesta cinzenta tarde de fevereiro.

– Tia Kathie, trouxe-mos pétalas para ti! – grita a Lyla, antes até de despir o casaco e descalçar-se.

Ontem passámos na Dovington's para dois dedos de conversa e uma chávena de chá – chocolate quente para a Lyla –, e a Terri deixou a miúda arrancar as pétalas das flores que não se venderam. A minha filha ficou encantada por poder fazer uma coisa tão adulta – e que eu nunca a deixo fazer lá em casa, ainda que hoje em dia não passem muitos ramos de flores pela nossa porta. Guardei as pétalas todas num saco de papel e mandei uma mensagem à Kath, sabendo que ela se lembraria de algo genial para fazer com elas. E agora só espero que, seja o que for que vamos fazer com as pétalas, se prolongue pela tarde inteira, para eu não ter de me ir embora, usar o cérebro ou ouvir os meus próprios pensamentos.

Apanho o casaco e os sapatos que a Lyla deixou espalhados à entrada e sigo-as até à cozinha. A Lyla já trepou para um dos sólidos bancos de madeira da bancada, tirou as pétalas do saco e dedica-se agora a espalhá-las cuidadosamente, com a ajuda da Kath.

– Oh, Lyla, olha só para esta, tem uns salpicos amarelos, consegues ver? Hmm... cheira esta, querida. Que cheirinho doce, não?

Da porta da cozinha consigo perceber que a Lyla leva muito a sério este processo de triagem, cheirando, acariciando e inspecionando diligentemente cada uma das pétalas, à medida que a Kath fala nelas.

Quando entro, a Kath ergue a cabeça e o nosso olhar encontra-se. Nos últimos anos, temos feito isto algumas vezes. Eu n'O Vazio e a Kath a dar-nos colo. O Vazio chega-me em ondas. Nuns meses, são piores; noutros, menos más, mas ultimamente parecem rebentar contra mim com muito mais força do que o habitual. E, depois de uma manhã destas, confesso que me estou a esforçar

imenso para as aguentar. Vejo no rosto bondoso da Kath um lampejo de reconhecimento e sei que ela sabe como me sinto. Ainda que meio destrambelhada, a Kath é extremamente astuta. Adoro não ter de me sentar e articular palavra a palavra cada um dos sentimentos horríveis que tenho na cabeça. De conseguir dizer «socorro» com um único olhar.

A Kath dirige-se ao fogão e, de caminho, estende a mão e aperta-me carinhosamente o ombro – que é provavelmente o máximo que eu aguento sem desatar a chorar. A Kath não faz ideia do horror que se revelou a nossa manhã-IKEA, e eu acho que não ia conseguir falar nisso. Apercebendo-se da minha relutância, ela mete mãos à obra e começa a tratar do seu famoso chocolate-quente-à-moda-antiga – com ela, não há cá chocolate em pó e água a ferver, oh, não! Verte leite para uma caçarola e põe-na ao lume, parte pedaços de *chocolate verdadeiro* lá para dentro e vai mexendo cuidadosamente. Depois, abre o forno e tira de lá um tabuleiro com scones (YESSS!). Vai ao frigorífico buscar um frasco de doce e um potezinho de manteiga, tapado com uma touca minúscula, e põe tudo na mesa. Num segundo, está de novo junto da Lyla, que continua a brincar com as pétalas, cantarolando para si uma canção sobre fadas e magia e todas as coisas doces que habitam a cabeça das meninas.

Espero que essas imagens permaneçam para sempre na sua cabecinha. Oxalá eu também as tivesse...

– Oh, Bluebird, adoro essa canção que estás a cantar – comenta a tia Kath. E, segredando-lhe ao ouvido: – Sabes, eu acho que vi fadas no meu jardim no outro dia. Pensei logo em ti e em como ias adorar vê-las...

– Viste?! – pergunta a Lyla, de olhos muito abertos.

– Vi! Da próxima vez que as encontrar, vou contar-lhes tudo sobre ti e essa canção maravilhosa.

A minha filha ilumina-se ao olhar para a Kath. Gosto tanto de ter alguém que lhe alimente esta magia, alguém a quem ela se sinta ligada desta maneira. Quem me dera que esse alguém fosse eu, a cada minuto de cada dia, mas neste momento é-me extremamente difícil.

Sento-me no banco alto, ao lado da Kyla, e dou um gole no meu chocolate quente acabado de fazer. Parecem pequenas gotas de céu. O scone ainda está morno e sabe ainda melhor só de saber que a Kath os fez especialmente para nós. Quando me sinto assim, não me apetece interagir com ninguém, mas também não quero ficar sozinha. A Kath sabe disto e deixa-me estar.

– Muito bem, Menina Blue, e que vamos nós agora fazer com estas pétalas? – pergunta ela à Kyla, num engraçadíssimo tom falsamente autoritário.

– Hmm... brincar com elas? – responde-lhe a Lyla, esperançada, enrolando uma madeixa entre os dedos e sorrindo de antecipação. Ela *sabe* que a Kath tem um plano.

– Bom, ou as prensamos e as preservamos, ou esmagamo-las e fazemos perfume. O que é que achas?

– As duas coisas!

Lindo... É mesmo minha filha.

– Muito bem. Fazemos as duas coisas.

– Boa, vamos fazer um perfume para a mamã!

E lá se dedicam elas a esmagar as pétalas no almofariz de mármore da Kath, criando uma papa floral e colocando depois uma colherzinha em cada um dos quatro frascos de vidro antigos, com lindíssimos floreados, que a Kath foi comprando em feiras,

mercados e vendas de garagem. Acrescentam água e, de vez em quando, pedem-me para cheirar as suas criações. Claro que todos cheiram ao mesmo – a material orgânico típico das floristas, para ser franca –, mas a Lyla faz questão de nos contar solicitamente que poder secreto cada perfume contém.

– Este é o teu, mamã. Sempre que o puseres, vais ficar com o coração feliz.

O meu coração infeliz quase se parte. De certa maneira, ela saberá como eu me tenho sentido em baixo nestes últimos meses. Ela ama-me sem agenda ou expectativa. Tento não chorar e digo-lhe:

– Oh, Lyla, este é o cheirinho de perfume mais perfeito que alguém já me deu na vida. Vou usá-lo todos os dias e ficar com o coração mais feliz deste mundo e mais além, porque foste tu que o fizeste e mo deste.

O rosto dela resplandece num sorriso.

Trocamos uns mimosinhos, enquanto a Kath vai buscar a prensa para flores. Consigo ver-lhe um sorriso divertido no rosto, ao sair da cozinha. Ela sabe o que está a fazer.

Vinte minutos depois, estamos as três completamente absortas no delicadíssimo processo de prensar flores. O Vazio começa a desvanecer-se.

Vamos seleccionando cuidadosamente as melhores pétalas, deixando que a escolha final seja da Kyla. Servindo-nos de pinças, pousamo-las sobre um lenço de papel, colocamos outra folha por cima, metemo-las na prensa e, por fim, quando cada camada de madeira, lenço de papel e pétala fica pronta, colocamos as porcas e os parafusos na máquina, apertando bem. É um trabalho delicado e metódico – exatamente aquilo de que eu preciso para me concentrar e aplicar. Desconfio que a Kath planeou esta atividade precisamente

para chegar a este resultado, ainda que ela finja que se tratou de uma ideia que surgiu no momento.

Por fim, a Kath dá a mão à Kyla e leva-a lá acima, para, num gesto cerimonial, colocarem a prensa de flores num armário de secagem, onde permanecerá durante as próximas semanas – de modo a garantir-nos *as melhores flores secas de Cambridge*. E eu aproveito a pausa para observar pela janela o magnífico jardim da Kath.

Tal como a sua casa, o jardim foi também totalmente «kathyzado». Sobre altos «caules» de arame grosso, a Kath prendeu pratos ornamentais na vertical, como se fossem girassóis, com taças de vidro coloridas a fazerem de centro, criando bonitas esculturas decorativas. Há espanta-espíritos e vidrinhos espelhados pendurados nos ramos nus das árvores, e, se olharmos de perto, vemos inesperadas fadas de loiça a espreitarem por entre silvas e arbustos. Lembro-me de me sentir absolutamente fascinada por elas, quando tinha a idade da Lyla. A Kath sempre teve uma aura tão mágica... Às vezes, deixa-me completamente doida, é verdade. Ainda não encontrei o saca-rolhas depois da sua limpeza de Ano Novo, e desde então ela tem vindo a *embelezar* as minhas cadeiras da cozinha com assentos acolchoados com padrões espalhafatosos – que eu não pedi e de que não posso, por razões óbvias, desfazer-me. Mas, em dias como este, onde estaria eu sem ela?

Saltitante, a Lyla regressa à cozinha com a Kath calmamente atrás dela.

– Já te sentes um bocadinho melhor, amor?

– Sim. Tenho andado meio... sobrecarregada com tudo, entendes?

– Entendo, claro. Acontece-nos a todos. E tu só tens de avançar com o pé direito, querida. Avançares até à casa da tia Kath, por exemplo, para um pouco de amor e carinho e scones – acrescenta com um sorriso.

Aproxima-se e envolve-me num terno abraço. Geralmente, sinto-me incomodada com este tipo de manifestações de carinho, mas hoje aceito-o de bom grado. A minha filha, sempre desejosa de qualquer tipo de afeto, chega-se a nós e abraça-me pelo outro lado, deixando-me como recheio de uma sanduíche Kath-Lyla. E, curiosamente, isso deixa-me emocionada.

– Ooh, mamã, estás esborrachada em amor!

Tem razão. Pois estou. Sinto o coração completamente cheio neste momento, graças a estas duas almas, ligeiramente malucas e absolutamente fabulosas.

A caminho de casa, a Lyla dedica-se a debitar os nomes de todas as fadas do jardim da Kath, enquanto eu aproveito para pensar. Este tempo que desfrutei em casa da Kath permitiu que o meu cérebro esquecesse por algumas horas a minha culpa-de-mãe e estado generalizado de letargia.

Apercebo-me de que, ultimamente, sinto-me mais viva quando estou a criar ou a fazer coisas relacionadas com a minha profissão. E também quando estou com outras pessoas. Não propriamente a socializar – não, por favor, não! –, mas estando apenas com outros adultos.

Decido pedir à Natalie que me atribua mais trabalhos, para voltar a sentir-me viva e com espírito positivo. Atualmente, estou a fazer dois ou três eventos a cada quinze dias, mas, com a Lyla devidamente integrada na escola, a ajuda da Kath e a recém-descoberta flexibilidade do Simon (a Storie ensinou-o a ser «fluido»

como a energia da terra), sei que consigo perfeitamente dar conta de três ou quatro eventos – ou mesmo mais. E, quem sabe, sair desta névoa em que me sinto afundada.

Há duas ou três semanas, andava stressada ao ponto de me esvair num pranto só de pensar em aceitar mais trabalho. Por isso, o facto de considerar essa hipótese – pensar em trabalhar um pouco mais e assumir mais responsabilidade pela minha vida – parece-me um passo gigante.

E vou fazê-lo.

A Lyla para com a ladainha das fadas.

– Mamã, estás a sorrir! Pareces feliz como um arco-íris depois da chuva.

Eu não tinha reparado, mas ela tem razão.

Talvez a chuva tenha parado.

Segunda Parte

**«A sorte favorece os
audazes»**

Dez

Março

A primavera está mesmo aí ao virar da esquina, e hoje tenho o dia todo só para mim. O Simon e a Storie deixaram a Kyla na escola – certamente que foram o caminho todo no seu novo carro elétrico, a ouvir a playlist de música-espanta-espíritos de que ela gosta e que a Lyla diz parecer alguém a bater suavemente com talheres em copos. Ultimamente, tenho tido demasiado tempo só para mim. Começo sempre o dia com grandes planos. *É hoje* que vou limpar a estante das tralhas e pôr a cadeirinha de bebé da Lyla no eBay, para ver se ganho umas massas. *É hoje* que vou reduzir o meu roupeiro a metade e doar tudo aos mais necessitados. *É hoje* que vou à Tesco comprar uma miscelânea de cartões de aniversário para ter em casa, para nunca mais ser apanhada de surpresa e ter de revirar tudo para encontrar um. *É hoje* que vou cozinhar uma série de refeições saudáveis para congelar e comer mais tarde.

Só que esse *hoje* nunca acontece. Esses *hojes* nunca aconteceram na minha vida. Sonho com eles, com esses *hojes* que nunca acontecem.

Em vez disso, sinto-me ansiosa e sozinha, aguento horas e horas de programas da tarde, que passam na TV, ou perco-me na parafernália diária de *vlogues* do YouTube – com gajas que parecem ter vidas muito mais glamorosas do que a minha e que são mães fantásticas. Se me sentir particularmente em baixo, vou à pastelaria da esquina e presenteio-me com um galão gigantesco e cheio de espuma, e uma descomunal fatia de bolo de chocolate, antes de ir comprar comida (a arca não se governa só com pizzas e douradinhos de ir ao forno) e buscar a Lyla à escola. Tudo isto será feito comigo

de leggings todas deformadas à volta dos joelhos e uma camisola XL. É um look que eu tento que pareça «elegante e sem esforço», como os que as celebridades usam nos festivais, mas que em mim resulta apenas «sem esforço».

Ainda assim, sei que *hoje* vai ser o dia. Não consigo deixar de pensar na conversa animadora da Lacey, bem como na ideia que me surgiu em casa da Kath, e isso dá-me imenso alento. Este vai ser *mesmo* o raio do dia em que vou tirar o máximo partido do tempo que tenho só para mim e riscar coisas da minha lista.

Vamos lá a isto:

Duche e esmero no visual. Isto até podia ser um dado adquirido, mas os comentários da Val fizeram-me perceber quão desleixada tenho parecido ultimamente, e sei que tenho de me esforçar mais. Duas vezes num mês, no meu caso, será um recorde!

Pôr à venda no eBay as coisas da estante-das-tralhas. Há anos e anos que ando a acumular naquele espaço coisas que não uso. Se existisse um concurso de Tetris da vida real, com acessórios de bebé e criança, eu ganhava de caras. Tenho metade da *Mothercare* acumulada numa estante debaixo das escadas. A notória escassez de romance na minha vida sugere claramente que não haverá mais Lylas pequeninas a caminho, por isso, chegou a hora de me ver livre de tudo aquilo. Tal como do minitrampolim que comprei no ano passado, achando que o usaria todos os dias para ficar mais tonificada que a Julia Roberts no *Pretty Woman*, numa questão de meses. Na verdade, saltei nele quatro ou cinco

vezes, o suficiente para me lembrar de quão complicado foi o parto da Lyla. Graças à minha bexiga, os meus dias de minitrampolim chegaram rapidamente ao fim.

Limpar e arrumar a mala de maquilhagem e – sê corajosa – mandar uma mensagem à Natalie a pedir-lhe mais trabalhos. Aqui para nós, que ninguém nos ouve: eu adoro arrumar a minha mala de maquilhagem. Há algo de muito catártico em lavar pincéis e limpar produtos um a um. Caixinhas minúsculas de cor e brilho. Tubos de base e de corretor que garantem o *santo graal* da pele perfeita. Paletas que se abrem com um clique prazeroso, num esplendor de montinhos redondos de todos os tons possíveis e imaginários: uns neutros, outros iridescentes, outros que não conseguimos sequer imaginar como incorporar num look de maquilhagem (verde-ácido, estou a falar contigo). E isto é perfeitamente possível para hoje. Definitivamente, a nossa lista tem de ser exequível.

Treinar. Há dois anos que sou sócia do ginásio, e raramente lá fui. Foi a minha mãe que me ofereceu a inscrição, numa das suas visitas, e eu, ainda hoje, não sei se me senti grata ou insultada. Mas ainda tenho o cartão, por isso, vou encher-me de coragem e dar-lhe uso.

Pronto: lista feita (num envelope de uma conta de telefone por abrir), à qual poderia quiçá acrescentar o item «abrir envelopes com fatalidades iminentes» – mas creio que também não devo ser completamente irrealista.

Chegou a hora de aproveitar o dia!

Depois de um longo duche, que incluiu depilação das pernas e exfoliação – oh, como eu me mimei hoje! –, perco uns minutinhos a analisar o meu roupeiro e a escolher algo que não seja elástico ou em malha de algodão.

Isto é decididamente mais desafiante do que eu julguei. Tirando aqueles vestidos para ocasiões especiais (uso sempre os mesmos cinco em casamentos, batizados ou festas de aniversário) e a minha camisa branca boa – que agora tem uma nódoa de vinho tinto, bolas! –, tudo parece indicar que o meu dia a dia se reduz a jeans, t-shirts, camisolas largas e leggings. Isto é *ridículo*.

Desisto rapidamente (a história da minha vida) e opto por calças de treino e t-shirt, porque ninguém no seu perfeito juízo pensaria em arrumar uma estante de tralhas com roupa não confortável. Que absurdo.

Espantada comigo própria, vou até lá abaixo, escolho a lista «Motivação», no Spotify, e começo a esvaziar a estante por baixo das escadas com uma energia que eu não achava possível existir em mim às 9h45 da manhã. Este é o meu dia! Estou a conseguir! Primeiro, retiro as coisas que ainda uso, como o aspirador, a esfregona e o escadote, e levo-as para a cozinha. Arredada a primeira camada, passo para os «artigos de triagem». Não sem algum esforço, tiro a cadeirinha de comer, a do carro, o chassis do carrinho de passeio, o carrinho de passeio, o chapéu de sol do carrinho de passeio (esta miúda só pode ter tido passeios «cinco estrelas», pelos vistos), o assento evolutivo *Bumbo*, a cadeira de descanso vibra-e-embala... e, de repente, esta traz-me algumas memórias. Lembro-me que foi objeto de discussão entre mim e o Simon, em plena *Mothercare*, com ele a dizer que era

obscenamente cara e eu a argumentar que precisava dela para desfrutar de uns momentos de paz, a bem da minha sanidade mental. Continuando... uma caixa de plástico transparente cheia de brinquedos, um regador de plástico partido, um abajur esborrachado, uma miríade de latas com restos de tinta dos tempos da minha avó e um saco do lixo gigante, cheio de cartão colorido, da minha fase «*decoupage*» de há três anos. Com tudo espalhado aleatoriamente pela entrada e corredor, consigo finalmente aperceber-me da quantidade de tralha que andei a acumular nos últimos anos – e sinto-me subitamente esmagada.

Regresso à estante para ver se me esqueci de alguma coisa e eis que me deparo com a minha velha caixa forrada a conchas. Seguro-a nas mãos, passando os dedos por cada uma das conchinhas envernizadas. De formato A4 e bastante funda, foi um presente da Kath, de uma das suas viagens pelo Mediterrâneo, com o marido, teria eu os meus treze anos. E desde esse dia que passou a ser a minha caixa de memórias. Fui guardando lá dentro fotografias, postais, bilhetes de espetáculos, amuletos da sorte (como um estranhíssimo *troll* em miniatura, de cabelo ruivo) e a pulseirinha de plástico que a Kyla usou na maternidade quando nasceu. É tão bom rever tudo isto... À medida que vou rebuscando coisas, sinto as minhas memórias a regressarem aos poucos. Quando chego ao fundo da caixa, encontro todas as notas e bilhetes que fui escrevendo ao longo dos anos, com listas e memórias e pensamentos sobre o mundo à minha volta. Esqueci-me que em tempos fazia isso. Tiro-as para fora e começo a lê-las. Os pensamentos que anotei, naquele inesquecível dia em que descobri que estava grávida. Duas fotografias da Lyla no dia da chegada a casa (devia pô-las no álbum, junto às minhas com o Simon, de

quando fomos viver juntos). Uma belíssima fotografia de mim e da Lacey em biquíni, no quintal de casa dela. Teríamos uns catorze anos, e lembro-me do calorão que estava nesse dia e da sensação de sermos fabulosas e invencíveis. Descubro ainda umas páginas arrancadas de um caderno de notas, já gastas de terem sido tantas vezes dobradas e desdobradas. Sei perfeitamente do que se trata. Quando eu me fui abaixo por o Simon ter saído de casa, a Lacey não se cansava de repetir como tinha sido fantástico eu ter tido a Lyla. Carregar e dar à luz aquela bebé tão linda. *Eu* fiz isso. E, se consegui fazer isso, dizia ela, conseguiria qualquer coisa. Abro as folhas e começo a ler:

Faz hoje dez dias que a Lyla entrou nas nossas vidas. Já me parece uma década. Todos os dias se fundem num só, quando não se dorme à noite. Ninguém me avisou que amamentar ia ser tão difícil. Sei que toda a gente diz que é para criar laços com o bebé e que «o elo do leite materno é eterno», mas, caramba, acho bem que valha mesmo a pena. Neste momento, é como ter constantemente três quilos de carne presa a mim. Quando ela mama, é como se me estivessem a arrancar milhares de fiozinhos de algodão de dentro do peito e através dos mamilos. De cada vez que ela mordisca, arrepio-me e faço caretas de dor. Isto não tem nada que ver com os anúncios das mãezinhas vestidas de cinza-suave, instaladas no quarto de bebé mais arejado e perfeito do mundo. Sinto-me tão enganada. Isto é horrível!

Estávamos a ver «Grand Designs» quando aconteceu. O Kevin McCloud estava a falar num «edifício perfeitamente integrado na paisagem bucólica em seu redor», ou uma

merda do género, quando, de repente, me rebentaram as águas. Sem aviso prévio, sem contrações, apenas um esguicho gigante que me estragou irremediavelmente o sofá!

Ligámos para a maternidade e disseram-nos que esperássemos até eu começar a sentir contrações. Assim que desliguei, começaram. De início, eram tão ligeiras, que eu achei que as mulheres em trabalho de parto eram todas umas exageradas, mas ao fim de duas horas as coisas começaram a aquecer. Eu rebolava-me no sofá, enquanto o Simon assistia seraficamente ao noticiário das dez, até que não aguentei mais. Depois de conseguir encaixar a minha barriga gigantesca no lugar do passageiro, arrancámos para a maternidade.

Como de costume – e mesmo entre contrações –, encetámos uma discussão no parque de estacionamento. Ele assumira que eu tinha posto de parte alguns trocos para o parquímetro, uma vez que lhe tinha garantido que «estava tudo pronto». Idiota. Referia-me obviamente ao «tudo» relacionado comigo e ao bebé.

Uma vez no hospital, as coisas começaram realmente a acontecer – e não em modo «respirar-calmamente-e-pensar-no-maravilhoso-bebé-que-aí-vem». Passei por toda a sorte de exames internos (basicamente, mulheres variadas que eu não conhecia de lado nenhum a enfiarem-me os dedos), faixas a apertarem-me a barriga enorme para monitorizarem o ritmo cardíaco do bebé, máscaras de gás anestésico («para atenuar a coisa» – haha!) e muito vomitado. Parece que só raramente há quem enjoie com a anestesia e, sorte a minha, eu faço parte dessa percentagem mínima.

Foi o caos. Eu estava um caos. Queria tanto ser como aquelas mulheres a quem a coisa corre lindamente... Que «aguentam tudo» e dão à luz um maravilhoso bebé cor-de-rosa, e, com a cria nos braços, erguem os olhos plenos de felicidade para os maridos.

Depois de mais quatro horas de contrações tão dolorosas, que só me apetecia esmagar os punhos contra as paredes, chegou a hora de fazer força. Por esta altura, já estava tão drogada, que me sentia completamente fora do tempo e do espaço... e sozinha. Era como se eu estivesse realmente longe de toda a gente, sem conseguir comunicar nada com ninguém.

Estive uma hora a fazer força, até que finalmente a minha parteira (inquietantemente jovem) sugeriu recorrer a «uma ajudinha». Fórceps. Gigantescos talheres de salada metálicos enfiados pela minha vagina para «ajudar» a tirar o bebé cá para fora. Lembro-me vagamente de me estar nas tintas. Seria expectável que nos importássemos com esse tipo de coisas, mas eu nunca me tinha sentido assim tão desesperada, por isso, balbucie qualquer coisa do tipo «faça o que for preciso, foda-se, desculpe os palavrões, mas tire-me essa coisa aí de deeeeeentro!»... e aguentei-me.

Os minutos seguintes foram para mim um absoluto borrão. Havia dor e pessoas e nem uma réstia de dignidade, até que, de repente, a Lyla estava neste mundo.

O seu corpinho magricela foi-me colocado sobre o peito, e eu apercebi-me de que estava a segurar a minha filha. Uma vida acabada de nascer, feita e entregue por mim, pousada sobre o meu peito.

Por uns segundos, vi-a apenas como «a coisinha mais pequenina do mundo inteiro». Senti logo que éramos uma equipa. Tinha estado ali dentro todo este tempo, e agora eu segurava-a cá fora, protegendo-a do ar frio com as minhas próprias mãos e com parte da bata do hospital... O meu precioso bebé.

Toda a gente diz que esquecemos tudo. Mas eu não quero esquecer, e é por isso que estou agora a pôr tudo por escrito. São 3h07 da manhã. A casa está em silêncio total. O Simon está a dormir – sorte a dele – e a minha bebé pequenina também, no berço dela, mesmo ao meu lado. Olho para ela. Conseguiria ficar a olhar para ela horas e horas e horas.

Também se diz que sentimos um ímpeto instantâneo de amor, mas não é assim que eu o descreveria. Para mim, o amor é suave, carinhoso e quente. Sinto, sim, um ímpeto de ferocidade. Se alguém, em qualquer momento ou situação, tentasse magoar esta minha filha perfeita, eu matava-o. Sinto-me instantaneamente protetora, sem me importar com o que quer que me aconteça. Vou cuidar dela.

Ergo os olhos das folhas. De facto, eu fiz aquilo.

E também vou fazer isto.

Começo a juntar as coisas todas para as arrumar na caixa. Tenciono dar-lhes a devida atenção mais tarde, quando não estiver a aproveitar o dia. Quando estou prestes a fechar a caixa, reparo num postal com um coração à frente. É do Simon e diz: «Felizes seis meses Ro-Ro, amo-te para todo o sempre, Simon.» Uau, esta doeu.

A bem da verdade, nem me lembro de ter conhecido o Simon Dessens – só sei que ele está na minha vida desde sempre. As nossas mães eram amigas e trabalhavam juntas no centro comunitário, por isso, o Simon e eu brincávamos juntos desde que tínhamos a idade da Kyla. As nossas mães tratavam das reservas para os eventos e clubes, geriam a caixa para as despesas pequenas, tratavam da correspondência, abasteciam a copa de café, chá, açúcar e leite, e faziam arranjos florais. Ambas tinham um imenso orgulho na organização da festa do verão e, não obstante os seus sorrisos e cumplicidades, eram ambas ferozmente competitivas. Pelo modo como falavam do seu trabalho, dir-se-ia que dirigiam as Nações Unidas. O Simon e eu ajudávamos nos centros de dia (cada vez com mais relutância, à medida que ficávamos mais velhos), servindo refrescos aos reformados e enfileirando as cadeiras, no salão, para as reuniões de nutrição e controlo de peso.

Por volta dos nossos dezasseis anos, apaixonámo-nos. Éramos ambos tímidos, criados sob severas regras de mães autoritárias. Éramos como que a *mantinha de conforto* um do outro e, por isso, sentíamo-nos profundamente ligados. É claro que aos dezasseis raramente nos compreendemos a nós mesmos, quanto mais à complexidade dos relacionamentos decentes e profundos; por isso, achámos imperativo entrarmos os dois para a mesma universidade. Ficámos relativamente perto de casa e licenciámo-nos na Warwick – ele, com 15 a Geografia; e eu, com 14 em Média e Comunicações. Como é óbvio, quando aos dezoito anos tivemos de escolher um curso, não fazíamos ideia do que queríamos fazer da vida.

Acabei por frequentar um curso noturno de maquilhagem artística. E gostei tanto – muito mais do que da universidade –, que

gastei nele o montante total do meu crédito de estudante. A pedido das nossas mães-com-síndrome-de-ninho-vazio, mudámo-nos para Cambridge, e aos vinte e dois anos engravidei da Lyla. Comecei a trabalhar como freelancer em maquilhagem artística, para casamentos ou companhias de teatro amador. E o pai do Simon arranhou-lhe um emprego seguro numa fábrica local de pontas de broca. Foi assim que conseguimos garantir um rendimento que dava para pagar a renda da nossa minúscula casa geminada.

Na nossa jovem e bem-aventurada ignorância, decidimos que o que ganhávamos dava para criar um filho e ficámos felizes com a gravidez. Apesar das nossas idades e manifesta falta de experiência de vida, as nossas mães também ficaram encantadas; toda a gente adora a ideia de um bebé. Ainda que eu soubesse secretamente que o que a minha mãe gostava mesmo era de exhibir às suas amigas do Rotary Club os conjuntinhos de bebé que comprava na John Lewis. Mas, enfim, tínhamos quem traçasse por nós todo o mapa das nossas vidas. E por mim estava tudo ótimo. Que mais podia uma rapariga desejar?

A dada altura, estava eu grávida de quatro meses, o Simon decidiu presentear-me com um fim de semana romântico. Imaginem: noites de luar, a boémia de becos e ruelas, a Torre Eiffel iluminada à distância, o cheirinho a genuína comida francesa a invadir-nos suavemente as narinas, convidando-nos a comer e a rir, a trocar olhares, apaixonando-nos cada vez mais um pelo outro... Aha, hilariante! Esqueçam tudo isso e imaginem um parque de campismo no Lake District e uma tenda húmida num gélido início de primavera – foi aí que ficámos. Imaginem-me enfiada numa tasca com cheiro a fritos, toda vestida com roupa impermeável, emprestada pela minha mãe, e terão uma imagem bastante próxima da realidade. Muito

longe do charme exuberante de uma escapadinha a uma cidade europeia. Junte-se a isto o frio, a humidade e um *constante* estado de náusea (não sei porque lhe chamam «enjoos matinais» quando, na verdade, dura o dia inteiro), e esta não será a imagem maravilhosa do amor, pois não? Ainda assim, no segundo dia, depois de uma caminhada de duas horas por um cenário bonito mas cinzentão, o Simon ajoelhou-se e pediu-me em casamento.

Olhei para ele, com os seus óculos de aspeto frágil, todo encharcado num anorake, e soube logo que a coisa acertada era dizer que sim. A coisa acertada, atenção. Não a coisa-de-fazer-tremer-os-jelhos ou a coisa-c'um-caraças-não-acredito-que-isto-me-esteja-a-acontecer. Eu sabia – ou achava que sabia – que ele iria cuidar de mim e do bebé para todo o sempre. Às segundas, iríamos às compras ao supermercado; às sextas, jantaríamos *takeaway*; e, se nos sentíssemos mesmo muito ousados, sairíamos num sábado à noite para beber um copo. Ele *nunca* me deixaria, *jamais* defraudaria os nossos planos e expectativas. Era uma aposta segura, e ele, um homem decente. E eu amava-o. Por isso, disse que sim.

Passemos dois anos em *fast forward*... e a minha *aposta segura* tornou-se maçadora, muito mais maçadora do que eu jamais antecipei. Não só estava farta do Simon, como o Simon estava farto de mim. A Lyla tinha vindo ao mundo depois de horas e horas de dores excruciantes, num trabalho de parto de muito suor e lágrimas – e na semana mais quente desse verão. Logo a seguir, vimo-nos embarcados no mundo da privação de sono, fraldas malcheirosas, discos de amamentação amarelados, cadeirinhas-auto tão complicadas de pôr e tirar, que só faltou recorrermos a uma máquina de criptografia, e comida processada. Nunca na minha vida

me senti tão pouco sexy. Deixei de aceitar trabalhos temporários e perdi-me no universo da maternidade. Eu queria *tanto* ser uma daquelas mamãs sexy, deslizando pelo lar em skinny jeans aveludados e vaporosas blusas *bohemian style* e colares de contas de madeira e um olhar a transpirar bondade e tranquilidade... E queria ainda mais ter um séquito de amigas mamãs, com quem me sentar em esplanadas nas manhãs de sol, falando das coisas queridas que os nossos espantosos maridos nos tinham dito nesse dia, antes de nos beijarem amorosamente e saírem para mais uma jornada de trabalho. Mas, tal como em muitas outras coisas que eu vim a descobrir, as expectativas raramente coincidem com a realidade e, de facto, essa vida é uma grande chatice. Cada vez me apetecia menos sair de casa só de pensar na parafernália de coisas que tinha de carregar, nas refeições que tinha de fazer, nas sextas que tinha de acompanhar – quanto mais combinar saídas de manhã cedo com um punhado de outras recentes mamãs. Assim, decidi desistir de tudo isso, resignando-me à confortável rotina das sanduíches de ovo mexido e idas ao lago dos patos, só eu e a minha filha. Mas era solitário. Muito solitário, mesmo. Sentia-me realmente a única pessoa do mundo a ter de cuidar de um bebé, não tinha ninguém com quem falar e vivia dias iguais e monótonos, apenas interrompidos pela chegada do Simon a casa, ao fim da tarde, para ver os seus documentários. Olhando para trás, creio que foi este o início d'O Vazio. A minha mãe «não queria interferir», por isso, a Kath revelou-se a minha única e verdadeira salvadora, passando lá por casa quase todos os dias e enchendo-me o frigorífico de coisinhas boas.

O Simon progrediu na sua carreira na empresa, tornando-se rapidamente vice-diretor. Não tínhamos nada em comum, nada do

que falar, nada que amássemos profundamente em conjunto, à exceção da Lyla. A nossa perfeita Lyla Blue Wilde. Como ainda não tínhamos dado o nó – é difícil arranjar-mos entusiasmo para planejar um casamento quando cheiramos a leite azedo e o nosso noivo mal nos dirige a palavra –, ela ficou com o meu apelido. Combinámos que, quando casássemos, também teria o dele.

A nossa relação chegou ao fim muito tempo antes de ele ter saído de casa. Se não tivéssemos tido a Lyla, creio que nos teríamos afastado aos poucos, à medida que crescemos; e tenho quase a certeza de que ele não me teria pedido em casamento. Já não éramos os mesmos adolescentes, unidos na rebeldia contra as nossas mães prepotentes. Tudo o que o Simon queria era trabalhar no duro e ter uma família perfeita (com mais três filhos!), e eu tinha-me transformado numa concha, descurando a minha identidade e transformando-me numa mamã-zombie. Hoje sei também que, antes de ter a Lyla, nunca cheguei a saber muito bem quem era. Era demasiado nova, e revelou-se difícil agarrar-me fosse ao que fosse quando passava os meus dias enfiada em casa ou a deixar-me entorpecer em universos pueris, dando o meu melhor pela Lyla, mas sem nunca conseguir identificar-me com as outras *mamãs* – muito menos ficar amiga delas. É duro admiti-lo, mas estou convencida de que sofri de depressão pós-parto. Nunca me atrevi a falar disso com ninguém nem nunca procurei ajuda junto da minha médica, não fosse ela achar que eu era a pior mãe do planeta. Então, esforcei-me por ignorar a questão, escondê-la de tudo e de todos. Ao longo do tempo, e depois de muitas horas perdidas em chats de fóruns de jovens mães (momentos que representavam a minha única socialização diária), comecei a sentir-me mais esclarecida e também bastante melhor. Hoje, posso dizer que foram aquelas

desconhecidas dos fóruns que conseguiram arrancar-me do buraco, fazendo-me sentir que não estava sozinha a afundar-me num terrível vazio. Quem me dera poder agradecer-lhes.

Ao ver, agora, estas fotografias da Lyla em bebé – os três a sorrirmos para a câmara, porque eu estou a esconder a minha tristeza –, arrependo-me de não ter falado mais cedo com alguém, de não ter pedido ajuda... Se o tivesse feito, teria certamente aproveitado mais os tempos de bebé da minha filha e, mesmo hoje, poderia estar a usufruir um pouco mais dela.

Pouco antes do Natal, teria a Lyla seis meses, o pai do Simon sofreu um acidente de viação que o deixou com as duas pernas partidas e a anca deslocada. Foi horrível. Assim que ele teve alta do hospital, a mãe do Simon enfrentou sérias dificuldades para tratar do marido (e, sendo a mulher orgulhosa que é, nunca conseguiu admitir isto), e o Simon e eu esforçámo-nos imenso para os ajudar a ambos a ultrapassarem a situação. Isso afetou-o profundamente, muito mais do que alguma vez pensei ser possível. A sua vida perfeita, mundana e imperturbável sofreu um forte e violento revés. Algo dentro dele estilhaçou. Pediu um período sabático de três meses na fábrica e decidiu que precisava de viajar, conhecer o mundo e viver a vida – da forma certa e pela primeira vez. E quis fazê-lo *sozinho*.

Deixou-nos em maio, de mochila às costas, e viajou para o Tibete. Aquilo foi a coisa *menos Simon* que ele fez na vida, e eu achei que não me ia importar. Por essa altura, já estava de tal modo entorpecida, que nem forças tinha para me ralar com o que quer que fosse. Limitava-me a deixar que a vida passasse por mim, enquanto descascava maçãs, dava banhos e cuidava da Lyla o melhor possível. Lembro-me que a Lacey ficou completamente enraivecida

com ele. «Imagina que também te apetecia pirares-te para o Tibete?! Jamais o farias! Não ias deixar a tua filha! Que egoísta de merda!» Lembro-me de a ouvir dizer isto, indignadíssima, enquanto eu consentia em silêncio, com a Lyla ao colo. Estava tão exausta, que nem forças tive para reagir. Agora, depois destes anos de reflexão, acho que a Lacey tinha toda a razão. Eu nunca me permitiria pegar no *meu* tempo e fugir com ele. E jamais teria deixado a Lyla. Nunca.

Regressar a estas memórias faz-me perceber até que ponto preciso mesmo de pedir à Natalie que me dê mais trabalhos; mereço fazer *aquilo que quero* – pela primeira vez, desde há não sei quantos anos. Vou falar com ela hoje mesmo.

Lembro-me de ter pensado na altura que nos faria bem uma pausa – ao Simon e a mim. A ausência aumenta a paixão, e essas tretas todas. A Kath começou a aparecer lá em casa praticamente todos os dias, e eu aproveitei para sair mais com a Lacey, para irmos às compras ou para o nosso chá-com-dois-dedos-de-conversa na salinha da florista. Pouco depois, ela apresentou-me à sua vizinha Natalie e, cumprido um período de experiência, esta contratou-me como sua assistente. Ganhei subitamente um objetivo, um propósito que não o de fazer biberões ou dar pão aos patos. Saía de casa *sozinha* e dedicava-me a algo em que era boa. E claro que a Kath adorou a oportunidade de poder ficar mais tempo com a Lyla. Chegámos mesmo a estabelecer uma rotina de modo a permitir-me uma saída à noite com a Lacey, de quinze em quinze dias. Senti que algo na minha vida voltara a brilhar – e não tive de preparar uma mochila para isso.

Entretanto, o Simon também aproveitou para se autodescobrir. Só que não se descobriu apenas a ele próprio: também descobriu a

Caroline, uma massagista de Peterborough de dezoito anos – que prefere que a tratem por Storie (com um I e um E, por favor). A fulana tinha viajado para o Tibete para encontrar a Natureza, a sua terra-mãe. O Simon disse-me, mais tarde, ter sentido uma «ligação natural e poderosa» com a Storie, durante um retiro no topo de uma montanha, e que ela (a Storie com *ie*) o convenceu de que seria uma fatalidade se ambos ignorassem essa ligação.

Surpreendentemente, não fiquei tão chateada quanto pensei que ficaria. Ao longo daquele verão, também eu tinha saído da casca. Não completamente, mas o suficiente para me sentir novamente viva e perceber que estava melhor sem ele. Cheguei à conclusão de que não precisava que ele tomasse conta da Lyla, ou sequer de ter vida social. Tinha começado a ganhar bastante dinheiro, saía e divertia-me q.b., e sentia-me algo mais do que apenas «a mamã». Separámo-nos no outono, deixámos aquela casa e combinámos uma partilha bastante flexível na custódia da Lyla.

O meu pai e a tia Kath já tinham internado a minha fragilizada avó numa fabulosa residência para idosos, e o mais lógico para mim foi alugar a casa dela. Era perfeita para nós as duas: a renda era baixa, permitia-me ficar ali pela zona e tinha uma certa aura familiar – que era tudo do que eu precisava naqueles primeiros tempos de solteira. Isto mostra até que ponto a Kath é especial. Mesmo não sendo filha dela, sempre me tratou como se fosse, e considera-nos, a mim e à Lyla, uma *dádiva preciosa* na sua vida. Infelizmente, o mesmo não se pode dizer da minha mãe. Em vez de se oferecer para ficar uns tempos connosco e ajudar-nos nesta fase, perguntou-me se eu tinha noção da asneira que tinha feito e onde é que *eu* tinha errado na relação, para o Simon ter «fugido com uma flausina com idade para ser filha dele». Pois... A Mrs. Wilde, a minha

querida mãe, foi a pessoa que menos me apoiou nessa fase da minha vida. Ah, e ainda não me perdoou.

O Simon mudou-se com a Storie para uma vivenda com painéis solares, espanta-espíritos e uma horta biológica em vez de um jardim – e têm sido muito felizes por lá. Ela não é má pessoa, apenas completamente diferente de mim. E, a bem da verdade, do próprio Simon – razão pela qual, provavelmente, se dão tão bem. É suposto os opostos atraírem-se, certo?

Quando, finalmente, fecho a minha caixa-revestida-a-conchas cheia de memórias, sinto uma onda de satisfação. Já nenhuma destas lembranças me magoa como antes. Já não as sinto como sendo ataques pessoais, que me provocavam ansiedade e crises de choro; são apenas fragmentos da minha história, e, hoje em dia, já lido bem com isso.

Perco um momento para olhar à minha volta, para aquilo que consegui fazer esta manhã, e sinto-me verdadeiramente feliz.

Nunca tinha pensado sequer em desfazer-me da tralha que estava debaixo das escadas, porque achava que isso me faria sentir como se estivesse a destruir definitivamente a infância da Lyla, a minha vida com o Simon, a família que eu sempre sonhei construir. Todas estas *coisas* representavam momentos ou troféus de uma fase da minha vida, mas, agora, espalhadas pelo corredor, de pé ou de cabeça para baixo, parecem-me apenas pedaços de plástico de que eu me quero desfazer.

E não é que a cómoda pareceu triplicar de tamanho?

Passo as duas horas seguintes de desinfetante e rolo de papel de cozinha em riste, limpando as coisas todas e arrumando-as mais cuidadosamente no corredor. Depois, levo as peças uma a uma até

à sala, fotografo-as, listo-as no eBay e volto a arrumá-las no corredor. Cada artigo listado deixa-me mais e mais entusiasmada. Há anos que ando a adiar esta tarefa e ter, finalmente, posto mãos à obra transmite-me uma incrível sensação de leveza, não apenas da cómoda mas de mim mesma.

À hora do almoço tenho tudo feito.

As coisas de bebé estão limpas, listadas e arrumadas, as coisas de uso diário voltaram para a cómoda e – viva, viva!, – arrastei os meus blocos de gavetas para debaixo das escadas; por isso, finalmente arranjei um sítio decente para guardar todos os meus produtos de maquilhagem profissional. Agora, tenho mais espaço para os organizar (isto representa um fantástico *upgrade* à prateleira de cima do meu roupeiro) e não perco tempo nenhum a procurar o que quero, ou a perceber exatamente o que tenho em stock.

Guardo cuidadosamente a caixa de memórias no fundo da cómoda e dirijo-me à cozinha para fazer um chá. Sinto-me lindamente. Hoje fiz alguma coisa. E fi-la sozinha e por mim. Sinto soltar-se de mim um pedacinho d'O Vazio. Bebericando o meu chá, decido mergulhar de cabeça, aproveitar esta energia recém-descoberta e obrigar-me a ir ao ginásio.

Ora bem, sou a primeira a admitir que nunca fui propriamente uma viciada em ginásio. Longe disso. Tenho um peso saudável para a minha altura, mas os níveis de fitness de uma lesma. Uma lesma que rastejou até um canteiro, morreu e foi engolida de uma só vez por um pássaro, entenda-se.

Aguento dez minutos de passadeira, dez de bicicleta, dez de elíptica, e dou por terminada a coisa. Estive na sala de tortura e mexi-me. Isso conta. «Treinei».

Para mim, o melhor de uma ida a qualquer ginásio (e tenho quatro por onde escolher) são os balneários.

Sento-me num banco corrido e mergulho na minha mala de maquilhagem. Depois, dirijo-me ao espelho e, com todo o tempo do mundo, arranjo cuidadosamente as sobrancelhas, misturo bases até obter o tom ideal e combino duas tonalidades de sombra que se fundem numa só, num look luminoso perfeito. Por fim, aplico o batom orquídea-púrpura, que nunca me atrevo a usar. Apetece-me muitas vezes experimentá-lo, mas acabo por dizer a mim mesma que não vale o esforço: «hoje não é um dia suficientemente especial» ou «não vou a nenhum sítio que o mereça». Pois bem, hoje sinto-me digna e especial; o dia parece-me de certo modo notável, virei um capítulo ao não permitir que as minhas memórias me dominassem e sinto-me digna. Passo o batom pelos lábios e, num segundo, o meu rosto surge vibrante. Além disso, sinto-o. *Estou vibrante.*

Já não sou a exaustão dos meus dias solitários. Sou a cor vibrante do meu batom. Sou digna de skinny jeans, maquilhagem e tempo para treinar. Mereço o espaço a mais nas minhas cómodas. Pela primeira vez desde há muito tempo, não sinto a névoa baixa d'O Vazio e experimento uma centelha de excitação. Tal como as primeiras campânulas da primavera, também eu me sinto a renascer.

Vou buscar a Lyla à escola. A Val observa-me de olhos semicerrados, enquanto atiro um «boa tarde» pleno de confiança a Mrs. Barnstorm, e desvia o olhar quando eu lhe aceno. Dou a mão à minha filha e saio da escola de cabeça bem erguida. Passamos uma tarde fabulosa a dançar pela casa fora, ao som da minha playlist «Motivação», comemos pratadas de esparguete e aninhamo-nos no

sofá a ver o canal *CBeebies*. Sinto-me tão melhor hoje, que nem sequer me importo com as cantilenas infantis «para boi dormir» ou as surreais personagens destes desenhos animados.

À hora de deitar, a Lyla confessa:

– Mamã, adoro quando és tão divertida.

Também eu, querida, também eu.

Onze

– Primas, primas! Eu quero ir à frente! – grita a Piper, assim que saímos de casa da Lacey.

– Não sabes que já ninguém se rala em ir à frente ou atrás? – pergunta a Lacey à irmã.

– Então, não te importas que vá eu, certo?

– Obviamente que não.

– Detesto dar-vos esta notícia, mas, por acaso, eu gosto mesmo é de ir atrás, por isso, vamos no carro da Lacey. Piper, podes ir à frente, que eu vou atrás a ouvir as vossas habituais discussões durante o caminho todo.

– Não vamos discutir. O carro do Karl tem sistema de navegação por satélite – diz a Lacey, calmamente.

– Mas isso não dá garantias nenhuma, contigo atrás do volante... – lança-lhe a Piper.

– Por amor de Deus, parem! – queixo-me. – Isto é suposto ser um dia fantástico. Já não vou às compras há não sei quanto tempo, a Kath fica-me com a Lyla nas próximas seis horas e eu quero mimar-me! Não faço ideia do que comprar, por isso, preciso de vocês... mas não assim!

– Assim como? – perguntam as manas em uníssono.

– Assim... tipo... irmãs! Por favor, foquem-se na vossa amiga triste, cansada e fora de moda, que finalmente vendeu umas tralhas no eBay, tem uns trocos para gastar e quer ficar sexy!

– Desculpa, Robsy.

– Sim, desculpa, Robin, tens toda a razão. Ainda bem que quiseste sair. Tens andado tão em baixo... Prometo que vai ser um dia fantástico.

Meio envergonhadas, as meninas lá entram para a frente do BMW X5 preto, do Karl, e eu instalo-me atrás, pronta para o mais perfeito dia-de-meninas-às-compras. Depois de ter conseguido vender a parafernália da estante das escadas, aproveitei o embalo, limpei o sótão de cima a baixo e ainda fiz mais uns trocos no eBay. Guardei algum – para me sentir uma adulta responsável – e decidi gastar o restante em coisas só para mim. Já estava mais do que na hora de renovar o meu guarda-roupa e voltar a sentir-me bem comigo mesma. E, sobretudo, deixar de me esconder dentro de t-shirts largueironas com nódoas de comida e leggings velhas e esburacadas.

Para ajudar à festa, a primavera chegou em todo o seu esplendor. Veem-se botões cor-de-rosa por todo o lado, já todas guardámos os casacões de inverno e eu preciso de um toque de vida e de cor no meu armário!

Entramos no centro comercial, arejado e reluzente, e a Piper passa logo para modo «líder».

– OK, vamos ter de atacar o problema de frente. – Olha-me com ar profissional. – A primeira coisa de que precisas é de uns bons pares de jeans. Uns de tipo casual e outros com mais estilo...

– Estilo?

– Sim, para saídas com gajos, festas, cocktails...

– Ah... isso.

– Depois, vais precisar de tops. Modelos sexy, de ombros à mostra, para te realçarem as clavículas; outros, mais simples e largos, para saídas durante o dia; e uns mais práticos, mas giros, para o trabalho. De seguida, passamos para uns saltos altos decentes. Aposto que só tens calçado prático e raso – acrescenta, olhando para as minhas sabrinhas velhas e superusadas.

– Eu prefiro o prático e raso – observo.

– Sim, mas os saltos são sexy – argumenta a Piper, levemente chocada com a minha obsessão em sentir-me confortável com o que visto e calço.

– Assim que tratarmos dos básicos, passamos para os vestidos e acessórios – prossegue ela. – Que tipo de carteira é que usas no dia a dia?

– Geralmente, enfio tudo numa mala... tipo saco.

– *Tipo saco?* – Dá ideia de que usei um termo que ela desconhece por completo.

– OK, pronto, uma mala nova, tudo bem – concedo-lhe.

Passamos a manhã a correr lojas e balcões, com a Piper no papel de líder, tipo sargento, a acariciar amorosamente peles macias, cachemiras fofas e sedas suaves – coisas que, em mim, ficariam péssimas. Enquanto isso, a Lacey vai tirando fotografias a coisas que quer, com o intuito de «facilitar a vida ao Karl quando chegar o meu aniversário». Tem cá uma sorte por ter alguém que adora mimá-la...

Por volta das duas da tarde, ficamos oficialmente «livres das compras». Eu, em êxtase total com as minhas «coisinhas novas e lindas»; a Piper, encantada com o seu recém-descoberto talento como estilista; e a Lacey (que eu apanhei várias vezes a olhar com expressão triste para roupinhas de bebé), sem saldo no smartphone de tantas mms que enviou ao Karl.

Decidimos dar por terminada a sessão de compras e festejar com uns belíssimos cocktails. Atravessamos a rua e entramos no *Nola*, um dos sítios de eleição da Piper.

– À Robin e ao seu novíssimo guarda-roupa *technicolor*! – exclama a Piper, erguendo o copo.

– À Robin, que, para aproveitar ao máximo este seu investimento, está prestes a embarcar numa série de encontros escaldantes! – brinda a Lacey.

– Obrigada, amigas. Vocês são incríveis. Sinto-me maravilhosa! Sei que tudo isto pode parecer uma loucura, mas eu sinto que a minha vida toda está prestes a mudar. Tenho todas as ferramentas de que preciso para ficar e para me sentir fantástica. Vai ser de facto uma grande, grande mudança na minha vida.

– Pois... uma mudança – murmura a Piper, olhando pela janela para as pessoas que saem do centro comercial, carregadas de sacos.

– Hmm, Terra chama Piper? O que é que se passa, por favor? – quer saber a Lacey.

– Nada, nada... – diz a Piper, acariciando o pé do copo de cocktail e olhando em volta para as outras mesas, cheias de casais e grupos de amigas, também elas com sacos de lojas de marca.

– Não me venhas com os teus *nadas*. Vê-se perfeitamente que se passa alguma coisa.

– Bom, eu não queria dizer para não estragar o nosso dia... – diz ela, olhando para a irmã. – E também preferia esperar até estarmos com a mãe e o pai, mas...

– Oh, meu Deus, estás grávida! – dizemos eu e a Lacey ao mesmo tempo.

E trocamos um olhar cúmplice, um momento de partilha entre melhores amigas, uma típica situação de completa sintonia uma com a outra.

– Não! Meu Deus, não! Mas... também estou prestes a viver uma grande mudança e, como já disse, só te ia dizer quando a mãe e o pai estivessem presentes, mas...

– Desembucha! Se não estás grávida, é o quê, afinal? – diz a Lacey. E eu noto-lhe um certo tom cortante na palavra «grávida», que creio que a Piper não terá detetado.

– Vou mudar-me.

– Ora, isso não é novidade nenhuma – comenta a Lacey. Fico com a sensação de que não consegue disfarçar um certo alívio por não se tratar de uma gravidez – que ela compreensivelmente invejaria.

– Para Nova Iorque – declara a Piper, deixando de brincar com o copo e olhando para nós.

A Lacey mergulha num silêncio inquietante.

Os nossos olhos dardejам de umas para as outras, sem sabermos quem deve falar primeiro.

Cerro os dentes e rompo o silêncio:

– Que maravilha, Piper. Nova Iorque é *fantástica*!

– Sim, obrigada, pois é... Em janeiro, fui a Londres para uma entrevista; no mês passado, fizeram-me a segunda por telefone e, finalmente, ofereceram-me agora o lugar de curadora assistente numa galeria do East Village. Achei que seria um disparate não aceitar e ver até onde isso me leva. – A Piper olha para a Lacey, esperando que ela diga alguma coisa. – Não é para sempre, Lacey, é só uma experiência como outra qualquer... – Falha-lhe a voz ao reparar na expressão chocada da irmã. Está visivelmente ansiosa para que ela reaja.

E reage mesmo:

– A Robin está certíssima, isto É uma maravilha! Tenho tanto orgulho em ti, minha maninha! Nova Iorque! Foda-se! – A Lacey mostra-se absolutamente extasiada com a notícia, a expressão resplandecente de orgulho.

A Piper e eu soltamos em simultâneo uma gargalhada nervosa, aliviadas com a reação da Lacey. E chocadas por a ouvirmos dizer palavras.

A Lacey ergue o copo e exclama:

– À minha mana fantástica! Voando do ninho diretamente para a Big Apple!

Passamos as duas horas seguintes a beber cocktails e a falar nas coisas todas que *a nossa menina* vai fazer, nas celebridades de quem, sem sombra de dúvida, se tornará amiga e nas visitas que tencionamos fazer-lhe. Estamos as três nos píncaros, ainda que, bem lá no fundo, eu não consiga deixar de sentir uma pontadinha de inveja. Detesto isso, mas não consigo evitar.

Estou feliz pela Piper, claro. Quero que ela tenha o maior sucesso por lá, que esta seja a melhor fase da sua vida, mas eu também gostaria de sentir uma felicidade assim. Jamais me sentarei num bar com a minha irmã e a melhor amiga para lhes comunicar que me vou mudar para o outro lado do mundo para viver uma excitante aventura. Há já muito tempo que, quando O Vazio me atinge, a menor contrariedade me parece a pior tragédia do mundo. Além de que, mesmo que eu fosse moderna e aventureira como a Piper, jamais poderia ir por causa da Lyla. Sou mãe e não me posso nunca colocar em primeiro lugar.

Tento animar-me pensando que posso ser apenas a Robin, a mãe solteira, mas agora sou a Robin, a mãe solteira com apps de encontros no telemóvel, fabulosos pares de jeans e uns *stilettos* vermelhos que me fazem parecer e sentir incrível e fabulosa.

Posto isto, chega de me martirizar com coisas que estão pura e simplesmente fora do meu alcance.

Doze

As coisas começaram a aquecer nos sites de namoro online. Sempre que tenho um momento livre, verifico o telemóvel e... lá estão elas, as novas mensagens. Sentada no parque de estacionamento da escola, ao solzinho primaveril do meio da tarde: namorisco um bocadinho. Enquanto espero que a Natalie termine um trabalho para depois irmos para casa: uma sedução aqui, outra ali (é impressionante o que esta mulher se esforça, mesmo já depois de findo o dia de trabalho; sem o exemplo dela, eu limitava-me a arrumar as tralhas e a ir-me embora). A beber um chá, enfiada numa camisa de noite com nove anos e uma manchinha quase invisível de sangue menstrual (mas que eu sei que lá está): oh, sim, que sexy que eu sou, vamos lá namorar!

O Craig é um PT que adora a vida ao ar livre, bons vinhos e viajar. Estamos há horas num chat empolgante, com troca de galhardetes, e a química é eletrizante. Não menti, é certo, mas talvez tenha embelezado um nadinha a verdade dizendo-lhe que trabalho por conta própria como maquilhadora artística e que a maioria dos meus trabalhos são em Londres. No fundo, é quase verdade: por vezes, acompanho a Natalie a Londres e também trabalho por conta própria – ainda que apenas em maquilhagens para noivas ou domicílios, para quem tem uma ocasião especial nesse dia. Não referi o meu fraquinho por pijamas velhos, o ódio por ginásios ou o facto de nunca ter passado férias senão em Inglaterra ou no sul de França, em criança, com os meus pais. Ah, e também não mencionei a Lyla. Mas pronto, vai correr tudo bem.

A Piper aconselhou-me a nunca dar o primeiro passo, a deixar que me conquistem – o que me parece bastante jurássico nesta era,

mas, como pelos vistos tem resultado com ela, faço o que ela diz. Mais tarde, e depois da alegre troca de mensagens, ele acaba por me convidar para beber um copo.

Tenho um encontro! Um encontro a sério, daqueles da vida real! Fico tão excitada com a ideia, que faço um *print screen* da conversa toda e mando-a à Piper, à Lacey e, acidentalmente, à senhora que me comprou alguns artigos de bebé no eBay. Depois de lhe enviar umas desculpas esfarrapadas, mergulho na excitação de debater exaustivamente, com as meninas, todos os pormenores do putativo encontro – e passo um serão maravilhoso a planear toda uma vida com o Craig. Adorava dizer que não me deixei levar pela emoção, mas confesso que, ter criado um *Quadro de Casamento* no Pinterest (esquema cromático creme e sálvia, pormenores rendados e sombrinha feita de flores para a Lyla levar na mão) talvez tenha sido um nadinha exagerado.

O dia seguinte é passado num clima de profunda exaltação – e O Vazio não passa agora de uma memória distante. A deixar a Lyla na escola, mostro-me tão animada e enérgica que até a Finola se impressiona. E olhem que ela está a pé desde as cinco da manhã, para o seu habitual passeio de cinco quilómetros com os cães! Sinto-me mesmo muito bem. O Craig gostou de mim, olhou para mim (através das fotos que lhe mandei nos meus melhores ângulos) e não viu uma mãe solteira desleixada e com uma vida de merda. Viu uma mulher atraente, com quem tenciona ir beber um copo. Isso faz-me sentir aprovada. Já só faltam vinte e quatro horas.

Até que, estando eu alegremente a descascar cenouras para o lanche da Lyla, recebo uma mensagem dele a dizer que, afinal, não quer que nos encontremos.

Diz que me acha «uma mulher fantástica», mas que na realidade não anda à procura de uma relação estável e que iludir-me seria cruel.

Oh.

Mais uma corrida, mais uma viagem pelo mundo masculino. A bolha da aprovação rebenta, o ânimo dissolve-se totalmente e, ainda que me recrimine por isso, sinto-me de novo na merda.

Passam-se cinco dias, e nada de *scrollings* insípidos e intermináveis por homens-de-sites-de-namoro. A Lyla e eu fomos convidadas, pela primeira vez, para irmos ao Soft Play, com a Finola, a Gillian e as crianças. O Soft Play é um sítio onde as mães vão largar as crianças (para se comportarem como verdadeiros selvagens), enquanto bebem café merdoso e tentam não pensar nas vidas que tiveram antes. Como quando iam a restaurantes sem menus infantis e não traziam no fundo das carteiras pacotes de toalhetes abertos e usados.

As crianças desaparecem a correr, qual alcateia de lobinhos, para gastarem a sua dose inesgotável de energia. E eu estou decidida a causar boa impressão. É a Gillian quem começa com a troca de cortesias maternas.

– Que bom teres sugerido este programa, Finola. Às quartas-feiras, a Clara fica sempre muito inquieta. Tem natação às segundas e xadrez às terças, mas, quando chega a quarta, já está aborrecida e pronta para libertar energia.

Será que eu devia inscrever a Lyla neste tipo de atividades? Sempre pensei que levá-la à Dovington's podia ser considerado uma atividade extracurricular, mas pelos vistos não é. Foi a primeira vez que a Finola e a Gillian me desafiaram para vir com elas, e já

estou a aprender imenso. Nota mental: inscrever a Lyla numa atividade. Ou em seis.

Fiel a si mesma, a Finola reage com um esgar de falta de pachorra:

– Um total e absoluto disparate, essas atividades todas. O que as crianças precisam é de uma bela corrida pelo campo ou outro exercício físico a sério.

– Tal como os cães? – brinco eu, ainda que algo aliviada por a Lyla não precisar de nadar nem de jogar xadrez nem... do que quer que se passe às quintas-feiras.

– Exatamente como os cães. Se eu deixo uma das cadelas na carrinha quando vou ver os cavalos, ela fica absolutamente passada. Temos de as soltar, fazê-las correr e encher-lhes os pulmões de ar saudável. Assim, descansam melhor. E com as crianças é a mesma coisa. A Honor nem é muito problemática, mas, se o Roo não fizer pelo menos uma hora ou duas de exercício físico por dia, é um autêntico desastre, acreditem.

Ela é tão direta, que nos faz sentir que estamos no gabinete do diretor da escola.

– Pois... de facto, ele parece divertidíssimo – comento, observando o pavilhão cercado, com três metros de altura e apinhado de crianças aos pulos.

As nossas dedicam-se a atirar bolas umas às outras. A Honor e o Roo parecem liderar o combate, a Clara retalia com todas as suas forças e a Lyla parece meio retraída, segurando uma bola e limitando-se a observar a cena. Identifico-me de imediato com ela, com a diferença de que estou a segurar um café e a ouvir. Suspiro e resolvo deixá-la à sua sorte. Foi provavelmente o que a Finola fez toda a vida com os dela, e aqui está o resultado – o Roo pendurado

numa barra ao mesmo tempo que atira duas bolas à irmã com todas as suas forças.

– São uns anjinhos... – murmura a Gillian, sem pitada de sarcasmo. Não deve estar a ver o mesmo que eu.

A Finola resolve mudar de assunto, claramente farta de conversa condescendente sobre filhos.

– Robin, tenho andado para te perguntar: que cena foi aquela do outro dia, contigo toda pinoca, bem maquilhada e penteada e cheia de pulseiras?

Calculo que se esteja a referir àquela manhã em que eu parecia uma verdadeira gata.

– Bom, aqui para nós, que ninguém nos ouve, resolvi pensar um bocadinho mais em mim, para variar.

– Ooohhh, há moiro na costa, então? – guincha a Gillian, parecendo interessada, ainda que sem tirar os olhos da Clara – que se entretém a bater selvaticamente no Roo com um rolo em espuma. Que anjinhos, de facto.

Vamos lá ver uma coisa: eu não quero ser malcriada. Estas duas podem muito bem vir a ser minhas amigas, por isso, tenho de ir com calma. Alinho no espírito.

– Bom, não que eu ande à procura, mas, se me aparecer alguém, não me vou fazer de esquisita – digo, com uma falsa risadinha nervosa para dar um ar casual à coisa.

– Não me venhas com essa. Eu percebo logo quando uma das nossas cadelas está no cio. Fica logo com uma aura especial. Como a que tu tens neste momento.

– Ora, Finola, hahaha... não me estás a comparar com uma cadela, pois não?

Espero mesmo que não. O blush que tenho na cara é *Charlotte Tilbury*, e não o resultado de nenhum comportamento canino-concupiscente, obrigadinha...

– Ora, somos todos animais, querida. E podemos dizer muito sobre uma mulher apenas pela sua postura. Acho que fazes um trabalho extraordinário com a Lyla e, se te apetecer juntar um terceiro elemento a essa equação, fazes muitíssimo bem. Fico feliz por ti, a sério.

Isto é só a Finola a ser simpática. Pensando bem, prefiro a comparação com a cadela.

– Oh, obrigada, Finola. Para ser franca, ultimamente até ando à procura, sim, mas as coisas não estão a correr lá muito bem. Creio que a minha meia-laranja não anda mesmo por aí – digo, brincando com um pacote de açúcar.

A Gillian, a doce, tímida e querida Gillian, estende uma mão para a minha – que continua a segurar o pacote de açúcar e subitamente não sabe o que fazer com ele. Espero que ela retire a mão a tempo de o açúcar não começar a derreter e me deixar toda pegajosa.

– Robin, tu sempre deste o teu melhor pela Lyla e és linda e inteligente. Qualquer homem será um sortudo em ter-te a seu lado – diz ela, na sua vozinha doce e melódica.

Dou por mim a pensar que nunca ouvi a Gillian gritar. Aliás, não a imagino a fazer outra coisa que não cuidar amorosamente da Clara e do Paul – e talvez chorar a ver a série *Chamem a Parteira*, aos domingos, com uma caixa de lenços de papel ao lado e outra de bombons com recheio de laranja.

A Gillian diz isto com tanta doçura e sinceridade, que só me apetece desatar a chorar. Nunca pensei que ela achasse isto de mim – para ser franca, nem ela nem ninguém. Parece-me algo

demasiado grandioso para alguém dizer, sobretudo uma MEC. De resto, assumi que me tinham convidado só para *fazer quórum*.

Engulo as lágrimas e volto-me para a zona das brincadeiras, onde o Roo se defende agora com o seu próprio rolo em espuma. A Lyla, de bracinhos esticados, esforça-se por estabelecer as tréguas. A Honor olha para eles como quem se está definitivamente nas tintas.

– Sabes o que é que precisas de fazer, minha querida?

Não, mas pelos vistos a Finola está prestes a elucidar-me.

– Voltares a subir para cima do cavalo. Avançares com o pé direito, sem tretas nem falinhas mansas. O meu irmão Jeffrey caiu de um garanhão quando tinha quinze anos e partiu os dois braços. Quatro meses depois, estava de regresso à garupa, e não lhe ouvimos mais uma palavra sobre o assunto. E é isso que tu precisas de fazer. Pegares nos teus pincéis e aplicadores, e sei lá eu que mais se usa hoje em dia, e tentares de novo. Tu consegues, miúda!

Que Deus abençoe a Finola, a *Bruta*, e a Gillian, a *Amorosa*. Como água e azeite, mas cada uma delas a ser precisamente aquilo de que eu estava a precisar. Ainda me sinto um pouco estranha e deslocada – e a achar que devia ter vestido qualquer coisa às riscas brancas e azul-marinho –, mas acho que já comecei a aprender a amá-las um bocadinho.

Treze

Estou finalmente a fazê-lo: a agarrar o touro pelos cornos. Apoio-me em todas as citações inspiradoras que encontro no Pinterest e sinto-me lindamente com isso.

Há cinco longos dias, estava eu no carro, à espera que a Lyla acabasse o ballet, quando o aceitei *como amigo*. Charles, 32, analista de dados e a viver apenas a um quilómetro e meio daqui. É ligeiramente mais velho do que eu e tem emprego. As fotos pareceram promissoras: uma de rosto, uma a preto e branco e outra a fazer esqui. Porque será que *todos* os homens disponíveis, de *todas* as aplicações de encontros, fazem esqui? Será que leram *todos* o mesmo manual de como se tornarem irresistíveis? Que todos leram algures um conselho do género «Malta, só para que saibam, as miúdas ficam doidas com fotos de esquiadores»? Detenho-me numa das fotos que ele me enviou, todo aperaltado para uma saída à noite – provavelmente para eu ver até que ponto é charmoso e altamente requisitado. Meu Deus, isto seria trágico se não fosse ridículo – mas quem sou eu para criticar?

Seja como for, gostei do perfil dele: «Gosto de preguiçar, adoro a noite, dentro ou fora de casa, procuro uma companheira para partilhar o tempo livre, alguém que goste de conhecer pessoas novas.» Estão a ver? Isto é ótimo! Soa-me a um tipo perfeitamente normal e fixe. A Lyla está a passar o fim de semana com o pai e a Storie, e de certeza que está bem, pois foram para um festival de soul, naturalmente.

Estou de tal maneira habituada a que a vida se resuma ao «Show da Robin & Lyla», que estes momentos de libertação me deixam ligeiramente em pânico, sobretudo com esta história do

Charlie, o Charmoso. Faz-me lembrar quando, com doze anos, tive a minha primeira visita de estudo, num promissor fim de semana em Lake District. Foi tudo divertidíssimo, fartámo-nos de rir e brincar na viagem de autocarro, eu e a Sarah McGarthy devorámos um quilo de M&Ms e partilhámos a página de escândalos da revista Mizz. Só que, quando lá chegámos e nos deparámos com a residência de estudantes (escura e húmida, com a alcatifa nojenta e as camas a cheirarem mal), só me apeteceu desatar a correr de volta para casa.

A Natalie diz que a sorte favorece os audazes, e este tipo de afirmações lapidares já deram provas de resultar com ela. Por isso, decidi seguir-lhe o exemplo. E, assim, passadas duas semanas, quinze *matches* e mais *swipes* do que aqueles que eu me atrevo a confessar, temos encontro! Ah... e, contrariando a regra da Piper, fui eu que fiz o convite. Será o meu primeiro encontro a sério. Chegou a hora de ir à luta, com a nítida noção de que fiz tudo certo. Perdi demasiado tempo a arranjar-me, o que me deixa algo irritada, sobretudo por ter quase a certeza absoluta de que o Charmoso nem sequer se preocupou em passar um pente pelo cabelo. *OK, para com isso, Robin. Tenta não desconsiderar e atacar o Charles antes sequer de o conheceres.*

Cheiro lindamente. E isso é importante. No entanto, espero não *cheirar de mais* – um perfume não deve gritar, mas sussurrar. Na semana passada, depois de uma sessão fotográfica, trouxe para casa uma série de amostras de colónia Jo Malone. Não foi propriamente *roubar*; foram uma gentil oferta de uma empresa de RP e, se eu não as tivesse trazido do estúdio, provavelmente teriam ido para o lixo. Hoje, encharquei-me nelas. Tinha pensado guardá-las para uma ocasião especial e esta pareceu-me muito adequada. Depilei-me – não integralmente, claro, uma cena perfeitamente

respeitável –, exfoliei-me e apliquei autobronzeador. Apenas nos sítios que se veem, claro: braços, pernas, pescoço e rosto. Nua, pareço um quadro de arte abstrata. Dei por mim a pensar: «E se o analista de dados de trinta e dois anos me vir nua?» Não, claro que tal não vai acontecer, porque eu nunca faço *isso* num primeiro encontro.

Mas... e se me apetecer fazer? Deus, já nem sequer me lembro de como é que se faz.

Decidi bronzear-me toda e acabei extremamente desconfortável (para usar um eufemismo) ao aplicar o creme amarelado nas bochechas do rabo. Optei por um vestido de algodão da ASOS, em estilo *navy*, giro mas discreto. Elegante, mas pouco sensual. Ora, quero lá saber, estou gira! Ainda por cima, calcei as minhas *pumps* douradas e sinto-me fantástica. Quer dizer... sinto que posso fazer umas gotas de chichi nas cuecas, se fizer algum movimento súbito ou dramático, mas isso é normal, não? Combinámos encontrar-nos às oito, num bar todo trendy junto ao Rio Cam. Aquele que tem lâmpadas com os filamentos à mostra e onde toda a gente bebe Aperol Spritz⁶. Pus toda a gente que gosta de mim a par da minha saída e acionei o *Find My Friends* no telemóvel, não vá ser raptada. Considerei levar o spray de gás pimenta e o alarme antiviolação (versão porta-chaves), mas a minha malinha só dá para uma das coisas, por isso, optei pelo alarme. A tia Kath sempre me proibiu de sair de casa sem ele, argumentando que ela própria o leva para o Clube do Croché. Estou, portanto, preparada para tudo.

E também cheguei antes da hora. Merda. Não me apetece nada entrar e sentar-me sozinha, como uma solteira perdida, com os olhos cravados na porta. Por isso, deixo-me ficar no carro e abro o Instagram. Porque é que *eu* não tenho o sol a entrar-me em casa,

filtrado por suaves cortinas de musselina, incidindo numa lindíssima jarra antiga ouro-rosa, cheia de peónias, estrategicamente colocada numa mesa de centro de antiquário? Tenho de tratar disso, caramba, eu... Merda, ele vem aí!

Um homem vagamente parecido com o Charles das fotos passa à frente do meu carro e dirige-se à porta do bar – e quando digo *vagamente* estou a ser muito simpática. Esta é claramente uma versão bera das suas fotografias. Charles, o Charmoso, decidiu vestir jeans largueirões, com um daqueles cintos que fazem lembrar os cintos de segurança dos aviões, numa versão mais estreita. Conjugou isto com uns mocassins velhíssimos – que provavelmente terá comprado nos seus dias de universitário – e uma camisa cinzenta de manga curta. Haverá alguma coisa mais repugnante do que uma camisa de manga curta? Tem um rosto pontiagudo, o Charles. Bem mais pontiagudo do que nas fotografias, sem dúvida, e a pele é meio amarelada – de certeza que não comeu vegetais neste milénio. Talvez o Charles nunca saia de casa. Ou talvez se tenha dedicado de alma e coração a este patético outfit e veja, nesta noite, a mais excitante aventura da sua vida. Tenho de dar uma oportunidade ao Charmoso. *Sai lá do carro, Robin, e vai ver se a personalidade dele o safa.*

Quarenta e cinco minutos e um copo de rosé depois, percebo que não se safa mesmo. O Charles não é O Tal. O nosso diálogo começa a dispersar-se e a perder cada vez mais o interesse, e sinto-me completamente incapaz de manter esta conversa de chacha.

– Então, és analista de dados... Consiste exatamente em quê? – arrisco de novo.

– Bom, eu não sou analista de dados no sentido tradicional do termo. Prefiro concentrar-me em criar as infraestruturas da base de dados que os analistas usam no dia a dia – é esta a resposta *chatíssima* do Charles, que parece ter alguma dificuldade em tirar os olhos das minhas mamas. Decididamente, *não estou* impressionada.

– Ah... Uau, isso deve ser... gratificante, não?

– Sim, por vezes é.

A química atingiu o seu auge. Ao minuto cinquenta e cinco, já falámos da decoração do bar, das relativas vantagens do carro dele em relação ao meu Micra, do facto de ele desconhecer que os maquilhadores artísticos têm assistentes e também de quantos encontros é que cada um de nós teve até agora, através do *MatchMe*. (O Charles inscreveu-se na app há oito meses e eu sou o seu segundo encontro.) Também dediquei algum do meu tempo a tentar calcular qual a força da corrente do rio a esta hora. Só porque me apetece muito atirar-me e fugir a nado.

Quando o Charles muda para o tópico «níveis de erosão», eu decido que já não aguento mais. Se não sair daqui agora, vou ter de me embebedar até à morte, com esta sumptuosa carta de vinhos. E acho que um «desculpa, mas tu és tão chato, que só me vêm à cabeça diferentes maneiras de te matar» é capaz de ser um nadinha exagerado. Por isso, decido ter a atitude mais madura de que me lembro: mentir.

– Ai, meu Deus, Charles! Lembrei-me *agora*! Tenho de estar em casa para receber uma encomenda. Ai, merda, tenho de me ir embora! Merda, merda!

OK, não é a mentira mais fantástica do mundo...

– Uma encomenda às nove da noite? – pergunta ele, genuinamente surpreendido.

Porra, Charles, deixa-me dar-te a banhada com alguma dignidade.

– Sim, sim, é uma coisa... muito... especial.

Mas onde é que eu quero chegar com isto, afinal?

– Do que é que se trata?

Charles, *por favor!* Parece-me demasiado ingénuo, e não sei se isso será bom.

– Prefiro não dizer. É um assunto... médico.

Médico? Por que raio é que eu disse isto? Agora, pareço-lhe doente ou drogada. Uma viciada cheia de classe, à espera de uma entrega de produto às nove da noite de uma sexta-feira... Porque é que não lhe disse simplesmente que me doía a cabeça? Que merda se passa comigo? Mas já é tarde de mais, vou ter de manter esta treta até conseguir pirar-me daqui. Levanto-me e pego na mala. O Charles não me tenta beijar, mas insiste em acompanhar-me ao carro.

Revolvo a *clutch* à procura da chave do carro, com a ideia de o distrair de uma provável tentativa de despedida afetuosa. Saco do comando e pressiono o botão, aliviada por não ter de sacar o molho todo das chaves (ele *não precisa* de ver o porta-chaves que a Lacey me ofereceu há anos, uma pila com um parzinho de olhos amorosos). Até que... UÉÓ UÉÓ UÉÓ UÉÓ UÉÓ UÉÓ UÉÓ UÉÓ!!!...

Caramba! Não era o comando do carro, era a porcaria do alarme antiviolação.

Todas as alminhas presentes no parque de estacionamento, bem como outras que estão cá fora a fumar calmamente um cigarro,

estão de olhos postos em mim. O Charles está com um ar horrorizado e confuso, enquanto eu me esforço em vão por calar aquela porcaria dentro da mala. Já há gente a aproximar-se de mim – provavelmente achando que o Charles me atacou –, e o alarme não se cala. Estou tão, mas tão corada de vergonha, que sinto que a minha cara pode derreter a qualquer momento.

Por fim, consigo desligar aquela coisa e murmuro uma idiotice do género «mais vale prevenir do que remediar». O Charles está literalmente petrificado (caramba, eu praticamente o acusei de ser um potencial violador, coitado). Despede-se, desejando-me «tudo de bom com a minha encomenda médica», e eu agradeço-lhe o simpático serão. Não há cá beijos para ninguém. Ainda estamos em choque.

A caminho de casa, não consigo deixar de me sentir envergonhadíssima e ligeiramente imbecil. Que fracasso completo! Nunca mais, mas nunca mais mesmo volto a entrar no *MatchMe*. Nunca mais.

– E então? Como é que foi com o sensualão do Jacob? – quer saber a Lacey, que passou cá em casa para um café.

– Hmmm, nada de especial, Lace. Nada de especial mesmo.

Estamos em finais de março, numa prazerosa tarde de sábado. Depois do meu desastroso encontro com o Charles, o Charmoso, a Lacey conseguiu convencer-me a dar mais uma oportunidade aos sites de namoro online. E hoje veio saber como correu o último encontro. Eu não conseguia tirar da cabeça as palavras de ânimo da Finola e, então, plena de otimismo, resolvi aceitar o convite de um tal de Jacob Greener, que me pareceu muito giro. Louro, com aquele tipo de penteado que desafia as leis da gravidade, graças a

gel, espuma ou apenas um ego desmesurado... Estão a ver? Lindíssimos olhos azuis, com umas pestanas que nem com extensões eu conseguia, e umas fotos fantásticas a preto e branco no seu perfil.

Fotógrafo profissional (o que explica a elevada qualidade das fotos de perfil), a morar aqui na zona. «Gosto de gin de qualidade, comida vegan e boa companhia. Adoro aprender coisas novas, fotografar e viajar pelo mundo.» Pareceu-me um bom perfil, e a troca de mensagens revelou-se entusiasmante.

Mais uma vez, fui que sugeri um encontro – boa, Robin! –, e assim, cheia de confiança, combinei ir ter com ele a um bar de gin da High Street, para um copo e dois dedos de conversa. Fui para lá cheia de expectativas, mas... aos poucos, e uma vez mais, elas foram-se gorando.

– Mas o que é que aconteceu? – indaga a Lacey, supercuriosa, levando a chávena aos lábios, mas sem beber, tal a ânsia pela minha resposta.

– Bom... o tipo revelou-se um verdadeiro bebé – respondo, sem pensar duas vezes.

– Como assim, um bebé? – pergunta ela, claramente confusa com o conceito.

– Sim, com idade para ser adulto, claro, vinte e seis anos, tão mais novo do que eu... Mas, enfim, já é idade suficiente para sabermos o que queremos, certo? Só que o tipo continua a viver como um jovem adolescente. Apareceu-me de jeans, ténis pretos Converse e uma t-shirt da Star Wars, por baixo de uma sweat de capuz. Estás a ver?

– Sim, acho que sim...

– Mamã, estou *chateaaada* – interrompe-nos a Lyla, acompanhando o queixume com um gesto efusivo de braços.

– Desculpa, mas como é que podes estar chateada com um quarto cheio de brinquedos? – suspiro eu. – Por que razão não brincas com as bonecas ou fazes qualquer coisa bonita com o teu material de desenho?

– Não *queeeero*! – – amua ela, encostando-se a mim.

Eu sabia que era má ideia deixá-la ficar acordada até tarde para acabar de ver o *Pocahontas*. Já viu o filme quinhentas vezes e continua a adorar. E, quando a minha filha está cansada, por pouco que seja, fica logo birrenta. E agora não me apetece lidar com isso. Quero falar dos encontros; quero perguntar à Lacey como é que está a correr a história dos bebés, porque a sinto em baixo por causa disso. Sei que eles já andam a tentar há imenso tempo e, se calhar, vão ter de começar a pensar em recorrer à fertilização in vitro. Em suma, quero *muito* poder ter vinte minutos de conversa adulta. Como a Natalie costuma dizer, não devemos desperdiçar energias com coisinhas sem importância.

Tenho a nítida noção de que estou em desvantagem, por isso, decido sacar do meu maior trunfo.

– Queres jogar no telemóvel da mãe?

Os olhos iluminam-se-lhe de imediato: foi a melhor coisa que eu podia ter dito. Geralmente, reservo este privilégio para longas viagens de comboio ou para uma ida ao cabeleireiro, mas a verdade é que neste momento estou desesperada.

– Siiiiim!

– OK – digo, estendendo-lhe o telemóvel. – Mas não saias do jogo. E se ele tocar ou vibrar vens logo dá-lo à mãe.

– Obrigada, mamã – diz ela, resplandecente. Salta do meu colo com o seu prémio na mão, enquanto me volto de novo para a Lacey.

– Ora bem, eu decidi dar-lhe o benefício da dúvida, não julgar o livro pela capa e essas cenas todas. Só que percebi que ele não é bem um fotógrafo. Está *a fazer por isso*. Trabalha duas vezes por semana na empresa da mãe, serviço de banhos e tosquias ao domicílio, e aos fins de semana tira fotografias artísticas para postar no Instagram.

– Bom, se namorasses com ele pelo menos tinhas um *feed* fantástico...

Lanço-lhe um olhar assassino.

– Por amor de Deus! O tipo passa o resto do tempo livre a jogar *Call of Duty* e vive no sótão da casa da mãezinha.

– E então? Aposto que seria divertido ires dormir com ele. Imagina-te a acordares de manhã e a teres a sogrinha a fazer-te o pequeno-almoço e a meter a tua roupa interior na máquina.

– Não gozes! – lamento, fingindo-me amuada. – Jamais vou encontrar um adulto decente para fazer parte das nossas vidas!

– Mas como é que a coisa acabou, afinal? – Percebo que a Lacey está muito mais entusiasmada com a minha vida amorosa do que eu própria.

– Pessimamente. Quando chegou a conta, que seria suposto dividirmos, ele informou-me que deixou o cartão em casa e pediu-me que lhe emprestasse algum.

A Lacey desata à gargalhada. Suspiro, antes de prosseguir:

– Lá tive de pagar aquilo e, depois, sugeri chamar um táxi. E o gajo ainda teve a lata de me pedir o telemóvel emprestado – porque o dele estava sem crédito, claro! – para ligar à mãe a pedir-lhe boleia! Acreditas nisto? Eu não posso namorar um homem que tem

um telemóvel *de carregamentos* e que liga à mãezinha para o vir buscar! Não sou esse tipo de mulher.

A esta altura, a Lacey está tão perdida de riso, que, nem que seja por contágio, vejo-me forçada a juntar-me a ela. Enfim, foi mais um encontro desastroso, sim, mas ao menos consegui pôr a minha melhor amiga a chorar a rir.

– Deste mais um passo na direção do Senhor Certo, *Robsie*, pensa nisso – diz ela, quando finalmente consegue falar.

– Sim. Ele há de estar por aí algures.

– MAMÃ!!!

A Lyla entra na sala com expressão aterrorizada e estende-me o telemóvel.

– O teu telemóvel não para de vibrar!

Que estranho... Eu nunca recebo tantas mensagens assim. E chamadas, muito menos. Quando olho para o ecrã, vejo dezenas e dezenas de notificações do *MatchMe* surgindo umas atrás das outras. São tantas, que nem consigo inserir a password para entrar na aplicação e poder ver que raio se está a passar.

– O que é tu fizeste, Lyla? – suspiro, tentando *fechar* as notificações para poder inserir o código.

– Eu estava aborrecida, mamã! Entrei no teu Jogo dos Homens e depois começaram a aparecer estas coisas todas e...

– Ai, meu Deus, Robin... – A Lacey está sem pinga de sangue, mas divertida ao mesmo tempo. – Acho que ela entrou no teu *MatchMe*!

– Porra, porra, porra... – digo, enquanto me levanto de um salto, como se tivesse molas, e atiro a cadeira ao chão, assustando ainda mais a minha jovem filha.

– Mamã, essas palavras são feias, não podes dizer palavrões! – diz-me ela, o lábio a tremer de nervoso.

– OK, já entrei!... Desculpa, querida, tens razão...

Entro finalmente na app e verifico que tenho mais de duzentos *matches* e cinquenta e oito mensagens pendentes.

– Merda! Porra!

– Mamã, não se dizem palavrões! – diz a Lyla, cada vez mais ansiosa. Neste momento, estou de tal maneira consumida por esta crise, que nem penso na minha linguagem.

– Lyla, foi neste jogo que tu entraste? – pergunto, chegando-lhe o telefone à cara, aberto na app de encontros.

– Sim, e fiz assim com o dedo... e apareceu um senhor novo no jogo.

Apercebo-me de que ela está nervosa perante a minha reação, mas neste momento estou-me completamente a passar!

– Lacey, ela *aceitou centenas de homens!* – exclamo, horrorizada, ao que ela responde com uma gargalhada incontida.

– Não tem piada! – lanço-lhe, num tom mais agressivo do que tencionava.

A Lyla começa a chorar. Com tanta intensidade e tanto palavrão, não se conteve, coitadinha. Sou desde logo acometida de um acesso de culpa maternal – que, felizmente, me dissolve a raiva.

– Oohh, querida, está tudo bem, tu não sabias, anda cá...

Pego-lhe ao colo e, com a outra mão, levanto a cadeira do chão. Baixo os olhos para o telemóvel, que continua desenfreadamente a enviar-me coisas como *Olá, querida!*, *Bela foto de perfil!* e *Que tal o teu dia?*

– Eu só estava a jogar o teu *joooogo* – diz a Lyla, entre soluços.

– Eu sei, eu sei, mas este jogo é para pessoas crescidas, não para crianças, amor. Tu sabes onde está a pasta dos teus jogos, não sabes?

– Sim, mas eu só queria brincar aos teus jogos, mamã. Queria ser como tuuuuu! – chora ela.

– Oh, meu amor, eu sei. Mas daqui para a frente fica combinado que só jogas os teus, OK? Para te divertires muito e não arranjares problemas destes, está bem?

Quando digo «destes», ergo o telefone para lhe mostrar as vibrações incessantes; e nesse preciso instante chega uma nova mensagem, desta vez com uma foto. O *thumbnail* é mínimo, difícil de distinguir... até que me apercebo do que se trata.

– O que é isso, mamã? – pergunta-me a minha filha, claramente confusa. – O que é que esse senhor tem na mão? É uma cobrinha?

– Não! Ai, meu Deus! Sim, sim, é isso mesmo! É uma cobrinha cor-de-rosa, sim! Mandou-me uma fotografia do seu bichinho de estimação! Que horror, vamos apagá-la! Não queremos olhar para cobras, pois não? Hahaha!

Solto uma risadinha cantarolada porque acabo de me aperceber de que *a minha bebé* acabou de ser confrontada com a sua primeira (e espero que última) foto-de-pila.

A Lacey arranca-me o telemóvel da mão e fica a olhar estarecida para o ecrã.

– Ena, ena, mas que *cobra* tão grande que temos aqui!

Pelos vistos, tudo isto é hilariante para ela. Não se preocupa minimamente com os danos emocionais *permanentes* que possamos ter infligido à minha filha.

– Mamã, podemos comprar uma cobrinha cor-de-rosa?

– Hmm, não. Talvez um cão ou um gato. Ou um hamster. Cobras, não. Vamos esquecer as cobras, OK? – Esforço-me por não me rir, mas não consigo. – E que tal se eu te der uma mão cheia de Smarties, ligar a televisão e deixar-te ficar a ver o que quiseses, durante o tempo que quiseses?

Neste momento, prefiro que ela fique cheia de cáries e com os olhos quadrados de tanta televisão, mas que se esqueça para sempre desta imagem horrível da ereção de um estranho.

A Lyla salta do meu colo, visivelmente encantada com a minha sugestão, vai buscar o tubo-de-emergência de Smarties e instala-se no sofá, em frente ao nosso grande e bem-aventurado ecrã plano. Suspiro de alívio e volto-me para a Lacey – que se diverte agora a ler as dezenas de mensagens introdutórias de homens cujos perfis, no meu juízo perfeito, jamais me teriam interessado.

– Bom, vê as coisas pelo lado positivo – diz ela, ao ver-me finalmente sentar descansada. – Pelo menos não vais ter grande dificuldade em marcar o teu próximo encontro.

– Pois... Agora, tudo parece indicar que o Jacob e o Charles representam a última das minhas preocupações.

Desatamos ambas à gargalhada. Namorar online está, sem dúvida, a revelar-se uma grande aventura.

⁶Cocktail muito em voga, composto por Aperol (aperitivo italiano à base de laranja amarga), espumante italiano e água com gás. (N. da T.)

Catorze

Dei finalmente o passo de gigante. Ganhei coragem e pedi à Natalie trabalho extra para preencher os meus dias, engordar a minha conta bancária e, acima de tudo, permitir-me fazer aquilo de que realmente gosto. Disse-lhe que de bom grado aceitaria trabalhos *a solo* e a tempo inteiro sempre que a Lyla estivesse com o pai. Ela respondeu-me por e-mail, dizendo que adorava ter-me *a bordo*, e atribuiu-me imediatamente um trabalho para dali a dias, numa festa de mimos⁷ a decorrer num centro comunitário. Além disso, convidou-me para sua assistente num novo desafio editorial. Fiquei atarantada por ter dois novos trabalhos, assim de repente.

Ao fim de três dias, a Lyla desistiu de me pedir uma cobrinha cor-de-rosa, e eu prometi-lhe que ia pedir à Kath que nos emprestasse a *Mollie* de vez em quando, para darmos passeios, dar-lhe banho e deixá-la ficar a dormir em nossa casa. Espero com isto que ela se esqueça definitivamente da cobra-pila e que possamos atirar para trás das costas esse trauma terrível – meu e dela. Já tenho suficiente sarna para me coçar para ter de me preocupar com a eventualidade de a Lyla vir a gastar milhares de libras em psicoterapia, desabafando sobre o estranho facto de a mãe ter uma verdadeira *fobia* a cobras e o trauma de jamais ter conseguido confiar num homem.

A minha querida filha foi passar o resto da semana com o pai e a Storie, e eu tenciono aproveitar ao máximo esta pausa. O Simon mandou-me uma SMS a pedir que lhe ponha o fato de banho na mala, o que me deixa com a esperança de que ela passe algum tempo de qualidade com uma família normal, em vez de se ver metida nalgum ecopântano, a mergulhar para apanhar algas raras

ou outra coisa igualmente absurda. Já não é nada mau ele ter planeado antecipadamente um programa com ela, com ou sem algas raras.

A festa dos mimos corre maravilhosamente. A direcção do centro comunitário organiza frequentemente dias especiais para os seus idosos, contratando cabeleireiras e maquilhadoras profissionais, cozinheiros para fazerem uns petiscos e pasteleiros para tardes de cupcakes. Foi lindo ver as velhotas a aparecerem todas contentes, pedindo um pouco daquele blush especial ou um verniz rosa-choque. Foi adorável. Nunca tinha feito nada do género e surpreendeu-me ter gostado tanto de o fazer. Julguei que podia ser algo aborrecido, comparado com sessões fotográficas e trabalhos editoriais, mas acabou por se revelar uma das tardes mais agradáveis da minha vida. Sentaram-se a conversar comigo, falaram dos netos, dos planos de jardinagem para o verão que se aproxima, e foi, de facto, uma tarde inesquecível de trabalho conjugada com prazer. Claro que não será das tarefas mais criativas do mundo, mas o contacto humano é maravilhoso e aquece-nos a alma. E outra coisa que me impressionou foi perceber que a Natalie fica apenas com 30% de comissão nestes trabalhos. Não sei se será uma prática muito comum entre as *freelancers* do ramo, mas é a dela e admiro-a imenso por isso. Fico sempre emocionada quando penso na Natalie, no seu negócio, na forma como ela se preocupa com os outros e na oportunidade que me deu de fazer o mesmo, esta tarde. É difícil chafurdarmos em nós mesmos e nas nossas mágoas quando estamos a fazer algo pelos outros – e sinto que devia fazer isto mais vezes. Hoje, não se tratou apenas de maquilhagem; foi algo bem mais profundo.

Contudo, e infelizmente, o trabalho editorial revela-se o oposto. As modelos tipo gazela mostram-se muito mais interessadas nos seus telemóveis do que em conversar comigo. A Natalie lida com tudo com extrema delicadeza – e, mesmo quando teve de gerir uma altercação com um fotógrafo por causa do atraso de um pagamento, fê-lo com uma elegância indescritível. Ela é como um cisne, absolutamente calma e graciosa por fora, mas, bem no fundo e num plano que ninguém consegue ver, deve suar as estopinhas para conseguir que o negócio corra não apenas bem, mas brilhantemente. Tiro-lhe o meu chapéu. Adoro o privilégio de poder trabalhar ao lado de uma mulher tão forte. Sinto que poderei alcançar tudo aquilo que quero por apenas a observar, aprender com ela ou simplesmente conversarmos.

Mas nada me poderia preparar para a profunda emoção do trabalho seguinte.

⁷ Modelo de negócio recente, classificado por muitos como terapia, ao qual as pessoas solitárias recorrem no intuito de se curarem ou aliviarem de situações de stress e depressão, através do toque e da proximidade (N. da T.)

Quinze

– OK, Robin, vamos a isto! – diz-me a Natalie, enquanto atravessamos as portas de vidro do bonito átrio do estúdio.

Há anos que eu ansiava por um trabalho deste gabarito e fiquei em êxtase total quando ela me convidou para ser a sua assistente. Jurando dar o meu melhor, quero provar-lhe que levo muito a sério o meu trabalho e que lhe estou profundamente grata por todas estas oportunidades.

O Clive Fitz é um fotógrafo aclamado mundialmente e voou diretamente de Los Angeles para trabalhar na edição de primavera/verão da revista *Glamour*. E bastou-me olhar para ele para perceber que se acha a última bolachinha do pacote.

Está uma equipa de peso no estúdio para tornar dez das melhores modelos do Reino Unido ainda mais bonitas e intimidantes do que já são. A julgar pela dimensão da equipa, este é sem dúvida o meu trabalho mais importante até à data, e tudo o que consigo sentir são borboletas no estômago. Incessantemente. Há muito que não me sentia tão excitada, tão ansiosa por trabalhar e mostrar o que valho. Neste momento, dois estilistas estão a ter uma discussão sobre se as bainhas esfiapadas são ou não a próxima grande tendência.

– Dão um ar supernatural – alega ele.

– Não acho, estão a gritar para serem arrançadas – lança-lhe a outra, de seu nome Cassy.

Foca-te, Robin. Esta é a tua grande oportunidade de mostrares à Natalie aquilo de que és capaz.

Olho em volta do estúdio e vejo uma miríade de assistentes que se asseguram de que não falta rigorosamente nada ao fotógrafo e

às modelos. As meninas das Relações Públicas também saltitam por ali, de pranchetas em riste e vozinhas afetadas, e os rapazes da iluminação, os rapazes do equipamento, os rapazes dos cabelos e os outros rapazes indistintos parecem todos superocupados e superstressados.

Estamos num dos maiores estúdios londrinos, arejado e resplandecente, com tetos impossivelmente altos e fervilhantes salas laterais para cabelos e maquilhagem, e caterings com todo o tipo de comes e bebes. A Natalie e eu estamos destacadas para a sala de maquilhagem, um espaço amplo rodeado de espelhos com luzes e cadeiras giratórias. Assim que entrámos, senti logo um arrepio de excitação. Curiosamente, fico sempre muito calma e controlada neste tipo de ambientes. A Natalie e eu vamo-nos movendo no mesmo espaço em perfeita sincronia. Aqui, sei exatamente o que estou a fazer, sei qual é o meu papel como parte integrante de uma equipa de duas craques. Chegamos cedo para organizarmos e arrumarmos os produtos e para nos prepararmos convenientemente para a ação. Adoro conversar com a Nathalie, mas por vezes sinto que é quase um ato masoquista. Conta-me que o filho Maxwell teve onze *Excelentes* nos exames de admissão à faculdade. A vida dela está perfeitamente coesa e equilibrada; só o facto de estar perto dela faz-me questionar se alguma vez chegarei a este ponto. O ponto em que terei O Tal, umas quantas criaturinhas agarradas aos tornozelos, um *golden retriever* e a casa perfeita, longe da confusão – uma casa de esquina, com uma cerejeira em flor na parte da frente. Mas a Natalie também consegue transmitir aquilo que uma mulher determinada é capaz de fazer quando se presta realmente a isso. E, assim, é impossível não nutrir esta enorme admiração por ela.

Entra a primeira das modelos deslumbrantes e senta-se na minha cadeira, sem me dirigir uma palavra que seja ou sequer levantar os olhos do telemóvel. Mostro-me ocupada e profissional, mexendo nas minhas coisas, fingindo que não estou à espera que ela acabe de escrever a mensagem. Há algo de extremamente relaxante em vermos os nossos pincéis todos arrumadinhos, lado a lado, intactos e imaculados, prontos para os seus toques de magia. De repente, o Clive surge à porta, com retemperado vigor, e grita num sotaque americano forçadíssimo:

– Glaaaamour naturaaaal! Quero-as exuberantes! Hollywoodescas! De lábios cheios e olhos de corça! Mas sem exageros, quero tudo minimalista. Tudo naturaaaal! Nada falso. Clássico! Enfim, vocês sabem, vocês sabem...

Sabemos? Quanto a mim, não se aborda o glamour de Hollywood numa perspetiva minimalista... Mas, depois de uma troca rápida de pontos de vista, eu e a Natalie decidimos optar pelo eyeliner em pó e *lip balm* colorido, num look o mais natural possível. O Clive parece agradado. Pelo menos, presumimos que sim, já que ele não é de fazer elogios. Seja como for, a minha querida chefe observou que o eyeliner em pó era «uma ideia genial», e eu fiquei para lá de orgulhosa. Claro que também ajuda imenso o facto de as modelos serem a imagem personificada da perfeição. Meu Deus, quem me dera não ter comido aquele *segundo* donut esta manhã – mas pelo menos sei que não tenho tanta fome como estas alminhas aparentam.

Depois de dez horas a criar um look perfeito para cada rapariga, fazer retoques em estúdio e ajudar os cabeleireiros com as máquinas de vento – tudo isto com o Clive pelo meio a gritar «Quieta! NÃO TE MEXAS!» –, acabamos de arrumar as nossas

coisas e damos por terminada a sessão. Por ser um trabalho de dois dias, ficamos instaladas num hotelzinho aqui perto. Por isso, quando ela sugere *uns copos para relaxar*, eu dou saltos de alegria.

Tenho a Lyla (bem) entregue ao pai – certamente a desfrutar de um tarô de cartas de anjos e de um documentário sobre crianças índigo – e sinto-me maravilhosa depois de um dia em estúdio. Certo e sabido que o vodca Grey Goose, que emborquei por volta das três da tarde, também ajudou. Por uma vez, consegui pôr O Vazio completamente de lado.

Ele já não me controla.

Entro no quarto do hotel para me enfiar numa toilette glamorosa e percebo que não tenho nada glamoroso. Opto então pela minha sempre segura saia fluida verde-esmeralda e um top preto, cruzado à frente e com mangas transparentes, que a Piper escolheu para mim naquela tarde de compras. Há qualquer coisa neste look negro-transparente que me faz sentir especial. Como a saia é comprida, a relevância dos sapatos é secundária, por isso, enfio umas sabrinas *New Look*. Pulseiras e argolas douradas, um retoque final de batom vermelho, e desço para me encontrar com a Natalie na receção.

Ela já lá está à minha espera, numa visão absolutamente estonteante. Como conseguiu *isto* em apenas dez minutos é algo que me deixa boquiaberta. Há pouco, estava com uns simples jeans pretos, t-shirt branca e o cabelo envolvido num lenço de seda Gucci; agora, surge-me num fantástico look chique-citadino, com um conjunto bege e sandálias douradas. Olho para as minhas transparências e sabrinas, e decido que, se não gostasse tanto dela, era capaz de a matar aqui e agora.

Enquanto descemos a rua, a caminho de um dos seus sítios preferidos em Covent Garden, a Natalie brinda-me com histórias

sobre os tempos em que ela e o Martin costumavam vir namorar para aqui, antes de os rapazes nascerem. Assim que descemos as escadas de cimento do bar, sinto logo os stresses da minha vida a desvanecerem-se, juntamente com O Vazio. O Simon mandou-me fotografias da Lyla a brincar no jardim, o meu dia de trabalho foi fabuloso, estou prestes a começar uma noite de copos com a mulher mais fabulosa deste mundo e não estou de leggings. As coisas não podiam mesmo correr melhor.

Há tanto tempo que não fazia isto!

Só de ouvir a música alta e o som de copos a tilintarem, sinto as borboletas regressarem-me ao estômago, desta vez alegres e descontraídas – mas também é capaz de ser por causa daquele *vodka vespertino*. Conseguimos uma mesa, consultamos a lista e pedimos dois copos de vinho branco italiano e uns *nachos* para acompanharem. Pouco depois, o álcool começa a fluir e a nossa conversa também.

Fico a par de um novo projeto da Natalie: formou uma comissão em Hopell Village para recuperar o velho lago e fazê-lo regressar à glória de outrora, com subsídios governamentais, angariação de fundos e tudo o mais.

– Vai ser tão giro, Robin! Este verão, vamos promover sessões de cinema à noite e jantares de churrascos – diz-me ela, vibrante de entusiasmo. – Tu e a Lyla têm de vir!

Mas onde é que ela arranja tempo para fazer todas estas coisas? Eu já fico muito satisfeita quando consigo fazer a manicura e ir buscar a Lyla à escola – e nem sempre chego a horas. Apercebo-me subitamente de que jamais virei a ser Presidente da Comissão da Recuperação do Lago, e uma forte sensação de desilusão instala-se-me no peito. Mesmo tratando-se de algo em que nem me

passaria pela cabeça meter-me. Decidida a travar este comboio disparado de emoções negativas, levanto-me e vou até ao bar, para nos reabastecer de bebidas. Peço uma garrafa de vinho; desta vez, não ma servem num sofisticado balde prateado cheio de gelo, mas, sim, dentro de uma galocha cheia de gelo. Pois claro... Pelos vistos, neste bar há quem goste de apostar na originalidade e servir as bebidas em recipientes muito pouco ortodoxos. Mas não deixa de ter piada. Olho em volta, para o ambiente animado, e esforço-me por alinhar no espírito destes jovens profissionais – que se mostram imperturbáveis ao verem-me tentar sair dali com uma galocha gotejante nas mãos.

Paguei, enfiei a mala debaixo do braço e dirigi-me para a nossa mesa, agarrando com ambas as mãos a galocha escorregadia por cima da minha cabeça – e pensando que, *afinal, quem sabe, talvez*, possa vir um dia a ser nomeada Presidente da Comissão da Recuperação do Lago. Acontece que a garrafa tomba ligeiramente e começa a entornar o vinho branco pelo chão. Robin Wilde no seu melhor: a maior desastrada de Londres e arredores.

E lá estou eu, cheia de calor e com as mãos todas pegajosas, a tentar controlar a situação e... Meu Deus, encontrei-o!

O homem mais bonito que eu já vi em toda a minha vida.

O cabelo castanho, espesso e ondulado cai-lhe para o rosto... é tão brilhante! Será que saiu agora do cabeleireiro? E como é que é possível ele cheirar tão bem? *Para de o cheirar, Robin!* Os olhos, fixos em mim, sorriem, como se soubesse exatamente o que eu estou a pensar. Oh, não, espero que não! O homem é a perfeição personificada e usa um fato feito à medida, que transparece luxo e elegância, daqueles que só vimos nas mais glamorosas revistas de moda. Reparo que estou a olhar fixamente para ele. A olhar

fixamente para ele com uma galocha molhada nas mãos, umas sabrinhas desinteressantes e umas mangas transparentes completamente ensopadas.

Diz qualquer coisa de muito cool, Robin. Algo que mostre logo que és inteligente, criativa e com a vida completamente controlada.

– A galocha... escorregou-me das mãos.

Fantástico. Fan-tás-ti-co.

– Ora, aposto que diz o mesmo a todos os homens a quem entorna bebidas para cima – diz-me o Senhor Perfeito, a boca perigosamente junto à minha orelha, deixando-me arrepiada dos pés à cabeça.

C’um caraças, estou apaixonada! Não há mesmo que enganar: estou a-pai-xo-na-da. Sem perder a maravilhosa compostura, ele murmura:

– Deixe-me substituir-lhe isto por outra coisa qualquer, de preferência que não venha servida dentro de uma bota.

Pede não-sei-o-quê ao barman, e eu desfaço-me em desculpas:

– Desculpe se lhe sujei os sapatos, quer dizer, não fui eu, foi a galocha! Hahaha...

Acalma-te, Robin, pareces maluca. Tenta ser mais... menos... enfim, outra coisa que não profundamente ridícula.

Antes de eu conseguir parecer menos imbecil, surgem-me à frente dois cocktails vermelho-rubi, de aspeto delicioso, e ele levanta o copo para brindar comigo.

Olho de relance para a Natalie, que sorri e me sopra um beijo, voltando a consultar a carta dos vinhos. Sozinha, parece-me bem mais confiante.

– Tchim-tchim aos nossos sapatos manchados de vinho e ao seu maravilhoso sorriso.

Batemos os respetivos copos, enquanto *desmaio* por dentro. Pelo menos, acho que foi só por dentro, já que me estou a esforçar imenso por perceber a diferença entre aquilo que digo na minha cabeça e o que realmente digo em voz alta.

– A sério, lamento imenso. Eu devia ter ido com mais calma e...

– Se for preciso sujar os sapatos para poder ter a oportunidade de falar com uma mulher como você... que se lixem os sapatos. Há pouco, vi-a a entrar com a sua amiga e desejei muito conhecê-la... Por isso, os sapatos manchados são um preço muito baixo a pagar.

Uau. Esta foi linda.

– Theo Salazan – apresenta-se ele, estendendo-me a mão.

– Robin Wilde.

Por favor, Deus, faz com que esta luz não seja suficientemente forte para ele me ver tão corada!

– E então? O que é que a Robin faz na vida, para além de ser verdadeiramente fabulosa?

– Bom, trabalho como assistente de maquilhagem artística, viemos uns dias a Londres para um trabalho de moda e... resolvemos vir beber um copo – gaguejo eu, tentando não gaguejar.

– Não, não, não era sobre o seu emprego que eu queria saber, era sobre o que gosta de fazer nos tempos livres, o que é que a entusiasma... O que é que a faz vibrar?

Ao fazer esta pergunta, olha-me nos olhos, fazendo-me sentir como a única pessoa presente na sala. A música baixa, as luzes esmorecem, sou só eu e o meu cocktail e este homem absolutamente fascinante.

Encorajada pela atenção exclusiva do homem mais charmoso deste bar, e pelo álcool que já me corre nas veias, respondo-lhe com estilo:

– Criatividade. A criatividade faz-me vibrar. Fazer algo de novo, ver as minhas ideias ganharem vida. – Aproximo-me da orelha dele, para que me ouça por cima da música. Fogo, esta correu-me bem!

Conversámos durante o que me pareceu uma eternidade. Ainda fui ter com a Natalie e perguntei-lhe se se queria juntar a nós, mas ela limitou-se a sorrir, dizendo «Vai-te a ele, miúda!», e foi lá para fora telefonar ao Martin. Descubro que o Theo tem trinta e quatro anos, nasceu nas Cotswolds, mas vive atualmente nas margens do Tamisa, e trabalha em imobiliária. Hoje, veio beber uns copos com colegas da sua equipa para festejarem uma grande venda, mas ainda não conseguiu entrar no espírito. Preferia estar em casa a ver a *Peaky Blinders* na Netflix – e é precisamente quando chegamos a este ponto que eu sinto que encontrei a minha alma gémea.

A conversa avança, e a química não lhe fica atrás. Aproximo-me e toco-lhe levemente no braço; ele afasta-me ocasionalmente uma madeixa do rosto. Mostra-se suave e delicado, mas claramente no comando. É mais alto do que eu, o que me obriga a olhar para cima e... não posso deixar de reparar nos lábios dele – e olhem que eu *não sou* de reparar nos lábios alheios. Tem uns lábios lindos. E, sim, estou apaixonada. Estou profunda e irremediavelmente apaixonada.

Dezasseis

Já lá vai uma semana desde que os anjos desceram do Céu para me presentear com o homem mais perfeito da Terra, e eu ainda nem sequer percebi se os meus pés já tocaram efetivamente no chão.

Naquela noite, prolongámos a conversa por horas e horas; quando decidi que era altura de protagonizar uma saída minimamente digna, ele deu-me um beijo no rosto.

Trocámos números de telefone, e ele brincou dizendo que esperava que eu ficasse pregada ao telemóvel à espera da chamada dele. Claro que me ri, mas senti logo que era precisamente isso que iria acontecer. Ao longo de toda a semana, não devo ter passado mais de oitenta e cinco segundos afastada do telemóvel – e, tão certo como a perfeição ser perfeita, ele ligou.

Um telefonema a sério. Coisa tão rara hoje em dia. Já é uma sorte recebermos uma mensagem de vez em quando, mas uma chamada... E uma *chamada verdadeira* é para mim um luxo, sobretudo tendo passado as últimas semanas mergulhada numa série de sites de encontros na patética ansiedade de receber notificações *inbox*.

O Theo não só me ligou como me convidou para sair. Como um verdadeiro cavalheiro: «Adorava levar-te a jantar fora, Robin. Que dia é que te dá mais jeito?»

Quando lhe disse que não vivia em Londres e que tinha uma filha – e que por isso era meio complicado escapulir-me para jantar –, achei que a coisa ia ficar por ali. Mas não. Theo, o Perfeito, continuou na sua senda de se revelar o Melhor Homem de Sempre e insistiu:

«OK, então combinamos passar uma tarde juntos. Deixa-me mostrar-te as vistas.»

Oh, sim, por favor, Theo Salazan!

Nessa altura, já eu estava praticamente a hiperventilar e a perder urina ao mesmo tempo (e não estava num trampolim nem sequer a espirrar). Nem pensei duas vezes.

Sim, claro que sim!

E logo a seguir inventei a desculpa de ter de fazer uma chamada de trabalho importante. Achei que soaria melhor do que um «tenho de desligar, as batatas fritas da Lyla estão a queimar-se».

Desde então, tem sido uma bem-aventurança de SMS queridas, SMS amigáveis, fotografias e muitos «como estás?». Desinstalei praticamente todas as apps de encontros. E sinto-me melhor pessoa por isso.

O fim de semana da Páscoa está a chegar. Para além dos outros seis milhões de coisas que tenho de fazer hoje – entre as quais, bloquear todos os homens que continuam a mandar-me fotos de pilas para a única app de encontros que não desinstalei, procurar no monte de roupa lavada algo de minimamente decente para quando for deixar a Lyla à escola, abrir aquele malfadado postal cor-de-rosa dos impostos e compor uma mensagem falsamente descontraída para o Theo –, tenho *mesmo, mesmo* de ligar à minha mãe.

Há meses, mais concretamente no Natal, ela deixou claro que nos veríamos na Páscoa. A ideia de ir para lá passar estes dias, numa viagem de carro de cinco horas, só para ser lembrada centenas de vezes de quão fantástico é o Simon, do erro horrível que fiz (e continuo a fazer) por tê-lo perdido, do péssimo trabalho que faço com a Lyla, com a minha vida e com a escolha da tinta para a casa de banho lá de baixo, é para mim demasiado dolorosa.

Prefiro passar o fim de semana a lavar os meus pincéis e a ver desenhos animados frenéticos, do que sentar-me àquela mesa de jantar, sorrir com educação e desejar secretamente que ela asfixie com a costeleta de porco. Bom, talvez esteja a exagerar um bocadinho. Não quero que ela morra sufocada, apenas que se engasgue e tussa muito e se sinta vexada.

Enfim, tal como a Mrs. Wate me ensinou no sétimo ano, depois de eu ter partido a máquina de costura e de a ter escondido numa sala de arrumos, «a honestidade é sempre a melhor política». Assim sendo, a única coisa a fazer é telefonar à minha mãe e dizer-lhe que não vamos. Sou uma mulher adulta e não tenho de fazer nada que não me apeteça ou que me faça sentir mal. *Cuidarmos de nós, Robin. É disso que se trata. Tu mereces! Sem culpas, nem stresses.* Está decidido: não vamos.

Ela vai ficar chateada, claro, mas talvez consiga compensá-la com a promessa de uma visita da Lyla nas férias do verão. Talvez até lhe mande uma encomenda com maminhos de maquilhagem. Desde 1989 que ela usa o mesmo batom rosa-claro da *Avon*, e aposto que vai adorar o novo nude cremoso. Digo eu.

Decido que não me vou chatear com isto. Faço o telefonema, lido com a desilusão dela e sigo com a minha vida p'rá frente.

Respiro fundo. Está a chamar.

– Sete-quatro-oito-três-dois-zero! – atende ela, naquele seu tom telefónico-esganiçado. Mas porque é que esta geração continua com esta mania? Eu sei muito bem o número que marquei, não preciso que ela mo recite ao atender.

– Olá, mãe, sou eu.

– Robin? – Sou filha única. Quem mais lhe ligaria a chamar-lhe *mãe*? A não ser que ela e o pai andem com perversões estranhas

nos últimos tempos.

– Sim, a Robin, a tua única filha.

– Ah... Olá, querida. Estava precisamente ao telefone com a Barbara, a queixar-me que tu nunca me ligas e... olha só! Que querido da tua parte.

– Também podes ser tu a ligar-me, sabias?

– Ora, tu nunca atendes. –Eu atendo *sempre!* – Mas, enfim, tu sabes como é a minha vida, estou sempre no Rotary a fazer de escrava daquela gente toda.

Ela não faz de escrava de ninguém, adora a porcaria do Rotary Club. A Jillian é a diretora e a minha mãe, o seu braço direito. Dedica-se àquilo de alma e coração a qualquer hora do dia ou da noite.

– OK, mãe, e como é que tens passado?

– Muito bem, por acaso, minha querida. O antibiótico fez maravilhas e já estou ótima e a fazer a minha vida normal.

Eu nem sequer sabia que ela estava doente – outra razão para me sentir culpada –, mas deixo-a continuar:

– O teu pai é que anda a trabalhar que nem um mouro nos canteiros aqui do bairro. Este ano, vamos concorrer à Melhor Flora e Fauna da Vila, por isso, tem sido um grande desafio conseguir manter tudo controlado e como deve ser. Só tenho dúvidas em relação aos gladiolos, acho uma estratégia demasiado arriscada. E a Jillian, coitada, tem andado assoberbada com trabalho lá no clube. Estamos a organizar um festival de música para este verão, para os jovens tentarem angariar fundos para a Reservoir Waldorf Association. Nem imaginas como andamos todos *suuuuuper* ocupados!

– Uau, um festival de música! Parece-me... fantástico.

– Pois é, querida, pois é... Então, e tu, como é que estás? A batalhar, como sempre?

Adoro a confiança que ela tem em mim.

– Sim, a trabalhar no duro com a Natalie. E a Lyla está a sair-se lindamente. Começou com aulas de natação e...

– E o Simon? Como é que ele está?

– Hmm... bem, acho eu.

– Graças a Deus.

– Pois é, mãe... Bom, antes que me esqueça... (isto é, antes de eu ser obrigada a ouvir *mais uma vez* todas as razões pelas quais ela ama o Simon)... preciso de falar contigo sobre a Páscoa.

– Ai sim?

Oh, não, está com um tom esperançado.

– Sim. A questão é que a Lacey anda um bocado em baixo e...

– Coitada. O que é que se passa, ainda não conseguiu engravidar?

– Pois... não. E acho que é por isso que ela anda tão em baixo, mãe.

– Mas ela tem de se despachar, filha! Está quase a entrar nos trintas, não é?

Ainda bem que a Lacey não consegue ouvir a falta de sensibilidade da minha mãe.

– Sim, é verdade. E está a passar um mau bocado por causa de tudo isso, por isso, a Lyla e eu decidimos passar a Páscoa com ela, a ver se se anima um pouco e...

– Então, não vêm ficar connosco? – Não dá para lhe avaliar o tom, mas preparo-me para a inevitável bronca. Respiro fundo e respondo:

– Não, mãe. Tenho pena, mas não vai dar.

– Tudo bem, filha! Não te preocupes! O pai e eu reservámos uma mesa no clube e vão lá estar todas as minhas amigas.

Espera lá! Ela até parece feliz por não irmos! Não estava nada à espera disto. Como é que ela prefere as amigas do Rotary à filha e à neta?

– Ah, bom... OK, então não fazemos falta nenhuma, pelos vistos.

– Não sejas arrogante, querida. Tu tens a tua vida, e nós, a nossa.

Que doce e encantadora que é a minha mãe.

– Claro, tens toda a razão. Oh, estou a ouvir a Lyla a chamar-me. Tenho de desligar.

Despedimo-nos, e desligo – algo magoada, devo confessar. Bem sei que até nem queria ir, mas pelo menos gostava que ela quisesse que eu fosse. Já é suficientemente mau que eles nunca me visitem ou sequer me telefonem. É verdade que a minha mãe passou a ser muito mais querida comigo desde que eu e o Simon nos separámos – ainda que ela ache secretamente que fui eu que o afastei –, mas agora parece que não sou suficientemente boa para as suas amiguinhas do Rotary. Que maravilha.

Dezassete

Já é outra vez segunda-feira. Já só faltam cinco dias até ao meu encontro com o Theo, e isso deixa-me superentusiasmada. São 15h15 e estou a entrar pelos portões da escola da Lyla para a vir buscar. Enquanto espero por ela no átrio todo chique, rezo para que a Val não apareça ou, então, que a sua querida Corinthia esteja numa das suas variadas atividades.

Finalmente, toca a campainha e as crianças saem das salas, trazendo «obras de arte» que os pais serão obrigados a elogiar e guardar cuidadosamente, ainda que não passem de caixas de lenços de papel com lantejoulas grosseiramente coladas. A minha filha é diligentemente riscada da lista, e dirigimo-nos para o carro. Assim que lá chegamos, aparece a Val vestida com roupa chique de ginásio.

– Oh, meu Deus, atrasei-me! Devo ter treinado muito mais do que era suposto – gaba-se, em tom falsamente modesto.

– Como eu te percebo, acontece-me quase todos os dias – minto.

A Val parece claramente desagradada. Endireita os ombros, preparando-se para a próxima estocada.

– Haha, imagino... – diz, fazendo questão de olhar para a minha barriga, muito pouco tonificada. Mas que vaca. – E então? Preparada para a próxima semana?

– O mais possível – respondo, sem fazer a mais pálida ideia do que ela está a falar.

– Ah, ótimo. Eu também já comprei todos os tecidos e acessórios. Mandámos vir a seda de fora, claro.

Mas de que porra é que ela está a falar, afinal?

– Que bem... Bom, até amanhã – digo, falsamente apressada e entrando no carro.

Assim que atravessamos os portões da escola, não perco nem mais um segundo.

– Lyla, o que é que se vai passar para a semana?

– O Desfile dos Chapéus da Páscoa⁸. Tens de me fazer um. Ou então peço à Storie, ela tem cânhamo orgânico.

Ai não! Tenho andado demasiado centrada no Theo e esqueci-me completamente disto! No último fim de semana, era suposto ter ido comprar as coisas, mas a verdade é que nunca mais me lembrei. Como é que fui capaz de fazer uma coisa destas à Lyla? A Gillian até me lembrou a tempo e avisou-me que os pais tinham de fazer os chapéus para os filhos desfilarem na parada. Pelo que soube, as MEC dizem sempre o mesmo todos os anos: que não dá trabalho nenhum e que os sorrisos dos filhos compensam tudo. Mas isso é uma treta. É claro que dá trabalho. Já estou a ver a Gillian de pistola de cola em riste, dedicada a conceber uma verdadeira obra-prima para a sua Clara. E até mesmo a Finola, que se está nas tintas para trabalhos manuais, vai de certeza esforçar-se para conseguir o primeiro prémio – nem que tenha de descurar os seus adorados equídeos durante uma semana. Não se trata apenas de uma alegre tarde de convívio ao ar livre; isto é verdadeira competição e da mais séria que há.

Pois, diabos me levem se a Lyla não vai ter um chapéu fantástico!

Esta noite, vou parar de pensar no Theo e deixar a minha filha orgulhosa. Vou abrir uma garrafa de vinho e passar umas boas horas no Instagram e no Pinterest em busca de ideias. A Val vai arrepender-se do dia em que empinou aquele seu nariz ranhoso e

mandou vir a seda de fora. Pelos vistos, esqueceu-se de que eu agora sou uma mulher nova, com um guarda-roupa esplendoroso, uma app carregadinha de homens que me querem conhecer (ou, pelo menos, a mostrarem-me as suas vigorosas cobras cor-de-rosa) e com um verdadeiro Adónis dedicado a conquistar-me. Vade retro, Val Pickering! A Mãe-Solteira-Tramada está a chegar!

⁸ *Easter Bonnet Parade*: um dos festejos pascais tradicionais do Reino Unido, para o qual crianças e adultos decoram chapéus com símbolos (coelhos, galinhas, ovos) e plantas e flores que representam também o início da primavera. (N. da T.)

Terceira Parte

Herói precisa-se

Dezoito

Abril

Acho que nunca deixei a Lyla na escola com uma atitude tão arrasadora como hoje. Estou a pé desde as seis da manhã, pus rolos no cabelo e caprichei na maquilhagem. Hoje não me limitei a passar às pressas um hidratante com cor e um *gloss* transparente, como faria noutra sexta-feira qualquer. E, pela primeira vez desde há muitos meses, vesti uma peça *sem* 95% de elastano. Assim que entrei no átrio, superconfiante, com o cabelo a balançar e os olhos brilhantes, a Mrs. Branstorm nem me reconheceu. E não tem apenas que ver com a blusa caríssima e o eyeliner magistralmente aplicado. Não. Este look vem de dentro. Mil vezes obrigada, Theo Salazan!

– Mamã! Pareces uma atriz de cinema – saudou-me a minha querida filha, quando a fui acordar.

– Oh, obrigada, meu amor. Que coisa mais querida de se dizer...

– Porque é que não vestiste as tuas roupas normais?

Ah, OK... Calças de fato de treino e t-shirts brancas são «as minhas roupas normais».

– Hoje vou a Londres, vai ser um dia especial e quero estar particularmente bonita.

– Vais trabalhar com a Natalie?

– Hmm... sim, vou.

Sinto-me péssima por lhe mentir, mas também não lhe posso dizer: «Não. Estou-me a lixar para o trabalho e vou encontrar-me com um homem que conheci num bar. Vamos passar o dia a namorar e a beber e talvez, quem sabe, acabemos na cama a fazer amor durante toda a noite.» Se bem que já passou tanto tempo, que

eu nem me lembro já do que fazer com um pénis... Ontem à noite, resolvi ver um filme pornográfico para ver se me avivava a memória. Foi horrível. Para já, porque eu não sou como aquelas Barbies plastificadas. E depois porque não era nada disto que eu me lembrava... Não, decididamente não lhe posso dizer.

– A Natalie e eu temos um trabalho importante, com gente muito especial, e eu achei que devia ir bem vestida e com o cabelo arranjado – minto de novo. E tento mudar de assunto: – Gostas do meu cabelo assim?

Ela senta-se na cama, passa a mãozinha pelas ondas lustrosas do meu cabelo e diz:

– Sim. Pareces a Princesa Sophia.

A Princesa Sophia é uma personagem de desenhos animados e tem dez anos. Calculo que seja um elogio. Mas espero que o Theo tenha uma visão de mim um bocadinho mais sofisticada.

– OK, vamos lá levantar esse rabiosque da cama, que a mãe vai fazer-te uma torrada deliciosa. Hoje, não vamos chegar atrasadas!

– Ai não? Porquê?

Coitadinha da minha filha, que cabecinha tão confusa...

E lá nos pomos a caminho da escola; eu, numa versão mais sexy de uma princesa de desenhos animados, e a Lyla, como a filha de uma mulher atraente e bem resolvida. A Mrs. Barnstorm fica estupefacta a olhar para mim.

– Oh, Mrs. Wilde, mas que glamorosa que está hoje! – diz-me, num tom que sugere que geralmente me vê como um monte de lixo.

Mas que raio se passa com ela? Sim, por vezes pareço uma desmazelada, mas nem sempre, caramba. De vez em quando, esforço-me por andar mais arranjada, por amor de Deus! Vou dar-lhe uma resposta tão torta, mas tão torta que...

– Ah... obrigada. Também está muito bonita hoje.

O quê?! Só isto?! Que raio se passa comigo? Porreiro, agora estamos ambas com expressão confusa. Momento confrangedor.

– A minha mamã é uma princesa, Mrs. Barnstorm. E sabe fazer feitiços e transformá-la num sapo!

– Hahaha, as crianças dizem cada uma! São tão engraçadas, às vezes... Mesmo que quisesse, jamais conseguiria transformá-la num sapo. Hahaha!

Boa! Ganhámos! Bom trabalho, minha filha. Faço um *high five* mental e dou um apertãozinho especial na mão da Lyla, enquanto a encaminho para o bengaleiro.

Depois da filha entregue e já de regresso a casa, aproveito para passar em revista tudo o que já fiz – e aquilo que me espera. Depois de o Theo me garantir de que será um perfeito cavalheiro e terá o quarto de hóspedes preparado para mim, acedo em passar lá a noite. Faço um saco e peço ao Simon que fique com a Lyla.

Claro que o pedido gerou uma imensa confusão (por amor de Deus, ficar com a miúda durante um dia fora da nossa rotina habitual?!), mas consegui convencê-lo de que seria uma excelente oportunidade para revigorar o fluxo da energia da Terra, e ele acabou por concordar. No entanto, ainda não me sinto completamente segura – muito menos pronta. Quando perguntei ao Theo que planos tinha para o nosso dia, ele limitou-se a responder com um charmoso e enigmático «Deixa comigo». OK, teoricamente é tudo muito romântico, mas na prática... Em que é que isso se traduz, por exemplo, em termos de guarda-roupa? Vou de saltos? E se a ideia for andar a pé durante o dia todo? Não será melhor ir de sabrinhas? Vai levar-me a algum sítio que exija um vestido? E se for a um SPA? Deverei levar fato de banho?

À cautela, enfio um biquíni no saco e agradeço aos céus por me ter dado ao trabalho de fazer um bronzearmento integral no fim de semana. Para o caso de ele me levar a um SPA, bem entendido, não para a eventualidade de me ver nua. Levo um pijama de seda e lingerie de renda, mas, mais uma vez, é só para me sentir bem comigo mesma, e *não* na tentativa de o impressionar. Nem pensar! Não, mesmo!

Pareço uma adolescente, tal a excitação, com um aperto no peito constante e maravilhoso, um sorriso pateta cravado no rosto. Patetice não é algo que se sinta n'O Vazio, por isso, é uma mudança fantástica. Tento ouvir música suave para ver se me acalmo um pouco, mas sem grande sucesso. A dose de cafeína do meu galão matinal e a mensagem que recebi («Bom dia, Beleza!») não me dão tréguas.

Parece que estou a viver um sonho. Nunca na minha vida fiz nada de forma tão espontânea.

A Storie ficou de ir buscar a Lyla à escola, mais logo – vão esmagar amêndoas ou fazer qualquer outra coisa igualmente excitante –, e a Natalie comunicou-me que não tínhamos nenhum trabalho antes de sexta-feira; por isso, não vi mal nenhum em tirar o dia só para mim. É óbvio que não vou criar expectativas demasiado altas, muito menos depois das desilusões sofridas com o Charles, o Craig e o Jacob, mas há algo no Theo que me faz sentir que desta vez será diferente; sinto que ele me compreende e apetece-me muito deixar-me levar e confiar neste desconhecido. Há muito que não me permitia sentir-me assim em relação seja a quem for. Uma separação dolorosa deixa-nos assim. O coração fica com cicatrizes que apenas o tempo consegue curar. O Theo ouve as coisas que eu digo e, em vez dos clichés «Tudo bem?» ou «Como foi o teu dia?»,

manda mensagens verdadeiramente interessantes. E há qualquer coisa nele que eu não consigo identificar, mas... parece que tudo o que ele faz tem um brilho especial. E, sempre que eu penso nele, também sinto algo especial dentro de mim. Não sei exatamente o que faz dele alguém tão diferente, mas há nele algo de carismático que mexe comigo. Faz-me sentir mais: mais inteligente, mais divertida, mais bonita. Não querendo entrar nas palermices dos signos e destinos, a verdade é que sinto que estávamos destinados um ao outro. Como duas peças de um puzzle que encaixaram no exato momento em que se viram.

Assim que desço do comboio – e quase a vomitar de expectativa –, vejo-o na estação à minha espera, mas não desato a correr nem lhe salto para o colo, como realmente me apetece. Mantenho a postura e a dignidade com um «Olááááááá!» prolongado e levemente esganiçado.

É isso mesmo, Robin, simpática e descontraída. Tens isto controlado.

– Senhora Wilde... mas que deslumbrante, logo de manhã.

Uau, já estamos em modo «flirt». Que excitante! Acho que vou adorar as próximas vinte e quatro horas.

– Claro, Theo, eu acordo sempre assim – brinco, dando levemente às ancas, enquanto nos dirigimos ao Uber que nos espera. Mas onde é que eu fui desencantar tanta confiança? Uau, estou a adorar!

– E eu espero poder vir a confirmar isso com os meus próprios olhos – diz ele, com um sorriso, abrindo-me a porta do carro. Ainda bem que o meu saco de fim de semana foi tão bem planeado, penso.

Vamos diretos para o apartamento dele, no décimo quarto andar de um prédio luxuoso. A casa é espantosa. Grandes janelas de correr com vista sobre o Tamisa, num amplo *open space* com cozinha em mármore e aço inox, luxuosamente equipada. A zona de estar é linda, muito *clean*, dando a sensação de podermos rodopiar por ali de braços estendidos e sem tocar em nada – num contraste total com a nossa casa minúscula. Num estilo que curiosamente se apelida de chique-minimalista, esta casa é o oposto do nosso minúsculo lar. As bancadas de mármore branco não têm quase nada em cima, à exceção de uma máquina de café, uma torradeira e uma máquina de *smoothies*, todas cromadas e de última geração em design e tecnologia. E a enorme mesa de jantar com tampo de vidro não está pejada de correio publicitário, faturas e canetas, como a minha. O reluzente chão de madeira acolhe um generoso sofá de canto, cinza-claro, voltado para grandes janelas que exibem a vista de rio mais deslumbrante que já vi na vida. Do meu raquítico sofá, só se vê a entrada de casa, os contentores do lixo e um candeeiro de rua. Aqui, também não há televisão nem pilhas de DVD pelo chão, mas um projetor embutido no teto e um ecrã de enrolar. Pois. É claro que o Theo tem um projetor. Qualquer homem de sonho que se preze tem este tipo de coisas em casa. Faz-me lembrar quando eu era miúda e sonhava viver na Mansão Polly Pocket, com aquele salão de baile que tinha o chão que girava sozinho. Esta casa é o equivalente a isso, em versão homem-de-sonho. Não me lembro de nenhum homem que eu conheça que não *matasse* para ter uma casa destas. O que me faz pensar, com alarmante constatação, que hoje em dia não conheço praticamente homens nenhuns; preciso mesmo de alargar o meu círculo social – talvez o Theo me apresente aos seus amigos.

Com a graça de um verdadeiro cavalheiro, ele leva-me até ao quarto de hóspedes – também ele amplo e *clean* na decoração –, onde eu deixo o meu saco. Claro que ambos sabemos que não vou dormir aqui, mas, como ainda são só onze da manhã, vou manter alegremente esta farsa por mais umas horas.

– Estou a pensar levar-te, esta tarde, à National Portrait Gallery. Está com uma nova exposição do Picasso, e dizem que é fantástica, com obras da sua fase inicial, de coleções privadas, algumas das quais nunca foram expostas em Inglaterra.

Adoro o entusiasmo com que ele aborda questões culturais. É tão sofisticado...

– Que bom, parece-me uma ideia excelente!

A bem da verdade, eu sou muito menos culta do que aquilo que o Theo parece considerar-me. O pouco que sei sobre arte remete-me aos tempos de liceu, mas adoro a ideia de visitar uma galeria.

– Sabia que ias gostar. Sendo tu uma artista, pareceu-me o programa ideal.

– Bom, eu não passo de uma maquilhadora artística. Ou melhor, uma assistente de maquilhagem artística.

– Não sejas modesta, Robin. Admiro imenso aquilo que fazes. E, sim, é uma forma de arte como outra qualquer.

Com isto, conduz-me até à porta de casa, uma mão aconchegante no fundo das minhas costas (hmm, que arrepio...), e pouco depois, estamos a entrar para outro Uber (como é que ele consegue ser tão eficaz?), a caminho da galeria.

Tenho a certeza de que deambular pelo fervilhante centro de Londres é a coisa mais normal do mundo para o Theo, mas para mim é sempre uma aventura excitante. Geralmente, apanho o metro e chego aos locais de trabalho ainda de madrugada, por isso, nunca

consigo apreciar devidamente este fantástico pedaço da cidade. Londres é de facto um sítio mágico, e o seu centro é uma verdadeira colmeia fervilhante com todos os estilos possíveis de arquiteturas e criaturas, que seguem com as suas vidas numa curiosa sincronia. Oxalá a minha vida fosse mais como Londres: agitada e a funcionar na perfeição.

O carro deixa-nos em Charing Cross Road. Cá fora, sinto logo a chicotada do ar fresco da manhã, mas, como está sol, o frio aguenta-se bem. O Theo dá-me a mão, e eu penso que há muito que não tinha esta sensação – pelo menos transmitida por alguém com mais de seis anos. Sabe bem sentir-me a mais pequena, para variar.

Desfrutamos de um brunch com champanhe, servido no terraço de um restaurante com vista para Trafalgar Square. A galeria é lindíssima; percebo desde logo por que razão os turistas aguentam tantas horas nas filas. Não sei se será dos imponentes tetos altos e arqueados, do silêncio abafado ou da arte em si, mas alguma coisa aqui dentro me transmite logo uma sensação de paz e serenidade. Sinto o coração a bater mais devagar, a mente a desacelerar, num claro contraste com o meu estado de espírito de há apenas poucas horas. O Vazio nunca me permite encontrar espaço para o sossego, mas aqui, com o Theo, é só isso que eu sinto: tranquilidade pura. Continuamos de mãos dadas... Tenho a sensação de me estar a derreter. Por ele. Por nós...

O Theo comenta a maioria dos quadros, e eu própria vou participando com a minha opinião. Adoro observar as expressões nos retratos, em épocas diferentes, cada um com a sua história por detrás do olhar. Estariam felizes ou tristes, assustados ou audazes? Algum deles se sentiria só, como eu? Gosto muito da interpretação

que cada artista dá a cada rosto – o rubor nas faces, os suaves tons de pele, os contornos, o modo como são definidos os olhos ou exaltadas as qualidades de cada modelo. Cativam-me particularmente aqueles que parecem estar maquilhados e os estilos diferentes consoante cada era. Mas, acima de tudo, vou-me deixando encantar pelas diferentes reflexões, feliz por poder viver este momento magnífico. Este é o tipo de coisa pela qual eu tanto esperei, ao longo de anos e anos. Naqueles dias infindáveis na cozinha, aparando sanduíches, deambulando pelos corredores do supermercado em busca de verdadeiros milagres que me permitissem esticar o orçamento, as longas horas em frente à televisão a aturar os mesmos desenhos animados, sempre desanimada, mas esforçando-me por disfarçar em frente à Lyla. Teria dado tudo para, nesses dias tristes, poder passar umas horas numa galeria de arte londrina, de mão dada com um homem encantador. E eis-me aqui, agora, realizando finalmente esse desejo. Só me apetece beliscar-me, a mim própria, para ter a certeza de que não estou a sonhar. Mas seria ridículo. No mínimo.

Durante as duas horas seguintes, o Theo e eu passeamos pelas sublimes salas da galeria, com as suas paredes em tons de joias, as imponentes molduras douradas. De vez em quando, tiramos um momento para descansar, sentados num dos bonitos bancos de pele, sempre de mãos dadas. O peso do mundo foi-me subitamente arrancado dos ombros, e sinto-me intrinsecamente retemperada. Tenho a sensação de que, ao olhar para todas estas pessoas e mergulhando nos seus mundos, consigo levitar do meu. Por uma vez, não penso no caminho infernal da escola para casa nem nas intimidantes contas por pagar olhando-me de cima da mesa da

cozinha. Neste momento, nada me preocupa. Estou apenas aqui, agora, partilhando os pensamentos dos rostos destes quadros... e desfrutando. Simplesmente, deixo-me levar.

O Theo deixa-se fascinar por cada uma das obras da exposição do Picasso, lendo cada título, perdendo-se em cada texto e explicando-me a sua história. Só conviver com um homem tão culto e empolgado é para mim uma verdadeira lufada de ar fresco. Nunca gostei particularmente de Picasso – acho a obra dele demasiado impenetrável, para o meu gosto –, mas ouvi-lo falar com tanta paixão faz-me reconsiderar um novo olhar, conceder-lhe uma nova oportunidade, perdida que estou em cada palavra que sai daqueles lábios perfeitos. *OK, Robin, concentra-te nas obras, não nos lábios. Arte, Robin, não lábios.*

Deixamos a galeria e passeamos junto ao rio, sob o sol cáldo da primavera. Este inverno pareceu arrastar-se por tanto tempo... Sempre tão cinzento, por dentro e por fora, que até me espanta não sofrer de raquitismo. É tão bom voltar a sentir o sol na cara! Tagarelamos e brincamos um com o outro (ou seja, basicamente, a qualquer coisa que ele diga eu esforço-me por responder com alguma piada... e fico em êxtase quando lhe arranco uma gargalhada), e vamos dando uns toquezinhos *acidentais* um no outro. («Robin, as tuas mãos parecem não saber o que fazer. Queres ajuda?» *Que abordagem subtil, Theo, muito subtil, mesmo.* «Sim, tens razão, estão muito confusas e sozinhas. Isto está um bocado complicado, de facto», é a minha resposta.) Ele pega-me na mão... É maravilhoso!

Tudo nele – em nós – é muito bom.

À medida que vamos percorrendo o Embankement, de mãos dadas, não deixo de me perguntar o que é que as pessoas pensarão de nós. Será que acham que o Theo é meu namorado, o meu lindíssimo e estonteante namorado? Espero que sim. Por uma vez na vida, quero ser a namorada orgulhosa, levada pela mão.

Começa a anoitecer e a ficar frio. O Theo sugere que tomemos uma bebida. Apanhamos um táxi e, minutos depois, entramos num bar privado, restrito aos rapazes da velha guarda que frequentaram o mesmo colégio interno onde ele estudou. O mesmo colégio que, provavelmente, o Edgar da Finola frequentou e odiou, mas onde, ainda assim, tenciona inscrever o Roo, quanto mais não seja para lhe formar a personalidade. Agora, que penso nisso, acho que jamais conseguiria mandar a Lyla para um colégio interno. Até neste momento, ao fim de algumas horas sem ela, eu sinto saudades, mas esforço-me por afastar esse pensamento. Sei que ela está muito bem com o Simon, tenho direito ao meu momento e seria ridículo desperdiçá-lo com ansiedades e inquietações sem sentido.

É o Theo quem faz os nossos pedidos, escolhendo um Hotsy Totsy para mim, uma bebida de sumo de frutas carregadinha de álcool. Resultado: duas bebidas e quarenta e cinco minutos depois já eu estou bêbeda. Gostava de poder dizer que estou apenas alegre, mas não. Estes cocktails revelam-se letais: bebem-se depressa de mais e ainda por cima nem almoçámos convenientemente. Por isso, aqui estou eu, uma senhora embriagada e acometida de uma paixonite aguda. Merda.

Escusado será dizer que a tarde se transforma em noite, os cocktails não param de aparecer, acompanhados de uma deliciosa refeição (até podia ser comida barata e gordurosa que, no estado em que estou, continuaria a saber-me pela vida), e o Theo e eu

conversamos durante horas a fio. É sem dúvida o homem mais carismático que conheci até hoje. Tudo o que ele diz é superinteressante. Fico a saber que adora andar de helicóptero e, quando lhe digo que nunca o fiz, responde «Oh! Tens de experimentar! Temos mesmo de experimentar!», com uma tal convicção que quase acredito. Para ele, nada é impossível. Queres andar de helicóptero? Vamos a isso. Queres sentar-te numa mesa do meu clube privado, com tetos altíssimos e ornamentados, e empregados fardados que não param de servir cocktails? É para já! Tudo isto está tão distante da vida que eu sempre levei... Para o Simon, uma *noite mágica* consistia numas cervejolas a caminho de casa, no pub lá do bairro, enquanto partilhávamos uma dose de bife e batatas fritas. Para mim, o modo de estar na vida do Theo representa aquilo que só me é permitido em sonhos ou que apenas vejo em comédias românticas – e por entre suspiros de inveja. Mas o Theo é real. Consigo sentir-lhe o calor da pele e cheirar-lhe o hálito a álcool, tão perto que estão os nossos rostos.

E ele também parece achar que eu sou especial. Ri-se das minhas histórias sobre as MEC e diz que adora a minha sensibilidade. Não perde uma oportunidade de me tocar. Pega-me na mão, descansa os dedos nos meus joelhos quando estamos sentados, afasta-me o cabelo do rosto. E, de cada vez que o faz, todo o meu corpo fica com pele de galinha.

Depois de seis horas incríveis de conversa fluida e espontânea (que me deixam plenamente convencida de que encontrei realmente a minha alma gémea), muitos cocktails e uma vaga lembrança de termos jantado, regressamos ao apartamento dele, aconchegado entre as margens do Tamisa. Contrariando as minhas melhores

intenções, não durmo no quarto de hóspedes. Aliás, não durmo praticamente nada.

Dezanove

Sentada no comboio, de regresso a casa, mergulho a fundo na internet, perscrutando toda e qualquer fonte de inspiração possível para que a minha filha não fique mal vista no desfile de chapéus de Páscoa. Sou várias vezes interrompida pela lembrança das mãos dele nas minhas coxas, no meu cabelo, costas acima... hmm, para com isso, Robin! Percorro o Pinterest e o Instagram (chego até a pesquisar os Chapeleiros da Casa Real, acreditam?) à procura de ideias para tornar o chapéu da Lyla o mais original da sala. Até que sou subitamente acordada para a triste realidade: eu *já* vou conseguir vencer as MEC sozinha, por isso, desisto das pistolas de cola e dos coelhinhos aveludados. Chegada a casa, tomo um duche rápido (já tomei um duche esta manhã, mas não sozinha, se é que me entendem...) e vou até à Dovington's.

É lá que a Lacey e eu passamos as horas seguintes dedicadas a criar uma verdadeira obra-prima – enquanto eu a vou obsequiando com mais pormenores, daqueles que ela quer ouvir sobre as minhas últimas vinte e quatro horas. Esvaziamos a lata inteira das hipercalóricas bolachas com recheio, da Lyla, e quando damos por terminada a nossa hercúlea missão sentimo-nos ambas eufóricas. Até a Terri ficou sem fala, quando viu o resultado.

É espantoso o que uma noite «fora da vida real» consegue fazer à criatividade de uma mulher. Há anos que não me sentia tão viva.

– Já nem me lembro da última vez que te ouvi rir assim – observa a Lacey, com um sorriso feliz.

– E eu já não me lembro da última vez que tive uma razão *tão boa* para me rir assim – digo, devolvendo-lhe o sorriso.

O sol da primavera insinua-se pela janela do bonito ateliê da florista. Adoro este sítio e adoro aquilo que fizemos: muito lentamente e com todo o cuidado, prendemos florinhas frescas de primavera a toda a volta da aba larga de um chapéu tipo touca, de palhinha, e criámos uma faixa de tafetá violeta com uma fita de veludo rosa-velho, para a Lyla atar debaixo do queixo.

Deste verdadeiro paraíso de flores delicadas, usámos miosótis arroxeadas, amores-perfeitos com as pétalas exteriores em lilás e as interiores em amarelo-claro, margaridas gigantes, botõezinhos de rosa e gipsófila branca – para transmitir a essência da vida nova, dos renovados inícios. No ar, a mistura de cheiros era extremamente suave, e, fosse de que ângulo fosse, o chapéu parecia-nos único e divinal – tal qual a minha bebé.

Nos pequenos espaços por entre as flores, colámos ovinhos de Páscoa sarapintados (que eu descobri numa lojinha de artesanato); por fim, como cereja no topo do bolo, a Lacey serviu-se de um pincel fininho para acrescentar uns salpicos de purpurinas nas pontas das pétalas. Ficou sublime. Uma obra-prima visual.

Fiquei em pulgas para o mostrar à Lyla! Levei-o para casa com todo o cuidado e pousei-o numa cadeira da nossa (minúscula) sala de estar. Assim que o Simon a veio trazer – juntamente com um saco de papel cheio de cogumelos selvagens, que eles colheram e que provavelmente nos teriam proporcionado uma pedra do caracas, se eu não os tivesse deitado fora –, levei a Lyla até à sala, tapando-lhe os olhos com as mãos. Assim que os abriu, até gritou:

– Oh, mamã, que *liiiiindo*! O meu maravilhoso Chapéu de Páscoa! O mais bonito que eu já vi! Adoro, mamã, adoro mesmo! És a maior! – disse ela, enquanto eu me esforçava por controlar as lágrimas.

Vê-la tão feliz e aperceber-me de que a Lyla entendeu que eu fiz isto especialmente para ela e com todo o amor do mundo, foi demasiado para mim. Senti o coração prestes a rebentar e mal consegui disfarçar a voz:

– Sim, querida, é para ti! Vais ficar tão linda, amo-te tanto, daqui até à Lua e da Lua até à Terra e da Terra até ao Sol.

– Pois eu amo-te daqui até à Lua e da Lua até à Terra e da Terra até Saturno, que é ainda mais longe! – foi a resposta da minha pequenina.

Ainda alimentámos a coisa durante uns minutos, a ver qual de nós chegava mais longe no amor (uma brincadeira que eu nunca me canso de fazer), e depois fui deitar a menina mais feliz e com o chapéu mais bonito do mundo – e que eu mantive no frigorífico durante a noite, borrifando-o de vez em quando.

Antes de ir para a cama, tirei uma foto à minha maravilhosa obra-prima e mandei-a ao Theo. «Uau! Que Chapéu de Páscoa fantástico! Vai ganhar o primeiro prémio!», respondeu-me, contribuindo para o final perfeito deste meu dia. Ter o Theo na minha vida, ainda que numa curta mensagem de texto ao final do dia, fez-me sentir O Vazio como uma memória cada vez mais distante. Uma memória de um enorme buraco negro na minha vida que, ao que tudo indicava, o Theo começava agora a preencher.

Vinte

São 10h25 e estamos todos sentados no pátio da escola (muito frio, para o meu gosto) para assistirmos ao desfile. Continuo muito agitada com as memórias do dia (e da noite!) que passei com o Theo e com as mensagens que ainda não deixámos de trocar desde então. Ele foi para Zurique, mas, assim que regressar, voltaremos a ver-nos. Uma brisa fria acorda-me para a realidade do aqui e agora. O desfile era para ter sido no interior, mas o sol brilha e a Mrs. Barnstorm achou que seria ótimo «sentirmos a brisa estimulante enquanto cantamos». Sádica. A tensão é tangível, com as MEC com os nervos num frangalho perante a eventualidade de algo correr mal com os seus queridos *anjinhos*.

Esta manhã, consegui ser a primeira a chegar e convenci a rapariga da receção a guardar o chapéu da Lyla no frigorífico da sala do pessoal, de modo a manter as flores frescas. Mesmo correndo o risco de ela ficar a pensar que tenho algum distúrbio mental, vale a pena só pelo gozo que me vai dar olhar para a cara da Val.

– Oh, não, não... Nós, este ano, nem chegámos a ir à loja de artesanato – oiço-a dizer a uma das mães de um aluno do terceiro ano. – Não... Há coisa de duas semanas, o Roger e eu fizemos umas miniférias na costa e comprámos umas conchas *lindíííssimas* numa lojinha do porto. Depois, colámo-las num chapéu *fantááástico* que comprámos no Harrods e que revestimos de uma seda chinesa *carííííssima* que mandámos vir de fora.

– Ah... e acha que as conchas se adaptam ao tema da Páscoa?
– oiço a outra perguntar (e gabo-lhe a coragem).

– Bom, são todas em tons pastel, e essas são as cores da Páscoa, certo? – defende-se a Val, sem conseguir conter uma certa irritação na voz.

– Pois... acho que sim – rende-se a mãe do Terceiro Ano.

Coitada da Corinthia...

– Ooh, lá vêm eles! – arrulha a Val.

– Faz-te alta, Honor, endireita os ombros! – grita a Finola à sua obediente cria.

A Honor, a Clara e o Roo trazem uns chapéus-palheta amorosos, com galinhas felpudas, relva falsa, coelhinhos de espuma – o folclore todo.

A Corinthia surge logo atrás deles, toda ela pompa e circunstância. Traz uma boina de feltro amarelo-canário toda coberta com conchas. Pobrezinha... Dá a ideia que a praia vomitou para cima dela. Sinto mesmo pena da miúda. Há de vir a gastar fortunas em psicoterapia, disso não tenho dúvidas.

Estico o pescoço à procura da Lyla, até que a vejo, no fim da fila, avançando timidamente, mas cheia de orgulho, com o seu chapéu, tipo touca, de palhinha, forrado a tafetá e coberto de flores frescas. Está linda. Quando se volta para olhar para nós, bate as enormes pestanas, e eu sinto o coração a rebentar de orgulho. Pode ser apenas da minha imaginação, mas algumas das outras mães e pais (*elas* hoje não podiam mesmo deixar de vir) arquejam de espanto ao vê-la.

– Oh, Robin, é lindo... – murmura a Gillian, fascinada. É óbvio que ela leva este acontecimento muito a sério. O marido, Paul, pega-lhe docemente na mão e olha-me com expressão agradada, concordando com a cabeça.

– Obrigada – digo. São um casal amoroso.

– Foi tudo feito com flores frescas, não foi? – quer saber a Finola.

– Sim. Achei que elas captavam a essência de uma nova vida – respondo, sentindo-me a flutuar de vaidade.

– Macacos me mordam, minha querida, se não vais ganhar o primeiro prémio! É lindíssimo.

É raro ouvir um elogio da boca da Finola, e senti-la verdadeiramente impressionada representa sem dúvida uns dos melhores momentos da minha vida. Tirando o nascimento da Lyla, claro. Mas é quase tão bom.

– Obrigada, Finola, os teus pequeninos também estão o máximo, todos eles. – Volto-me para a Gillian e acrescento: – E a Clara está um amor.

O desfile continua, até que somos brindados com um momento musical com todas as crianças cantando a uma só voz. Há qualquer coisa que me emociona no canto das crianças. Engulo as lágrimas quando chegam ao refrão: «Dança, onde quer que estejas, que o Senhor sorri sempre que festejas.» Tão bonito... Ouvir a minha filha cantar, com aquele chapéu concebido e feito por mim, deixa-me a transbordar de felicidade. E também a sinto muito feliz. E tranquila. Não parece nada uma criança criada num lar desfeito ou profundamente perturbada (como eu, por exemplo); parece-me tranquila e à vontade com o mundo que a rodeia. Terei afinal conseguido integrar nesta escola e nesta vida uma filha em custódia partilhada? Afinal, parece que está tudo a correr muito bem com ela. Até parece descontraída com as atitudes do «anjinho» Corinhtia, que ainda não deixou de lhe lançar olhares invejosos e deitar-lhe a língua de fora. A Lyla está a ser superior a tudo isso. Linda menina.

O Diretor, Mr. Ravelle, lê uma passagem da Bíblia, e, por fim, a Mrs. Barnstorm prepara-se para anunciar o Chapéu Vencedor, o momento por que todos esperamos.

Ao longo da manhã, os chapéus estiveram todos expostos no átrio da escola (com o nosso solenemente retirado do frigorífico), para serem devidamente apreciados pelo «estimado painel de jurados» composto por uma senhora da igreja local, uma professora do Quinto Ano e o próprio Mr. Ravelle. No fim, os votos foram apresentados e contados.

Os pais parecem claramente tensos, enquanto as crianças estão sentadas de pernas cruzadas no asfalto do pátio, de olhos brilhantes de expectativa. Num gesto cerimonial, a Mrs. Barnstorm abre o envelope, retira uma folha A4, abre-a e comunica: «O primeiro prémio vai para... Lyla Blue Wilde!»

As crianças gritam alegremente, os pais aplaudem, a Val fica com um melão de todo o tamanho e eu prendo o meu olhar no da Lyla. Está corada de espanto e felicidade, tal como eu. Dedico um sorriso radioso e um babadíssimo polegar erguido à minha filha, e ela faz o mesmo, acompanhado por uma tímida dança de vitória. O espetáculo acaba com a canção final; vejo-a correr para mim, segurando cuidadosamente a aba do chapéu.

– Mamã, eu ganhei! O meu chapéu ganhou – grita ela, saltitando nos seus sapatinhos de fivela azuis.

– Eu sei! Eu sei! Estiveste tão bem, adorei a maneira como cantaste e como desfilaste e depois como te sentaste tão... tão bonitinha! Muito bem, minha querida Lyla Bluebird, estou tão orgulhosa de ti!

– Eu tive *taaaanto* cuidado com o meu chapéu, mamã. Vou guardá-lo para sempre!

– Claro, vamos guardá-lo com todo o cuidado... e vai passar a ser o nosso tesouro.

– Bom, receio que isso não seja possível. Pois não, mamã? – É a voz da Val, em tom desdenhoso. No meio de toda a excitação da Lyla, nem a vi aparecer por trás de nós. – Como são flores frescas, amanhã já morreram todas... E lá se vai o teu chapéu, Lyla.

A alegria no rosto da minha filha desvanece-se num segundo, dando lugar a um profundo horror perante a hipótese de ficar sem o seu precioso chapéu.

– Por favor, Val, ela não passa de uma criança e está felicíssima – sibilo eu, entre dentes. E voltando-me para a minha filha:

– Lyla, minha querida, não te preocupes. Vamos secar as flores e ficar com o chapéu para sempre.

Olho em volta, na esperança de que a Finola ou a Gillian venham em meu socorro, mas estão ambas de costas para nós, em amena cavaqueira com o charmosíssimo Mr. Ravelle.

Apercebendo-se da sua vantagem, a Val ataca de novo:

– Pois é... O chapéu da Corinthia vai durar para sempre, porque nós tivemos o cuidado de o decorar com coisas que não se estragam, ao contrário das flores – diz ela, quase como que cuspiendo as palavras na minha cara.

Isto é horrível. Porque é que esta mulher se mostra tão cruel com a minha pequenina? Eu jamais seria capaz de dizer algo de desagradável à Corinthia, mesmo perante o seu chapéu-de-vomitado-do-oceano.

Ao ouvir as impiedosas palavras da Val, os olhos da Lyla enchem-se de lágrimas e vejo-a tirar o chapéu.

– A minha mamã fez isto para mim. Ela ama-me muito, da Lua até à Terra e da Terra até ao Sol, e o meu chapéu é lindo – diz ela

em voz trémula, olhando a outra diretamente nos olhos. – Mamã, podemos ir para casa? – pergunta-me num tom tão frágil, que me deixa as pernas bambas. Vê-la assim tão vulnerável, mas ao mesmo tempo tão corajosa, quase me parte o coração.

– Não me parece que ela te ame assim tanto, minha querida, se te fez um chapéu com flores a apodrecer. Mais vale ires já deitá-lo no lixo.

Não! Para mim, chega. Ela passou dos limites.

– Valerie Pickering – digo, elevando o tom de voz –, como é que te atreves a falar assim com a minha filha? Como é que ousas cuspir o teu veneno e as tuas patéticas inseguranças para cima de uma menina inocente? – Já está tudo a olhar para nós. Ótimo. – Sei que não suportas perder e também sei que és tão miserável, que te sentes na obrigação de te exibires à menor oportunidade, mas, por uma vez na vida, uma vez que seja, tem a elegância de deixares que outra pessoa brilhe. E digo-te apenas mais uma coisa: afasta-te da minha filha ou nem sabes o que te espera!

O pátio mergulhou num silêncio de cortar à faca.

– Eu só quis dizer que... – tenta ela, claramente enrascada com a situação.

– Estou-me nas tintas para aquilo que querias dizer. O que de facto disseste, dirigindo-te diretamente a uma criança de seis anos, foi que o chapéu da Lyla está a apodrecer e que a mãe dela não a ama suficiente. – O nosso «público» parece ao mesmo tempo chocado e encantado com um drama escolar deste gabarito. – Nunca mais te atrevas a chegar perto da minha filha, ficas avisada! Não passas de uma triste, uma mulher patética roída de despeito e de rancor, e, lamento dizer-te isto assim, mas és uma cabra de merda!

– Mamã, disseste um palavrão... – murmura a Lyla, visivelmente chocada.

– Desculpa, Bluebird – digo-lhe, completamente atordoada com a minha própria ousadia. Eu e toda a gente, creio. A Val fica a olhar-me por uns segundos; depois, olha para as outras mães. Ninguém intervém a seu favor. Completamente vexada, agarra na filha pelo pulso e bate em retirada, em direção ao seu lustrósissmo Range Rover.

Curiosamente, a Finola é a primeira a quebrar o silêncio. Baixa-se ao nível dos olhos da minha Lyla, na sua lindíssima saia *Joules* às riscas brancas e azuis-escuras, e fala-lhe em voz doce:

– Lyla, eu achei o teu chapéu maravilhoso. O mais bonito de todos, de longe. Quem me dera ter-me lembrado de fazer um chapéu com flores frescas. Esta noite, vão aparecer fadas a dançar à volta dele, porque, como toda a gente sabe, as fadas adoram flores!

A Lyla assente e esboça um sorriso tímido. A Clara, cujo chapéu está decorado com relva falsa e ovinhos escondidos, avança para junto da mãe e acrescenta:

– Se pusermos os nossos chapéus ao lado um do outro, vai ficar a parecer um jardim de fadas!

E com isto, as meninas afastam-se, sorridentes. Colocam cuidadosamente os chapéus num arbusto, acocoram-se junto deles e iniciam uma conversa acerca de gnomos e fadas e todos os tipos de magia.

Ao ver a Lyla assumir o controlo total dos seus sentimentos, pôr a Val no seu lugar e permitir-se ser feliz e divertir-se com a Clara, fico com o coração a transbordar de alegria. Ela sabe lidar com a vida tão melhor do que eu... Coisinha espantosa.

Quando me volto, já toda a gente começou a dispersar. A Val desapareceu. A Finola e a Gillian observam-me com expressão de inegável orgulho.

– Robin, minha querida, foste absolutamente fantástica! – Fogo, dois elogios da Finola no mesmo dia?! Isto é que é absolutamente fantástico.

– Nem acredito que lhe chamei *cabra*... – digo, sentindo-me a acordar aos poucos para a realidade.

– Pois, mas é o que ela é... às vezes – diz a Gillian, olhando nervosamente em volta, não vá alguém ter ouvido o comentário.

– Meu Deus, vocês acham que eu estou metida em algum sarilho com a escola por causa desta cena? – comento, já em pânico, depois de me aperceber do que fiz.

E eis que, num timing mais que perfeito, a Mrs. Barnstorm – a mulher que me acha a mãe mais merdosa do ano – passa por nós e observa:

– Eu cá não ouvi nada, Mrs Wilde. Muitos parabéns pelo primeiro prémio da Lyla. Vemo-nos no próximo período.

Fico sem fala. Literalmente.

– Acho que isto merece ser festejado! – exclama a Finola.

Pegamos nas nossas crias e respetivos chapéus, metemo-nos nos carros e vamos até à gelataria para nos alambazarmos de açúcar com sabor a vitória. Viva!

Uma semana depois, estou refastelada no sofá, de calças de pijama e uma t-shirt dos tempos da faculdade. Não consigo parar de pensar no Theo. Desde aquelas vinte e quatro horas que passámos juntos que me sinto praticamente a levitar. Já o disse várias vezes e continuo a dizer: o homem é a perfeição personificada. Sempre que

fala comigo é como se conhecesse a minha verdadeira essência. Faz perguntas e ouve (mesmo!) as repostas. É como se conhecesse tudo aquilo que já fui e aquilo que poderei vir a ser, e vê em mim coisas que eu raramente vejo. Diz que adora a maneira como eu sou atenta aos pormenores, detalhes que mais ninguém consegue ver. Na manhã seguinte à nossa tórrida noite de amor, assistimos juntos a uma série da Netflix, e eu comentei que me irritavam imenso as pestanas falsas que as atrizes insistem agora em usar, dando-lhes uma expressão muito pouco natural, a roçar o ridículo. Em vez de ignorar o comentário ou revirar os olhos perante uma suposta embirração feminina, disse: «Eu adoro essa tua paixão pelos detalhes. É incrivelmente observadora e astuta, Mrs. Wilde.» Continuo chocada com o facto de um homem como ele se sentir atraído por uma mulher como eu, mas estou a adorar todos os segundos. A cada mensagem dele, o meu coração derrete. E responder-lhe com o maior cuidado e criatividade é atualmente o meu passatempo favorito.

Há coisa de uma hora, ouvi uma mensagem a entrar e pensei logo que era dele. Mas enganei-me. Era a Kath a informar-me que quer cá passar, para um café e dois dedos de conversa.

Quer saber se eu estarei em casa às dez da manhã. É sábado e faltam quinze minutos para as dez da manhã – é claro que estou em casa.

Tudo o que me apetece é ficar a *aboborar* de pijama, comer Nutella às colheres, ver desenhos animados com a Lyla e, sobretudo, ler e reler cada uma das mensagens que o Theo já me mandou, analisar cuidadosamente cada detalhe, cada vírgula e reticências que possam expressar um segundo sentido, se terei perdido algum pormenor da promessa que ele me fez de «termos

uma vida mágica juntos.» Não que eu esteja obcecada, apenas... cautelosa. Atenta. Uma atitude perfeitamente aceitável por parte de uma mulher bem resolvida e vitoriosa como eu. E de facto tenho tido muitas vitórias: as vinte e quatro horas de magia em Londres; o nosso Chapéu Vencedor; o triunfo sobre a Val; aquela tarde tão divertida na gelataria – e toda a semana que se seguiu, deixando-me confiante, sonhadora e plena de expectativas. Além disso, tenho feito excelentes progressos com as MEC. A Gillian criou um grupo no Whatsapp, ela, eu e a Finola, para podermos coordenar em conjunto os nossos tempos livres e as atividades com as nossas crianças. Quero lá saber para que serve o grupo, sinto-me feliz como uma criança só por fazer parte dele! Finalmente.

Tão certo como a noite, a Kath entra-me em casa às 9h59. Já nem me lembro da última vez que ela se preocupou em tocar à porta.

– Oláááá, sou só eu! – diz-me, da entrada. – Vou só pôr a chaleira ao lume. Deixa-te estar.

Se ela quisesse apenas um chá, teria ficado em casa em vez de entrar na minha, à socapa, às dez da manhã de sábado (*não sejas mazinha, Robin*); por isso, e como boa sobrinha que sou, levanto-me penosamente do sofá, onde a Lyla está aninhada, em pijama, a assistir a um programa sobre animais que governam um país (muito parecido com o nosso atual clima político, por acaso), e arrasto-me até à cozinha.

A minha querida tia Kath não se limitou a pôr a chaleira ao lume – também decidiu raspar os pratos dos restos secos do jantar de ontem, para o caixote do lixo, e abrir a torneira do lava-loiça para os passar por água quente antes de os meter na máquina. O problema é que abriu demasiado a torneira, e agora tenho água a espichar

para cima dos caixilhos de madeira das minhas janelas. Como é que ela conseguiu fazer isto tudo em dois minutos? Fico ali especada a olhar para ela, chateada com a confusão, mas maravilhada com a sua eficácia. Aqui está ela, às dez da manhã, bem vestida e arranjada, a funcionar a todo o vapor. E aqui estou eu, de ramelas e pijama velho, perguntando-me se hoje me conseguirei safar sem um duche, apenas com uma borrifadela de desodorizante até ir para a cama. Depois de a ver fazer noventa coisas em noventa segundos – nenhuma delas realmente necessária –, reparo que se prepara para abrir o meu correio.

– Ai, amor, tens mesmo de abrir estas contas, já estão muito atrasadas! E quando pensas abrir estes extratos bancários? Tens de verificar tudo com muita atenção porque...

– Tia, por favor, deixa lá isso. Eu abro as contas e os extratos mais tarde, OK? Quando me sentir um pouco mais acordada – digo, irritada, por a ver desenterrar coisas que eu deliberadamente me tenho esforçado por *avestruzar*.

Neste momento, não preciso disto. Estava tão sossegadinha e feliz, a pensar no Theo e a ver televisão com a Lyla... Contas e extratos bancários não estão, definitivamente, na minha agenda.

– Então, vamos lá acordar e começar o dia, querida! Está uma manhã linda! Não tencionas ficar o dia todo enfiada em casa, pois não? – insiste, continuando a abrir a correspondência e a ignorar os meus protestos.

– Por acaso, é exatamente isso que me apetece fazer, sim.

– Nããã! Vais sair de casa e aproveitar este lindo dia. Sabes o que é que o meu Derek costumava dizer? «Os teus dias podem ser limitados, mas o teu entusiasmo é que nunca.» Eu também me tenho sentido muito em baixo esta semana, sabes, com as minhas

enxaquecas terríveis, mas o melhor que há a fazer é sair para a rua e sacudi-las!

– Ah, que Deus proteja o tio Derek...

Nunca sei o que dizer quando ela fala no marido. Além disso, não me quero alongar muito na conversa, porque acho que ouvi o telemóvel vibrar no sofá, onde o deixei.

– Sim, querida, e, no caso dele, os dias foram limitados, infelizmente. Mas cabe-nos a nós vivermos os nossos como se fossem os últimos e aproveitá-los ao máximo – continua ela, lançando uma nuvem de espuma de detergente para cima da bancada. – Oh, desculpa, amor... Não tenho dormido nada bem. Creio que nem eu estou suficientemente acordada, só faço disparates – acrescenta com uma risadinha.

– Oh, tia, não digas isso, tu já fazes tanto... E aproveitas tão bem os teus dias. Os clubes que organizas, os cursos em que te inscreves – digo eu, em tom carinhoso. Irrita-me imenso ver a minha cozinha toda encharcada, mas sei que ela se emociona sempre que fala no Derek.

– Obrigada, querida – diz-me, dando-me uma palmadinha no braço com a luva de borracha cheia de detergente. – Vais ver que isto passa, para a semana já estarei como nova!

Acho que continuo a ouvir o telemóvel a vibrar, mas pode ser apenas desespero. Não posso simplesmente virar costas à Kath e deixá-la a falar sozinha, não é?

Já só falta uma semana para eu estar de novo com o Theo. Precisamente de hoje a oito dias tenho agendado um trabalho em Londres, e já sinto borboletas no estômago só de pensar em estar com ele. Talvez me leve a jantar a um restaurante chique. Ou me

leve diretamente para a cama. Nem sei qual das hipóteses me agrada mais.

– De certeza que não se importa de ficar com a Lyla no próximo sábado? – pergunto, só para confirmar.

– E por que motivo havia eu de me importar de ficar com a minha florzinha linda? Adoro! Vais ter um trabalho importante, é?

– Sim, uma sessão fotográfica. A Natalie pediu-me que orientasse a equipa. Desde que decidi alargar o meu horário de trabalho, ela tem feito questão de me atribuir trabalhos realmente interessantes. Julgo que está muito satisfeita comigo... E vou ter de lá ficar para o dia seguinte.

– Ah, uma sessão de dois dias, que bom para o teu orçamento! Um dia destes, convidas-me para almoçar! Haha! Eu e o Derek almoçávamos fora todas as sextas-feiras, nem que chovessem canivetes. Era o nosso maminho a dois. Por vezes, só comíamos uma sopa ou uma Sandwich Club. Oh, o Derek amava essas sanduíches, até costumava...

– Que querido – interrompo-a, finalmente. – Pois, a sessão é só de um dia, mas eu vou ficar a dormir em casa de uma amiga e só volto no domingo de manhã.

A Kath interrompe o que está a fazer e olha para mim com uma expressão cintilantemente desconfiada.

– Uma amiga? Não será antes... um amigo?

Fogo, esta minha tia, quando quer, é mesmo esperta!

– Bom... sim... não. Aliás, sim! – Por que raio é que me sinto como uma adolescente apanhada a beijar um rapaz nas traseiras de casa?

– Oh, querida, que saudades tenho eu desses tempos – diz ela, encostando-se ao lava-loiça e descalçando as luvas ensaboadas.

Vejo-lhe a saia indiana a ficar ensopada, mas ela nem parece reparar.

– Aquela emoção da antecipação, quando tudo parece resplandecente e o mundo nos sorri a cada segundo... Quando começámos a sair, o Derek levou-me a jantar ao Ritz. Lembro-me como se fosse hoje. Levava um vestido de seda da cor do café e atei dezenas de fitas coloridas no cabelo. Era cá um espetáculo e peras, esta tua tia! Naqueles tempos, uma toilette dessas era considerada muito ousada... O Derek adorou, claro, disse que eu parecia uma ave-do-paraíso! E tu sabes como ele amava pássaros.

– Chama-se Theo. O homem com quem ando a sair. Trabalha em imobiliária – lanço-lhe eu, da mesa da cozinha, onde me dedico a empilhar de novo as contas, tencionando deixá-las ficar assim mais uma semana.

Mas creio que a Kathie nem sequer me está a ouvir; pousou as mãos no rebordo do lava-loiça e está a olhar pela janela com expressão sonhadora.

Agarro a oportunidade com unhas e dentes e saio da cozinha, correndo a verificar o telemóvel. Nada. Afinal, não vibrou coisa nenhuma, era mesmo só a desesperada da minha ansiedade a dar sinal de vida. Abro a última mensagem que o Theo me mandou ontem à noite.

Boa noite, querida. Dorme bem. Um beijo.

Preocupa-se comigo, e isso quer dizer muito. Ainda nem acredito na sorte que tive.

Apetece-me imenso convidá-lo para um programa de MEC que aí vem. De vez em quando, organizam um jantar em que as caras-metades também são convidadas. Nunca fui a nenhum, claro, mas seria uma excelente oportunidade para eu finalmente me envolver

no espírito. Ainda falta mais de um mês, mas confesso que já estou a pensar na melhor maneira de o convidar. Ou será cedo de mais? Sei lá eu... Este nosso namoro afigura-se-me bem mais difícil do que as apps de encontros. Oxalá na vida real fosse assim tão fácil, bastando uns cliques e *swipes*.

Pouco depois, a Kath aparece na sala, algo cansada e afogueada – e eu sinto-me imediatamente culpada. Mal ouvi uma palavra do que ela esteve a dizer, por estar demasiado concentrada no telemóvel e irritada por ela ter mexido nas minhas contas por pagar.

A Lyla ergue os olhos para ela e salta do sofá para lhe ir dar um apertadíssimo abraço-de – cintura:

– Tia Kath! Ainda bem que vieste brincar comigo! – diz ela, sem a largar e quase fazendo com que ela caia.

– Caramba, tanto amor para uma senhorinha tão pequenina – comenta a minha tia, a transbordar de ternura e gratidão.

– Tu cheiras a jardim, tia – observa a minha filha, inspirando profundamente. E tem razão, a Kath cheira sempre aos seus óleos de banho *patchouli*; ela e a casa toda, diga-se.

– Queridas, eu vou só acabar o meu chá, combinei ir ter com a Moira. O Alan redigiu uma queixa, por causa de uma gentinha que anda a colar cartazes perfeitamente desnecessários nos postes de iluminação cá do bairro, e eu quero ler o rascunho.

– O quê? – Fico absolutamente pasmada com o mundo louco da tia Kath.

– Sim, sim. As pessoas andam a desrespeitar a lei e a conspurcar as ruas com aquilo que muito bem lhes apetece. Não pode ser. Um ou outro cartaz de um bichinho desaparecido, ainda vá, mas, francamente, para vender mobílias e cacarecos usados,

isso não! Já está a ultrapassar os limites! – Diz isto num tom indignadíssimo, como se se tratasse de um crime hediondo a exigir medidas extremas.

– Ah, OK... Pois, isso é horrível – digo eu, sem perceber como é que passámos do Derek e dos jantares no Ritz para isto. Talvez eu devesse ter sido mais participativa na conversa.

– Se é! E eu adoro visitar a Moira e o Alan, sabes... É tão bom ver um casal tão feliz há tantos anos. Eu e o Derek também seríamos assim, de certeza.

Lá voltamos nós ao Derek, e ainda bem. Dá-me uma oportunidade para me redimir da insensibilidade de há pouco.

– Tu e o Derek não iriam perder tempo com queixas sobre a vizinhança. Iam continuar a viajar pelo mundo, a viver cada dia como uma grande aventura, enchendo a vossa casa de memórias lindíssimas. Seriam o casal perfeito.

Ao ver-lhe os olhos a marejarem-se de lágrimas, levanto-me e abraço-a ternamente. Pouco depois, ela sai, parecendo-me ainda mais cansada, mas alegando que é só a ameaça de uma enxaqueca. Acho que, no fundo, ela só quer um tempinho para estar sozinha. Respeito a sua vontade e digo-lhe que estou cá, se ela precisar de mim. Pobre Kath...

Vou à janela acenar-lhe e deixo-me ficar por ali, sentindo-me algo inquieta. Há qualquer coisa de errado com ela, hoje deu para perceber. Não sei se serão apenas as suas enxaquecas ou se sente mais a falta do marido, mas a verdade é que eu devia ter-me esforçado mais. Não gosto nada de a ver tão em baixo... Sinto um peso no coração por não conseguir ajudá-la como ela sempre me ajudou a mim.

Assim que a vejo desaparecer na esquina, oiço o telemóvel a tocar. E desta vez é a sério. Yes! É o Theo!

Vinte e um

Maio

Ele está a chegar a todo o momento. Meu Deus, estou tão ansiosa! Com esta idade já não é normal sentir-me assim, mas, para ser franca, isto consegue ser bem mais excitante do que quando o meu pai me deu trinta libras para estoirar na Toy's R Us. Ganhou uma aposta nas corridas de cães, e a mãe matava-o se sonhasse que ele se tinha metido nisso. Por isso, fomos os dois à loja de brinquedos, comprámos tudo aquilo que me apeteceu e dissemos-lhe que nos tinha saído tudo num sorteio de uma rifa comprada na igreja. Até hoje ela nem desconfia da verdadeira proveniência daquele fabuloso jogo do Hungry Hippos.

A casa está verdadeiramente imaculada. Vesti um conjunto mãe-boazona, ou seja, uma saia comprida de malha de algodão, cor de mostarda, camisola de malha branca com mangas compridas, sandálias castanhas e blusão de ganga. Tenciono aprimorar a coisa com um colar de bijutaria, chique, junto ao pescoço, batom vermelho, sensual, e óculos escuros, mas não quero que ele pense que dediquei mais do que cinco minutos à escolha do modelito.

Vou encarar este dia de um modo tão *cool*, que vou parecer congelada. A Lyla decidiu vestir-se sozinha, por isso, em vez de começarmos o dia com uma guerra de caprichos, que inevitavelmente acabaria num derramamento de lágrimas (minhas, não dela), demito-me dessa questão. Estou muito *zen*. E espero que o Theo interprete a minha postura como excêntrica e não como completamente desesperada. Para meu enorme e secreto horror, a Lyla optou por meias até ao joelho, com motivos natalícios, um tutu com a bainha bordada a pompons (cortesia da «fase pompom» da

tia Kath, no verão passado), um top com um dinossauro brilhante e mais ganchos no cabelo do que alguém poderia imaginar ser possível. E escusado será dizer que se sente fantástica. Que posso eu fazer?

Na conversinha que tive com ela, disse-lhe que este seria um dia especial, o dia em que conheceria o Theo e que devia portar-se bem e ser uma menina bonita. Mas não conto muito com isso. Tenho esperança de vencer qualquer obstáculo com carradas de charme e descontração e que o Theo se renda completamente à nossa adorável família, se apaixone por ambas e decida comprar uma casa em Primrose Hill, para vivermos felizes para sempre. Não acho que esteja com expectativas demasiado altas, mas apenas a ser realista. E fresca que nem uma alface.

Umas quantas baforadas de perfume (terá sido por isso que a Lyla desatou a tossir ou estará simplesmente com a garganta irritada?), uma última volta pela casa para verificar que não deixei visível nada de hediondo e... oh, meu Deus, já oiço o carro dele a chegar à minha porta! É um dia importantíssimo. Respira fundo, respira fundo... Estou tão feliz por ele ter aceitado aparecer por cá, que me sinto quase a rebentar.

Abro a porta antes ainda de ele sair do carro – quiçá um nadinha entusiasmada de mais – e fico a vê-lo aproximar-se para me cumprimentar.

Está com um ar absolutamente divinal, como sempre, digno de uma London Fashion Week: calças caqui de corte impecável, camisa rosa-pálida com as mangas arregaçadas (só um homem com muita classe aguenta uma camisa cor-de-rosa) e sapatos de camurça castanha de atacadores. Tem estampada no rosto a expressão «fim de semana relaxado», e o cabelo quase que implora

os meus dedos. Quanto a mim, se sorrisse mais, arriscava-me a rasgar a boca.

– Querida, estás fantástica!

O Theo entra no nosso minúsculo hall e para à porta para me dar um beijo – dando sentido a tudo aquilo que eu sempre quis que fizesse sentido.

Avança para a Lyla, subitamente envergonhada e saltitando de um pé para o outro, e diz:

– Robin, esta senhora lindíssima é a tua irmã?

– Oh, não! – digo eu, chocadíssima, alinhando na brincadeira. – Esta é a Lyla!

– Não é possível! Eu pensei que a Lyla fosse uma menina, mas esta juvenzinha é tão crescida e tão bonita, que não pode ter apenas seis anos – exclama ele, com uma falsa expressão de incredulidade que a convence plenamente.

A minha filha solta uma risadinha, o que me faz ter a certeza de que ele a conquistou completamente.

– Não, seu tonto! Eu sou a Lyla e esta é a mamã, e ela não tem nenhuma irmã!

– Pois não, tens razão! – diz ele, baixando-se e estendendo-lhe a mão para a cumprimentar. – Olá, Lyla, é um prazer conhecer-te. Eu sou o Theo e acho que a tua mamã é muito bonita.

A Lyla pega-lhe na mão e cumprimentam-se efusivamente, como se estivessem a fechar um negócio importantíssimo. A minha filha sorri de orelha a orelha, encantada com este cumprimento adulto e extravagante.

Desculpem-me se me desfiz por dentro perante este momento mais-que-perfeito.

– Pois é, a mamã é perfeita! E hoje está muito feliz... Ainda nem sequer gritou por causa da «merda das chaves» nem correu pela casa de cuecas a perguntar «onde é que está a porra dos meus jeans»... – responde a Lyla, com o ar mais sério do mundo.

Apetece-me morrer outra vez, mas agora de vergonha.

– Lyla, não digas essas coisas! Isso são palavras de adultos! O Theo não quer ouvir essas palavras da tua boca.

Felizmente, o Theo parece divertido.

– Não sei, não, mas acho que gostava de entrar nesse jogo do «onde está a porra dos meus jeans» contigo... – sussurra-me ao ouvido.

– Desculpa, mamã – pede a Lyla docemente, com um sorriso envergonhado por saber muito bem que se esticou.

– Ora, ela é uma menina tão bem-educada – observa o Theo, acabando com qualquer constrangimento. – Muito bem, Lyla, ouvi dizer que hoje nos vais levar a mim e à mamã a passear. Mas pergunto-te se não te importas de nos levar no meu carro?...

A Lyla ri-se, adorando a atenção, e assente veementemente com a cabeça. É tão fácil de cativar, esta minha filha. Não sei a quem é que saiu.

Assim que entro no carro, sinto-me a flutuar. É como se este espaço fosse uma bolha (uma bolha com cheirinho a BMW), dentro da qual me sinto em total segurança. A minha filha linda e extravagantemente vestida senta-se atrás, onde o Theo colocou o banquinho de apoio, e seguimos por estradinhas verdejantes, num carro conduzido pelo homem mais bonito do mundo, que tem uma mão no volante e a outra no meu joelho – fazendo-me sentir em estado de êxtase total. Isto é precisamente aquilo que o destino me reservou. Homem, mulher e criança, juntos, num dia perfeito.

Agrada-me o meu reflexo no retrovisor, com os brinquinhos de brilhantes verdadeiros que a Lacey me emprestou. A namorada do Theo usa brincos de brilhantes. Glamorosa, mas subtil. Sinto-me tão feliz dentro deste carro, que não quero sequer chegar a lado nenhum.

Mas chegamos, claro, e, assim que eu abro a porta do carro, reparo que a Lyla cravou as solas nojentas nas costas do banco do Theo. Nas costas do banco creme, de pele genuína, do carro do Theo. Horrorizada, limito-me a fechar suavemente a porta atrás de mim, rezando para não me esquecer de o limpar mais tarde, sem que ele se aperceba. Talvez à noite, quando ele estiver a dormir. Merda.

– Vou só buscar a minha camisola – diz o Theo, abrindo a porta de trás para pegar no pullover azul-escuro, de cachemira. É claro que é cachemira e é claro que ele vai ver as marcas dos sapatos.

Foda-se, foda-se, foda-se.

– Oh! – solta ele, uma oitava acima do tom habitual.

– Hã?... – Vou fingir que não percebi. De certeza que isso resolve o problema.

– Acho que a Lyla tem lama nos sapatos – observa ele, apontando para as costas do banco sujas de lama.

– Oh, peço imensa desculpa! Nem me apercebi, mas deixa estar que eu limpo isto. Acontece imensas vezes no meu carro. Lamento imenso, eu... Não estás chateado, pois não?

– Nããão! Claro que não. Sem problema... Vamos lá?

Vejo-lhe a veia da têmpora direita a tremer, quando cerra os dentes, e percebo perfeitamente que ficou superchateado – mas o facto de ele fingir que não há problema nenhum só me faz ficar ainda mais apaixonada.

– A tia Kathie diz que a vida é para ser vivida, Theo. Não devemos dar importância a um bocadinho de lama – observa a Lyla. Adoro este seu espírito livre; adoraria ainda mais que ela não o exibisse neste preciso momento – o que certamente só terá deixado o Theo ainda mais irritado.

Ele rodeia o carro para vir ter connosco, e eu preparo-me mentalmente para o pior. Mas, para meu grande espanto, vejo-o pegar na Lyla ao colo e pô-la às cavalitas, ao mesmo tempo que diz:

– Tem toda a razão, Miss Lyla Blue. Vamos lá desfrutar do nosso dia e tratamos disto depois.

Uau, estou impressionada! Levou o assunto com tanta calma... E ainda mais me surpreende ele ter-se lembrado do nome do meio dela. Acho que só lho disse uma vez. Adoro-o, adoro-o, adoro-o!

Dirigimo-nos ao imponente pátio da Thropton House, uma lindíssima casa de campo que abriu hoje as suas portas ao público, numa visita a que chamaram Dia de Família Primavera. Pensem em gigantescas colunas ladeando a escadaria da entrada, paredes de pedra cobertas de hera e múltiplas chaminés que servem as variadas lareiras, à frente das quais esta família podre de rica gosta de reunir no Natal. Não consigo deixar de me sentir presunçosa, a sério. Finalmente, eu, Robin Wilde, estou a usufruir de um dia magnífico com a minha menina linda, a luz dos meus olhos, e um homem absolutamente estonteante, tão maravilhosamente descontraído nas suas calças caqui. Nunca sonhei vir a ser esta mulher. O tipo de mulher para quem eu geralmente olho com admiração e uma pontada de inveja. Pareço uma delas, bem resolvida e com uma vida familiar perfeitamente equilibrada. Podíamos perfeitamente estar na capa de uma revista, caramba!

– Isto é fantástico, não é? – comenta o Theo. – Faz-me lembrar quando era rapazinho e ia à caça com o meu pai.

Fico secretamente deslumbrada por saber que ele, na sua juventude, participou em chiquérrimas caçadas organizadas em requintadas propriedades rurais.

O pátio exhibe uma série de bancas e barraquinhas que vendem todo o tipo de magníficas iguarias. Fatias de piza cozidas em forno de lenha, *wraps*, sandes com porco acabado de assar, *fish and chips*⁹, bifes feitos no momento e muitas outras coisas deliciosas e proibitivas de ter à disposição com crianças por perto: cupcakes, brigadeiros, scones a escorrerem manteiga e doce. Ficamos sem saber para onde nos virarmos.

Quase como que lendo a minha mente, o Theo sugere:

– E se fizéssemos uma loucura e experimentássemos um pouco de tudo?

– Mas quem és tu, o homem dos meus sonhos? – brinco, encantada com a ideia de poder provar de tudo e mais alguma coisa.

– Aha, muito provavelmente! Vamos lá servir-nos e fazer um piquenique na relva – diz ele, dirigindo-se à primeira banca de comida.

É mesmo isso que fazemos – e é maravilhoso. Deixo que seja ele a escolher um pouco de tudo, porque não quero que me ache uma alarve, mas faço questão de levar uma caixinha de cupcakes só para a Lyla.

Deixamos o pátio e instalamo-nos num dos majestosos relvados, à sombra de umas árvores.

Este jardim é tão bonito... Faz-me desejar que tivéssemos nem que fosse um metro quadrado de relva lá em casa. Está tudo tão

delicadamente plantado, tão cuidadosamente podado. Túlipas, peónias, os mais perfeitos delfins, jacintos bojudos, camélias cor-de-rosa, tudo em plena floração, atribuindo ao cenário uma pincelada de cor, tão necessária após meses e meses de um cinzento persistente.

– Lyla, anda cá ver estas flores de cerejeira! – chama-a o Theo, num tom entusiasmado.

Mas ela nem quer saber, está absolutamente vidrada nos cupcakes que eu trago na mão. Por vezes, tem atitudes que mais parecem de um cachorrinho do que de uma criança. Dirijo um educado «Uau, que bonitas» ao Theo, que parece ficar satisfeito. Olhem só para nós, admirando as cerejeiras em flor num bonito dia de sol!

Pousamos a comida e, como a mais perfeita deusa doméstica que finjo ser, saco de uma mantinha da minha mala XL e estendo-a na relva.

– Ena, pelos vistos a tua mamã tem tudo pensado, Lyla – comenta o Theo.

Faço um esgar de falsa timidez... não muito bem conseguido, diga-se.

– A mamã tem tudo na sua mala mágica! – Oh, tão querida, a minha filha... – O telemóvel e os doces e os elásticos para o cabelo e o dinheiro e os brinquedos e as mantas e os tampões para os seus momentos de senhora adulta.

Oh, meu Deus, é claro que ela tinha de se lembrar daquela resposta mal-amanhada que eu lhe dei quando me perguntou se aquele cartuchinho amarelo-berrante era uma guloseima!

– Ahahah! – ri-se o Theo. – Isso quer dizer que ela está preparada para tudo, tudo, tudo, não é?

Também me rio, ainda que algo incomodada por a perfeição deste momento ter sido *absorvida* por um tampão. Não tarda nada, a miúda está a falar daquela tarde na depilação.

Dispomos as nossas caixas de comida sobre a manta e enfiamos as palhinhas nas bebidas – o que distrai suficientemente a Lyla de eventuais conversas sobre coisas que não interessam nada nem a ninguém. Ainda bem que nos instalámos aqui, à sombra destas árvores lindíssimas e meio escondidos da multidão, porque, na verdade, parecemos um nadinha alarves com tantas caixas de comida espalhadas numa manta de piquenique. Adoro o facto de o Theo não me fazer sentir desconfortável por gostar tanto de comer. Não que eu não me sinta bem no meu corpo, tenho um peso bastante razoável para a minha altura, mas trabalhar o dia inteiro com modelos produz os seus efeitos, e por vezes sinto-me extremamente culpada por ser tão gulosa. Mas, enfim, relembrando a sábia teoria de que «magreza e felicidade nunca andam de mãos dadas», preparo-me para saborear estes petiscos maravilhosos sem pesos de consciência. E, pelos vistos, a Lyla também não os tem, a julgar pelas mãos gordurosas enfiadas em cada caixa.

– Em Londres, nunca consigo ter momentos destes. E é tão bom... – comenta o Theo, olhando-me nos olhos.

– Pois, são as alegrias de não viver na cidade. Ar fresco, céu aberto, muito verde... Eu adoro. Também adorei passear contigo em Londres, claro, mas seria incapaz de lá viver. Ia sentir-me sufocar a cada minuto. É tão bom respirarmos livremente, não achas? – acrescento, deliciando-me com o aroma doce das flores mais próximas.

– Se acho! E sobretudo em tão boa companhia. Tu tens o dom de me deixar completamente descontraído, sabias? – responde ele,

estendendo-se na relva com a cabeça no meu colo, olhando o céu (e não as minhas narinas, espero). Meu Deus, ele é tão tranquilo.

– Pois, então... brindemos a isso! – digo, enquanto ergo a minha limonada.

E brindamos com as respectivas latas. Entretanto, chamo a atenção para o espetáculo de falcoaria que está prestes a começar. É suposto ser o ponto alto do dia, e estamos todos muito entusiasmados.

– Oh, eu adoro falcões! – diz o Theo, sentando-se e observando o cenário. Não consigo perceber se está a ser sarcástico ou se de facto gosta destas aves.

– Sim, eu também. São fantásticos.

– São aves tão poderosas, a forma como pairam no ar, como detetam as suas presas e as caçam... Eficazes e impiedosas.

Acho que nunca o vi tão empolgado como agora.

– Como tu? – brinco.

– Aha, talvez! – ri-se ele, apoiando-se nos cotovelos.

Infelizmente, o espetáculo de falcoaria deixa muito a desejar. Dos três falcões em exibição, um viu alguma coisa interessante num dos telhados da mansão e ali ficou, enquanto o seu jovem e frustradíssimo instrutor agitava desesperadamente um rato morto, na tentativa de o atrair cá para baixo; o outro esvoaçou por ali e tratou logo de se esconder na copa da árvore mais próxima; o último executou três voltas perfeitas sobre os relvados (apenas quase impressionante) e depois regressou para a sua gaiola, como que a dar a prova por terminada. Como eu o percebo! Acho que eu não teria o menor jeito para falcão, ao contrário do Theo. A Lyla convence-se de que o abanar do ratinho faz parte do espetáculo e mostra-se absolutamente fascinada com aquilo. O Theo aproveita a

oportunidade para enfiar a mão por baixo da minha saia e acariciar-me a coxa. Eu rio-me e enxoto-o.

– Quietos, rapaz! Ainda excitas os falcões!

– Excitado, estou eu... – sussurra-me calmamente, fazendo-me corar. – Em miúdo, costumava ir à caça com o meu pai – diz-me, mudando de assunto e esfriando as ideias.

– E ainda caças? – pergunto-lhe. – Não me pareces nada do género de andar a matar animais pelos campos, mas antes de perseguires com o teu charme tudo o que é rabo de saia de Londres. – Sorrio e chego-me a ele; aproveito para lhe plantar uma beijoca rápida nos lábios, enquanto a Lyla não está a olhar.

– Agora, já não caço. O meu pai guardou definitivamente as armas, por insistência da minha mãe, e nenhum dos meus amigos ou colegas é caçador – diz-me, com uma certa tristeza no olhar, quem sabe se por ter recordado o pai.

– Adorava conhecer os teus amigos – atrevo-me, pousando a minha mão na dele e fazendo-lhe cócegas na palma.

– Sim, claro, tenciono apresentar-tos – responde, sem olhar para mim, centrado nas manobras do instrutor para convocar as suas aves.

Continuamos com o piquenique. Deito a Lyla no meu colo para uma sessão de mimos (com as mãos do Theo já devidamente afastadas de mim) e deixo-me levar por este momento, olhando para as flores, observando as pessoas. Cheira tão bem a minha filha... Eu sei que todas as mães sentem o mesmo em relação aos filhos. Cheiram a amor e a ternura, e deixam-nos de coração maravilhosamente apertado. Oxalá pudesse guardar este cheirinho de amor para sempre.

O Theo parece-me algo desiludido. Devia estar mesmo a contar com o espetáculo dos falcões como sendo o ponto alto do dia.

– Estás bem? – pergunto-lhe, afagando-lhe o braço bronzeado. – Ficaste chateado com o falcão Colin?

– Não, não... Só não gosto de criar expectativas altas sobre uma coisa que depois não se concretiza, mais nada. – Franze a testa um nadinha mais do que o que seria razoável, em minha opinião. – Achei mesmo que iríamos assistir a um espetáculo fabuloso.

– Foi uma PORCARIA! – grita a Lyla, de novo num timing perfeito.

Bom, de facto, o jovem instrutor nem sequer conseguiu atrair o falcão do telhado cá para baixo, limitando-se a atirar com o ratinho defunto para uma caixa, subir para o jipe e pegar no telemóvel. Um tanto dececionante, realmente.

– Que tal se arrumássemos isto tudo e déssemos mais uma volta por aqui, antes de irmos embora? – sugiro eu, à laia de consolação. Não quero que nada estrague este dia e até me sinto um pouco enjoada por ter comido tanto. Fazia-me bem uma caminhada.

– Siiim! Quero comprar qualquer coisa nas banquinhas, mamã! Posso escolher? – pede a Lyla, saindo do meu colo e saltitando à minha volta.

A tenda da feira de artesanato parece saída de um sonho. Um espaço enorme cheio de bugigangas, prendinhas e lembranças, e de bombons e caramelos caseiros que cheiram divinalmente.

O sol insinua-se pelas grandes portas escancaradas, homens e mulheres passeiam de mãos dadas e com expressões felizes, os vendedores tagarelam alegremente sobre as suas criações.

Passou o amuo ao Theo por causa dos falcões e, agora, passeia-se por aqui de mão dada comigo. A Lyla saltita alegremente

à nossa frente... e eu só quero fazer o tempo parar e ficar aqui, assim, neste momento absolutamente admirável. Foi exatamente assim que eu idealizei este dia – melhor era impossível.

O Theo passa bastante tempo numa banca com modelos de avião feitos em granito, enquanto eu finjo um profundo interesse pela explicação que ele me dá sobre o funcionamento do propulsor.

A Lyla está a portar-se bem, perfeitamente integrada, brinca e diverte-se com tudo. Por fim, decide-se por um puzzle de madeira pintado à mão, com uma abelha amorosa preta e amarela. Claro que nem hesito em compensá-la pelo seu excelente comportamento.

A senhora da banca dos puzzles olha para ela, com um sorriso caloroso.

– Deves ter-te portado muito bem, hoje, para o papá e a mamã te quererem oferecer um presente tão bonito!

A Lyla praticamente nem a ouve, muito mais interessada no bonito saco com o puzzle que a senhora lhe estende, mas eu e o Theo, sim. Ficamos os dois sem saber o que dizer. Começo a sentir um súbito ardor nas bochechas, devo estar com cara de parva, de certeza. Que vergonha.

E eis que, com o ar mais tranquilo deste mundo, o Theo aperta-me a mão e responde à senhora:

– Portou-se lindamente, é verdade. Merece tudo.

Pronto, com esta resposta resolveu a situação. É um homem espantoso. Será que ele se vê como uma figura paterna? Sinto que o que acabou de acontecer serviu para fortalecer a nossa relação.

Depois de mais vinte minutos de voltinhas por ali e de um saco de quase um quilo de caramelos de baunilha acabados de fazer, dirigimo-nos, finalmente, até ao carro, serenos e felizes.

Mais tarde, já na cama, depois de uma sessão de sexo muito silenciosa e gratificante, deixo-me embalar pelo suave ressonar do Theo. Quase que não acredito no quão maravilhoso foi este dia. Se me fosse possível, eu flutuaria.

⁹ Prato típico com origem no Reino Unido, que consiste essencialmente em peixe frito (várias espécies, consoante o local) e batatas fritas. Embora remonte ao século XIX, ainda hoje é um petisco servido e apreciado por muitos. (N. da T.)

Vinte e dois

Junho

Esta noite vai ser especial. A Kath vai buscar a Lyla à escola e leva-a para jantar e dormir em casa dela. E eu, como é óbvio, planeio aproveitar ao máximo esta folga para tratar de mim. Envolvida pelo som de uma playlist romântica do Spotify, enfio-me num luxurioso banho quente de meio da tarde. As coisas têm corrido muito bem entre mim e o Theo desde aquele nosso «dia de família». Já jantámos várias vezes fora, fomos ao cinema e passámos umas quantas noites juntos. Posto isto, decido reunir a coragem necessária para o convidar para o tal jantar organizado pelas MEC, onde se incluem as respetivas caras-metades. Lembro-me que, por alturas do Natal, estava a Lyla prestes a acabar o primeiro período na escola nova, fui a um cocktail de fim de tarde na escola, com as MEC e respetivos cônjuges, e senti-me tão estranha o tempo todo, tão extraterrestre, que só me apeteceu gritar: É ISTO QUE TEM IMPORTÂNCIA PARA VOCÊS? SÃO REALMENTE FELIZES ASSIM? É ASSIM TÃO IMPORTANTE SABER QUANTAS VEZES É QUE A LAUREN E O PHILIP FORAM A ROMA ESTE ANO? Mas é claro que fiquei calada. Limitei-me a morder a língua e a fazer que sim com a cabeça, de sorriso amarelo e levemente tresloucado, esperando sinceramente que o Roger (o marido manhoso e careca da Val) não percebesse que eu me estava literalmente a marimbar para «os quarenta e cinco minutos que perde todos os dias no caminho de casa para o emprego». Enfim, muita desta gente é uma profunda seca, mas é um grupo e eu quero fazer parte dele. Todos os jantares têm os seus momentos chatos, é verdade, mas estou convencida de que a verdadeira razão do meu sofrimento é o facto

de ir sempre sozinha. Faz-me falta um companheiro para trocar comentários maledicentes, por isso, fico sempre na ponta mais afastada da mesa, sem piadas ou gargalhadas para partilhar, limitando-me a movimentos de cabeça e sorrisos falsos dirigidos aos Rogers deste mundo e às suas *interessantíssimas* conversas.

Mas desta vez vai ser diferente. O Theo disse que sim! Vem comigo ao jantar dos pais e caras-metades, e vamos aparecer como um casal fantástico, que fará as invejas de muita gente. Vamos ser charmosos, divertidos e cúmplices, com as nossas próprias *private jokes*. Vamos ser aquele género de casal que diz coisas do tipo «não, querida, conta tu, tens muito mais piada do que eu», e as outras mulheres vão roer-se de inveja – e sonhar com um caso extraconjugal que lhes permita divertirem-se tanto quanto eu.

Já disse a toda a gente que iria com o Theo. Aliás, devo ter-lhes dito demasiadas vezes, penso, porque até a Gillian revirou os olhos – «Já sei!» – quando voltei a falar no assunto, esta manhã, no portão da escola. Mas a verdade é que me sinto como aquela criança que recebeu o presente de anos mais *cool* e invejável do mundo e faz questão de que toda a gente saiba, quando, sabemos, ninguém está particularmente interessado.

Era suposto o Theo ter ficado comigo ontem à noite e não ir trabalhar hoje, mas acabou por me mandar uma SMS a explicar que está a fechar um grande negócio e que tinha mesmo de trabalhar logo de manhã cedo. Ainda só são três da tarde e eu já estou em preparações. Isto para que percebam até que ponto estou entusiasmada.

Não que se preveja que a noite de hoje seja alguma coisa de especial, pois não passa de um jantar e uns copos num restaurante italiano que abriu recentemente aqui no bairro. Mas é tudo o resto

que me anima: a sensação de chegar a um evento de mão dada com o namorado, vê-lo afastar a cadeira para eu me sentar, ouvi-lo dizer: «Eu peço o frango e tu a carne, e dividimos?» Ter o meu companheiro junto de mim, para variar, em vez de passar o tempo todo sozinha a um canto. Há imenso tempo, muitos anos mesmo, que eu não me sinto integrada num ambiente desses, e tenho imensas saudades. Sempre me senti sozinha e distante ao ver a cumplicidade de um casal que ri de uma *private joke* ou se olham nos olhos como se não existisse mais ninguém. Depois de uma tão longa espera, poder usufruir destas pequenas coisas deixa-me verdadeiramente maravilhada. Foi por isso que decidi investir a tarde inteira neste luxuriante processo de preparação. E recuso-me a sentir culpada ou a deixar-me recriminar por isso.

Mando-lhe uma mensagem: *Olá, homem lindo, como está tudo por aí? Eu estou a pensar em ti, numa banheira de espuma...* Já consigo finalmente mandar-lhe mensagens sugestivas e sinto-me até orgulhosa por conseguir simplesmente perguntar *onde é que estás?* sem parecer desesperada. Se não estivesse nua e enfiada num banho de espuma, faria uma dançazinha de vitória. Em vez disso, faço um filmezinho cómico-sexy de mim própria, com um sorriso maroto no rosto, e mando-o para a Lacey. Ela responde com dois *emojis*, o do polegar-para-cima e o do ok-com-a-mão, o que satisfaz plenamente o meu desejo de aprovação.

Adoro um bom banho de imersão. Sim, eu sei que não passa de um corpo a boiar dentro de uma tina de água quente, coisa que não soa particularmente apelativa; mas, quando sinto o cheirinho divinal do meu gel de banho e as pernas mais suaves do que as doces mensagens do Theo, acho que estou no céu. Deixo-me ficar imersa mais uns bons quarenta e cinco minutos, antes de sair e agarrar no

toalhão mais próximo – oh, é uma toalha de praia da Hello Kity, que fixe... –, e, por fim, besunto-me com o meu melhor hidratante, da mesma marca que o perfume.

Esforço-me por ignorar a total ausência de mensagens no telemóvel e dedico-me a secar o cabelo, calmamente. Em vez da técnica habitual do cabeça-para-baixo-e-toca-a-andar, dedico-me um pouco mais à causa. Com a escova apropriada, redonda e praticamente nova, de tão pouco que a uso, invoco a cabeleireira frustrada que há em mim, com todo o tempo do mundo. Mas porque é que eu não faço isto todos os dias? Revela-se efetivamente fantástico o simples facto de dedicar *aquela* bocadinho de tempo extra a mimar-me. Muito em breve, terei bloggers de beleza a implorarem pelos meus conselhos.

Quatro da tarde e nada de mensagens. Não me sinto capaz de lhe enviar outro *onde estás?*, mas ocorre-me uma ideia de génio: uma selfie de espelho, enrolada no toalhão! Pego numa toalha normal – para não ficar com a cara da Hello Kitty nas maminhas – e desgrenho o cabelo. Ou melhor, estrago o *hairstyling* impecável que já tinha conseguido, borriço o cabelo com um condicionador líquido e trato de alterar os filtros da câmara (quem não adora uma foto a preto e branco de alto contraste e moldura vinheta?). No fim, concluo que o esforço valeu a pena.

Mando a foto ao Theo, com um *Pensando em Ti*, e espero ansiosamente que isso o leve a: a) responder e b) sair da merda do escritório.

Às 16:45, o meu telemóvel dá sinais de vida. Louvado seja o Senhor!

Olá, minha linda, estás maravilhosa e deixas-me ansioso por estar contigo. Saio daqui a dez minutos. Beijo.

Yesssss! Ele está mesmo aí a chegar, o meu cabelo está sensacional e a coisa promete!

Para festejar, decido mandar uma mensagem à Finola: *ansiosa por estar contigo logo à noite. Já estás a beber?*

Sim, é a resposta dela.

Eu já devia saber que a Finola seria a pessoa errada para dois dedos de conversa sobre o Theo, por isso, tento a Gillian: *oh, estou tão ansiosa por logo à noite! O que é que vais vestir?*

A resposta dela é bem menos contida: *sim, vai ser muito giro. Acho que vou com umas calças azul-escuras (um nadinha justas de mais, mas enfim) e aquele meu top fluido, creme, com botões dourados. Até logo! Beijos.*

Como foi o Theo que mandou a última mensagem, decido que posso perfeitamente responder sem me mostrar demasiado ansiosa. Pouco depois das cinco, escrevo-lhe: *Calculo que tenhas tido um dia ocupadíssimo! Eu cá estou a desfrutar da paz e do sossego e a preparar-me para logo. O trânsito está muito mau? Achas que chegas cedo?*

Ele não responde, mas de certeza que é por vir a conduzir. Abro a minha mala de maquilhagem e preparo-me para transformar a minha tromba-de-mamã-estafada numa carinha-de-mamã-sensual.

Fico muito satisfeita com o resultado da minha maquilhagem. Olhos num *cut crease* intenso e afiado, sobrancelhas bem delineadas, contorno o mais natural possível. Finalizei tudo com pó transparente – para um efeito duradouro que me permita ficar perfeita a noite toda, sem borrões ou outros sobressaltos.

Para chegarmos a horas, vamos ter de sair de cá às 18h30... e já são 17h35. Nenhuma mensagem do Theo até agora, mas não me vou preocupar com isso. Ele é adulto, um adulto decente, com

calçadeiras de mogno e cartões de membro de clubes requintados e exclusivos; vai chegar a horas, sem a menor sombra de dúvida.

Com tanta excitação, acabei por ficar pronta demasiado cedo. Vou, por isso, servir-me de um copo de vinho branco gelado e sento-me com todo o cuidado – este vestido é muito caro para eu me atirar para cima do sofá, como geralmente faço. Tendo em conta que um simples convite para um jantar de grupo representa para mim *o acontecimento do ano* (já para não falar no facto de o Theo vir comigo), decidi oferecer a mim mesma um vestido lindíssimo, um modelo *skater* com um fabuloso bordado floral em tons de pedras preciosas. Cada pétala foi cosida à mão sobre o bonito tecido azul-marinho, que cai e balança nos ângulos exatos. Sinto-me fantástica, mas mal me atrevo a mexer. Ligo a Netflix e preparo-me para ver mais um episódio de *Unbreakable Kimmy Schmidt*, enquanto beberico do meu copo de vinho. Sinto-me no céu. Isto deve ser o mais parecido com termos um marido babado e dedicado de regresso a casa a todo o momento. Deve ser assim que a Gillian e a Finola se sentem o tempo todo.

Às seis da tarde, já começo a erguer o pescoço de cada vez que oiço um carro passar na rua... Só que nunca é ele. Oiço a notificação de uma mensagem. Estranho, penso, estando ele a chegar, seria bem mais prático ligar-me... Pego no telemóvel.

O meu coração para.

Querida, ainda estou no escritório. Desta vez, não vou poder aceitar o teu amável convite, mas jantamos sem falta para a semana. Beijos.

Ele não vem.

Dei-me a este trabalho todo, comprei este vestido idiota, sonhei com o momento de exhibir o meu novo e charmosíssimo namorado

não só à Finola e à Gillian, mas a todas as outras mães, e ele nem sequer aparece!

Mais uma vez, lá terei de ir sozinha. Sentar-me na ponta mais desconfortável da mesa, para que toda a gente consiga ficar em frente à sua cara-metade, e ouvir, calada, as histórias cúmplices dos outros casais sobre as suas mais recentes escapadelas ao Lake District. Só que desta vez será ainda pior: todos vão ter pena de mim. Coitada da Robin, a eterna solteira, não foi desta que conseguiu arranjar um namorado. Vão dizer coisas *para ajudar*, tipo: *oh, Robin, quem me dera ser solteira... Não ter de me preocupar com a depilação, voltar para casa sozinha à hora que me apetecer...* Só que a realidade não é bem assim. Pelo menos, para mim. Por isso, não me serve de consolo.

Subitamente, sinto-me uma merda. Acho que não consigo ir sozinha. Envio uma mensagem de grupo à Gillian e à Finola:

Olá, meninas, tenho imensa pena mas não vou poder ir ao jantar. O Theo ficou retido no trabalho, e eu estou um bocado em baixo, por isso, não quero ser má companhia e estragar-vos a noite. Divirtam-se muito! Vemo-nos na segunda. Beijinhos.

Faço um esforço para parecer o mais descontraída possível, mas já sinto a garganta a arder e as lágrimas a aflorarem-me os olhos.

Pouso o telemóvel, dispo cuidadosamente o vestido e penduro-o nas costas de uma cadeira (posso ter levado uma tampa, mas não me esqueci do que tenho vestido); depois, enrosco-me no sofá, no meu conjuntinho de cuecas e sutiã a condizerem, e abraço-me a uma almofada. Engulo golfadas de ar e solto finalmente as lágrimas – que fazem o favor de arruinar o meu eyeliner irrepreensivelmente aplicado.

Como é que ele pôde fazer uma coisa destas? Sabia como eu estava entusiasmada com este programa, de certeza que podia ter organizado melhor a vida dele, não? Deixar os assuntos pendentes para segunda-feira? Pedir a alguém que o substituísse hoje? Ou, na pior das hipóteses, avisar-me com a devida antecedência? Antes de eu me enfiar naquele vestido estúpido ou colar as pestanas postiças. Nem sequer teve a hombridade de me ligar a avisar que não vinha. Preferiu uma SMS de última hora, sem a menor das compaixões. Eu não quero jantar com ele para a semana – nessa altura, já não há jantar de pais e caras-metades. Não vou com certeza chegar ao pé delas e dizer: «Ó meninas, importam-se de voltar a chamar as vossas babysitters, porque acho que o Theo hoje vai conseguir vir jantar?» Não terei outra oportunidade tão cedo. Esta era a minha grande oportunidade para me sentir enquadrada, aceite como parte do grupo, e não aquela que fica sempre afastada, sorrindo educadamente e fingindo o tempo todo que estar sozinha é o máximo. Sinto-me como se de repente ficasse sem chão. Uma perfeita idiota. Nem sei como é que alguma vez achei que merecia tudo isto: este vestido, as piadas cúmplices, os olhares babados.

Recebo uma mensagem da Finola: *Que disparate! Bebe um copo, traz um sorriso nos olhos e mete-te num táxi!* É tão franca, tão direta. Aposto que essa não se deixava abalar se um homem lhe desse uma tampa. Oxalá eu conseguisse ser assim. Aliás, não estou a ver rigorosamente nada que possa abalar a Finola. Seis horas depois de ter tido o Roo, já estava a tratar dos cães e dos cavalos, segundo me contou. É uma máquina, esta mulher, e eu admiro-a imenso.

A Gillian junta-se às mensagens de grupo: *Oh, querida, tenho tanta pena! Espero que tudo corra bem com o trabalho dele. Que tal*

se eu te for buscar e ficares sentada ao meu lado no jantar? Não te quero aí deitada no sofá a sentires-te triste. Vamos mas é divertir-nos, de certeza que ficas logo melhor!

Quase que lhe consigo *ouvir* o tom da mensagem. Exatamente o mesmo que ela usa com a Clara. Curiosamente, neste momento, até resulta comigo. Talvez ela tenha razão. Talvez eu deva mesmo fazer um esforço para me divertir e esquecer tudo o resto. Afinal, ir sozinha não é propriamente uma novidade para mim. Além do mais, o meu vestido novo precisa de ser arejado. E mais importante ainda: é a primeira vez que eu sinto que a Gillian e a Finola querem mesmo a minha companhia. O Theo pode ter-me dado com os pés, mas estas mulheres não, e isso exige de mim algo mais do que ficar a chorar em casa.

Obrigada, Gillian, és muito querida. Claro que vou. Não sei se serei lá muito boa companhia, mas vai ser muito bom estar convosco. A que horas é que contas cá passar, então? Beijos!

Linda menina, assim é que é! De volta para cima do cavalo!, intervém a Finola. Sempre com as suas analogias animais. Nem quero pensar sequer no tipo de linguagem que ela usará na cama...

Com muito mais determinação do que a que eu achava de que seria capaz, salto do sofá e enfio-me de novo no vestido – nem pensar em desistir de me exhibir hoje, sexy como estou, só porque o Theo se revelou um palerma do pior! Corro escada acima, para tentar salvar a maquilhagem que tanto trabalho me deu a fazer (as lágrimas deixaram um trilho duplo sobre a base, tipo as marcas de esquis na neve), esforçando-me para sair da fossa e ir à luta.

No momento em que a Gillian e o Paul, o seu querido mas tímido marido, param o imaculado Range Rover à minha porta e eu me

sento lá atrás, ao lado do banquinho da Clara, sinto que estou a ferver de raiva. Tenho de abrir uma fresta da janela para evitar transpirar. Ou brilhar, a acreditar no que a minha mãe dizia: «Os porcos suam, os homens transpiram e as mulheres brilham.» Pois é, estou a brilhar e de que maneira! A brilhar de raiva por o Theo me ter em tão pouca consideração, quando passa o tempo a fingir que me adora. Sabe muito bem esbanjar charme e exhibir o seu dinheiro e contactos, mas, na única vez em que eu lhe peço alguma coisa, quando queria e precisava de o ter ao meu lado, ele não aparece.

Quando chegamos ao restaurante, vejo o Matthew e o namorado Lawrence a estacionarem o carro. Trata-se de um casalinho muito simpático que conheço do Terceiro Ano e... fico roxa de vergonha. Era suposto eles verem-me a sair do *lugar da frente* do BMW do Theo, não à espera que a Gillian destrave o trinco central de segurança para que eu possa sair do *banco de trás* do carro deles. Vêm logo ter connosco, com os habituais *olááááás* afetados... e voltamos ao mesmo. O Matthew olha para mim: «Oh, não! Onde é que deixaste o teu belo e misterioso acompanhante?» Agora, apetece-me de novo enrolar-me no sofá e desatar a chorar.

Consigo sobreviver ao jantar. Claro que consigo, sou especialista em fingir que estou lindamente sozinha.

Vinte e três

Quando acordo na manhã seguinte, regressam-me de imediato as memórias infames. O Theo não está deitado seminu ao meu lado, como deveria estar, não foi comigo ao jantar e eu voltei a assumir o papel de mãe solteira, na cabeceira da mesa, com a Gillian à minha esquerda a dar-me beliscõezinhos sempre que alguém perguntava: «E onde é que anda o teu novo e charmoso namorado, Robin?» A culpa foi toda minha por ter falado tanto nele. Arrepio-me só de pensar nisso.

Não é tanto o facto de ele não ter vindo jantar comigo ontem; é mais o choque de eu me aperceber de que ele significa muito mais para mim do que eu para ele. Para mim, ele representa o meu provável futuro, mas para ele... quem sabe eu não passo de um simples jogo. Nunca está disponível quando eu sugiro sairmos. E, quando é ele a sugerir, é claro que eu vou a correr. Sou um brinquedo andante e falante, que ele pode pegar e mexer sempre que lhe apetece brincar, mas apenas nas suas condições. Sacana. Espero que tenha gostado de brincar ao papá-divertido-de-fim-de-semana. Espero que tenha gostado de fingir que tinha uma família, de levar a Lyla às cavalitas, de deixar que aquela senhora achasse que ele era um pai extremoso e dedicado. Como é que *se atreve* a usar-nos desta maneira? Sinto a raiva a querer apoderar-se de mim; acho melhor ficar na cama mais alguns minutos. Respiro fundo – chego mesmo a descarregar uma app perfeitamente inútil – e esforço-me por me acalmar.

A Kath vem cá deixar a Lyla às 9, e já são 8h45. Salto da cama e enrolo-me no meu roupão velho e desbotado. Pelo menos, não

tenho de me preocupar com parecer sexy e maravilhosa logo de manhã. Valha-nos isso.

Contorno o espelho, desço para uma casa triste e vazia, e a sensação não é nada boa. Ontem à noite, não tirei a maquilhagem e fartei-me de chorar na cama – ignorar o espelho foi certamente uma decisão sensata. Entro na cozinha e levo mecanicamente a chaleira ao lume. Achava que o Theo iria acordar cá em casa e que iríamos sair os três, juntos, mas agora, que tudo isso foi por água abaixo, fiquei sem planos. Bom, talvez ainda tenha um: tentar manter a iminente chegada d'O Vazio a uma distância segura. Acho que vou relegar as minhas responsabilidades de mãe decente para segundo plano e decretar oficialmente este dia como o «Dia da TV», pensar numa refeição congelada para a Lyla e, para mim, sucessivas chávenas de chá e bolachas com recheio. A Natalie incumbiu-me de lhe fazer um *briefing* criativo este fim de semana, o que me vai exigir uma longa e morosa pesquisa – só essa ideia me deixa aterrorizada. Não me apetece pensar em rigorosamente nada.

Como não podia deixar de ser, às nove em ponto oiço a chave na porta e o familiar *oláááá, somos só nós*, da Kath.

– Então, querida, como foi a tua noite? Tão fantástica como previste? Ele ainda está lá em cima? Apresentas-mo? – pergunta ela, num sussurro teatral, olhando em volta à procura de indícios da presença masculina. Até que, finalmente, pousa os olhos no meu roupão velho e desbotado.

Parece compreender subitamente, vejo-lhe uma expressão de preocupação num rosto que hoje está maquilhado com sombra turquesa e batom púrpura. Que amor... De certeza que foi tudo pensado para impressionar o Theo. É meio louca e às vezes deixa-me completamente doida, mas é realmente um amor de pessoa.

Deixo-me ficar junto do fogão, a olhar vagamente para a chaleira, com papos nos olhos vermelhos e a tentar engolir novas lágrimas teimosas.

– Oh, meu amor, o que é que aconteceu? Zangaram-se?

Diz isto num tom tão doce e acolhedor, tão quente de carinho e preocupação, que eu não resisto e vou-me abaixo.

Deixo que lágrimas gordas rolem pelo meu rosto, acompanhadas de soluços incontrolláveis. E vejo a Lyla, à porta da cozinha, assistindo a tudo e segurando junto ao peito a sua mochila *Paw Patrol*. Olha para mim com profunda consternação, o que obviamente só me faz sentir pior. Quantas vezes mais é que esta pobre miúda vai ter de ver a mãe neste estado miserável? De certeza que isto tudo lhe causará danos irreparáveis. Limpo instintivamente as lágrimas e chilreio:

– Desculpa, minha pequenina, a mamã teve um momento triste, mas já está ótima! Sou uma chorona, não sou? Não liguês, eu estou bem, estou bem, a sério...

Ela vem ter comigo e abraça-me. Assim que sinto o seu corpinho quente encostado às minhas pernas e barriga, não controlo novas e copiosas lágrimas, que me inundam os olhos. Isto é demasiado para mim. Não estou a conseguir conter-me.

A Kath apercebe-se desde logo que eu estou à beira da rutura total e assume o controlo da situação.

– Lyla, minha flor linda, porque não vais lá acima pôr a tua mochila e ver se encontras uns livros bem bonitos para pintar? Eu tomo conta da mamã, não te preocupes. Robin, senta-te, que eu trato do chá. Até te faço companhia e bebo uma chávena contigo. Não posso demorar muito, porque o Cupcakes & Croché começa às dez, e hoje sou eu que determino os padrões. Mas tenho sempre

tempo para uma conversinha. Um problema partilhado é um problema mitigado, já dizia a minha avó.

A Lyla apercebe-se do tom dela e nem discute. Assim que lhe oiço os passinhos pela escada acima – e me sinto em segurança, sem poder ser ouvida –, vomito tudo, a história toda, miserável e digna de compaixão.

– Oh, minha querida, eu sei que agora te parece o fim do mundo, mas garanto-te que não é. Vai passar – diz a Kath docemente, assumindo o meu lugar na falhada missão de fazer um chá. – Vai haver outras noites e outros jantares.

Sinto O Vazio a sufocar-me, como que a gozar forte e feio por me ter deixado pensar que se manteria à distância. Estou tão zangada com ele e tão esmagada por ele, ao mesmo tempo...

– Tu não estás a perceber! Estou tão farta de ter de fazer tudo sozinha! Sentar-me sozinha no sofá todas as noites, não ter ninguém a quem dizer boa noite, fazer sempre e só *uma* chávena de chá! – digo, num misto de desespero e autocomiseração.

A Kath fica em silêncio por um longo minuto. Olho para ela e vejo-a esboçar um sorriso triste.

– E tu achas que eu não sei o que isso é? Estar sozinha? – pergunta-me, num tom algo indignado.

Está em frente ao fogão, segurando duas canecas de chá acabado de fazer, mas não as traz para a mesa. Apercebo-me de que fala agora num tom bem mais frio. Respira fundo e continua: – Fui obrigada a ver o amor da minha vida morrer à minha frente, Robin. Tive de me despedir definitivamente do homem a quem sempre pensei que daria as boas noites até ao fim dos meus dias. Sei o que é a solidão, sim. Conheço-a e sinto-a na pele diariamente.

Pousa violentamente as chávenas na bancada, salpicando tudo à sua volta, e leva aos olhos e à testa as mãos impecavelmente arranjadas, de unhas pintadas de vermelho-vivo, esborratando a sombra turquesa. Passa uma mão pelo cabelo, excessivamente adornado com ganchos de borboletas, e apoia a outra na bancada, para se equilibrar. Tudo isto sem olhar para mim, mas, antes, para o chão, como que não conseguindo encarar-me.

Acho que nunca tinha visto a Kath tão tensa e tão magoada. Porra.

Finalmente, ergue a cabeça e dirige-me um olhar duro, um olhar que eu nunca lhe vi antes.

– Talvez devesse perder um momento para olhares para todas as coisas maravilhosas que tens na tua vida, quem sabe não te sentirias melhor. Não estás sozinha, não. Tens a Lyla. Uma alma lindíssima que te ama e te quer perto dela, que precisa de ti. Eu ADORARIA ter tido filhos, para poder partilhar os meus dias com eles! – Vejo-lhe lágrimas a marejarem-lhe os olhos, os nós dos dedos a ficarem brancos, tal a força com que se agarra à bancada.

– Tens-nos a nós – concedo-lhe debilmente, apercebendo-me da minha terrível gaffe. Dava tudo para poder voltar atrás, para não ter sido tão estúpida e egocêntrica.

– Pois tenho. E amo-vos muito – diz ela, suspirando e pegando num pano para limpar a bancada. – E sinto-me tão grata por vos ter e por poder ficar com a Lyla, em minha casa... Mas não penses por um segundo que seja que eu não sinto a dor dessa solidão ou que também não gostaria que alguém me desse a mão e me levasse ao cinema. Eu também a sinto, Robin. Daria tudo para poder voltar a ter um momento que fosse com o Derek. – A voz falha-lhe, e eu percebo que está quase a chorar. – Mas não vou deixar de viver e

vou ter de ir para o clube tratar dos padrões do croché, mas adoro-te e posso garantir-te que isto não vai durar para sempre. É um simples abanão, acredita. Tu VAIS ficar bem. Concentra-te na Lyla e nas bênçãos que tens.

Dirige-se à porta com a saia de chiffon, demasiado comprida, a arrastar-se atrás dela.

– Kath, desculpa... Lamento imenso, acredita que não quis...

– Eu sei, eu sei que não quiseste. Não te preocupes, querida. Nós não estamos sozinhas, temo-nos uma à outra. – Volta atrás e aproxima-se da mesa onde eu estou sentada.

– Eu adoro-te, Kath. E não sei o que faria sem ti – digo, aliviada por ela não ter saído assim.

– Também te adoro, minha flor – diz-me, enquanto me dá um beijo no cocuruto, antes de sair, deixando um rasto intenso de Giorgio Beverly Hills atrás dela. Não há dúvida de que se esforçou para impressionar o Theo... Ainda a vejo a limpar uma lágrima com a mão antes de sair; pouco depois, oiço-a fechar a porta da rua – sem que eu sequer consiga levantar-me para a acompanhar.

Juro a mim mesma que vou passar a estar mais tempo com a Kath e cuidar melhor dela. Amaldiçoo-me por me ter feito de vítima desta maneira. Bebo o resto do meu chá em silêncio, sentada à mesa da cozinha. Não olho para o telemóvel, não ligo a televisão nem o laptop. Deixo-me apenas ficar sentada. Tenho de facto muitas coisas fantásticas na minha vida, sei que sim. O problema é que quando O Vazio se instala, é-me difícil perceber isso. Perceber seja o que for, aliás.

– Mamã?... – Uma vozinha muito débil insinua-se da porta da cozinha.

– Sim, Bluebird?

– Ainda estás a chorar?

– Não. Tomei uma chávena de chá e sinto-me muito melhor – esforço-me por sossegá-la.

– Estás triste? – insiste, avançando lentamente para mim, ainda com uma expressão preocupada naquele rostinho tão bonito.

Decido ser honesta.

– Sim, estou. Mas às vezes até é bom estarmos tristes, sabias? E eu não vou ficar triste para sempre, prometo.

Ela olha-me por um breve momento, as mãozinhas plantadas nas ancas, e diz em tom solene:

– Sabes, mamã, tu e eu somos uma equipa. Eu estou do teu lado. Desabafas comigo, eu dou-te um abraço e depois passamos o resto do dia contentes e com caras felizes, sim?

Sinto-me de novo à beira das lágrimas. Meu Deus, estou mais emocional do que uma mulher com o período e sem chocolate por perto! Ela está a imitar-me! Este é exatamente o tipo de coisa que eu lhe digo quando a quero animar, e ei-la agora, a minha bebé, a tomar conta de mim. E tem toda a razão: somos mesmo uma equipa.

– Estás a chorar outra vez, mamã?

– Sim, mas desta vez é de felicidade, porque estou muito orgulhosa de ti! És uma menina muito bonita por fora e por dentro!

Pego nela ao colo, embrulho-a no meu roupão velho e desbotado, e dou-lhe o abraço mais forte de toda a semana. Estar com o Theo faz-me feliz, é verdade, mas ele não consegue chegar aos calcanhares disto – não há melhor abraço do que este.

Depois de um dia inteiro passado em casa, pleno de abraços e beijinhos, três filmes patetas seguidos e comida chinesa de

takeaway, decido que precisamos de apanhar ar. E, como que respondendo às minhas preces, a manhã seguinte surge com um sol radioso e passarinhos a chilrearem alegremente.

Após uma pesquisa rápida no Google, metemo-nos no carro, de visita a uma casa do National Trust¹⁰, para apreciar o cenário e, quem sabe, um ou dois scones (ou quatro). Sinto-me lindamente: a Lyla está feliz e tranquila, e vamos fazer um programa que terei orgulho em partilhar com as MEC, amanhã, no portão da escola. Quem é que precisa do Theo Salazan? Vitória!

Assim que chegamos, percebo logo por que razão todos os casais com mais de trinta e cinco anos, com galochas Hunter e filhos privilegiados, fazem isto – é tão, mas tão maravilhoso! Há algo de surpreendentemente reconfortante em exuberantes flores de verão e relvados impecavelmente aparados, e, à medida que a Lyla e eu nos vamos envolvendo neste cenário (de mãos dadas e apontando para *flores especiais com poderes mágicos, mamã*), eu experiencio finalmente uma sensação de paz profunda. O Theo não consegue estragar nada disto, o meu mundo-mais-que-perfeito com a Lyla, apenas ela e eu. O tipo ainda nem sequer se deu ao trabalho de me ligar a pedir desculpa, por isso, não me custa nada ser apenas uma equipa de duas neste momento.

Apreciamos cada canteiro maravilhosamente cuidado, as sebes, a perder de vista, que nos conduzem pelos jardins até a um amplo prado silvestre e, ainda mais para lá, uma série de lagos ligados entre si, com estátuas de querubins cheios de musgo. Por onde quer que andemos, o cheirinho é leve e fresco e a luz, quente e acolhedora. Passamos por casais, famílias e grupos de velhotes que aproveitam esta beleza natural, e cumprimentamo-nos mutuamente com acenos e sorrisos, todos e cada um de nós percebendo como é

bom estar aqui e que estúpidas são as pessoas que optam por ficar em casa ou enfiadas em parques de insufláveis, irrespiráveis e barulhentos.

– Simon, cuidado! las pisando esse cogumelo!

Uma voz terrivelmente familiar interrompe-me a serenidade dos pensamentos. Volto-me com a rapidez e elasticidade de uma ginasta olímpica, e dou de caras com eles. O meu ex-noivo e a sua superficial namorada – que se dedica a enfiar subrepticiamente cogumelos selvagens para dentro de um saco.

Fantástico.

De todos os Jardins do Éden, tinham logo de aparecer no meu.

A Lyla guincha «Papáááá!» e corre para ele.

O Simon fica absolutamente horrorizado, praticamente congelado nas suas calças castanhas de bombazina, amarrotadíssima camisa de linho branca e galochas azul-escuras. A pele, habitualmente pálida, está vermelha que nem um tomate e os olhos dardejaram em todas as direções, provavelmente em busca de uma saída de emergência.

Antes de mais, não estaria minimamente à espera de ver a mãe da filha, em carne e osso; depois, quase que assassinava um cogumelo – e só Deus sabe que efeito é que isso poderia causar no delicado equilíbrio do mundo da Storie.

– Olá! Oh, ah... Viva, Robin!

Meu Deus, continua tão tosco, que nem consegue cumprimentar a mãe da filha sem parecer um perfeito imbecil.

– Olá, Simon. Sentes-te bem?

A sério: não percebo porque é que ele fica em pânico quando me vê. E nem quero saber. Deixei de me preocupar com isso há muito tempo, graças a Deus.

– Sim, claro, eu... bom, a Storie e eu viemos passear, só isso. ‘Tás a ver, caminhar um bocado, e assim...

– *Namaste* – diz a Storie, com um aceno solene, enquanto junta as mãos como que em oração. Meu Deus, tirem-me deste filme! Ainda assim consegue parecer um bocadinho mais humana do que o seu tudo-menos-eloquente namorado: – Como estás, Robin?

Não que alguma vez possamos ser amigas no mundo real (um mundo que, seja como for, não é o dela), mas até a acho porreira. Não é presunçosa nem maldosa, e há que lhe conceder algum mérito por ser tão dedicada às suas paixões – entre as quais os cogumelos selvagens.

– Estou ótima, Storie, obrigada. Apeteceu-nos sair da cidade e vir apanhar um bocado de ar fresco. Tive uma semana infernal, e isto é um verdadeiro bálsamo – digo, calma e confortavelmente. Não fui eu que larguei tudo e fugi com uma hippie. Não tenho nada por que me sentir nervosa, ao contrário do Simon, que não engana ninguém com a sua testa a escorrer suor.

– A Mãe Natureza, Robin... Ela consegue restabelecer tudo – diz a Storie sabiamente.

– Sim, é verdade. Bom para ela.

A Storie sorri.

A Lyla, claramente feliz que nem um passarinho por nos ver todos juntos, pede ao pai e à Storie para virem contornar os lagos connosco. A Storie mantém o sorriso sereno (sim, porque a água é um elemento da Mãe Natureza), e o Simon ainda disfarça menos o seu nervosismo.

– Hmm, bom... não sei, Lyla, se calhar a mamã prefere... enfim, passar algum tempo com...

Hesita e vacila tão dolorosamente, que eu me vejo obrigada a acudi-lo:

– Simon, está tudo bem. É só uma volta aos lagos.

Quando começamos a andar, a Lyla corre para o pai e dá-lhe a mão. Ele olha para mim com uma expressão estranha, como que a pedir-me autorização, ou coisa assim. Esta é a primeira vez desde que... enfim, desde há séculos, que estamos todos juntos no mesmo sítio. Depois de nos separarmos e de termos determinado os direitos de visita, nunca mais fizemos nada ou tratámos seja do que for, juntos. Eu nunca questioneei coisa alguma nem nunca levantei problemas, porque só queria afastar-me dele. Antes de eu sequer lhe poder dirigir um olhar de concordância, a Storie pega na outra mão da Lyla e levantam-na no ar, entre risadas. Dou por mim a engolir em seco. Devia ser *eu*. Devia ser *eu* a balançar a Lyla assim, não ela, não *eles*. Se me dói o coração não é certamente por não ter o Simon, mas sim por não fazer parte do trio Mamã-Papá-Lyla. Fico sem alento ao aperceber-me daquilo que podia ter tido, até que oiço a Lyla soltar gritinhos de puro prazer.

Ela adora isto. E quer lá saber se é a Storie e não eu quem lhe dá a mão; está a adorar este momento, a sentir a excitação de ser levantada no ar e de ter três adultos que a amam, cada um à sua maneira. O nó que eu tinha na garganta desfaz-se por fim. A Storie aqui não é a inimiga. Ela ama a Lyla. E também ama o Simon, vê-se bem que sim, e ambos proporcionam à minha menina algo de maravilhoso.

Dou por mim a assumir uma atitude zen perante a situação, e eis que a Lyla se liberta do Simon e da Storie, corre para mim, pega-me nas mãos e diz:

– Anda daí, mamã, tu e eu somos uma equipa! Vamos ver os lagos mágicos.

O meu coração quase que derrete; ela gosta de mim quase tanto quanto eu gosto dela. Damos as mãos, corremos até aos lagos – onde a Storie se dedica agora a descrever ao Simon os valores nutritivos das algas – e passamos o resto da manhã como uma disfuncional família de quatro. Ou cinco se, tal como a Storie, incluirmos o saco dos cogumelos.

¹⁰ Organização que preserva casas antigas, transformando-as em museus para visitas abertas ao público, numa iniciativa que já se tornou extremamente popular entre as famílias inglesas. (N.daT.)

Vinte e quatro

Passaram quinze dias, está uma magnífica tarde de verão e, curiosamente, tudo corre na perfeição. Tenho um frango no forno, legumes cortadinhos e prontos a entrar no cesto a vapor, e uma garrafa de *Prosecco* a gelar no frigorífico. A Lyla jantou douradinhos com puré de batata e legumes, e isso deixa-me descansada; sei que está bem alimentada, para variar. Por ela, vivia só de tostas de queijo. Tudo aponta, portanto, para uma noite perfeita.

O Theo vem cá jantar. Vem direto do trabalho, e eu quero que ele sinta que está a entrar no *lar perfeito* e perceba o quão maravilhoso isso pode vir a ser num contexto mais definitivo. Ele ligou-me, conversámos longamente acerca da noite em que me deixou pendurada e eu ouvi-o a desfazer-se em desculpas. Recebi flores em casa, montanhas de mensagens queridas e atenciosas e muitos telefonemas. Disse-me que não ia parar até me compensar plenamente pela sua falha, e eu acredito em segundas oportunidades. Vejo que se está a esforçar – acho que isso tem de querer dizer qualquer coisa.

Pronto. O «jantar dos adultos» está a ficar com ótimo aspeto (frango assado com limão e ervas aromáticas), e a Lyla está entretida a brincar com o seu Lego Mulher Cientista – e que Deus abençoe a Lego pelas longas horas de entretenimento que proporciona às crianças. Trato de recolher brinquedos espalhados (que não serão propriamente a coisa mais romântica do mundo) e arrumo-nos na recém-esvaziada estante de debaixo das escadas. Depois, acendo todas as velas que tenho e olho em volta: a casa está impecavelmente gloriosa. Respiro fundo. É exatamente assim

que a vida deve ser. E eu sinto que está tudo a correr como é suposto.

– Vamos lá, minha Lyla Blue, chegou a hora da caminha.

– Já?! Porquê? O teu namorado vai chegar e dar-te beijinhos? – ri-se ela.

– Hahaha, que engraçadinha que ela está! – Merda, como é que ela percebeu? – Sim, o Theo vem cá jantar, é verdade.

– Oohhh, a mamã gosta do Theo! O Theo gosta da mamã – cantarola ela.

Aqui, só para nós: eu adorava que esta cantiguinha fosse verdade. Ele está apaixonado por mim, eu estou apaixonada por ele; depois, vem o pedido, uma casa nova e mais bebés para eu exhibir histericamente no Facebook, como parece fazer toda a gente só mesmo para me deixar roída de inveja! Vou passar os meus dias a frequentar cafezinhos amorosos, com mesas de madeira e tampos arranhados, a debicar da minha sanduíche de pasta de abacate e a partilhar tudo histericamente no Insta. Vou rir-me muito, feliz e contente, como as outras mães que, tal como eu, têm vidas muitíssimo bem resolvidas. Está escrito nas cartas. Sei que não me devo entusiasmar de mais, mas creio que também me é permitido sonhar, não?

– Sim, OK, mas agora... pr'á caminha!

E lá vamos nós, escadas acima, para a nossa rotina habitual: luz de presença acesa, pijama vestido, dentes lavados, história lida e beijinhos e abraços trocados.

Feito isto, sinto-me finalmente a relaxar. Há algo de maravilhoso nas sete e meia da tarde, agora que o Theo está (de novo) na minha vida. Já não me espera um jantar solitário, com um copo de vinho barato e um serão sem ninguém com quem conversar, mas sim um

agradável momento-de-adulto e um pouco de calor e intimidade – para lá dos passados com uma criaturinha de seis anos, adorável sem dúvida, mas por vezes um bocadinho *pegajosa*. Lembro-me do que a Kath me disse, para ser grata pelo que tenho. E acreditem que sou, mas, hoje, apetece-me ser grata pelo Theo. Quero muito que ele se instale na minha vida. Sinto que posso pôr a «mamã eternidade» de lado, recuperar o meu cérebro e dedicar a minha total e exclusiva atenção a uma noite com o Theo.

Não podemos sair porque não tenho babysitter e também porque não quero abusar da Kath (a quem me tenho esquecido de telefonar, o que me faz sentir uma sobrinha de merda), mas tenciono mostrar ao Theo até que ponto nos podemos divertir em casa. Depilei-me, esfoliei-me e arranjei as sobrancelhas. Estou prestes a entrar para debaixo de um belo duche quente quando oiço uma mensagem a entrar: *Estou a chegar!*

Raios! Já não há tempo para um duche, mas eu preciso mesmo de me refrescar. Pego numa toalhinha de bidé (com a cara da Cinderella a olhar para mim), molho-a em água quente e passo-a... enfim, vocês sabem onde. Um gesto muito pouco digno, mas absolutamente necessário.

Peço desculpa à Cinderella e atiro a toalhinha para o cesto da roupa suja. Depois, enfio-me numas cuequinhas fio dental, de renda preta, e visto uns skinny jeans escuros – em perfeito estado, não todos esgaçados entre as pernas. Detesto fio dental, mas é absolutamente fundamental que o Theo continue a pensar que eu me passeio *todos os dias* pela casa em sensuais conjuntinhos de lingerie. Quero-o de tal modo enamorado por mim que jamais pense sequer em deixar-me pendurada. E não precisa nunca de saber que

a minha roupa interior de eleição são cuecas de gola alta de algodão, já com os elásticos frouxos.

Um jeito ao cabelo com as pontas dos dedos, uma baforada de perfume, o rabo quase cortado ao meio devido a uma lingerie insuportável... e estou pronta para ele.

Ao ouvir a campainha, ainda espero alguns segundos antes de abrir a porta. Não quero dar a ideia de que estive este tempo todo a espreitá-lo da janela, vendo-o a estacionar e sair do carro – o que de facto aconteceu. Recebo-o com um sorriso glorioso.

– Boa noite, beleza – diz-me, baixando a cabeça para me plantar um beijo quente no canto da boca.

Ao vê-lo passar por mim no seu fato azul-escuro de excelente corte, a camisa já desabotoada no colarinho e de gravata na mão, percebo que veio diretamente do trabalho. Credo, o tipo é mesmo perfeito. Os últimos vestígios de raiva, provocada pelo «penduranço» da noite dos pais e caras-metades, desaparecem definitivamente.

Ele estende-me uma garrafa de Malbec e uma caixa de bombons (eu não disse? Perfeito!), e eu fico onde estou, embevecida a olhar para ele, sempre a sorrir e a pensar numa resposta igualmente perfeita para lhe dar. Já andamos nisto há mais de três meses e, mesmo assim, continuo a sentir-me absolutamente arrebatada quando o vejo chegar. É como aquele sentimento das borboletas, mas carregadinho de esteroides.

– Olá! Vinho e chocolates... Sabes bem como agradar a uma senhora – digo, com o meu melhor ar.

– Sei como agradar à *senhora certa* – lança-me ele com um piscar de olho, antes de entrar na cozinha para investigar.

Fico literalmente em choque. Terei ouvido bem? Ele chamou-me Senhora Certa? Sim? Não? Talvez? Não sei.

– Algo cheira maravilhosamente, Robin. Não devias ter tido tanto trabalho.

– Oh, não foi nada – minto eu. Passei praticamente a tarde inteira nisto, mas ele não precisa de saber. – Eu adoro cozinhar, e tudo se torna mais fácil quando temos alguém que sabe realmente apreciar boa comida. – E, acrescento, com uma risadinha: – A Lyla não liga a nada que não seja feito em papa ou embebido em ketchup.

– Que querida... Como é que ela está? Já está deitadinha? – Adoro o modo como ele se preocupa com ela.

– Sim. Perguntou-me se vinhas cá, e eu prometi-lhe que te veria amanhã. Fico tão feliz por ela gostar de ti. Pensei que ia ser complicado, e afinal... conquistaste-a desde logo.

– Que bom. Ora bem, onde estão os copos? Este tinto precisa de respirar.

Sinceramente, não é coisa que me preocupe, mas o Theo é esse tipo de homem. Enquanto o oiço a abrir e fechar os armários à procura dos copos de vinho, ponho os legumes a cozer no vapor e verifico as batatas assadas. Sinto-me completamente abençoada: dois adultos felizes de volta do jantar, a trabalhar em equipa e a desfrutar das coisas simples da vida.

Antes de me perder completamente no meu sonho «Robin & Theo», sinto os seus braços à volta da minha cintura, o que faz com que me volte para ele.

– Os legumes... não posso deixá-los cozer de mais... – protesto debilmente.

– Que se lixem os legumes – é a resposta dele, os olhos castanhos profundos perigosamente perto da minha cara. – Só me apetece beijar-te. Foi uma semana muito longa... e tu estás com ar de quem precisa urgentemente de ser beijada.

– Estou? – rio-me, arrepiando-me com os beijos leves que ele me planta no queixo, no pescoço, na orelha. Oh, meu Deus, este homem faz-me perder o juízo.

– Estás. No pescoço... – Beijo, beijo. – No rosto... – Beijo, beijo. – Na boca... – Beijo, beijo.

– Hmmm... OK.

E pronto, que se lixem os legumes. Quero lá saber. Prefiro mil vezes ser empurrada contra a parede da cozinha para ser beijada pelo homem mais perfeito que já conheci, do que trincar legumes cozinhados no ponto. Ficamos assim, comigo completamente aprisionada entre os braços dele, beijando-nos como adolescentes. Até que, antes que isto se torne demasiado escaldante para eu conseguir resistir, reúno toda a minha força de vontade e empurro-o, insistindo que o frango tem de ser tirado do forno *agora*. Quero que esta noite seja especial e que corra exatamente como eu a planeei.

– Espero bem que seja o melhor frango assado deste mundo, para me compensar do sacrifício de ter de me afastar de ti – protesta ele.

– Será, isso sim, o frango assado *mais esturricado do mundo*, se não o tirar do forno neste minuto.

– Deixa-o queimar, depois mandamos vir uma piza.

Parece desesperado. Não posso dizer que não me agrada, mas agrada-me ainda mais o joguinho de o fazer esperar. Adoro a maneira como ele me deseja. Mas esforcei-me ao máximo com este frango. Piza? Só pode estar a brincar!

Muito contrariado, o Theo senta-se na mesa da cozinha (previamente limpa de contas por pagar e resmas de panfletos publicitários), e eu começo a servir os pratos. Jantamos. Está tudo delicioso. O Theo fala-me vagamente na sua última aquisição, enquanto eu tento segui-lo o melhor que consigo; passado algum tempo e dois copos de tinto, acabamos de jantar. Eu só penso no desconfortável que é este fio dental e no quanto me apetece tirá-lo.

– Estava delicioso – diz o Theo, pousando os talheres e soltando um longo e deleitoso suspiro. – Nem imaginas a falta que eu sinto de comida caseira.

– Sim, calculo. Almoçar e jantar fora todos os dias, em restaurantes fantásticos e glamorosos, deve ser uma grande seca...

– brinco eu. – Nem sei como é que tens estômago para isso, Theo.

– Estás a gozar, mas garanto-te que não é tão bom quanto pensas. Há algo de muito mais genuíno em jantar contigo, na tua mesa da cozinha, com comida servida em pratos que já usaste centenas de vezes e a porta do frigorífico cheia de desenhos da Lyla. Faz-me sentir de novo em casa, como quando era criança. A minha mãe nunca foi muito maternal, mas antes de eu entrar na escola tive uma ama fabulosa, chamada Isla, que cozinhava todas as noites e se sentava comigo à mesa, uma mesa de carvalho enorme. E eu adorava. Tenho imensas saudades de jantares caseiros, acredita.

Uau, nunca pensei que isto significasse tanto para ele. Sempre pensei que jantar fora todas as noites fosse o sonho de qualquer pessoa.

– Sentes falta de uma família? – pergunto-lhe, ajeitando-me na cadeira para conseguir ouvir a resposta dele e não me sentir a ficar sem circulação na zona das virilhas.

– Sim e não... Vivi sozinho durante toda a minha vida adulta, mas sinto falta daquilo a que vulgarmente se chama «um lar» ou, pelo menos, daquele que eu tive com os meus pais. Eles trabalhavam imenso, estavam fora o dia todo, e eu... ou estava na escola ou em casa com a Isla. Mas, por outro lado... gosto muito do meu espaço, da minha arrumação e organização... e de todas as vantagens que a vida de solteiro nos dá – diz ele, recostando-se na cadeira e dando um gole no seu Malbec.

Parece-me muito vulnerável quando fala na família e na vida que teve em criança. Não me parece que esteja a vangloriar-se ou a mostrar que é um grande homem de negócios, rico e bem-sucedido – sinto, com isto, que lhe estou a vislumbrar um bocadinho do coração.

Não sei muito bem o que lhe dizer, a sério. Sei que gostaria muito de voltar ao apartamento dele. Não será estranho ser sempre ele a vir ao meu? Ainda assim, fico feliz por ter dado uma arrumação geral a esta casa, por me ter livrado de toda a tralha que tinha. Mas não deixa de me surpreender o facto de ele ter vivido sozinho toda a sua vida de adulto. Como é que nunca teve uma namorada séria, de longa duração? E quando é que é suposto eu poder perguntar-lhe este tipo de coisas? Se gostaria de ter uma mulher distraída e pouco arrumada mais a sua enérgica filha de seis anos a correrem-lhe pelo apartamento minimalista e irrepreensível, todo em vidro e inox? Neste momento, por ele me parecer um tanto desamparado, decido que não é a altura ideal – além de que não quero arriscar-me a estragar uma noite perfeita. A juntar à festa, estou com umas cuecas fio dental que, tudo indica, estão a cortar-me dramaticamente a circulação nas pernas; por isso, quanto mais depressa as despir, melhor.

– Passamos para a sala? – sugiro-lhe. – Acendi as velas todas que tinha em casa e... podemos ver um filme, se te apetecer.

– E que tal se passássemos para a sala e... esquecêssemos o filme?

– Parece-me uma ideia fantástica... – Obrigada, meu Deus, pela toalhinha da Cinderela!

Meia hora depois, o Fio-Dental da Tortura é já uma imagem distante, fazendo companhia às roupas do Theo espalhadas pelo chão da sala. Beijamo-nos apaixonadamente, e o peso do corpo dele sobre o meu revela-se extraordinariamente bem-vindo. Ele faz-me sentir querida e protegida nos seus braços... Adoro a sensação! Com tantos e tão ardentes beijos, as coisas começam mesmo a aquecer e, às tantas, dá-se uma reviravolta: ele fica deitado de costas no sofá e eu, por cima dele. Sinto as suas mãos no meu cabelo e, a julgar pelo seu talento, chego a pensar que está a proporcionar-me a melhor massagem capilar do universo. Mas não. Está a ser bem claro naquilo que pretende, empurrando-me a cabeça para baixo.

Resolvi ser generosa. Muito generosa, mesmo. O tipo de generosidade de vinte minutos de dor intensa nos maxilares. O Theo parece-me um homem extremamente feliz neste momento, e eu só espero que a minha generosidade e as suas consequências não se revelem um final de festa. Mas, não obstante os meus melhores esforços para lhe exigir um pouco mais, parece que chegámos mesmo ao fim. Enrosco-me entre ele e as costas do sofá, e encosto o nariz ao seu pescoço. Cheira tão bem... Não sei que colónia é esta, mas só me apetece comprar um frasco e passar o dia a cheirá-lo para me lembrar dele.

Ergo o olhar e vejo-o de olhos fechados. Parece tão satisfeito...

Eu também adoraria ficar satisfeita, mas não me parece que isso vá acontecer. A verdade é que ele teve uma longa e dura semana, coitado.

Devias dar-te por satisfeita só por teres um homem aí ao teu lado, Robin.

Apercebo-me subitamente de que não podemos ficar todos nus, no sofá, a noite inteira. E se a Lyla aparece e nos apanha assim? Seria ainda mais traumatizante do que a cena da cobrinha cor-de-rosa – eu ainda estou a tentar ultrapassar esse incidente. Posto isto, saio da posição desconfortável em que me encontro e trato de apanhar as roupas do chão.

– Theo... – sussurro. – Theo, temos de ir para cima.

– O quê?... – murmura ele, meio a dormir.

– Temos de ir para o quarto, a Lyla pode acordar e não nos pode ver assim.

– Foda-se... – diz ele, claramente mal-humorado, levantando-se do sofá.

Dirige-se para as escadas, passando por mim como se eu fosse transparente. Não mereço nem um mísero beijo na testa.

Não foi bem assim que eu esperei que a noite acabasse, mas de certeza que ele está demasiado cansado, só isso. Amanhã de manhã estará certamente mais animado.

Subo atrás dele, vou à casa de banho e depois deito-me a seu lado. Ele já está a dormir e nem sequer reage quando eu faço conchinha. Suspiro longamente e acabo por adormecer também.

Quando acordo, já ele se foi embora.

Vinte e cinco

Estou sentada na minha cama de hotel, ensanduichada entre o portátil (essencial para pesquisas de trabalho e sobretudo para a Netflix) e um tubo de Pringles, que comprei na loja cá de baixo – e que constituiu sem dúvida o pior jantar de sempre com que me presenteei. Há muito que a excitação inicial deu lugar à apreensão, que, por sua vez, está agora a caminhar a passos largos para a humilhação. Os quartos de hotel são os piores sítios do mundo para nos sentirmos em baixo.

A Natalie e eu viemos para Bath há uns dias, para apoiarmos as gravações do videoclipe de estreia de uma nova banda independente – pelo que sei, o próximo grande sucesso. Viemos de carro na segunda-feira, começámos a trabalhar na terça e hoje, sexta, é a festa de despedida. Digo «festa», mas no fundo não passa de uma incursão em grupo pelos bares das redondezas.

É suposto sairmos para tomar uns copos, aparecermos aperaltadas e convivermos com a equipa. Não estou a ver a Natalie a correr os bares das redondezas... e a verdade é que acabo mesmo por não ver. O Martin ligou-lhe insistentemente ao longo da semana, e sempre que ela falava com ele ao telefone era visível alguma apreensão, que ela tentava disfarçar exibindo um sorriso tão amplo quanto falso. Creio que mais ninguém conseguiu ler para além da sua *placidez de cisne*, mas eu vi-lhe claramente as penas eriçadas. Não me espantou, por isso, ouvi-la dizer que, afinal, ia regressar mais cedo para «passar algum tempo» com o marido. Considero-a tão sortuda por ter alguém tão desesperado pela sua companhia... Só espero que esteja tudo bem.

O Theo e eu já não nos vemos há mais de quinze dias. Mandeilhe algumas mensagens airosas e casuais; depois, uma mais engraçadinha do tipo *desaparecido em combate?*, culminando com outra, finalíssima, dizendo *OK, não te chateio mais, se é isso que queres*. Para ser franca, esta última foi induzida por uma garrafa de vinho barato do minibar, por isso, não sei se conta, mas a verdade é que o Theo me respondeu esta manhã: *Oh querida, desculpa, não vi as tuas mensagens, tenho andado ocupadíssimo! Falamo-nos por FaceTime hoje, às nove da noite?*

Resultou! Não que a mensagem tivesse algum calor, ternura ou beijinhos, mas acho que o estilo das SMS dele é mesmo assim: rápido e eficiente. Quando está comigo, é superatencioso, preocupado, sempre a ler-me os pensamentos, atento ao que eu gosto, ao que não gosto, àquilo que quero e como me satisfazer. Por isso, não me preocupo nada quando ele me manda SMS curtas e secas; é apenas a sua maneira de ser.

Assim que acabámos o dia de trabalho, arrumámos as coisas, a Natalie seguiu para casa e eu voltei a pé para o hotel. Juntamente com o resto da equipa, percorri as ruas de Bath, admirando os seus bonitos edifícios de pedra clara e gradeamentos em ferro.

Chegados à receção, pedi desculpa e apressei-me a ir para o quarto. Com medo que eles me achassem uma perfeita idiota se lhes dissesse «Desculpem, malta, não vou poder sair convosco. Estou à espera de uma chamada do homem que eu amo, mas que na maior parte do tempo opta por ignorar-me», dediquei-lhes uma diferente versão da verdade: «Adorava sair convosco, mas estou à espera de uma chamada muito importante de um familiar», acrescentando uma expressão dolorosa. Ninguém põe em causa uma «chamada importante de um familiar» se acrescentarmos uma

expressão dolorosa. E, como toda a gente sabe, os ingleses fogem a sete pés de conversas graves e desconfortáveis, e desta vez não foi exceção. Trocámos sorrisos e abraços simpáticos, agradecemos-nos mutuamente pelo apoio e espírito de equipa, e despedimo-nos sem mais demoras. Escapuli-me alegremente, entrando no elevador com a agradável sensação de que, dali a nada, seríamos só nós, o Theo e eu, sozinhos num quarto de hotel. Quer dizer... mais ou menos.

Liguei o FaceTime e falei um pouco com a Lyla, que ficou estes dias em casa do pai; depois, lavei a cabeça, arrumei as minhas coisas e esperei.

E esperei.

E esperei.

Por volta das 9h30, reuni coragem para lhe ligar, mas ele não atendeu. Às 10, mandei uma SMS a dizer *Olá, já estou despachada, se quiseres podemos falar agora*, mas também não obtive resposta. Sacana.

E já são 11 da noite, e eis-me sozinha num quarto de hotel a *não falar* com o homem dos meus sonhos, mas, antes, a emborcar um tubo inteiro de Pringles e a sentir-me completamente vazia. É tão mau, mas tão mau sentirmo-nos usadas e descartadas desta maneira. Sinto uma profunda vergonha pelo meu desespero, por esta carência patética. Mas por que raio não fui sair e divertir-me com a malta da equipa? Sou uma palerma, é o que é.

Uma semana depois, estou com a Natalie, de regresso a casa depois de um fantástico dia de gravações para um filme do YouTube.

O ambiente era ótimo, jovem e criativo.

Tratava-se de um filme de ação, ou seja, uns retoques nos homens, glamour nas mulheres e, basicamente, pó, pólvora e sujeira geral para todos. Foi fácil encontrar o meu próprio ritmo, descontraí e deixei-me levar pelo trabalho. Conversei com os atores, enquanto os pincelava e retocava, e senti um orgulho extremo ao vê-los levantarem-se da minha cadeira exatamente como se tivessem estado a lutar heroicamente dentro de um prédio em ruínas.

Ainda estamos a cerca de meia hora de casa, e sinto-me ansiosa por trocar dois dedos de conversa com a Natalie.

– Correu tudo bem naquela noite, quando voltaste para casa mais cedo? – começo, assim que arrancamos. Achei-a bastante tensa nas filmagens, mas não quis dizer nada até estarmos sozinhas.

– Sim! Absolutamente. Foi tão bom voltar para casa mais cedo. – Segue-se uma vertiginosa mudança de assunto: – Estiveste muito bem hoje, Robin, excelente trabalho – observa ela, sem tirar os olhos do caótico trânsito de Londres.

– Obrigada! Fico mesmo feliz por ouvir isso, Natalie.

– E fora do trabalho? Como é que as coisas têm corrido? – pergunta-me em tom casual.

– Não me posso queixar. Continuo a sair com o Theo, lembra-te, que conheci contigo naquele bar? A Lyla está ótima, e eu estou a adorar os trabalhos extra que me tens arranjado. Sinto-me muito bem, muito feliz mesmo.

Considero a Natalie uma amiga, mas não como a Lacey ou a Piper. Nunca me esqueço de que é minha chefe, por isso, devo abster-me de partilhar com ela as minhas chatices. Entre as quais o recente (e não solicitado) *makeover* que a Kath resolveu fazer ao

meu quarto. «Achei que estavas a precisar de um pouco de renda no teu ninho de amor, minha querida... A renda é muito sexy, como sabes», garantiu-me ela, quando me viu estupefacta e boquiaberta a olhar para os metros e metros de tecido rendado que ela resolveu colar em cada canto e recanto – e que eu tive de descolar rapidamente antes que o Theo visse. Ou contar-lhe do desconforto constante dos meus encontros diários com a Val Pickering nos portões da escola. Resolvo poupá-la e insisto na minha curiosidade:

– Então, e tu? Parece que passaste um fim de semana fabuloso em Paris, não foi? Digo isto pelas fotos que postaste no Facebook, claro, não penses que te ando a perseguir! Hahaha! – Meu Deus, como eu odeio este meu riso nervoso.

– Sim, foi excelente, Robin, obrigada. Ainda bem que gostaste das fotos. Por acaso, foi uma surpresa do Martin. Ultimamente, temos andado tão ansiosos com os exames do Daniel e a ida do Nathan para a universidade... E com tanto trabalho na agência, felizmente, claro, mas... mal temos tempo um para o outro, entendes? E agora, que os rapazes já estão mais independentes, o Daniel e o Nathan já com carta e o Max sempre tão ocupado com a escola e o desporto, acho que o Martin anda mais impaciente, precisa de ter mais coisas para fazer, percebes? Algo que o faça centrar-se mais nele.

– Sim, percebo-te perfeitamente. Às vezes, sentimo-nos meio à deriva e...

– Não, não, nós não andamos à deriva, nada disso – responde ela, um tanto bruscamente de mais. – É maravilhoso a agência andar tão bem... Isso tem-nos permitido oportunidades excelentes e uma vida superconfortável para os rapazes, mas... tanto eu como o Martin precisamos de um tempinho para nós, de vez em quando.

Não que andemos à deriva ou sem rumo... Não, nada disso. Só precisamos de nos focar em alguma coisa comum, que interesse igualmente aos dois, percebes?

Uau... Já é a segunda vez em muito pouco tempo que eu deteto uma certa irritação na Natalie. Ela é sempre tão imperturbável. Obviamente que não me quero intrometer. Mudo o assunto para algo bastante mais seguro: trabalho.

– Não, claro, nem foi isso que eu quis dizer! O Martin é fantástico. E claro que é ótimo que a agência vá de vento em popa. Para mim, também tem sido excelente. Sabes, estes trabalhos que me tens arranjado têm-me permitido uns mimosinhos extra para a Lyla e para mim, e além disso saio de casa, o que é fantástico!

– E tu bem mereces, Robin, tens-te esforçado tanto. Hoje, estive a observar-te e concluí que o teu trabalho, sobretudo a tua técnica, está cada vez melhor. E a tua confiança reflete-se nos resultados, vê-se que adoras o que fazes.

– Isso é verdade, adoro mesmo. Adoro este tipo de ambientes, conhecer pessoas novas, fazer aquilo que realmente me apaixona... tão bom! Obrigada, Natalie, o teu apoio tem sido incrível.

– Pois, então, prepara-te, porque acho que ainda me vais agradecer mais... – diz-me, como uma mãe prestes a dizer aos filhos que os vai levar ao McDonald's. Hmmm... Por acaso era ótimo que fosse isso mesmo. Estou esfomeada.

– Uau... OK! Estou preparadíssima! – digo eu, alinhando no espírito.

– É o seguinte: fizeram-nos uma proposta fantástica, uma coisa superentusiasmante. É uma produtora de cinema que se prepara para produzir uma série de filmes de terror... e ouviu falar muito bem da agência.

– Oh, uau!... Isso é mesmo incrível!

– Pretendem uma maquilhadora artística e uma assistente para trabalharem no *set* durante duas a três semanas, a tempo inteiro. E, como é óbvio, eu adorava que me assistisses. Sei que decidimos que tu farias apenas trabalhos ocasionais e perto de casa, para poderes estar com a Lyla, mas esta é uma oportunidade única e imperdível. E tu estás preparada para um trabalho deste género, mais que pronta para transpores os teus próprios limites criativos e embarcares nesta aventura.

– Oh, Natalie, fico tão lisonjeada! Claro que posso ver se a Kath me consegue apoiar, ir buscar a Lyla à escola de vez em quando e ficar com ela... E o Simon também vai colaborar, tenho a certeza. Que excitação, obrigada pelo convite!

– Ótimo. Mas, antes de aceitares, acho que tenho de te informar que estas filmagens vão decorrer... – A Natalie faz uma pausa dramática. – ... em Nova Iorque! É o primeiro filme, e o contrato seria em período experimental. Se tudo correr bem, ficamos com os restantes cinco filmes, esses já filmados em Londres e ao longo de dois ou três anos. A questão é que eles querem formar uma equipa que esteja disponível para trabalhar em Nova Iorque neste primeiro filme e que se mantenha, depois, a longo prazo, no Reino Unido. Seria algo extraordinário para o portefólio da agência, mas também para o teu currículo pessoal. Sei que eles já contrataram uma equipa de maquilhadores e caracterizadores de efeitos especiais para tudo o que envolve o látex, e eu própria estou doida para poder aprender com eles. Mas claro que também precisam de maquilhadoras profissionais no *set*, para *makes* do rosto e retoques, aconselhamento e apoio criativo. E, tendo eu já assistido ao teu trabalho ao longo de todos estes anos, o modo como te esforças e

te aplicas, a paixão que mostras ter pelo que fazes, tenho a certeza de que seria uma excelente oportunidade para ti. Sei que estás mais do que apta para voos mais altos, e quero muito que sejas o meu braço direito a partir de agora, Robin.

Estou literalmente atordoada.

Para já, mal posso acreditar que a Natalie me tenha em tão boa conta, que mostre tanta confiança em mim e no meu trabalho. Quem diria? A Robin Wilde, a desmazelada com as leggings sempre riscadas de canetas de feltro. E depois... estamos a falar da incrível Nova Iorque! A minha primeira reação é de pura excitação, claro. Mas depois sinto o pânico a instalar-se. Eu não posso ir para Nova Iorque! Eu sou mãe solteira! Sinto a cabeça a mil à hora, à medida que percorremos a autoestrada, e fico sem saber o que dizer. Primeiro: não posso deixar a Lyla. Ela precisa de mim. Não tenho dúvidas de que ficaria bem com o Simon e a Kath por uns tempos, mas... e *eu*? Eu também preciso dela. Ela é quem eu sou. Sem a minha filha perto de mim, perco-me da minha identidade, da minha essência. Segundo: Nova Iorque é absolutamente frenética. E eu gosto da minha paz e tranquilidade. Do meu copo de vinho, à noite, no aconchego do meu lar. Acho que é por estar habituada, mas mesmo assim... Não me consigo imaginar em Nova Iorque. Não me imagino sequer no avião para lá, quanto mais a trabalhar no outro lado do mundo! E se acontece alguma emergência cá em casa? E se...? E o Theo?

– Natalie, eu... Uau, Nova Iorque... isso é tão longe! Acho que não conseguiria deixar a Lyla, não sei... Ouve, eu... Lamento muito, mas acho que não posso aceitar.

– Tens tempo para pensares nas coisas com calma – diz a Natalie tranquilamente, os olhos fixos na estrada.

Assim que ela me deixa em casa, vou logo arrumar os meus produtos. Tantos meses passados e continuo a adorar a minha estante tão bem organizada, o espaço que tenho para as minhas coisinhas. Feito isto, preparo-me para ir buscar a Lyla à casa da Kath. Estou cheia de saudades dela, doida para a ver. Sinto-me culpada por trabalhar tanto nestas últimas semanas, e a simples perspetiva de me mudar para Nova Iorque durante um mês e meio (já para não falar na desilusão que darei à Natalie, porque simplesmente não posso aceitar) ainda não deixou de me chatear.

Sei que ter a minha filha comigo em casa vai acalmar-me; por isso, pego na chave do carro e saio porta fora.

Ao sair de casa da Kath, bato com os tacões furiosamente a caminho do meu carro. Estou furibunda. Sinto cada centímetro do corpo a arder de indignação. Como é que ela se atreveu? Como é que se atreveu a tomar uma decisão destas sem mim?

Abro a porta do carro com tanta força, tal é a minha ira, que quase a arranco das dobradiças. Estou zangada a esse ponto.

A Lyla entra em silêncio para o banco de trás, e eu fecho a porta com tanta violência, que os olhinhos dela se espantam de medo. Sinto uma pontada de culpa por a ter assustado. Fantástico... Era só do que eu estava a precisar para ajudar à festa!

Toc, toc, toc. Com os tacões a baterem no asfalto, rodeio o carro e entro, fechando a porta com mais recato. Ótimo. Quanto mais depressa me afastar daquela cabra egoísta, melhor. E conduzir faz lindamente. O som do carro a acelerar e a ganhar velocidade tem o dom de me acalmar – graças a Deus, porque conduzir naquele estado de fúria seria certamente perigoso.

Oiço a vozinha da minha filha a insinuar-se, muito lentamente:

– Mamã... Estás zangada?

– Estou, querida. Muito zangada.

– Comigo? – A voz treme-lhe ao fazer a pergunta, o que agrava ainda mais o meu complexo de culpa.

– Não, claro que não. Com a tia Kath. Não devia ter-te cortado o cabelo sem me pedir autorização.

Ao dizê-lo em voz alta, isto soa-me demasiado trivial, como se não fosse nada de especial. Mas é. Um corte de cabelo é algo especial. Quando vemos imagens de crianças pobres nos noticiários, com roupas sujas e esfarrapadas e os cabelos desgrenhados e sujos, sentimos de imediato uma pena imensa. Assumimos de imediato que ninguém cuida delas, que não têm ninguém que se preocupe com elas, que as ame. Quando vemos uma criança bonita e bem vestida, com um cabelo cuidado e lustroso, sabemos logo que é bem tratada e amada. E *amada* é a palavra-chave aqui. Eu amo a Lyla, ela sente-se amada por mim, logo, tratar do cabelo dela é *minha* responsabilidade. Um corte de cabelo não é uma cena rotineira, é um *acontecimento*. Ter sido eu a tratar disso provaria que tenho tudo controlado, que consigo perfeitamente conciliar a família com o trabalho, que sou perfeitamente capaz de organizar a minha vida. Consigo tratar de tudo. Eu consigo, eu consigo, eu consigo.

Até que a excelentíssima Kath decide assumir o controlo. Não me liga a perguntar se pode, não demonstra a menor consideração por mim... e zás, pás, trata do assunto. *Eu* é que devia ter decidido isso. E agora sinto-me uma porcaria. Como se a minha vida fosse a enorme trapalhada que eu secretamente temo que seja. Eu *ia* marcar uma ida ao cabeleireiro, só que não tive tempo. Estaria o cabelo da Lyla a precisar assim tão desesperadamente de um

corte? Estaria a minha filha com o ar das crianças pobres dos noticiários, e eu, que sou a mãe mais merdosa deste mundo, nem reparei?

Olho pelo retrovisor e apercebo-me do esforço que a cabecinha dela deve estar a fazer para arranjar forma de deitar água na fervura.

– Sabes, mamã, a tia Kath tem uma coleção fantástica de tesouras. E estávamos a brincar aos cabeleireiros e eu disse-lhe que gostava de ter o cabelo curto à frente... como o teu.

– Com franja?

– Sim! Queria muito ter o *cabelo da mamã*, por isso, a tia disse que podíamos fazer-te uma surpresa, que tu não ias ficar zangada porque seria uma surpresa maravilhosa. A tia Kath não me cortou o cabelo por estar zangada, mamã, foi por amor e carinho.

Começo a sentir o coração a amolecer. «Por amor e carinho» significa que a Lyla se sentiu amada e acarinhada. Mas quem sou eu para me opor a tal coisa? Afinal, isso é tudo o que uma mãe mais deseja para os seus filhos!

A cabecinha dela não para, dá para perceber.

– Achas que eu estou feia, mamã?

– Não, não, adoro o teu cabelo. Queria era ter estado presente, só isso.

– Então, se gostas, porque é que estás zangada?

Pois... É difícil argumentar contra este tipo de lógica. Começo a sentir que talvez tenha exagerado um bocadinho.

– Lyla, eu sou tua mãe e amo-te muito. Mais do que alguma vez poderás imaginar. E por te amar tanto é que eu quero estar presente em tudo o que te diga respeito. Apoiar-te, ajudar-te a fazeres bem as coisas, proteger-te quando tens medo...

– Mas eu não tive medo, e a tia Kath fez bem as coisas porque tem aquelas tesouras todas giras de quando ela tratava do cabelo das amigas... *nos bons velhos tempos*.

Como é possível eu dar por mim a ser cilindrada por uma miúda de seis anos?

– Sim, eu sei, mas eu gostava de ter estado lá, mais nada. Queria ter estado lá contigo.

– Mas não podias, estavas a ajudar a Natalie! A tia Kath disse que estavas a fazer um trabalho *suuuper* importante e que tu trabalhas *muuuito* e que era giro fazermos-te uma surpresa.

Adoro que ela leve o meu trabalho a sério. Há muita gente que pensa que eu não faço nada o dia todo, mas o bom das crianças é que não fazem juízos de valor – e se lhes dizemos que estamos a trabalhar é porque estamos a trabalhar. Oxalá ela nunca perca esta confiança. Oxalá *eu* nunca dê cabo dela.

– Eu só queria ter estado lá contigo, Lyla.

Rápida como um relâmpago, responde-me:

– Nem sempre temos aquilo que queremos.

Oooh, mas porque é que eu lhe fui ensinar isto? Não preciso dos meus próprios sermões atirados à cara, obrigadinha... Sobretudo estando tão furiosa.

– Mamã, eu não quero que estejas zangada com a tia Kath, porque assim ela nunca mais vem brincar comigo. Tens de ouvir a tua voz interior e seres boazinha para as pessoas, ou elas ficam magoadas.

Diz-me isto assim, como se eu tivesse acabado de chegar ao mundo e me faltassem as mais básicas competências de comunicação.

– Eu sei, meu amor, desculpa. Tens razão, eu não devia ter-me zangado tanto – concedo-lhe, na esperança de que a conversa fique por aqui.

Paro à porta de casa e sinto-me logo muito mais calma.

Nada melhor do que uma criança e as suas inocentes capacidades de raciocínio para relativizarmos um problema.

Uma vez devidamente instaladas (*Peter Pan* para a Lyla e para mim uma tablete de chocolate que eu escondi sensatamente atrás das latas de conserva), dedico um olhar mais atento à minha pequenina. Nunca deixo de ficar espantada perante a sua perfeição. Lábios de botão de rosa, pele branquinha e perfeita, levemente sarapintada de sardas, olhos de um azul profundo e um narizinho de elfo, que qualquer *it girl* de Hollywood mataria por ter. E agora está de franja, com o cabelo cerca de vinte centímetros mais curto, já sem os bonitos caracóis que quase lhe chegavam à cintura. Se fica horrível? Não, tenho de admitir que não. A franja suaviza-lhe o rosto magro e dá-lhe um certo ar arredondado – uma expressão que ela tinha em bebé e de que eu já sentia saudades. Atrás, o cabelo ainda lhe cai pelas costas, mas parece mais espesso e bem mais saudável. Passo-lhe a mão e sinto o toque sedoso entre os dedos. Meu Deus, como eu a amo. Antes de ter a Lyla, não sabia até que ponto se podia amar tanto alguém. Agora, a afagar-lhe o cabelo e a senti-la enroscada em mim, sinto o coração prestes a explodir.

– Já gostas mais, mamã? – pergunta ela, acordando-me dos meus pensamentos.

– Sim. Adoro.

– E vais voltar a ficar amiga da tia Kath?

– Vou.

– Gritaste com ela e fizeste uma cara muito feia. Não achas que lhe deves pedir desculpa?

– Acho que sim.

E é verdade. Fui horrível, e a Kath não merece. A Lyla e eu temos muita sorte em tê-la. Vou rastejar e pedir-lhe perdão, sem dúvida.

Nessa noite, ligo ao Theo para finalmente conversarmos sobre tudo. Desde aquela noite em Bath que temos apenas trocado mensagens esporádicas, e, sinceramente, não sei bem em que pé é que nós estamos. Não saber dele, mais todo o nervosismo e confusão que me causou a proposta da Natalie e ainda a cena triste com a Kath, deixou-me muito ansiosa. Só espero que, falando com ele, as coisas comecem de novo a encarrilar. Preciso bastante de apoio, e o Theo é a pessoa ideal para mo dar. Sei que ele me fará sentir melhor.

Vou deitar a Lyla, preparo um gin tónico, enrosco-me no sofá e pego no telemóvel. Oiço-o tocar durante o que me parece uma eternidade, mas finalmente ele atende – naquele seu tom habitual de que está tudo bem e nunca deixou de estar.

– Olá, querida, que tal vai isso?

Não sei porquê, mas fico automaticamente irritada. Como é que ele se atreve a parecer tão calmo e relaxado, quando já não falamos há praticamente duas semanas? Mas, como é óbvio, obrigo-me a reagir como a rainha da descontração, fazendo-o crer que tenho tido as melhores semanas da minha vida.

– Oláááá! Tudo ótimo, obrigada! E contigo?

– Ora, tu sabes... Uma vida de loucos no escritório e imensas saudades da minha maquilhadora artística favorita.

Se teve assim tantas saudades, porque é que não me ligou? A sério, estou capaz de o espancar por se mostrar tão desprendido.

– A sério? Oh, que querido... Pois é, comigo também não tem sido nada fácil. Entre o trabalho e a vida familiar e social... tem sido a loucura total! Como sempre, aliás.

Por *loucura total* entenda-se ter trabalhado três dias na semana, lavar, limpar, cozinhar, fazer compras, descongelar a arca e muitas horas de jogos e brincadeiras com uma miúda de seis anos.

– Pois, claro, sim, sim... – diz ele, em tom ausente, claramente distraído com qualquer coisa. – Podemos passar juntos um fim de semana destes? Só tu e eu. Deixas a Lyla com a Kath, e divertimo-nos só os dois?

Bingo! Um fim de semana *a divertir-me* com o Theo é tudo aquilo de que eu preciso neste momento!

– Boa! Acho ótima ideia! Queres vir tu até cá? Posso combinar um novo jantar com os meus amigos, finalmente conheciam-se e...

– Não. Porque não vens tu até cá e me deixas mimar-te? Passamos o dia num spa, se quiseres, ou então damos num passeio pelo Tamisa?... De certeza que é bem mais agradável do que um jantar com as mães das coleguinhas e as respetivas caras-metades, não?

Nisso ele até tem razão, mas não consigo deixar de me sentir dividida: gostava mesmo de o apresentar à malta, se bem que um passeio de barco pelo Tamisa e uma massagem soem mil vezes melhor do que um jantar de grupo num italiano de bairro. Fico com a sensação de que ele não dá assim tanta importância à *minha* vida. Noutra altura, até desvalorizaria isto, mas depois da cena com a Kath não estou na melhor das disposições.

– Theo, deixaste de gostar de vir para cá, é isso?

– Não, querida, adoro, mas acho que ambos concordamos que ficamos mais à vontade em minha casa, não é? É muito mais confortável.

Que desagradável! Não há nada de desconfortável na minha casa! Pode não ser um apartamento de luxo na cidade, com grandes portas de correr e vista para o Tamisa, mas é uma casa perfeitamente... decente. OK, a casa dele é mais agradável do que a minha, sim – se bem que já não me lembre muito bem, até porque só lá estive uma vez –, mas a questão não é essa. Ele devia ter o cuidado de me compensar, depois de me deixar tantas vezes pendurada. E, se gostasse mesmo de mim, metia-se alegremente no carro e vinha até cá para fazer parte da minha vida. Ou não?

Estou farta disto, de ser só casa-trabalho-trabalho-casa e de me sentir uma merda o tempo todo. Sou uma mãe horrível, visto-me pessimamente (neste momento, estou com uma t-shirt pintada pela minha filha, porra!), a Kath odeia-me, e com razão, e sinto que vou ficar sozinha para sempre.

Aproveitando o meu silêncio, o Theo sugere:

– Que tal no fim deste mês?

Terei ouvido bem? Isso é daqui a três semanas!

Achará ele que pode esbanjar o seu charme e pôr e dispor das coisas como muito bem entende? Pois bem, não pode.

Reunindo toda a coragem e dignidade que me restam, digo-lhe:

– Ouve, um encontro a cada seis semanas, para mim, não chega. Se é para sermos alguma coisa, seja lá o que isto for, tem de ser mais fácil do que até agora. Fazermos parte da vida um do outro, como fazem os casais normais. Isto para mim não está a resultar. – E atrevo-me mesmo a ir mais longe. Muito mais longe do que alguma vez me achei capaz: – Preciso de um tempo, Theo. De

uma pausa. E, seja como for, não vou estar livre no final do mês.
Vou estar em filmagens em Nova Iorque.

E pronto. Pelos vistos está decidido.

Quarta Parte

Nova Iorque

Vinte e seis

Julho

Consegui! Eu, Robin Wilde, mãe solteira e assistente de maquilhagem em part-time, estou aqui, na cidade mais fantástica do mundo!

De início, preocupou-me a hipótese de odiar viver aqui. Mal saí do avião, senti-me logo arrebatada. E a viagem correu muito bem: senti-me segura e aconchegada no avião. Recostei-me no meu assento, devorei vários pacotes de *pretzels* e vi os filmes todos que perdi no cinema, porque, muito francamente, não tinha ninguém com quem ir. O Theo sempre preferiu teatro e, infelizmente, não me refiro aos musicais levezinhos e divertidos do West End, mas sim a peças bem mais sérias e complicadas, daquelas que nos fazem pensar e que nunca têm finais muito esclarecedores. Fomos a uma há tempos, e eu tive de recorrer a toda a minha energia para decifrar o seu «Abolutamente abstrato... Adorei!». E a verdade é que, por vezes, só nos apetece mesmo empanturrar-nos de pipocas e ficarmos a ver super-heróis a destruírem cidades, certo? Descalça e embrulhada na mantinha, senti-me lindamente a parecer uma desgraçada. Dentro de um avião, pertencemos a um clube onde é perfeitamente aceitável verem-nos com roupas tão confortáveis, que quase parecem pijamas, e com o cabelo tão desgrehado, que quase parece que acabámos de fazer sexo. É um desmazelo-chique. Estamos todos no mesmo barco – avião, neste caso – e ninguém leva a mal. Adorava que na vida real também fosse assim. Cruzarmo-nos todos uns com os outros em calças de fato de treino e sentirmo-nos ao mesmo nível. Como é óbvio, ninguém jamais imaginaria a Natalie em calças de fato de treino; duvido até que ela

tenha algumas. A sua versão de roupa confortável é um par de skinny jeans Armani, já com *dois anos*.

Assim que saímos do avião, porém, as coisas revelaram-se bem diferentes. Muito diferentes mesmo. Tão distantes me pareceram os tempos em que uma simpática hospedeira me trazia chá a toda a hora... De repente, todos começamos a correr. Não cheguei a perceber porquê, mas... sem dúvida que corremos, meu Deus! Parecia a debandada de uma manada de antílopes em direção a uma ribeira, antes que aparecessem os javalis selvagens!

Sinto os pés inchados dentro das sabrinas (como raio é que as celebridades desembarcam sempre em saltos vertiginosos, com um eterno sorriso glorioso?). Em terra, o chique-desmazelado já não parece tão giro. Tenho ar de desenterrada, muito longe do aspeto fresco e airoso de quem passou um voozinho de seis horas confortavelmente descansada numa cadeira reclinada. Como já era de esperar, a Natalie está fantástica. Cabelo perfeito, pele resplandecente, os pés sem parecerem dois tijolos. Pronta para a vida real, como sempre. Dir-se-ia que viajou em primeira classe, mas não; é este o aspeto natural dela, e em qualquer circunstância.

Traz umas leggings estruturadas pretas que lhe ficam a matar, uma túnica creme levemente tricotada e, pelos ombros, uma écharpe de cachemira cor de caramelo. Qualquer celebridade se poderia facilmente inspirar nela. Ah, e tem calçadas umas sabrinas com cunha, o que oficialmente se podem considerar *saltos*. Inacreditável!

Lá chegamos à alfândega – comigo a suar que nem uma porca e a Natalie calma e recatada – e passamos mais quinze minutos na fila. Há qualquer coisa de hostil nas alfândegas. São sinais e cartazes por todo o lado, alertas que nos berram ordens, dizendo-

nos em tom agressivo que não podemos trazer para o país sementes ou frutos tropicais. Assim que chega a minha vez, o agente fardado do lado de lá do cubículo começa logo a disparar uma série de perguntas: O que é que faço? Onde vou ficar? O que me trouxe a Nova Iorque? Sinto-me quase como num primeiro encontro, intenso e rapidíssimo, mas sem trocarmos telemóveis nem beijinhos no fim.

Ficamos finalmente despachadas. Depois das malas recolhidas, enfiamo-nos num *yellow cab*, que acelera (ou melhor, avança lentamente por este trânsito caótico) com destino à Big Apple! De repente, sinto uma onda de alegria a percorrer-me só de pensar que estou aqui.

Saímos do aeroporto e entramos nos subúrbios. Depois de o taxista ter tentado, e falhado, entabular conversa connosco, eu e a Natalie mergulhamos, por fim, no proverbial silêncio britânico, tão cortês e confortável. Fico a olhar pela janela, admirando as filas e filas de casas com ripas de madeira, todas de cores diferentes, umas com alpendres, outras com bandeiras americanas hasteadas, outras com brinquedos de criança espalhados no quintal da frente, e começo a imaginar como será viver aqui. Como seria se a Lyla e eu vivêssemos aqui, em vez de nos subúrbios de Cambridge, e, quando eu fosse trabalhar, me visse a deambular ocasionalmente por Manhattan em vez de Londres. Ela iria para uma escola nova-iorquina num autocarro amarelo, e eu ficaria à espera dela, ao fim do dia, instalada no meu alpendre – e não à mesa da cozinha, entretida com apps de encontros. Subitamente, essa ideia surge bem mais apelativa e charmosa do que a minha realidade atual.

À medida que nos aproximamos da cidade, deixando para trás as vivendas e os blocos de apartamentos, atravessamos uma longa ponte (oxalá tivesse reparado qual delas, para mais tarde poder ter uma conversa inteligente ou, quanto mais não seja, adquirir algum sentido de orientação) e entramos na cidade. Estamos em Manhattan! Não tiro os meus olhos esbugalhados da janela, desejosa de absorver cada centímetro daquilo que vejo. Todos os meus sentidos estão alerta, é a minha primeira vez na Big Apple! YES!

Os prédios são tão altos e brilhantes, que nem se consegue ver onde terminam e o céu começa, e cada quadrado da calçada é ocupado por todo o tipo de gente possível e imaginária, cada indivíduo mais dinâmico e determinado que o outro. Não me consigo lembrar de ninguém conhecido que caminhe com esta atitude. Talvez a Natalie, a caminho de uma reunião, mas mais ninguém. Mulheres de saltos altos, homens de sapatos de executivo, adolescentes de ténis, velhotes de sandálias, crianças em carrinhos, cães pelas trelas, tipos de ar cansado que estendem panfletos e são ignorados, homens a falarem em tom zangado aos telemóveis e raparigas que não veem por onde andam enquanto mandam fotos e mensagens. Cada rés do chão de cada prédio é uma loja, um restaurante ou uma empresa – numa disposição de lobbys elegantes, com mobiliário de pedra cinzenta, ou de menus suculentos e apelativos em modernas mesas de apoio. Não ficamos mais de dez segundos sem ver andaimes ou obras, nem andamos um metro que seja sem nos vermos envolvidos num verdadeiro caleidoscópio de cores. Para onde quer que olhemos há um arco-íris. A Lyla ia adorar toda esta energia, penso, já cheia de saudades dela. As pessoas são coloridas, as lojas são sedutoras e há luzes a

piscarem em todas as direções. É como se Nova Iorque olhasse para si própria e dissesse: «Mais! Quero mais!» e fizesse um upgrade a tudo! Nunca, mas nunca vi um sítio mais vibrante, nem nunca senti tanta energia junta. Manhattan faz a Topshop da esquina da Oxford Street parecer adormecida num sábado à tarde. Este sítio é inacreditável!

Assim que abro a porta do meu quarto de hotel, sinto um enorme alívio. Por mais excitante que tenha sido a viagem de uma hora, desde o JFK, estou perfeitamente ciente de que já não estou num subúrbio entorpecido – e começo a sentir-me realmente um pouco fora da minha zona de conforto.

Este quarto vazio representa, por isso, um doce refúgio. Arrasto penosamente a minha mala (dizer que vem a rebentar pelas costuras é um eufemismo), deixo-a junto a uma cómoda de gavetas, com uma televisão em cima, e começo a fazer o ponto da situação. O quarto é simpático. Básico, mas limpo, com uma suite perfeitamente decente e vista para um beco com gigantescos contentores de lixo. Mas é sossegado, não há dúvida, e, pela primeira vez desde há muito tempo, estou completamente sozinha. Sem a Natalie, sem a Lyla a fazer perguntas e a pedir coisas, sem a tia Kath a aparecer sem ser convidada – só eu, em Nova Iorque, com uma mala cheia de roupa.

Meu Deus! Sinto-me subitamente feliz e nostálgica ao mesmo tempo.

Envio uma mensagem à Kath a dizer que cheguei bem e pergunto como está a Lyla. Não a quero preocupar com a minha ansiedade e saudades de casa; aposto que passaria a vida a ligar-me para se certificar de que estou bem – e tenho a certeza de que,

ao fim de pouco tempo, vou mesmo ficar bem. As coisas entre nós esfriaram um pouco desde a cena do corte de cabelo, mesmo com o meu subsequente pedido de desculpas. Não estamos tipo gelo, mas aquele calorzinho confortável, a sensação de «boa onda» da nossa relação desapareceu. De certeza que vai passar, mas neste momento não a sinto como a primeira pessoa a quem me apeteça recorrer.

Instintivamente, pego no telemóvel e envio uma mensagem ao Theo. Podemos já não ser um casal (se é que alguma vez o fomos), mas continuamos amigos. Isso nunca foi posto em causa. E, como ele passa a vida a viajar por causa do trabalho, sei que se vai mostrar interessado pela minha estadia aqui. Mais: ele é a pessoa ideal para me dar apoio e conselhos. Não é nada de extraordinário; uma SMS amigável de vez em quando representa uma maneira muito madura de lidar com tudo isto, penso eu.

Cheguei! Nova Iorque é de loucos! Tão frenética! Sinto-me meio estranha e literalmente esmagada por tudo. Dava-me jeito ver uma cara familiar. Podemos falar por aqui? Como amigos.

Acho que foi fixe. Uma mensagem curta e querida, mas que deixa claro que preciso de ser reconfortada e que não estou à procura de nada senão de um pouco de amizade. No entanto, sinto-me péssima assim que a mando. Em três semanas, é a primeira vez que me sinto a ceder, mas a verdade é que ele me enviou um *Boa sorte!* amigável, mesmo antes de eu entrar no avião.

Depressa me surgem os três pontinhos no ecrã, deixando-me instantaneamente aliviada. Qual cavaleiro andante, o Theo saberá o que fazer para me animar e ajudar a enfrentar esta cidade.

Olá! Excelentes notícias! escreve ele.

Espera lá... Talvez não tenha lido bem a mensagem.

Sim, pois é! Falamos por FaceTime?

Três pontinhos...

Agora não posso. Vou a caminho do ginásio.

Ah, OK, porreiro! Se o Theo, o sacana egocêntrico, está a caminho do ginásio, o melhor é não o incomodar. Só me apetece atirar o telemóvel contra a parede. Não tanto por estar furiosa com ele (que estou e não é pouco), mas pela raiva que sinto por mim própria. Por que raio é que achei que, estando a precisar de algum carinho e apoio, o Theo seria a primeira pessoa a quem recorrer? Ele nunca me deu nenhum tipo de apoio, a não ser quando lhe conveio. Não o posso considerar meu amigo, porque na verdade nunca o foi. Como é que eu me fui deixar levar? Sou tão idiota!

Mas não quero parecer desesperada ou carente, por isso, resolvo ser superior a tudo isso e ignorá-lo durante uns tempos – não que ele vá reparar, temo dizê-lo. Entretanto, irei certificar-me de que, nos próximos dias, o meu Instagram será inundado de fabulosas selfies a preto e branco. Ele que se prepare.

Após dedicar mais alguns minutos a destilar ódio pelo Theo, investigo o minibar e as miniaturas da casa de banho. Depois, pego no telemóvel e procuro o número da Kath nos meus contactos do FaceTime. Como já é fim de tarde, espero que ela esteja em casa. Há dias, passei uns bons quarenta e cinco minutos a explicar-lhe como isto funciona. Praticámos bastante, espero agora que ela atenda.

A cara da Kath surge-me no ecrã, ainda que demasiado perto. Quase que lhe consigo ver o interior das narinas.

– Robin, olááá! – grita ela. Bolas, esqueci-me de lhe ensinar a controlar o volume.

– Olá, Kath, acabei de chegar ao...

– Ah, chegaste bem e em segurança? – lança-me, antes de me deixar acabar a frase. Ela sabe que cheguei em segurança, mandei-lhe uma mensagem do aeroporto. Inspira, expira... inspira, expira...

– Cheguei, sim, a viagem foi...

– Como é que foi a viagem? – insiste ela, aos gritos. É óbvio que ainda não aprimorou a arte do FaceTime.

– Kath, eu estou a ouvir-te perfeitamente. Fala comigo normalmente, OK?

– Desculpa, amor, já sabes como é que eu sou! Fico parva por conseguir ver-te tão bem, contigo em Nova Iorque! E isto é incrível, funciona tão bem, mesmo com diferença horária, já viste?

– Sim, sim, pois é... Como é que vocês estão? A Lyla está a portar-se bem?

– Claaaaro! Lindamente... Ora vê.

A Kath move o telemóvel na direção do sofá, onde a minha princesinha está sentada, coberta dos pés à cabeça com novelos de lã, fitas e laços. Parece que um retroseiro acabou de lhe vomitar para cima.

– Uau! Olá, meu bebé! O que é que te aconteceu?

– Isto chama-se «tricô com os dedos», mamã! – anuncia a Lyla, feliz que nem um passarinho.

– O que é «tricô com os dedos»?

– Então... nós desfizemos a tua velha camisola de lã e agora estamos a fazer uma nova, só com os dedos! – responde-me, alegremente. – E a tia Kath está sempre a esquecer-se do meu nome e chama-me Robin ou Mollie... e é tãããão engraçado, mamã!

Que saudades eu tenho deste seu risinho, meu Deus... Mas rezo fervorosamente para que não seja a minha maravilhosa camisola da Zara.

– Desfizeram a minha camisola...

– Não, não, querida, não liguês! – vejo o rosto da Kath a aparecer, entre risadas. – Fui descobrir uma camisolinha de lã de quando eras pequena, já estava em mau estado e toda roída da traça, não ia servir para mais ninguém. Desmanchámo-la e agora estamos aqui todas contentes a tricotar com os dedos. Aprendi com a Suzanne, do centro de dia, que tem peças maravilhosas! Ela adora uma boa sessão de dedos.

– Pois... Acredito que goste.

– Se gosta! – A Kath esboça um sorriso glorioso para a câmara, completamente a leste do teor sugestivo do seu comentário.

– Mamã, vou-te tricotar, com os dedos, o vestido mais bonito de sempre, e depois podes usá-lo num baile com um Príncipe Encantado. Eu ensino-te a fazer isto e podemos fazê-lo todas juntas! Podemos ser A Família do Tricô!

O entusiasmo dela é contagioso. Dou por mim também superentusiasmada com a ideia, mortinha que ela me ensine a sublime arte de tricotar com os dedos.

Finalmente, despeço-me, soprando-lhes beijos, sem conseguir deixar de me sentir saudosa e nostálgica. Ainda que tencione continuar a comprar as minhas próprias camisolas de lã (obrigadinha), adoro o espírito e o facto de a Kath estar a fazer isto pela minha filha. É tão parecida com o meu pai, sempre enfiado na sua oficina a consertar coisas, a criar peças maravilhosas e a ensinar-me a sua arte. Sinto uma imensa saudade desses tempos, antes de nos mudarmos. A minha mãe tinha problemas de asma – e, como boa hipocondríaca que era, achava que estava às portas da morte dia sim, dia não – daí a decisão de nos mudarmos para mais perto da costa, para ela poder respirar o «superior ar marítimo» e

melhorar o seu estado de saúde. O meu pai, como de costume, fez-lhe a vontade, claro. Sinto-me tão grata por ter a Kath nas nossas vidas, não obstante a sua obsessão pelas sete da manhã, os seus «vamos mas é sair para espairecer» e a tendência para querer à viva força mudar e organizar as minhas coisas. Antes de eu vir, conseguimos resolver o «incidente do cabelo»; ela mostrou-se logo encantada por ficar com a Lyla, oferecendo-se de imediato para cuidar dela assim que eu lhe falei na proposta da Natalie. É tão forte e tão enérgica, e eu digo-lhe poucas vezes o quão me orgulho dela por isso. Sinto-me culpada e decido mandar-lhe uma SMS: *Kath, tu és a maior. Obrigada por seres a estrela-guia das nossas vidas. Amo-te muito. Beijos.*

Já comecei a aprender que, ainda que estejamos na cidade mais fabulosa do mundo, o que realmente precisamos é da nossa gente, da nossa equipa. E a felicidade é mesmo isso.

Bom, *isso* e três ou quatro garrafinhas de vodca do minibar... mais o facto de não precisarmos de uma babysitter. Olá, Nova Iorque, cheguei!

Vinte e sete

O primeiro dia no *set* não é nem sequer remotamente parecido com nada que eu tenha experienciado até agora. Para onde quer que eu olhe, está algo a acontecer e o ambiente é eletrizante.

A nossa sala de maquilhagem é gigante, de longe a maior que já vi. E, em vez dos habituais duetos, há uma série de maquilhadores artísticos mais centrados nos trabalhos de látex e efeitos especiais, enquanto nós nos dedicamos à vertente «beleza». A Natalie tirou um curso de efeitos especiais, mas sei que está doida por subir a fasquia e aprender tudo o que conseguir. Quanto a mim, e como sua assistente, tenciono dedicar-me a tornar as pessoas bonitas, estar atenta aos retoques e observar tudo o que me rodeia. Assim que começo a tirar os nossos produtos da mala, sinto aquele formigueiro na barriga de pura antecipação, como o primeiro dia numa escola nova. Livros e cadernos a cheirarem a novo, caras desconhecidas e a incrível sensação de asas de borboleta no estômago. Só espero ser suficientemente boa para isto.

Depois de nos apresentarmos aos outros colegas – Marco, Leonardis, Amy Stoke e Sarah Scott –, somos todos convocados para um briefing de equipa. Normalmente, a Natalie já teria recolhido e gerido toda esta informação pelo telefone, mas, sendo este um trabalho tão importante e complexo, reunimo-nos no *set* e ficamos a ouvir o realizador, Anthony Langston, a descrever como serão os dias de filmagem, os horários e as interrupções, os requisitos artísticos e de styling, bem como as questões da segurança. Tomo febrilmente nota de tudo, incrédula com o que é preciso para conceber algo tão criativo. Não faço a mais pálida ideia

de como é que eles vão conseguir fazer tudo isto em tão poucas semanas.

Depois de uma breve reunião com todos os maquilhadores artísticos e cabeleireiros, os atores e atrizes começam a chegar aos magotes. Entre protagonistas e atores secundários, esperam-nos muitas horas de trabalho ininterrupto, e as nossas cadeiras nunca ficam vazias. É um ritmo constante de gente que se senta e levanta, estou sempre a ser abordada por colegas e superiores e não deixo de verificar a minha prancheta a cada quinze minutos, para me certificar de que tudo está a correr dentro do planeado. Isto é sem dúvida muitíssimo maior e mais importante do que aquilo a que eu estava habituada na minha terrinha. E, claro está, estou doida para mostrar à Natalie que consigo lidar com isto e, tal como ela me disse no seu voto de confiança, que estou mais do que preparada para este desafio. Mas também quero provar a mim própria que sou capaz. Que vou dar conta deste recado e fazer as coisas bem feitas.

O dia passa num ápice. É absolutamente frenético ter de pensar por mim própria e tomar decisões sozinha num *set* desta dimensão. Como de costume, preparo os rostos e trato das bases, deixando para a Natalie a finalização dos olhos e outros pormenores. Entre cada ator, também tenho a grata oportunidade de observar e assistir a equipa de efeitos especiais, preparando o látex e limpando os pincéis. Quando finalmente deixamos o *set*, já praticamente de noite, apercebo-me de que estive sempre tão ocupada, que não pensei em mais nada a não ser nos meus produtos, pincéis, retoques, tagarelice e galhofa com os atores. Quando pego no telemóvel, vejo que tenho uma chamada não atendida do Theo.

Regresso ao quarto de hotel com intenções de lhe retribuir a chamada, mas, depois de um longo banho quente para me limpar

dos pós e das graxas dos efeitos especiais, sinto-me demasiado cansada. Doem-me os ossos todos, como se tivesse corrido uma maratona, por isso, caio na cama e adormeço de imediato, recuperando do frenético dia de trabalho e da diferença horária.

Acordo às cinco da manhã – quem sabe devido ao jet lag ou à excitação de estar em Nova Iorque, a trabalhar num filme de ação a sério – e, às sete, já estamos de novo a caminho. Os maquilhadores são dos primeiros a chegarem ao trabalho e sempre os últimos a saírem. Dormi tão bem esta noite, que me sinto mais do que pronta para a ação.

Tal como ontem, o tempo passa a uma velocidade supersónica: mal acabo de aplicar sangue falso no rosto de um ator, já tenho outro a sentar-se na cadeira para ser retocado. Trabalhamos como numa fábrica, numa cadeia de produção em série, com a equipa de efeitos especiais a fazerem magia em feridas, hematomas e fraturas; depois, eu, a aplicar bases, trabalhar as sobrancelhas e passar pó; e finalmente a Natalie, a tratar dos olhos, lábios e pestanas. Passamo-los de seguida para a malta dos cabelos para, também eles, fazerem os seus milagres. Esta sequência toda resulta numa cacofonia de tagarelice e movimento, de gente a gritar, raparigas com as suas pranchetas, gajos com auscultadores – e sem ninguém a fazer pausas ou a descansar, porque o tempo urge e estamos todos no mesmo barco. É alucinante. E eu sinto-me maravilhada por aqui estar, tão contente por ter sido convidada e tão, *mas tão feliz* por ter decidido aceitar.

O ambiente é maravilhoso e damo-nos todos bem. A Sarah é, sem dúvida, de quem eu gosto mais. Vive num apartamentozinho minúsculo, com duas amigas, e licenciou-se em Cosmetologia há cerca de três anos. É atrevida e otimista, e faz-me lembrar-me de

mim própria, antes de a vida acontecer e me apresentar O Vazio. Por falar em atrevida e otimista, estou doida para rever a Piper e saber que tal se está a dar por cá. Combinámos encontrar-nos em breve, quando eu já estiver mais calma e integrada, com o meu frenético horário reduzido (espero eu), e o jet lag tiver passado completamente. Sei que ela também anda ocupadíssima a viver o sonho americano... e há um passarinho novo em cena, o que lhe dificulta ainda mais ter uma noite livre para estar comigo.

Tal como ontem, nem dou pelo tempo a passar, e despachamos rapidamente atores e figurantes. Trabalhar com *sangue* é algo completamente novo para mim; nunca precisei de nada disso nas preparações das minhas noivas ou nas campanhas publicitárias que fui fazendo aqui e ali. É muito empolgante aprender técnicas novas e trabalhar com os melhores dos melhores desta indústria. A Natalie sempre foi o meu modelo-a-seguir, em termos de carreira, e subitamente vejo-me rodeada de *Natalies*! Tenciono absorver rigorosamente *tudo* o que elas fazem e adquirir todo o conhecimento e competências possíveis! E planeio também ignorar o facto de ter entornado sangue falso em cima da minha saia de ganga azul-clarinha ou de ter as unhas impregnadas de pós das mais variadas cores. Quero lá saber, eu consigo fazer isto!

Já trabalhei em cinema – filmezinhos independentes de tipo caseiro, com cinco ou seis atores e uma equipa improvisada –, mas isto é outra coisa. São tantos atores e atrizes que nem lhes decoro os nomes, mas há uma que se destaca. A Marnie é muito novinha e *petite* e, de certo modo, faz-me lembrar a Lyla. Tem uma adorável inocência que me faz falar-lhe num tom mais baixo e doce, por me despertar o instinto maternal. Quando estou a preparar-lhe o pescoço para que lhe seja aplicado sangue falso, reparo nuns

hematomas na zona dos bíceps e, enquanto lhes passo suavemente as cerdas do pincel, comento em tom casual: «Oh, o que é que foi isto?»

– Oh, isso... Sim, foi numa festa! Eu danço sempre como uma possuída, devo ter chocado com alguém. Sem stress!

Estamos rodeadas por tanta gente e com tanto trabalho ainda pela frente, que nem sequer penso em aprofundar o assunto. Mas há algo na sua atitude esquiva e desprendida que me deixa preocupada. Disfarço-lhe aquilo o melhor que consigo e, como a inglesa discreta e bem-educada que sou, não faço mais comentários, a não ser:

– Prontinho, querida, estás como nova!

E fico a vê-la saltar da minha cadeira e desaparecer pelo meio do cenário.

Trabalho que nem uma moira. Deixo-me absorver tão completamente pela criatividade e pela fabulosa relação que consigo estabelecer com os atores, que me sinto literalmente noutra planeta, muitíssimo distante daquele onde vive a Robin Wilde. Aqui, não há lugar para a angústia; sou apenas uma mulher que é boa naquilo que faz e que está a adorar fazê-lo.

Sempre que termino um trabalho, aproveito para observar e assistir a Natalie e a Sarah. Vê-las aplicar o látex e transformá-lo numa ferida perfeita é absolutamente arrebatador. E é num destes momentos que a Natalie me sugere que eu experimente também.

Acontece que o látex líquido é das coisas mais divertidas com que eu já lidei na vida. Lembram-se das brincadeiras com *slime*, que faziam com os vossos filhos? É quase a mesma coisa! Primeiro, pratico um pouco no meu braço; depois, experimento fazer uma

pequena ferida ensanguentada num dos figurantes. Resulta maravilhosamente. Tanto que a Natalie e a Sarah ficam impressionadíssimas com o meu trabalho. Sinto um orgulho imenso e uma grande vontade de tentar mais coisas novas.

Passo o resto do dia a aprender novas técnicas de aplicação de látex e sangue falso, praticando em todos os figurantes a quem consigo deitar as minhas sangrentas mãos, entre pausas do meu próprio trabalho. Pelas sete da tarde, já nem sinto os braços, mas acho que nunca me diverti tanto – e estou em êxtase por tudo o que consegui aprender nesta área dos efeitos especiais. Sempre tive jeito para artes, mas, para não variar, sempre me faltou a autoconfiança suficiente para me atrever a voos mais altos.

Enquanto limpamos os pincéis, preparando-nos para um novo madrugalar amanhã, a Marnie vem ter comigo e pergunta-me:

– Tens um minutinho para mim, Robin?

A Natalie levanta a cabeça, claramente a tentar perceber se eu me disponho a tratar do assunto ou se será necessário ela intervir (está-lhe no sangue, esta faceta de chefia), mas eu apresso-me a responder:

– Claro que sim. O que é que se passa?

– Bom, é o seguinte: esta noite, vou sair outra vez, tenho uma estreia e uma festa a seguir.

– Uau, isso é fantástico! – digo eu, encorajando-a.

– Sim, é mesmo. E por isso queria perguntar-te... bom... O que é que puseste nos meus braços, há bocado? É que eu detesto aparecer nestes sítios com... marcas, percebes? E como esta noite vou sair para dançar e... enfim, sei que vai ser uma loucura, ‘tás a ver... muita dança frenética...

Há aqui qualquer coisa que não bate certo.

Ela fica parada à minha frente, tal e qual a Lyla faz quando está enrascada, os olhos cravados no chão. É confrangedor.

– Bom, querida, eu espalhei creme corretor e apliquei pó compacto por cima – digo-lhe, o mais docemente que consigo.

– OK, ótimo, obrigada! Creme corretor... Vou ver se arranjo – diz ela, dando meia-volta para se ir embora. Mas eu interpelo-a:

– Marnie, ouve... Eu sei que há acidentes que acontecem em pistas de dança cheias de gente, mas... quero que saibas que estou aqui se precisares de... falar sobre isso. Não faço juízos e sou uma ótima ouvinte. Vou dar-te o meu número. Se alguma vez precisares de falar sobre essas... danças, por favor, liga-me. – E enfio-lhe nas mãos uma folhinha de papel matificante com o meu número de telemóvel escrito a lápis de olhos.

– Obrigada – diz ela, nitidamente tensa. – Não há problema nenhum, é só porque pode vir a ser uma oportunidade de trabalho e quero estar bem. Obrigada. – Pega nas coisas dela e sai antes de eu poder dizer seja o que for.

Langston, o incrível realizador, vem em direção a nós. Conhecido pela sua atitude de quem não admite falhas, deixa-me logo tensa, preocupada que algo não tenha corrido bem.

– Excelente trabalho o de hoje, minhas senhoras – diz ele no seu cerrado sotaque novaiorquino e, pasme-se, com um amplo sorriso que nos apanha a todas desprevenidas. – Fiquei mesmo muito satisfeito. E tu... – acrescenta, apontando para mim e deixando-me completamente em pânico – ... tu és fabulosa, muito boa onda mesmo. Que bela assistente que a nossa Miss Natalie foi engendrar!

– Oh... Obrigada, eu... estou a adorar o trabalho. É muito bom trabalhar com uma equipa tão...

– *Fantááástico...* Até amanhã, meninas! – E afasta-se, não me deixando sequer acabar a frase.

– Olha, olha... Mas que grande elogio, ainda mais vindo de quem veio – exclama a Natalie, assim que o vê desaparecer de vista. – E ele tem toda a razão, sabias? Tens trabalhado tanto nestes dois dias, deixas-me muito orgulhosa, Robin.

As palavras do Langston e da Natalie transformaram um dia ótimo num dia maravilhoso. Quem me dera conseguir engarrafar este sentimento e guardá-lo para sempre. Eu amo Nova Iorque!

Quando saio para a Lexington Avenue, reparo que não sinto as plantas dos pés a arderem nem a cabeça quase a rebentar, como geralmente acontece nos meus habituais fins de dia de trabalho. Há qualquer coisa nesta cidade que me transmite uma inexplicável energia, mesmo estando a precisar de respirar fundo e descansar. O ar está pesado, do calor do verão; contudo, as pessoas não abrandam por causa disso e mantêm a marcha acelerada, em passadas largas e determinadas, contornando contentores, cartazes e semáforos. Toda a gente aqui transmite confiança natural, não se vê ninguém hesitante ou assustado, limitam-se a afastar-se do precipício, ajustando os ouvidos às buzinas e sirenes, e, para minha profunda preocupação, fintando o trânsito caótico dos táxis amarelos e das camionetas de cargas e descargas – e tudo o que possa existir entre isso – e seguindo caminho. Fico perplexa só de pensar que até me conseguiria habituar a isto!

No caminho de regresso ao hotel, paro num quiosque que vende jornais e bebidas gasosas, e compro uns quantos postais com o Empire State Building cintilando sob a luz do pôr do sol. O homenzinho vendemos já com os selos – curiosamente, nem

pestaneja ao olhar para os meus braços e top cheios de sangue falso. Agradeço e dirijo-me a um banquinho próximo. Pego numa caneta e escrevinho: *Querida Bluebird, olá, é a mamã! Estou a adorar trabalhar em Nova Iorque. Faz muito calor e nas ruas vendem-se toda a espécie de gulodices e petiscos – no outro dia comi uma bola de Berlim com recheio de Oreo! Quando fores mais crescida, trago-te cá e levo-te até ao topo deste edifício que está no postal – vais sentir-te uma princesa no alto da tua torre. Morro de saudades tuas, mas vamos ver-nos em breve! Amo-te daqui até à Lua e da Lua até à Terra e da Terra até Saturno. Muitos beijinhos da mamã.* Depois, pego noutro e escrevo: *Querida Kate, obrigada por tudo o que tens feito, estás a ajudar-me a finalmente enveredar numa carreira. Adoro-te, beijinhos, Robin.* Acrescento a morada da Kath, dirijo-me a um marco próximo e deito os dois postais lá para dentro. Sabe-me bem dedicar um tempinho à Lyla. Tem sido uma loucura por aqui, mas a verdade é que não consigo deixar de pensar na minha casa, na minha família. É muito bom aprender coisas novas e descobrir que sou boa a fazê-las. Graças a Deus que tenho a Kath e todo o seu apoio, e adorava que estivessem as duas aqui comigo, sentadas neste banco, vendo Nova Iorque em todo o seu esplendor. Bom, com exceção da minha roupa transpirada e do sangue falso.

Três dias seguidos a trabalhar doze horas, e aparentemente o meu sangue já se habituou a este ritmo, a este trabalho que eu tanto adoro e pelo qual me sinto tão grata. Consegui ganhar ainda mais respeito e admiração pela Natalie, algo que julgava impossível. Para ela, um dia *normal* de trabalho passa por responsabilizar-se por *todo* o elenco, colaborar com os produtores e a equipa artística, supervisionar os retoques no *set*, liderar as assistentes – e tudo isto

antes sequer de retirar os seus kits da mala de maquiagem e pegar num pincel. Parece extenuante, mas também deve proporcionar-lhe uma bela sensação de entusiasmo: o *frisson* de saber que fez um bom trabalho e a satisfação plena de final do dia, quando fecha a mala de maquiagem e apaga as luzes da gambiarra, sabendo que levou o navio a bom porto. E, ao lado dela, eu sinto-me um elemento importante da tripulação, sinto que aprendi e cheguei mais longe. Adoro essa sensação.

Hoje, tenho a noite livre. É tempo de soltar o cabelo e explorar a cidade!

Vinte e oito

Nunca pensei vir a ser o tipo de pessoa que sai para os copos em dias úteis da semana; sou mais uma mocinha de ir a correr para casa, depois do trabalho, e enfiar o pijama. Acontece que a Piper ligou a desafiar-me para beber uns cocktails no Sugar Factory, de West Village. Não tive como dizer que não, além de que seria um desperdício. É um alívio enorme não ter de procurar uma babysitter disponível nem ter de revolver o roupeiro de cima a baixo à procura de algo decente para vestir, ou, pior ainda, ter de conferir o entrepernas de uns jeans para ver se estão apresentáveis. Assim sendo, disse-lhe logo que sim, o que me deu uma profunda sensação de liberdade. Já não tenho de me cingir à minha habitual rotina do trabalhar-ser-mamã-ir-para-a-cama. Ainda tenho energia. Ainda sou jovem e, se me apetecer ir beber cocktails com uma amiga, posso fazê-lo! Sabe tão bem saber que dei o meu melhor no trabalho e ainda sentir aquele formigueiro nos pés para sair! Ainda que os pés me doam horrores, depois de doze horas sem me sentar!

De regresso ao hotel, ainda tenho tempo para um duche-de-corpo (eu e a Lacey inventámos este termo nos tempos de escola; no fundo, é um duche sem lavar a cabeça) e mudar de roupa. Opto por uns skinny jeans pretos, discretamente rasgados, que gritam «aqui estou eu, sou tão rock-chic!», e um top relativamente justo e relativamente comprido, que confere um toque relativamente sexy e, ao mesmo tempo, consegue tapar-me a barriga-de-mamã. Como um pacote inteiro de chips de vegetais, que por estas bandas pode ser considerado um jantar, e fico pronta para sair. Vamos a isto!

Quando o Uber me deixa à porta do bar e eu saio para o passeio, sinto que estou giríssima – um bocadinho entradota e embonecada, mas gira. Só que esta sensação desaparece no segundo em que vejo a Piper vir ter comigo, vinda da porta do bar. As suas pernas de gazela permitem-lhe atravessar a rua em quatro passadas, e parece acabada de sair de uma passerelle. Pele resplandecente, cabelo leve e lustroso, e tudo o que é suposto brilhar, brilha: olhos, dentes, o piercing minúsculo que tem no umbigo. Quem diria que os piercings no umbigo ainda estão a dar? Eu, por exemplo, acho que já não olho com olhos de ver para o meu umbigo há uns bons cinco anos. Tenho a barriga tão flácida, que, se lhe espetasse um piercing, perdia-o logo no meio das peles. Que horror... O melhor é deixar-me destes pensamentos horríveis e centrar-me na Piper.

Os jeans foram sem dúvida a melhor opção, já que a Piper também traz uns – e isso é um grande alívio. Agora, imaginem duas palhinhas feitas de ganga, cosidas uma à outra. São os jeans da Piper. São tão, mas tão estreitinhos, que duvido sequer que servissem à Lyla. A minha amiga tem as pernas magras, o rabo saliente e não se lhe vê uma prega que seja logo acima da cintura.

É verdadeiramente irritante, caramba! Optou por um top-sutiã feito de um tecido metálico, dobrado em dois para formar um triângulo, preso por fitas finíssimas e atado no pescoço. Basicamente, esta miúda vem de jeans-segunda-pele e um lenço dourado a tapar-lhe as mamas. E está sensacional.

Subitamente, sinto-me muito menos... *giríssima*. Nem sequer *gira*.

– Oláááá, que bom teres conseguido vir! – exclama a Piper, quatro oitavas acima das pessoas que nos rodeiam. – Bem-vinda a

Manhattan!

Dá-me o braço, e entramos no bar.

Não perdemos tempo a pedir os cocktails: dois belos e cintilantes *Ocean Blues*. Só sei dizer que imediatamente após o primeiro gole no gigantesco copo de cocktail, sinto a explosiva mistura de vodca com mirtilo a incendiar-me a garganta. Todas as bebidas do Sugar Factory são algo de absolutamente extraordinário. Servidas em desmesurados copos tipo aquário, aprimorados com chupa-chupas, gomas ou algodão-doce, as bebidas são um verdadeiro atentado à diabetes. Localizado no moderníssimo Meatpacking District, tornou-se o bar mais *cool* da zona, e eu não posso criticar a Piper pela escolha. Acho que não conseguia fazer isto todas as noites – ficaria cheia de cáries e com diabetes –, mas, para já, bebericar de um delicioso cocktail azul com tubarõezinhos de goma flutuantes satisfaz-me plenamente. É tão bom estar sentada num banco de bar sem, por alguns momentos, pensar em pincéis, bases, retoques, figurantes e látex líquido... Estou pronta para outro tipo de *ação!* e quero aproveitar cada segundo.

Conversamos um bocadinho sobre os nossos dias e, depois, sobre o homem estranhíssimo que a Piper vê todas as manhãs no metro; entra sempre na estação em que ela sai, trazendo consigo um *cocker spaniel* vestido de astronauta. Isto só em Nova Iorque. A Piper está a adorar o seu trabalho como curadora assistente numa pequena galeria, pouco conhecida mas promissora, e isso deixa-me tão radiante quanto admirada. Desde muito pequena que sempre revelou um talento muito especial para as artes: rasgava os anúncios mais glamorosos das revistas *Tina*, fazia colagens nas paredes do quarto e obrigava-nos a admirar a sua «arte», enquanto a Lacey e eu preferíamos claramente brincar aos pais e às mães.

Admiro-a imenso por nunca ter desistido de perseguir os seus sonhos. Passou de uns trabalhos temporários pelos subúrbios do condado de Cambridge para assistente de curadora de uma galeria de arte na Big Apple! Eu acho que não teria a coragem de me enfiar num avião para um sítio qualquer e começar uma vida nova com um emprego novo. E daí, a julgar pelo que acabei de fazer na minha própria vida, talvez possa estar enganada. Às tantas, até conseguia.

– Piper, antes que estes cocktails me subam à cabeça, deixa-me dizer-te que estou muito, mas mesmo muito orgulhosa de ti.

– Quê? Não sejas tonta! Ainda mal acabaste a primeira bebida e já comesças? – ri-se ela.

– Não, estou a falar a sério! Foste tão corajosa e estás a sair-te tão bem... Nem sei como é que consegues.

– Claro que sabes! Fizeste a mesma coisa!

– Não fiz nada. Isto é temporário, eu não me mudei para cá nem faço tenções de recomeçar uma nova vida longe de casa. Olha para ti: continuas espantosa e realizada – digo-lhe, fazendo um gesto com a mão em nosso redor.

– Robin, estás a ver-me agora, que já me sinto completamente integrada e instalada. Havias de me ver quando cá cheguei. Superinsegura e cheia de medo de tudo! Sempre a pensar se teria feito a opção certa, se daria conta do recado... e sempre cheia de saudades de casa.

Continuamos a tagarelar alegremente sobre os nossos sucessos, mas a ideia de uma Piper absolutamente sozinha e aterrorizada não me sai da cabeça. Nunca a vi como tendo medo fosse do que fosse. É uma mulher tão viva e determinada! É o tipo de rapariga que, numa festa, está atrás do balcão a preparar shots, não sentada a um canto a perguntar-se se foi boa ideia trazer aqueles sapatos.

Sinto uma onda súbita de amor pela minha pequena Piper, as suas vulnerabilidades secretas e a sua *vibe* «que se lixe, vamos a isto».

Passamos, depois, para o tema Callum – a sua última conquista – e, sem darmos por ela, entramos no joguinho do «para-dar-uma-queca/para-casar/a-evitar» com os tipos presentes no bar. Adoro este jogo. Zero de consequências, zero de hipóteses de fazer merda e estragar a noite. Quem me dera que a vida real fosse assim: olhar para um homem, escolher «para-casar» e depois viver uma vida de sonho, sem as chatices e o stress habitual de um relacionamento medíocre. Sem ter de medir muito bem todas as frases que ele diz, sem desesperar por ele não responder às mensagens, sem me sentir uma merda quando ele passa a mão pela minha perna por depilar e comenta «ui, ui, pica, pica!», à laia de comentário jocoso.

Passado algum tempo, os nossos olhares recaem num grupo de homens de fato, ao fundo do bar.

– Dos três que estão mais próximos de nós, diz-me de tua justiça: «para-dar-umas-voltas/para-casar/a-evitar» – desafia-me a Piper, com um sorriso matreiro nos olhos, passando a língua nos lábios perfeitos.

Olho para lá e distingo logo os três tipos a quem ela se refere. De pé e com cervejas nas mãos (quem é que pede cerveja num bar onde os cocktails vêm com chupa-chupas?), vieram claramente diretos do trabalho, com as suas calças de bom corte, sapatos de atacadores e camisas brancas ligeiramente amarrotadas e de mangas arregaçadas.

Muito bem, vamos lá a isto: temos um tipo mais velho, de cabelo já a ficar grisalho, nariz aquilino e um certo gingar do corpo para a frente e para trás: «a-evitar». Um bonitão, acabadinho de sair da faculdade, de olhos ávidos e claramente excitado por ter saído com

os mais velhos: «para-dar-uma-queca», como é óbvio. E, por fim, o bombom do grupo – alto, mas não tão alto ao ponto de as pessoas dizerem «uau, és tão alto», como se o coitado ainda não tivesse dado por isso, cabelo castanho-escuro, um corpo bem trabalhado e uma adorável barba de dois dias. Não do tipo «oh, meu Deus, comia-te todo», mas suficientemente sexy. Alguém que muito provavelmente agradaria às nossas mães (se bem que não à minha, porque essa ainda vive na esperança de eu me reconciliar com o Simon, para poder gabar-se do seu «genro de sonho» às amiguinhas do Rotary Club). Enfim, este sim, este decididamente seria «para-casar». Tem um ar confiável.

A Piper mostra-se impressionada com a rapidez da minha análise; pois é, já faço isto há anos de mais. Mas é claro que ela casaria com o tipo mais velho – que, de todos, deve ser o mais endinheirado e que, além disso, se iria sentir extremamente grato por a ter. Em simultâneo, daria umas quecas com o jovem bonitão, para manter a sua vida excitante. E diz-me isto no mesmo tom que alguém usaria para descrever uma nova máquina de lavar que acabou de encomendar.

Damos uma segunda vista de olhos ao menu para a próxima ronda de bebidas. Opto por um cocktail cor-de-rosa-pastilha-elástica, servido num copo alto e com uma tira de algodão-doce a toda à volta – penso logo na Lyla e em como ela se passaria perante uma bebida destas (sem o álcool, evidentemente!). Completamente alheia a este tipo de considerações, a Piper desce do banco, pega-me na mão que tenho livre e arrasta-me para irmos dançar.

Felizmente, estou carregadinha de álcool, açúcar e adrenalina do meu dia de trabalho, o que me leva a assumir uma atitude «que se

lixe» e a alinhar completamente no espírito. Divertida e despreocupada, abano tudo o que a minha mãezinha me deu e danço, como se não houvesse amanhã, com a minha linda amiga gazela. Não me lembro da última vez em que me senti tão liberta e descontraída numa pista de dança. Isto não é a tia cota a bater o pezinho num casamento; isto é braços atrás da cabeça, rebolar das ancas, rabo para fora e joelhos dobrados a quase noventa graus! Mas – e quiçá um tanto rápido de mais – sou dolorosamente lembrada do meu patético nível de fitness e regresso para o meu banco, para dar mais uns goles na bebida e deixar que as batidas do coração baixem para um ritmo mais seguro.

– Com que frequência é que te divertes assim, a um dia de semana? – pergunta-me a Piper, também ela sem fôlego.

– Hmm... Nunca. Ou trabalho cedo ou tenho de sair de casa ainda mais cedo para deixar a Lyla na escola; por isso, a minha ideia de diversão semanal fica-se por um banho ao fim do dia e uma horinha de TV-porcária, enroscada no sofá, antes de me ir deitar com as galinhas.

– Uau, que divertido... – observa a Piper em tom seco. – Que me dizes a apimentares um bocadinho as coisas?

Se calhar não, penso. Dançar feita uma tresloucada já me apimentou suficientemente o corpo e a alma.

– Como assim?

– Porque não vais dizer olá ao Senhor Para-Casar? Estamos em Nova Iorque. Toda a gente faz isso.

– Porque ele veio beber uns copos com os amigos e de certeza que não quer ser interrompido.

– Aposto dez dólares em como quer.

– Nah... De certeza que me põe a andar.

– Fazemos assim: vais lá e perguntas-lhe qualquer coisa, sei lá, que dê para começar uma conversa, e, se ele não te puser a andar, ofereço-te um brunch no Sarabeth's.

Eh lá! Com essa, convenceu-me. Se há coisa com que me conseguem subornar é comida. E, segundo ouvi dizer, os pequenos-almoços do Sarabeth's são os melhores do mundo.

Dou um longo gole no meu cocktail, desço do banco – com um saltinho que me parece ter sido elegante, mas que provavelmente pareceu mais uma foca bebé a mergulhar pela primeira vez no mar –, limpo as mãos já suadas aos jeans e avanço.

Eu consigo fazer isto.

Sou a Robin Wilde, que se meteu num avião para Nova Iorque, praticamente sem aviso prévio. Sou a Robin Wilde, a fantástica assistente da Natalie Wood, que hoje ajudou a gerir todo o departamento de maquilhagem. Vou chegar lá e dizer algo de inteligente, sedutor e absolutamente hilariante.

– Olá.

Hmmm... Não tão fantástico como isso, mas ainda assim confiante.

– Oh... Olá – responde o Senhor Para-Casar, levemente sobressaltado, com um sotaque agradavelmente familiar.

– Ah, você é inglês? Como o mundo é pequeno! – *Para, Robin!*

– Sim, muito pequeno, mesmo. O que é que a traz a Nova Iorque? – diz ele, claramente confiante e confortável. Talvez a América seja mesmo a terra das oportunidades.

– Estou cá em trabalho, e, ali, a minha amiga... acha que o conhece de algum lado, mas... se calhar não...

Merda. Comecei bem, mas devia estar preparada para um seguimento qualquer. Ou pelo menos ter um plano. Olho para a

Piper na esperança de que ela se aperceba do meu pânico e me venha resgatar, mas ela está ocupada. O meu banco nem sequer arrefeceu, pelos vistos, e um tipo com ar de vocalista de banda indie está nitidamente a ver se a engata. Fixe.

– Das desculpas mais esfarrapadas que tenho ouvido, lamento – brinca o Senhor Para-Casar, com uma risada simpática. – Sou o Edward, muito prazer.

– Robin. Olá... outra vez. Bom, a verdade é que ali a minha amiga, a do top dourado, desafiou-me a vir ter consigo e dizer olá. Uma cena muito *adulta*, eu sei... Hahaha! Desculpe, a culpa é destes cocktails explosivos que servem aqui – digo, crente de que a honestidade é sempre a melhor política.

– Ah... Então, não foram os meus atributos físicos e o meu charme irresistível? – lança-me o Edward.

Meu Deus, estará mesmo a meter-se comigo? Vou ter de lhe pagar da mesma moeda, é a minha grande oportunidade! Nem tudo parece estar perdido, afinal. Estou num bar de Nova Iorque, a namoriscar com um homem sexy como o raio! Caramba lá p'ra mim!

– Haha! – É tudo o que me sai. Que poético...

O Edward tem um rosto verdadeiramente atraente. Olhos verdes-escuros com salpicos de dourado e pestanas enormes. O tipo de pestanas que eu geralmente aplico nas minhas maquilhagens. Há algo nos olhos dele que transmite suavidade e segurança. Não tem ar de assassino. Sim, porque hoje em dia uma senhora moderna tem de pensar neste tipo de coisas. Pelo menos, é sempre o que eu faço quando ando pelas apps de encontros: tem vestida uma camisa decente? Sim? Cruzinha. Tem fotografias dele com troféus de caça? Não. Cruzinha. Tem olhos de assassino-em-série-de-senhoras?

Não? Cruzinha. Com o Edward, até agora já tenho duas cruzinhas. Ainda preciso de saber o que é que ele acha dos troféus de caça.

O toque da Piper no meu ombro faz-me regressar à vida real. Parece que recebeu uma chamada do Callum, o tipo com quem ela está de vez em quando, e vai agora ao estúdio dele para «ver a sua última obra de arte». É assim que lhe chamam hoje em dia? Está-se mesmo a ver que tipo de obra de arte é que ele lhe tenciona mostrar... Enfim, que bom para ela.

Ainda considero sair com ela, mas sinto uma onda súbita de coragem que me faz ficar mais dez minutos para tentar perceber, afinal, quem é este Edward.

Digo-lhe para ter cuidado e que lhe mando uma mensagem quando chegar ao hotel – sinto que é o tipo de coisa que se deve dizer a uma amiga quando ela resolve trocar-nos por uma determinada parte da anatomia masculina. Assim que ela sai, volto-me de novo para o Edward.

– Porreiro, fui abandonada – digo-lhe, com um pequeníssimo registo de censura no tom de voz. Por acaso, até fico contente. Acho que me apetece passar mais algum tempo com ele, e, verdade seja dita, a minha adorada Piper representa uma tentação terrível para qualquer homem de sangue quente.

Absolutamente imperturbável, o Edward responde:

– Fique connosco, estou com uns colegas de trabalho, tudo gente boa. O Keith está de saída da empresa, e estamos a fazer-lhe uma festa de despedida. Quantos mais, melhor, certo? Prometo que serei um britânico perfeitamente decente. Podemos falar de *Marmite* e cabines telefónicas vermelhas.

Normalmente, eu diria logo que não a uma incursão forçada num grupo que não conheço, mas esta noite é diferente. Estou em Nova

lorque! Fiz um figurão, hoje, no set! Estes jeans ficam-me a matar! Porque não? Sou uma mulher elegante e bem resolvida, se me apetecer ficar a tomar mais uns copos com um homem perfeitamente decente, então, vamos a isso! Olha para mim, mundo, olha para mim a singrar!

Uma hora depois, ainda não me arrependi de ter ficado. O *Keith* e os *rapazes* são mesmo muito simpáticos. Ou, então, não são, e estes cocktails são muito mais potentes do que eu imaginava. Até agora, já debatemos ferozmente se a *Cadbury* é ou não melhor que a *Hershey's* – o Edward e eu defendemos acerrimamente que a *Caramel Bunny* é demasiado sexy para vender chocolate – e perdemo-nos numa longa lista de coisas a que chamamos nomes diferentes. Sei que pode soar ao jogo mais desinteressante do mundo, mas, a sério, isto é hilariante! À medida que os cocktails vão escoando, damos por nós aos gritos: BIN e TRASH! CABS e TAXIS! – acompanhados de gargalhadas a roçarem o histérico.

Quando dou por ela, já são duas da manhã. O Sugar Factory está a fechar, o *Keith* e os *rapazes* deambulam pela sala à procura das cadeiras onde deixaram os casacos e o Edward está a segredar-me ao ouvido qualquer coisa sobre levar-me ao hotel.

Se há coisa que eu aprendi rapidamente nesta cidade, para lá de ela ser um verdadeiro labirinto de ruas, edifícios e obras em curso, é que andar a pé é a opção mais simples. Ou melhor, é a opção mais simples *quando* sabemos onde estamos ou somos conduzidas por uma amiga... e ainda é de dia.

– Eu... acho que preciso de um táxi. Ou então... tenho de abrir o Google Maps. Ou então... – Começo a olhar para todos os lados,

levemente tresloucada, como se isso me permitisse descobrir o hotel.

– Estás chateada comigo por alguma razão? – pergunta o Edward, visivelmente confuso.

– Não, não! É que... não sei muito bem se meu o hotel fica perto daqui. Tenho andado sempre de Uber, ou com a Piper ou com a Natalie, por isso... Mas eu descubro, não te preocupes. Estou com a cabeça meio zonha por causa dos cocktails e... enjoada com tanto açúcar...

– Ouve: a minha casa fica já a dois quarteirões daqui. Posso oferecer-te uma chávena de chá, uma torrada com *Marmite*... Damos dois dedos de conversa sobre a relação do Wills e da Kate? – brinca ele, superatencioso.

Há qualquer coisa de extremamente sereno nele. Eu *devia* estar em pânico por a Piper me ter deixado sozinha, por estar completamente perdida e em vias de ir com um estranho para o apartamento dele, mas... já sou crescadinha, e o Edward não me deu nenhuma razão para eu não me sentir segura. Posto isto, penso: «Só se vive uma vez!» Dirijo-lhe um sorriso agradecido e começamos a descer a rua calmamente.

Nem dez passos demos quando sinto as nossas mãos a roçarem uma na outra; cinco passos depois, já estamos de mãos dadas. Subitamente, apercebo-me de que isto não se trata de uma agradável conversa com um amigo novo. Nem sei como é que alguma vez pensei que seria. Passámos uma noite muito simpática, ele dedicou-me a sua atenção total, as bebidas fluíram facilmente. Geralmente, numa situação destas eu sentir-me-ia inibida, insegura, mas esta noite está a ser tão boa, tão... natural. Decido descontraír,

rir e não pensar em mais nada. E mais: sinto que devia fazer isto mais vezes.

O Edward é bonito. De uma beleza clássica, do tipo que podia perfeitamente fazer um anúncio a uma máquina de barbear. É mais alto que eu, mas não demasiado (1,82 m, talvez?), de pele clara e bochechas que devem ficar rosadas num dia frio de inverno. Tem um cabelo bonito, espesso e saudável. Não é o Theo, mas neste momento eu não quero o Theo. Quero o calmo e atraente Edward, não o stressante e inatingível Theo. De mão dada com ele, não me sinto perdida. Caminha determinado pelo passeio, à medida que vamos entrando e saindo dos feixes de luz dos candeeiros de rua. Já deixámos de conversar, mas este silêncio é tudo menos desconfortável. É espantoso como quatro ou cinco bebidas e dois dedos de conversa num bar nos podem fazer sentir tão próximos de alguém. Deve ser por estar em Nova Iorque. Em casa, eu nunca faria isto.

A casa dele é minúscula. Toda a gente diz que os apartamentos em Nova Iorque são pequenos, mas isto é de loucos. Consegue ser mais pequeno que o meu antigo quarto da universidade. Basicamente, não passa de um corredor curto e largo.

Assim que passo a porta, vejo-me na sala de paredes creme e a cerca de trinta centímetros do sofá de dois lugares – sem almofadas ou mantas, tudo muito funcional. Se me virar a 180° deparo-me com um ecrã plano na parede, demasiado próximo para uma visão confortável. À direita do sofá, existe uma mesa dobrável de madeira (que eu desconfio muito que se consiga abrir neste espaço exíguo); logo a seguir, fica a «cozinha». A «cozinha» não passa de um fogão muito limpinho, uma bancada de madeira com pouco mais de vinte centímetros de largo, um micro-ondas embutido na parede, ao lado

de um armarinho de duas portas, um minifrigorífico e duas prateleiras para tachos e panelas. O espaço no meio disto tudo é quase inexistente. Acho que, se respirar fundo, fico entalada. Se um cubo de gelo derreter, afogamo-nos. É *mesmo* minúsculo.

– Oh, é tão... acolhedora – digo eu, num tom que espero que soe sincero.

– É uma caixa. É mais pequena que o telheiro de casa dos meus pais – diz ele, simpaticamente, sem querer dar muita importância ao assunto.

Pois...

Percebendo que não será necessária uma visita guiada, o Edward encolhe-se para conseguir passar por mim, pega em dois copos e numa garrafa de vinho do frigorífico e serve-nos. Há algo de extremamente sensual nesta sua certeza de que eu *quero* um copo de vinho.

Mas a verdade é que, de facto, eu quero. Estou a começar a ficar sóbria e sinto-me abanada pela realidade. Até agora estava aparentemente calma, mas uma lenta ansiedade começa a apoderar-se de mim. Espero que um copo de vinho me ajude a lidar com isso.

O Edward começa a falar num tom sereno e relaxado. Tem aquele tipo de discurso pausado de quem está seguro do que está a dizer.

– Gosto de ti, Robin. Fazes-me rir e gosto de falar contigo. Além disso és sexy... *muito* sexy. Se quiseres que eu te acompanhe até ao hotel, tudo bem, mas eu gostava muito que ficasses. Ficas comigo?

Adoro esta simplicidade. Sem confusões, sem insinuações, muito simples. Dou um longo gole no meu vinho branco (muito fresco e

agradável, diga-se) e faço que sim com a cabeça, olhando-o nos olhos.

Ele pega-me na mão, conduz-me até ao quarto (por «conduzir» entenda-se dar quatro passos à esquerda da porta de entrada) e beija-me.

É um beijo suave, mas competente. Tira-me o copo da mão e pouso-o na mesinha de cabeceira. Põe uma mão nas minhas costas, sobe-a até ao meu pescoço e envolve-me o cabelo, enquanto a outra me acaricia suavemente a linha da cintura.

Caio na cama com ele, despimo-nos facilmente um ao outro (que se lixem os fios dentais de rendinhas, estou com cuecas de algodão superconfortáveis) e os nossos corpos unem-se. Ele acaricia-me docemente a coxa, beija-me o pescoço, vai descendo até ao umbigo e... Bom, pelos vistos a Piper não foi a única a ter sorte esta noite.

À luz fria da manhã seguinte, as coisas surgem bem diferentes. Já vai longe a libertadora sensação dos cocktails e sexo com um desconhecido, e, sem que eu tenha pedido, o pânico e a ressaca instalam-se.

Deixei a casa do Edward às seis da manhã, num Uber que ele chamou (num gesto muito cavalheiresco, diga-se), e regressei ao hotel. Demorei-me no duche, desfrutando do cheirinho das miniaturas dos géis à disposição e deixando-me levar pelos pensamentos do que aconteceu na noite passada. Quando saio da banheira, reparo que o meu telemóvel está a vibrar.

Era a Natalie. Também passou a noite inteira acordada, mas não nos braços de um homem, como eu, antes de cabeça enfiada na sanita e cheia de dores de barriga. Com medo de poder ter qualquer coisa contagiosa – e também por não conseguir deixar a casa de

banho por mais de cinco minutos –, optou por não ir trabalhar hoje. E pediu-me que fosse eu «a tomar as rédeas». Fiquei completamente horrorizada, sobretudo devido aos efeitos indesejados desta ressaca horrível, mas claro que menti e lhe garanti que tudo iria correr bem. «Desejo-te rápidas melhoras e não te preocupes com nada, eu trato de tudo.»

O meu primeiro instinto – merda! – foi ligar para o Theo. Ele saberia exatamente o que dizer para me acalmar e sem dúvida que me garantiria que tudo correria lindamente. Tem um talento especial com as palavras e uma voz simultaneamente tão forte e tranquila, que não há como não nos sentirmos bem depois de falarmos com ele. Mas também sei que ele não é a solução. Demasiadas mensagens sem resposta ensinaram-me isto. Assim sendo, resolvo reter as palavras da Lacey, sempre que eu me sinto ansiosa ou sem forças para reagir: *se conseguiste dar à luz e sobreviver aos primeiros meses de maternidade mais quase cinco anos como mãe solteira, consegues seja o que for*. Então, se bem que ainda assustada e ansiosa, respiro fundo, tiro uma selfie sorridente e mando-a à Kath (sem necessidade de filtros nem retoques). Escrevo: *Olá, Kath, espero que esteja tudo bem. Podes dizer à Lyla que a mamã está cheia de saudades dela e que mal posso esperar para me enroscar com ela no sofá assim que regressar? Beijos!* Este brevíssimo contacto com a minha gente faz-me logo sentir melhor.

Dou por mim a pensar que a noite passada afinal não foi assim tão fantástica. Sinto-me estoirada e absolutamente esmagada perante o dia que me espera. Dava tudo para estar em casa a ver TV-porcária e a devorar um pacote inteiro de bolachas com recheio de figo.

Mas depressa me apercebo de que nada posso fazer contra esta minha frustração – a Natalie depende de mim –, e trato de me ir vestir. Vestidinho preto de algodão e as minhas velhas All Star brancas, o estojo de pincéis de pôr à cintura, o cabelo apanhado no cocuruto... e estou pronta. Não me sinto capaz de me esforçar muito mais do que isto.

Do hotel ao *set* são pouco mais de quinze minutos a pé. Está um dia de sol radioso, por isso, fico logo cheia de calor. Aproveito os poucos minutos que me restam para me acalmar. O Langston gosta de mim, fez-me imensos elogios. Sou boa no que faço, já tenho imensa prática e a Natalie garantiu-me ao telefone que eu vou ser capaz de manter tudo sob controlo. Vai tudo correr bem.

No *set*, graças a Deus, está tudo efetivamente *muito bem*. Ao ver-me chegar, a Sarah oferece-me logo um sábio conselho – «Amor, está tudo como deve estar; o mundo está ansioso por aquilo que tens para lhe oferecer» –, e eu absorvo as suas palavras como uma esponja. Palavras que certamente ela terá lido num bolinho da sorte ou em alguma citação motivacional do Insta, mas mesmo assim resultam. Trato de pôr mãos à obra, preparando rostos, aplicando bases e pós, misturando sombras e contornos de olhos, entrando por fim num ritmo profissional e empático com o resto da equipa. Evoco a Natalie que há em mim e, sempre que necessário, oriento, aconselho e apoio as pessoas no que estão a fazer. De vez em quando, oiço os gritos do Langston no *set*, exigindo retoques, e apresso-me a satisfazê-lo, tentando não me meter no caminho do seu mais que aparente mau humor. Até o seu assistente pessoal está com medo dele esta manhã.

Às onze da manhã, já me sinto como se tivesse trabalhado doze horas seguidas; aproveito uma pausa no *set* para sair, atravessar a

rua e refastelar-me com uma dose de bolinhas de Berlim recheadas de Oreo. Devem ser dos piores pecados calóricos que há, mas sabem tão bem! Sento-me num banco de um jardinzinho próximo, fecho os olhos e viro o rosto para o sol. Estou cheia de nódoas de maquilhagem, o cabelo todo empapado de suor e mal sinto os pés, mas este momento sabe-me pela vida. Pego no telemóvel e reparo com surpresa que tenho uma mensagem do Edward.

Olá, Robin, é o Edward! Só para me certificar de que a limusine te deixou no teu hotel de seis estrelas e que agora estás na tua luxuosa caravana de maquilhagem a aproveitar a pausa para almoço. A seguir, um emoji a piscar o olho. Que querido da parte dele... Inspirada por esta trip de açúcar a meio da manhã, decido não esperar pela sempre aconselhável *meia-hora-antes-de-responder* e escrevo:

Olá, Edward, o meu chauffeur foi impecável e levou-me de braço dado até à porta do hotel; por favor, classifica-o com cinco estrelas por mim. Infelizmente, a minha caravana ainda não chegou, e por isso vi-me forçada a trabalhar no set, em vez de me espreguiçar por aí e tentar recuperar da noite de ontem. É uma vida muito dura, a minha, mas graças a Deus descobri as bolinhas de Berlim recheadas de Oreo, por isso, acho que sobrevivo. Espero que estejas bem, não demasiado ressecado. Adorei a noite. Beijinhos. Acho que me saí bem: uma interessante mistura de cordialidade, humor e sinceridade. Assim sendo, guardo o telemóvel e regresso ao trabalho. Não me sinto de peito apertado com este homem, pelo contrário, encaro-o de uma forma leve e descontraída. Talvez fosse suposto sentirmo-nos sempre assim, não? Sei lá eu!...

Quando chego ao *set*, sinto uma desagradável sensação de constrangimento geral. A Marnie está sentada na minha cadeira, e

é-me impossível ignorar os hematomas recentes que tem nos ombros e omoplatas.

– Marnie? O que é que se passou?

– Nada. Ontem, fui sair até às tantas e fartei-me de dançar, só isso. Diverti-me imenso – diz ela de olhos postos no colo.

Opto por uma abordagem o mais doce e cautelosa possível:

– Marnie, ouve... escusas de me mentir. Vê-se bem que estas marcas são de mãos e de dedos.

– Podes tentar disfarçá-las, por favor? Tenho de estar no set daqui a dez minutos, e o Langston está furioso comigo e...

– Porquê? Ele não devia obrigar-te a trabalhar tanto, é desumano... – interrompo-a, percebendo que está a tentar suster as lágrimas.

– Não faz mal, eu só não quero confusões para o meu lado – diz ela, baixando o tom de voz. – Nós... tivemos um caso. Mas já acabou. Ou, se calhar, não, sei lá... Só preciso que me maquilhes e me deixes pronta para trabalhar, preciso muito deste trabalho. Tudo o que sempre quis foi ser atriz e não quero estragar tudo... E se tu disseses que eu te contei isto, eu nego tudo.

Vejo-a enrubescer de pânico só com a ideia de perder esta oportunidade. Talvez também por medo do Langston. É um homem intimidante e com uma aura autoritária, o que raramente se vê nesta indústria. Para ser franca, até eu tenho medo dele, mas sei distinguir o que está certo e o que não está, e isso ultrapassa todas as minhas preocupações em relação a superioridades hierárquicas.

– Foi ele... Foi o Langtson que te fez isto?

O silêncio da Marnie serve apenas para confirmar as minhas suspeitas. Quando ela olha para cima, os nossos olhos encontram-

se e eu vejo-a assentir. Grossas lágrimas rolam-lhe pelas faces; tiro um kleenex da caixa para lhe limpar o rímel esborratado.

– Isto não está certo. Tu não tens que aceitar este tipo de coisa. Acho que devias...

– MARNIE, QUERO-TE NO *SET*! – ladra o Langston, que surge subitamente à minha porta, fazendo-me saltar de susto. Consigo sentir a miúda a tremer dos pés à cabeça.

– Desculpe, Mr. Langston, mas ainda não estamos prontas. Vamos precisar de mais cinco minutos – intervenho eu, assertiva e determinada, a tentar encarnar a minha Finola interior.

Apanhado de surpresa pela minha lata – ou pelo meu súbito e ridículo sotaque afetado –, ele limita-se a lançar um olhar grave à Marnie e afasta-se.

Um momento depois, ela já se acalmou o suficiente para me contar a sua história:

– Começámos a sair – diz-me, entrelaçando nervosamente os dedos, enquanto eu a maquilho e me esforço por disfarçar as nódoas negras. – Ele disse-me que trabalhava no cinema e que conseguia arranjar-me um papel. Ao princípio, foi fantástico, chamava-me *minha boneca* e levava-me a festas e a estreias e começou a arranjar-me papéis nos filmes que fazia. – Faz uma pausa, olhando para as mãos, sem saber se deve ou não continuar. – Mas, às tantas, comecei a reparar na maneira como ele falava com as outras miúdas no *set*, que também as tratava por *minha boneca* e as levava para a sua roulotte. Percebi que não era especial para ele, que não passava de um brinquedo para ele se divertir, e então quis acabar. – Olha para mim como que a pedir apoio, e eu faço um gesto de cabeça para que continue. – Disse-lhe que já não queria isto e que ele era livre de ficar com as outras

miúdas. Ficou furioso. Disse-me: «Tu precisas de mim. Nesta indústria, não és nada sem mim.». Eu defendi-me e respondi-lhe que isso não me preocupava, que já só queria regressar a casa. Foi aí que ele me agarrou... – Faz uma pausa e para de brincar com as mãos, olhando-me diretamente nos olhos. Vejo os dela marejados de lágrimas; fala agora num fio de voz: – Ele é muito mais forte do que eu. Vou deixá-lo de vez, no fim das filmagens, mas por agora só quero este trabalho – preciso mesmo deste trabalho – e depois desapareço.

Não contém novas lágrimas, que eu me apresso a limpar com lenços de papel e esponjas, para não estragar a maquilhagem recém-aplicada. Pergunto-me o que faria a Natalie nesta situação. Ela é muito melhor do que eu neste tipo de coisas.

– Oh, Marnie... tenho tanta pena. Ele é um cretino. Um sacana de um brutamontes machista.

– Pois... Enfim, não há nada que eu possa fazer senão ter pena da próxima miúda a quem ele trate por *minha boneca*.

A Marnie volta a ser chamada para o *set*, e eu não sei o que fazer. Nem sequer tenho tempo para pensar nisso, já que, mal ela se levanta da minha cadeira, já outra pessoa se está a sentar – e logo hoje, que tenho de fazer o meu trabalho e o da Natalie. Quem me dera que ela estivesse aqui. É sempre tão serena e imperturbável, de certeza que saberia lidar com este assunto.

As horas seguintes passam a correr, entre trabalho e animada tagarelice, enquanto a minha mente não para de me atormentar com imagens da Marnie. Acredito nela quando me diz que tenciona desaparecer assim que isto acabar, que vai acabar por ficar bem, mas... e o Langtson? Esse vai de certeza continuar a fazer das dele.

O meu telemóvel vibra – é a Kath. Mandou-me uma foto da Lyla a sorrir e a exhibir o desenho que fez para mim. Por pouco não desato a chorar. Estou cansada e emocionalmente afetada, a esforçar-me por segurar as pontas todas, mas não consigo. Aproveito este pedacinho de ânimo que a foto da Lyla me traz, tiro a bolsa dos pincéis da cintura e, determinada, avanço para o *set*. Graças a Deus, estamos numa pausa entre dois *takes*, com o Langston sentado na sua cadeira de realizador a mexer no telemóvel.

À medida que me aproximo dele, sinto as pernas a cederem, mas respiro fundo e penso na Marnie e na Lyla e no que eu faria a alguém que lhe fizesse uma coisa destas.

Mas vou ter de ser extremamente cuidadosa. Não quero estragar o meu plano.

– Olá, Anthony... Mr. Langtson, desculpe aquilo de há pouco. Não volta a acontecer, prometo que vou ser mais rápida – digo no tom mais simpático deste mundo, ainda que entre dentes. Como é que ele consegue ser tão nojento com uma miúda tão querida?

– Hã?...

Pelos vistos, a nossa interação de há pouco não o incomodou minimamente e agora estou claramente a aborrecê-lo. Respiro fundo e continuo. Isto *tem* de dar certo.

– Com aquela atriz, a Marnie. Ela não parava de falar e de me distrair, por isso é que me atrasei. – Sinto-me horrível por dizer uma coisa destas, mas rezo para que o meu plano resulte.

Se ele fosse um cão, teria levantado as orelhas instintivamente, tal o efeito que o nome *Marnie* lhe provocou.

– Eu estava a tentar maquilhá-la, mas ela não parava de falar, bem... uma coisa extremamente frustrante, acredite. Mas fiz

questão de lhe vir pedir desculpa, mesmo assim...

– A sério? – pergunta ele, revirando os olhos. – Essa miúda é um atrofio, precisa de levar uma bronca das sérias. Hoje já estamos com um plano apertadíssimo, não se admitem mais atrasos!

– Sim, sim, eu sei, tem toda a razão! Só me apeteceu bater-lhe, a sério! – exclamo, com uma risada falsa tão convincente, que quase acredito nela.

Até que acontece. A coisa mais horrível e mais maravilhosa acontece.

O Langston, sentindo-se claramente à vontade comigo, a sua nova compincha, inclina-se mais para mim e sussurra:

– Se queres saber, Robbie... – Vou fingir que ele não disse mal o meu nome. – Às vezes, eu próprio lhe bato...

E ri-se da sua tirada. Eu não.

Olho-o diretamente nos olhos.

– Você mete-me nojo – digo-lhe.

Ele semicerra os olhos.

– *O quê?*...

Falou baixinho, furioso, frio como o gelo. Lá se foi o charme todo.

– Ouviu-me bem. Não passa de um porco violento e asqueroso.

– Tem tento na língua, minha menina ou eu ponho-te na rua num estalar de dedos.

– Não, *Mr.* Langston. Tenha o *senhor* tento na sua. Acredite que é melhor – digo eu o mais calmamente que consigo, mas a sentir a cabeça a andar à roda da forte descarga de adrenalina.

Antes de lhe dar a hipótese de dizer mais uma palavra, regresso ao meu posto de trabalho, atiro com as minhas coisas para a caixa de arrumação, enfio-a debaixo da mesa e quase que voou de volta ao hotel.

Meu Deus... Acho que acabei de ficar sem trabalho. Logo hoje, quando a Natalie dependia de mim. Mas eu sei o que tenho de fazer.

Abro a tampa do meu laptop com tanta força, que quase o parto em dois; ligo-lhe o meu telemóvel e começo a redigir o e-mail mais arriscado da minha vida.

Vinte e nove

Assim que abrimos as portas do Sarabeth's, na Park Avenue, sinto logo os níveis de dopamina a subirem. Este sítio é incrível! O cheiro, a suave paleta de cores, dos cremes aos dourados, a felicidade pura de toda a gente aqui presente... Oíço ao longe uma musiquinha a tocar e, de súbito, apercebo-me de que se trata da minha música e do Simon. Há anos que não a ouvia – e, francamente, também dispensava ouvi-la agora. Já estou suficientemente ansiosa e preocupada com o que acabou de se passar com o Langston e com o que a Natalie vai pensar se eu for despedida. Este sítio já tinha conseguido acalmar-me um pouco, e eis que levo com uma música que tem o condão de me deixar com os nervos num frangalho. É espantoso como conseguimos sentir-nos completamente *resolvidas* em relação a alguém, até ao momento em que qualquer coisa nos atinge os sentidos e nos deixa de novo angustiadas. Ouvir a *nossa música* faz-me regressar aos tempos em que me sentia segura e protegida, mas, ao mesmo tempo, lembro-me de que estou longe de casa, e isso deixa-me extremamente apreensiva. Decidida a não deixar que uma canção de merda me estrague o dia, concentro-me na comida que me espera. O cheirinho a rabanadas invade-me as narinas – e nada pode ser assim tão mau quando nos espera um brunch de borla.

– Está tudo bem, amiga? – pergunta-me a Piper, apercebendo-se do meu óbvio desconforto.

– Sim, sim. Estava só a pensar no Simon – digo-lhe, baixinho.

– Hã?! Porquê? – espanta-se ela.

– Esta música faz-me lembrar dele – digo eu, mais num suspiro para mim própria do que numa resposta.

– Ainda tens saudades? – Põe docemente uma mão no meu braço. É tão querida esta miúda.

– Não, mas há muita coisa que me faz lembrar dele. O Simon foi um capítulo importantíssimo da minha vida, por vezes, é quase impossível não pensar nele. Gostei muito do Simon... sabes? Ele era *tudo* na minha vida – digo, deixando-me ficar neste lobby lindíssimo e concedendo-me a mim própria uns segundos para arrumar as ideias. – Sempre acreditei que passaríamos juntos o resto das nossas vidas, que envelheceríamos ao lado um do outro, e de repente... puf! Acabou-se tudo. É espantoso como nos podemos apaixonar tão intensamente por alguém e, anos depois, essa pessoa não nos dizer rigorosamente nada.

Olho para a Piper, que me ouve atentamente. Fico espantada com esta minha descarga emocional. Estou de tal modo habituada a apenas *existir* lá em casa, que chegar aqui, à cidade mais fervilhante do mundo, permite ao meu cérebro aquietar-se e pensar por um momento em tudo o que eu tenho passado. E sabe-me tão bem, que decido continuar:

– Enfim, não posso dizer que ele não me diz *rigorosamente nada*, afinal é o pai da Lyla. Mas aquela magia pura... simplesmente desapareceu. Aquela... ligação. Nunca pensei que fosse possível ter-se alguém tão especial, para depois... não ser nada de nada. Não passa de um triste conceito. E não é bem *dele* que eu sinto saudades, percebes? É mais daquilo que eu sempre julguei que teria.

Uau, consegui chegar bem longe! Solto um suspiro tão sonoro, que a mulher à minha frente se vira para mim, claramente chocada. Dirijo-lhe um sorrisinho apologético, e ela volta-se rapidamente para a frente. Nunca pensei que isto me pudesse acontecer. E logo aqui.

Sem dúvida que o Sarabeth's é um potente acionador de algo mais do que um simples brunch.

– Sim, sim, eu percebo-te – diz-me a Piper. Só que eu não tenho assim tanta certeza disso. – Bom, vamos lá atacar os hidratos de carbono e alimentar os nossos corpinhos... e não os nossos sentimentos!

– Excelente ideia!

Alimentar os meus sentimentos não é propriamente uma novidade para mim; por isso, acabo definitivamente com a conversa e dirijo-me à elegantíssima chefe de sala. Há dias que andava a sonhar com isto e não vou deixar que a minha cabecinha lamechas me estrague o momento. Cala-te, cérebro, agora é a vez do estômago!

Somos conduzidas até uma mesa, e eu quase desmaio – oh, meu Deus, que embaraçoso isso seria: «Como é que a senhora abriu a cabeça?» «Desmaiei quando vi uma mesa de brunch repleta de coisinhas boas e bati com a cabeça num *réchaud*.» «Ora, não se preocupe com isso, passa a vida a acontecer.»

Instalamo-nos num cantinho ao fundo da sala, numa mesa com pratos brancos e talheres brilhantes, e abrimos os pesadíssimos menus. Tudo, mas *rigorosamente tudo* me parece divinal.

Opto por uma taça de frutos vermelhos, *seguida* de uma rabanada com crosta de amêndoa; fecho a carta com um baque prazeroso e ergo os olhos para a Miss Dovington Júnior. É claro que parece resplandecente e relaxada. Imagino-a logo de manhã bem cedo a passear pela sala, cheia de estilo e requinte, opinando sobre isto e aquilo e instruindo tudo e todos sobre como as coisas têm de correr. Parece tão confortável na sua pele, que é impossível não a respeitar.

Sapatos rasos prateados, com as pontas em metal levemente pontiagudas, apertados com delicadas tiras no tornozelo; skinny jeans, tipo palhinhas, tal e qual os da Piper mas em azul desbotado; um cinto fininho prateado sobre uma bonita blusa branca enfiada dentro das calças, com os três primeiros botões desabotoados – tudo isto lhe dá um ar simultaneamente simples e estonteante. Apanhou o cabelo num coque alto – que lhe terá certamente levado apenas dois minutos a fazer, enquanto, se fosse eu, perderia no mínimo meia hora –, passou um batom rosa clarinho nos lábios cheios, uma pincelada de rímel... e pronto. Acho que, se tanto ela como a Piper se enfiassem um saco de lixo preto com três buracos para os braços e a cabeça, continuariam a parecer muito mais glamorosas do que eu. Bem como a Natalie, como é evidente. Eu devo ter o condão de atrair mulheres espantosas. Sorte a minha...

Quanto a mim, optei por um look mais casual, como sempre, mas não foi por falta de empenho. Enfie-me nuns *boyfriend* jeans (que raio de nome este! Nem sequer tenho a porra de um *boyfriend*, e, mesmo que o Theo assumisse esse título, de certeza que eu não caberia dentro de um dos seus jeans!), uma t-shirt de algodão preta e larga, da H&M, e uns Converse, outrora brancos, que comprei porque a Lyla tinha uns e achei piada ter uns iguais. Também apanhei o cabelo, mas mais num rabo de cavalo do tipo cabelo-a-precisar-de-ser-lavado. Felizmente que ontem à noite ainda tirei um tempinho para uma boa limpeza e hidratação da pele, o que me permite exibir uma pele luminosa – e hoje experimentei uma maquilhagem chique. Comigo não há cá o «em casa de ferreiro espeto de pau».

A Piper também já fechou o seu menu e, agora, está levemente inclinada para a frente, fitando-me com olhar malicioso.

– Então, conta lá! *Admiraste* condignamente a obra de arte do teu amiguinho? – digo, doida para ouvir pormenores de mais uma apaixonante aventura desta minha amiga.

– Oh, sim! – diz, como que prestes a revelar o pedaço de informação mais tentador deste mundo. – Siiiiiiim! Oh... aquele homem é *incrível!*

– Para ti, todos os gajos são incríveis enquanto estás com eles – rio-me eu.

– Eu *não estou* com ele, não passa de um simples amigo colorido, mais nada – argumenta ela em tom despreocupado.

– Qual é a diferença?

– Bom, eu limito-me a ir ter com ele para passarmos um bom bocado, mas não somos namorados. Nem eu queria, para dizer a verdade.

– Porquê? Não é bom termos um namorado?

Confesso que isto me faz confusão. Tudo o que eu mais quero, aquilo que mais gosto numa relação é a parte do andar de mãos dadas e partilhar problemas. Também adoro o frisson da conquista, claro, e daqueles primeiros tempos do sexo apaixonado, mas o que realmente me cativa é aquele tipo de ligação intensa e empenhada – e que não conseguimos ter com amigos coloridos.

– O quê? Ter de ouvir os problemas deles e de lhes dar a mão durante os entediantes eventos de trabalho, fazer-lhes canjas e passar-lhes lenços de papel quando estão cheios de ranho? Não, obrigada! Eu gosto é de lhes aparecer em casa, darmos umas belas de umas quecas, depois sairmos para beber uns copos, conhecer sítios novos e divertirmo-nos que nem uns parvos. E deixar as coisas assim: simples, descomprometidas e excitantes.

– Uau... Quem me dera conseguir ver as coisas assim. – De certeza que isso me facilitaria imenso a vida com o Theo. E quem sabe não era mesmo disso que ele gostaria?

– Claro que consegues! – A Piper recosta-se na cadeira e pega numa faca para exemplificar a sua teoria. – Só tens de cortar a ligação do coração ao teu cérebro, mais nada. Ajuda imenso o tipo de postura e de atitude que tiveste ontem à noite, por exemplo.

Coro ligeiramente só de pensar na minha *postura e atitude* de ontem à noite, mas acho que ela não reparou. O melhor é desviar o assunto.

– Então, o Callum para ti representa apenas sexo e diversão, é isso? – pergunto-lhe.

– Sim, claro! E... meu Deus, Robin, ele é tão bom! Chegámos ao estúdio dele, demorou tipo cinco segundos a mostrar-me a sua última tela e, antes de eu dar por ela, já estávamos todos enrolados um no outro. Foi tão... cru e animalesco! Ele é mesmo muito bom, alto e forte, absolutamente arrebatador. Além de que tem um... inacreditável! Há muito tempo que não via um tão grande. E ao mesmo tempo fazia-me uma coisa com os dedos que eu nunca...

– Eiii, Piper, para! OK, já percebi, obrigadinha. Conheço-te desde os teus cinco anos, lembras-te? Estranho, esquisito, *muito* esquisito!

Meu Deus, quando é que a maninha da minha melhor amiga se tornou nesta *femme fatale* a transbordar sexo por todos os poros? Ainda nem há cinco minutos andava a brincar com a Barbie e o Ken e agora parece a Barbie «Super Sexy», com resmas de Kens para *brincar*! Horror, horror, horror!

– Ora, cala-te lá com isso! – ri-se a Piper. – Já somos todas adultas, OK? De certeza que também já tiveste as tuas belas doses de sexo escaldante na vida, não?

Oh, não. Agora sinto mesmo as bochechas a arderem. Sim, também já tive as minhas belas doses de sexo escaldante, nomeadamente... ontem à noite. Fico arrepiada dos pés à cabeça só de pensar nisso.

– Coraste? Não acredito! – diz a Piper, claramente maravilhada com a minha reação e tudo o que ela poderá significar.

– Eu? Não, acho que não. Está imenso calor aqui dentro, não achas? E se fizéssemos o pedido? – pergunto, pegando de novo na carta para tentar distraí-la dos seus pensamentos pecaminosos.

Graças a Deus, e como que respondendo à minha deixa, a empregada surge para saber se já escolhemos. Peço a taça de frutos vermelhos, a rabanada com crosta de amêndoa e ainda um chocolate quente. Só se está em Nova Iorque uma vez, certo? A Piper pede fruta com granola e um chá verde. Percebo tristemente que ela não partilha da minha filosofia de comer tudo aquilo a que possamos deitar o dente nesta cidade.

Ciente de que já matámos o assunto anterior, abordo outro, totalmente novo:

– Sabes, no outro dia a Lacey disse-me que este mês pode muito bem vir a ser o *tal*... Aquela cena da app, de concepção, que ela instalou no telemóvel diz que os indícios são excelentes. E parece que lhe doem os mamilos. Quem sabe se não será desta? Que não vamos ter um bebé já no próximo ano?

– Ora, a Lacey passa vida a dizer que *este mês é que é*, coitada. Eu evito falar muito desse assunto com ela, sabes? Não creio que isso a ajude; pelo contrário, até pode deixá-la mais stressada e isso prejudica a ovulação. O que eu quero é fazê-la rir ou pelo menos sorrir. Por isso, a minha onda com ela é mais... conversa sobre sexo! E, agora, minha querida Miss Wilde, conte-me lá o que é que

se está a passar – acrescenta ela, nitidamente ansiosa por explorar o assunto *realmente importante* deste nosso tête-à-tête.

– Como assim? Não estou a perceber... – digo, tentando parecer o mais confusa e inocente possível.

– Claro que percebes! Para além de já teres corado mil vezes desde que chegámos, estás com uma aura... enfim, radiosa. E eu conheço-te desde sempre, lembras-te? Sei que algo se passa. Chegaste a vias de facto com o Senhor Para-Casar, foi isso?

Queres ver que ela agora é médium?

– Sim, por acaso, cheguei.

– Eu sabia! – A Piper está eufórica, por amor de Deus! – E então? Conta! Foi bom? Estás apanhadinha? Vão-se casar e ter magotes de bebés? – Esboça um sorriso de orelha a orelha e bate palminhas como uma criança.

– Para quem acabou de me tentar vender as vantagens dos amigos coloridos, estás muito excitadinha – digo eu, sorrindo-lhe de volta. Mas o meu sorriso abre-se ainda mais quando vejo chegar a nossa comida. Sinto-me como um rei a olhar para um banquete. Porque é que os britânicos não têm o hábito de se alambazar com pequenos-almoços destes? Por que raio é que passei 99% da minha vida a contentar-me com cereais de marca branca? Isso não é viver.

Estou prestes a pegar no meu garfo, mas os olhos perscrutantes da Piper sugerem claramente que não me vai deixar comer em paz enquanto eu não lhe contar tudo. Pormenores escaldantes incluídos.

– OK, OK... O Senhor Para-Casar chama-se Edward, trabalha em design criativo, é inglês, já cá vive há algum tempo, mas passa a vida para lá e para cá.

– Uau, um contrerrâneo todo trendy! – Bate as palmas, completamente envolvida no caso.

– Sim, acho que sim. Bom, bebemos uns copos, *muitos* copos, por acaso, e estivemos na conversa até o bar fechar. Como tu me abandonaste e eu não fazia ideia de onde estava, acabámos por ir para o apartamento dele – digo, decidindo começar a comer.

Apesar de estar superexcitada por ter um público interessadíssimo nas minhas aventuras sexuais, para variar, resolvo manter a postura descontraída do «oh, sim, fazer sexo com desconhecidos em Nova Iorque é completamente a minha praia, não me leves a mal». Bolas, como eu gosto desta terra! Consigo sentir-me *viva* por aqui! E tenho coisas excitantes para contar – e para me sentir envergonhada. Fixe!

– Ah, então, a culpa foi minha? – observa a Piper, com um sorriso malandro, levando elegantemente aos lábios uma minicolher de cereais integrais com iogurte.

– Completamente. Foi, sim – rio-me. – A casa dele era minúscula, nem havia sítio onde nos sentarmos, e eu já tinha bebido tantos cocktails explosivos que... Oh, Piper, dei por mim a pensar que tenho sido uma boa menina há tanto tempo, que bem mereço portar-me mal, nem que seja só por uma vez. E pronto. Ele serviu-me vinho e beijámo-nos e... aconteceu.

– «Aconteceu»? Por amor de Deus, Robin, já não estamos no sexto ano. Podes perfeitamente falar em sexo, sabes?

– OK... sim, fizemos sexo – concedo-lhe, e gostando da sensação. – E como!... – acrescento, já muito mais liberta e confiante.

– Foi bom? – pergunta-me ela, divertida com o meu recém-descoberto descaramento.

– Sim... Acho que sim.

E acho mesmo. Não que tenha muitos pontos de comparação, ainda só tive o Simon e o Theo; só sei que sempre que penso nisso sinto-me muito bem. E muito sexy.

– *Achas?* – exclama ela, com expressão incrédula.

– Foi bom, sim. Ótimo, mesmo. Mas foi diferente. Até agora, e durante tantos anos, só tinha tido o Simon e o Theo e, de repente e sem aviso prévio, deparo-me com um homem novo nos braços e com... *coisas* novas com que lidar – digo, esperando que ela perceba onde eu quero chegar e que fiquemos por aqui.

– Por «coisas novas» referes-te à *coisa* dele?

– Chiu, Piper, por amor de Deus... Sim, a *coisa* dele – digo, corando tanto que acho logo que está toda a gente a olhar para mim. Ela é tão confiante, meu Deus, o modo como ela lida com o assunto à mesa do pequeno-almoço...

– Ele foi fantástico. Foi tudo fantástico. Dedicou-me imenso tempo, e soube muito bem.

Agora é que espero mesmo que isto a satisfaça. Agora, que penso nisso, é mesmo assim: o Edward foi o primeiro homem a dedicar-me tanto tempo. Sorrio só de pensar até que ponto ele foi querido e generoso. Devia haver mais Edwards neste mundo.

A Piper interrompe-me brutalmente os pensamentos:

– Sim, mas fala-me lá disso – pede-me, com o ar mais natural do mundo, enquanto vai levando à boca colheradas de... nada.

– Não vais mesmo esquecer o assunto, pois não? – Sinto-me meio exasperada e meio divertida com a lata dela. Acabo por ceder: – OK, sim, tem uma verga bem jeitosa! Muito dura, muito... grossa – acrescento com uma risadinha nervosa.

Estava eu há oito dias na minha frenética rotina casa-escola-escola-casa, estoirada e desmotivada, e agora, aqui, em Nova Iorque, a falar disto ao pequeno-almoço.

– Ó mulher, vê se te controlas! – exclama a Piper, alarmada pela minha falta de experiência neste tipo de conversa.

– Aí é que está... Descontrolei-me completamente e foi muuuito bom! – Depois disto, rebentamos as duas a rir.

Vamos comendo e conversando alegremente, quando a conversa recai fatalmente no Callum. A Piper não se coíbe de me descrever cada pormenor, cada gemido, cada suspiro, cada movimento. Ao fim de um quarto de hora, fico com a sensação de *eu própria* ter tido uma noite de sexo selvagem com o incrível Callum.

– E, agora, conta lá: como é que te sentes depois da tua primeira *one-night-stand* oficial?

Recosto-me na cadeira – em parte, para fazer um balanço, mas também porque comi tanto, que mal consigo respirar, quanto mais pensar. Toda a vida achei que, se embarcasse numa *one-night-stand*, me iria sentir suja e usada. Lembro-me de a minha mãe se referir à Amy, a filha de uma amiga, como «a vadia», por passar a vida a «saltar de cama em cama» – acho que isso me ficou retido no subconsciente. E também me lembro bem da sua célebre e insistente frase: «Nenhum homem quer casar com uma vadia que se entregue logo no primeiro encontro.»

A questão é que na noite passada eu não me preocupei com isso. Não queria casar com o Edward. Não antecipei uma relação ou o que quer que fosse para lá daquilo que me estava a ser oferecido no momento. Senti-me livre e emancipada por poder fazer escolhas

aqui e agora, sem ter de pensar no futuro. Sem pensar nas consequências. E sem pensar na Lyla.

Sinto logo uma pontada súbita de culpa ao ver-me assumir o facto de não ter pensado nela. Será que isso faz de mim uma má mãe? Não, claro que não. Isto não a afeta, ela jamais saberá que a mãe foi a um bar que servia bebidas com gomas e chupa-chupas, bebeu de mais e depois foi para casa de um homem que não conhecia de lado nenhum. Logo eu, que passo a vida a bombardeá-la com os perigos de se falar com desconhecidos. Porra.

Mas, apesar destes súbitos ecos culpabilizantes que me invadem a mente, a verdade é que não os sinto. Não me sinto reles nem suja nem vadia. Fui sair e fiz aquilo que me apeteceu fazer. Senti-me sensual e poderosa. A forma como o Edward me tratou fez-me sentir desejada. Foi urgente, feroz e apaixonado, num claro contraste à abordagem muito pouco generosa que o Theo tem tido comigo. Senti alguma espécie de fogo de artifício quando aquilo acabou? Sim, talvez, um bocadinho. Estou à espera que ele me volte a ligar? Não, nem por isso. E alguma destas duas coisas me tira o sono? Não, de todo. Acho absolutamente retemperador sentir-me tão livre. Sem me torturar com «e se?» ou «terei sido suficientemente boa?», limitando-me apenas a ficar contente pelo que aconteceu. Fui sair, diverti-me imenso num bar, tive sexo decente com um homem decente (três posições diferentes e um pouco de sexo oral não é nada de deitar fora, pois não?), e ponto final. Siga a marinha. Há muito mais para ver e fazer em Nova Iorque.

– Sabes, Piper, sinto-me lindamente só por constatar que posso fazer aquilo que me der na real gana – anuncio eu em tom triunfante.

– E o Theo?

– O que é que tem o Theo? Não é meu namorado, quero que ele se lixe.

Ao ouvir esta, a Piper ergue as mãos no ar e anuncia:

– Champanhe! Tragam champanhe!

– Quê?! Mas são dez e meia da manhã!

Mas não é isso que nos impede. Passamos o resto do dia a saltitar de «este é um dos meus sítios preferidos» para «tens mesmo de conhecer este spot», comendo, bebendo e brindando à minha recém-descoberta libertação sexual. E com a Piper a gritar mil vezes para quem a quisesse ouvir: «Já não era sem tempo!»

Na segunda-feira, o *set* está surpreendentemente calmo. Os atores parecem mais relaxados, e a Marnie, em particular, tem um não-sei-quê de leveza em torno dela, que quase a faz parecer uma mulher diferente.

A Natalie já recuperou e, em silêncio, preparamos juntas a nossa bancada, cientes da súbita mudança no ambiente mas ainda sem querermos aprofundar o assunto. A Sarah entra de rompante pela porta, completamente eufórica:

– Já sabem? – pergunta, dirigindo-se a nós e apertando na cintura a bolsa de pincéis, tudo no mesmo movimento.

– O quê? – indaga a Natalie, serena, mas claramente intrigada.

– Ele foi-se embora! Foi despedido ontem à noite. O Langtson saltou fora do projeto e foi substituído por *uma realizadora*, uma mulher! Deve estar a chegar a qualquer momento!

– Meu Deus, mas o que é que se passou? – quer saber a Natalie, ligeiramente chocada.

– Não sei, mas o que quer que tenha sido... Ainda bem! Sempre houve rumores horríveis sobre a forma como ele trata as mulheres, bem merece um pontapé no cu.

Estou prestes a mudar de assunto e a tentar começar o meu dia de trabalho normalmente, quando vejo chegar um dos produtores executivos do filme. Troca um olhar cúmplice comigo, e eu baixo imediatamente os olhos para o chão, como uma criança de cinco anos prestes a levar uma reprimenda.

Ele pede para falar a sós com a Natalie, que, depois de pousar a paleta de sombras que tem na mão, se afasta com ele sem sequer olhar para mim. Sinto um gigantesco nó a formar-se na boca do estômago: *o que é que eu fui fazer, meu Deus?*

– Tchim-tchim! – dizemos ao mesmo tempo, eu e a Natalie, já bastante alegres. Vamos na quarta bebida da noite.

– Robin, tenho de te dizer que me deixaste de cara à banda. Eu sabia que havia uma certa chama em ti, mas isto... bem, isto foi qualquer coisa! Gravares a conversa com aquele sacana e mandá-la para os produtores executivos foi uma atitude extremamente corajosa. Não sei o que é que te deu, mas deixaste-me muito orgulhosa – diz ela, num tom verdadeiramente sincero.

– Se queres saber, eu não pensei muito antes de agir. Só sabia que tinha de fazer qualquer coisa. Pensei na Lyla, em como a protegeria do que quer que fosse, e as coisas saíram naturalmente. Depois de ter mandado o e-mail, percebi que ia precisar do apoio da Marnie – e ela concordou logo em corroborar tudo com um depoimento escrito. Mas, para ser franca, tê-lo-ia feito na mesma, com ou sem o seu apoio. Não tive sequer tempo para pensar em

como isso poderia vir a prejudicar-me profissionalmente ou à agência ou...

– Não sejas ridícula! – interrompe-me ela. – Fizeste maravilhas pela agência, Robin, não percebeste ainda? Já nos garantiram contrato para os cinco filmes da produtora graças ao nosso «notável código deontológico e superior integridade moral». E foste *tu* que conseguiste isso! Eu estava presa num quarto de hotel, com a cabeça enfiada na sanita, a sentir-me miserável, e eras tu que estavas lá, a fechar o mais importante negócio da história desta agência! Estou sem palavras, a sério. E muito feliz! Vai mais um copo?

Emborca o resto da bebida num só trago. A bebida que acabámos de pedir e com a qual nos limitámos a fazer um brinde. Confesso que me faz uma certa confusão vê-la assim. Já estou farta de tomar copos com ela... Sempre a vi contida e recatada, mas hoje está absolutamente eufórica, completamente fora da sua *persona*.

– Uau! Nunca pensei que isto viesse a ter consequências tão fantásticas. Tudo o que quis foi evitar que aquela besta continuasse a agredir a Marnie, e tantas outras Marnies... – digo, enquanto me preparo para dar um gole no meu cocktail, ainda praticamente intacto.

– Fizeste algo espantoso, e eu estou muito orgulhosa de ti.

Perante este elogio, vindo de uma das pessoas que eu mais admiro na vida, faço um novo brinde, emborco a bebida de uma vez só e passo o resto da noite numa felicíssima trip de ego inflamado e muito álcool.

Trinta

Uma semana depois, o filme chega ao fim. Mal sinto os pés, doem-me as costas, tenho a mala feita e a rebentar *ainda mais* pelas costuras graças a uma incursão de última hora à Sephora (uns miminhos para mim e dois batons para a Kath; para a Lyla, levo qualquer coisa do aeroporto), mas estou feliz. Fui até à Union Square, uma gigantesca praça pejada de árvores com lojas magníficas, como a Forever 21 e a Barnes and Noble, bancos enfileirados nos passeios, vendedores de rua apregoando tudo e mais alguma coisa, desde cebolas a gravuras de acrílico, e toda a sorte de pessoas que se possa imaginar cruzando-se connosco e vivendo as suas vidas nova-iorquinas. Fui ao Starbucks presentear-me com uma bebida reconfortante e sentei-me num banco de jardim a ver o mundo passar.

Nova Iorque tem literalmente *todo* o tipo de pessoas; todas, e cada uma delas, bem despertas e diligentes, misturando-se umas com as outras em plena harmonia. E, por mais surpreendente que seja, também existe vida selvagem por aqui. Pego no telemóvel para fotografar um grupo de esquilos amorosos, quando vejo que recebi uma SMS do Theo.

É a primeira mensagem que recebo dele desde aquela noite em que fiquei de lhe devolver a chamada, mas, como estava demasiado cansada, *apaguei-me* antes de conseguir fazê-lo. Sinto desde logo o coração apertado e aquela sensação de quando estamos a chegar ao topo de uma montanha-russa e pensamos: «Mas como é que eu meti nisto de livre vontade?»

Abro a mensagem.

Olá, beleza, como é que Nova Iorque te está a tratar? Bebemos um copo para a semana? Tenho saudades tuas. Beijos.

Faço *scroll* pelo chat e verifico que a última mensagem que lhe mandei foi a dizer que estava cheia de saudades de casa, algo para o qual ele se esteve definitivamente nas tintas pois nem se dignou a responder.

Entretanto, os esquilos deram início a uma animada brincadeira, e isso consegue distrair-me do facto de estar *mesmo* chateada com o Theo. Dois deles estão a lutar por um pedaço de pão e outros dois envolvem-se numa espécie de dança frenética em torno deles. É engraçadíssimo estar a assistir a isto; é como se visse um programa de vida selvagem na televisão, só que ao vivo.

Nas duas semanas em que aqui estive, pensei muito menos no Theo do que jamais achei ser possível. Houve coisinhas pequenas que me fizeram lembrar dele, quase involuntariamente, e uma ou duas vezes apeteceu-me imenso ligar-lhe ou mandar-lhe uma mensagem. Mas não o fiz. Decidi não deixar que ele ocupasse esse pedacinho de espaço no meu pensamento, e sinto-me lindamente assim. Provei a mim própria e a toda a gente que sou boa no meu trabalho, estive na farra com a Piper, fiz novos amigos, tive uma sessão de sexo tórrido, recebi uma mensagem querida e atenciosa do parceiro do sexo tórrido e sinto-me maravilhosa. O sol beija-me a pele, os passarinhos chilreiam e os esquilos...

– AAAHHH, PORRA P’RA ISTO! – grito a plenos pulmões, num jardim cheio de gente, atirando com o copo da Starbucks pelo ar.

Os esquilos, afinal não tão amorosos como isso, resolveram levar a brincadeira longe de mais, e o mais atrevido do grupo trepou-me pela perna acima e, depois, até às costas do banco,

incitando os amiguinhos a fazerem o mesmo, o que me transformou numa autêntica rampa de diversão.

Tenho a perna arranhada e a sangrar, e estou completamente embasbacada perante: a) o ataque dos esquilos e b) o meu berro talvez um nadinha exagerado. Mas estamos em Nova Iorque e, pelos vistos, este tipo de cena acontece todos os dias, já que ninguém me liga patavina. Nem sequer a mulher com o bebé ao colo, mesmo ao meu lado, parece minimamente preocupada. Dirijo-lhe um olhar de quem pede desculpa, e ela limita-se a sorrir e encolher os ombros.

Fogo, eu amo esta cidade! Podemos ser quem quisermos. Transformarmo-nos na heroína do nosso emprego, cavalgar homens tesudos a noite inteira, ignorar o homem por quem, estupidamente, achámos estar apaixonadas, sermos atacadas por roedores raivosos em pleno parque... E toda a gente acha tudo isto fixe e normalíssimo. A Valerie Pickering teria um ataque cardíaco, sem dúvida. Haha!

Quinta Parte

***Lar é onde mora o
coração...***

Trinta e um

Agosto

Desligo o carro e olho para a Lacey, no lugar do passageiro, enquanto o sol do fim de verão ainda dá um ar de sua graça.

– Vá lá, minha linda, anima-te – digo-lhe no tom mais entusiasmado que consigo.

Ela ainda tem os olhos vermelhos de chorar, e eu só queria que ela se sentisse um pouco melhor. Vamos a caminho de um sítio especial, porque neste momento a minha melhor amiga precisa de um pouco de amor e carinho.

Já cheguei há quatro semanas e a minha vida continua agitadaíssima. Depois do sucesso que fiz em Nova Iorque, a Natalie marcou-me uma série de trabalhos... e as férias de verão da Lyla passaram tão depressa, que mal tive tempo para respirar. Passámos dias magníficos só as duas. Num deles, a tia Kath juntou-se a nós e fomos visitar a Quinta Pedagógica; comi gelados todos os dias e consegui uma pausa maravilhosa (sentem o sarcasmo?) de três (longos) dias para ir visitar os meus pais a Cornwall. A festa do 7.º aniversário da Lyla foi um sucesso estrondoso. A Lacey, a Kath e eu dedicámo-nos amorosamente ao tema Wild Animals (Wilde de nome, *wild* por natureza), e a Lyla adorou. Finalmente, deu mostras de começar a sair da sua casca: é atualmente a melhor-amiga-do-mundo do Roo, o robusto filho da Finola. E durante todo este tempo eu nem sequer soube do Theo. Há poucos meses, isso deixar-me-ia em pânico; agora... passou a ser um não-assunto.

Confesso que foi complicado resistir a responder-lhe às duas mensagens que me enviou – mais ou menos como na primeira

semana em que começamos uma dieta e temos de resistir a todas as porcarias que nos rodeiam. Mas consegui. Tal representou um passo de gigante para mim. Eu sou sempre a rapariga em dieta que *não resiste* a porcarias. As mensagens do Theo puseram-me o coração aos saltos de um modo que não me agradou. As borboletas na barriga esvoaçaram de vez, dando lugar a um nó apertado e desconfortável. Lembrei-me logo do Edward, do quão diferente foi a minha experiência com ele, em Nova Iorque. Sem stress nem confusões. Não entrei em pânico nem me preocupei fosse com o que fosse. O Edward já não está em cena, é um facto, mas é assim que eu preciso de me sentir em relação às coisas. O Theo cria-me uma ansiedade horrível e neurótica, por isso, em vez de me deixar agonizar com as mensagens dele, decidi ignorá-las, largar o telemóvel e continuar com a minha vida. Graças à minha força de vontade, deixei de ter a mente enevoada. Nunca pensei vir a sentir isto em relação ao Theo, ou a qualquer outro homem, aliás, mas sinto. Sinto-me extremamente lúcida e capaz de ver as coisas como elas são. Ver-me a mim própria como sou.

Pelo menos, O Vazio já cá não está. Se bem que, com a iminente chegada de um novo ano letivo e o regresso da Lyla à escola, tenho de admitir algum receio que o meu velho archi-inimigo ande por aí a pairar, apenas a fazer tempo...

Mas aprendi que o segredo é manter-me ocupada e atrair energia positiva para cada dia que começa – tanto para mim como para a Lyla.

O dia de hoje, contudo, é dedicado à Lacey. Assim que entramos no Lawrence's, o cheirinho a bolos acabados de fazer invade-nos as narinas, e eu não contenho um sorriso de satisfação. Devo parecer completamente maluca, tipo o Gato da Alice, mas quem é que

consegue não ficar com ar apatetado quando está a poucos minutos de uma dose de scones e umas fatias de bolo? Vesti propositadamente os meus *boyfriend* jeans e uma t-shirt largueirona, porque sabia que não me ia conseguir controlar.

Trouxe a Lacey ao Lawrence's porque é o sítio mais feliz que eu conheço: enormes janelas ovais com toldos às riscas, adornadas por fora com bonitas molduras de ferro forjado; montras cheias de deliciosa pastelaria, pronta a cativar-nos; mesinhas com toalhas em tons pastel, gemendo sob o peso da elegante loiça com motivos dourados; e as mais apetitosas e variadas ofertas-surpresas para o chá das cinco. E o que a minha amiga precisa neste momento é de um incentivo. Depois de deixar a Lyla com o Simon e a Storie (pelo que soube, este fim de semana vão ensiná-la a plantar agrião dentro de cascas de ovos... Sorte a dela!), entrei na Dovington's e encontrei a Lacey na salinha de trás, num pranto pegado.

Sentada no degrau de cima do seu banco-escadote, tinha o rosto banhado em lágrimas e os olhos inchados, e o seu vestidinho, à menina, da cor da lavanda, tinha manchas de lágrimas à frente. No geral, ela estava com um aspeto desgraçado. Fiquei a saber que um dos seus fornecedores lhe entrou pela loja dentro com a nova encomenda e, com a sensibilidade de um elefante numa loja de porcelanas, lhe perguntou se ela já tinha aberto falência. O tipo não tem obviamente noção de como ela se tem matado a trabalhar, lutando contra a triste e recorrente realidade do drástico balanço negativo ao fim de cada mês. Deve ter assumido que uma mulher casada e com a idade dela devia ficar em casa a ter bebés, sem pensar por um segundo que as coisas não estão fáceis para ninguém. Mas devia ter ficado calado. Se eu tivesse estado presente ter-lhe-ia dito que: a) nem todas as mulheres casadas *têm*

de ter bebés, a não ser que queiram e b) esse é um assunto que só lhe diz respeito a ela, caramba! Coitada da Lacey.

– Fiquei sem saber o que lhe dizer – disse-me, entre soluços, encarrapitada no escadote. – Limitei-me a ficar calada a olhar para ele, tentando não chorar. O período apareceu-me esta manhã, minutos antes de ele me entrar na loja, e pelos vistos... ainda não vai ser este mês. Achei mesmo que ia ser, Robin, já tinha quatro dias de atraso, *quatro*!

– Já fizeste um teste de gravidez? – perguntei, agachando-me ao lado dela e afagando-lhe o joelho.

– Não – suspirou ela. – A médica pediu-nos para não fazermos testes antes da segunda semana de atraso, mas, a sério... eu tinha todos os sintomas! Mamas duras, câibras, cansaço... Pensei mesmo que era desta. Mas não foi! A cruel ironia da fertilidade é que os sintomas de gravidez são praticamente iguais aos da chegada do período.

– Tenho tanta pena, Lacey. Tanta pena por não estares grávida e pela insensibilidade desse gajo. Mas tu vais conseguir, querida, eu sei que sim.

Pobre Lacey. Têm andado a tentar há quase um ano – lembro-me de ela ter comentado que começaram na véspera de Natal –, e o pior é que eu acho que não lhe passou pela cabeça que pode não acontecer. Há praticamente um ano que ela e o Karl andam a tentar ter um filho, e pura e simplesmente não conseguem. Era óbvio que a disposição dela não ia melhorar naquele dia, por isso, sugeri fechar a loja (as pessoas passam bem um dia sem ramos de flores) e irmos lanchar ao Lawrence's, empanturrarmo-nos com aquelas delícias todas e tentarmos pensar noutras coisas. A Lacey

concordou sem grandes hesitações e passou o cartaz da porta de ABERTO para FECHADO. E lá fomos nós.

Quando chegámos, ela já tinha parado de chorar, mas a conversa no carro não foi lá muito animada, e era óbvio que estava com a cabeça noutro sítio – provavelmente ainda a pensar no assunto. Encontrei um ótimo lugar, praticamente à porta, e entrámos. Situado nos arredores de Cambridge, o Lawrence's é um tesouro bem escondido. Conseguimos sempre mesa, mas nunca está vazio, sendo a pastelaria preferida dos locais. Desde pequena que aqui venho com a tia Kath, sobretudo em ocasiões especiais. A minha mãe deixava-me sempre sair com ela, e eu adorava os lanches desta pastelaria paradisíaca. Não me lembrei de sítio melhor para trazer a Lacey, neste momento. O Lawrence's serve amor em pratos dourados.

Depois de me recompor da alegria incontida por ver o carrinho dos bolos passar por mim, arranjo uma mesa, componho-a de forma a parecer lindíssima no Instagram – mesmo sem as iguarias é superfotogénica –, sentamo-nos e consultamos os menus. Menus que, tal como tudo aqui dentro, são glamorosos. Cartolina lilás impressa a dourado, com uma delicada folha de papel velino irisado por cima. Se alguma vez me casar, quero que os convites sejam inspirados nesta ementa. Reparo que a Lacey já não tem os olhos tão vermelhos e inchados, e consigo roubar-lhe um sorriso. Sem grandes surpresas, pedimos o «Chá das Cinco Completo» e recostamo-nos nas cadeiras, contentes com a nossa escolha e o nosso ainda não adulterado *tempo-de-meninas*.

A Lacey olha pela janela durante uns segundos e, depois, começa:

– Eu disse ao Karl que estava com quatro dias de atraso, e ele disse-me para eu não deitar foguetes antes do tempo, mas... Como não? Eu estava tão confiante, temos feito tudo bem!

– É claro que têm, querida, apenas não era ainda a tua hora.

– Começo a pensar que nunca será a minha hora. Estamos a seguir à risca o que diz a app. Esperamos pelos dias férteis, eu levanto a pélvis durante *meia hora* depois de cada... sessão, estou sempre atenta para ver se o meu corrimento parece cola branca ou...

– Espera, o quê?! Para quê?

– Porque é o que a porcaria da app diz para fazer! Parece clara de ovo? Parece cola branca? É espesso? É translúcido? Qual a sua temperatura? Quando foi a sua última menstruação? É tipo a entrevista pessoal mais intensa que já me fizeram na vida, mas quero lá saber. Depois de lhe fornecer mais pormenores sobre a minha vagina do que jamais pensei ser possível, a app deteta o meu ciclo e recebo uma notificação no dia da ovulação. Tipo... uma SMS da minha coisa, ‘tás a ver?

– Sim, percebo. Bom, quem sabe se não será já no próximo mês? Vais ver que já não vai tardar, Lacey.

– Estou tão farta disto, Robin, tão cansada de ouvir a maior parte das mulheres dizerem que nem sequer precisaram de se esforçar ou que foi uma «feliz surpresa», quando eu me esforço sempre tanto! Fazemos sexo em hora marcada e, quando nenhum de nós está para aí virado, tomo todas as vitaminas possíveis e imaginárias... e já evito comer coisas como paté e queijo-creme! Começo a acreditar que há algo de errado comigo ou com o Karl, ou, pior ainda, que eu o estou a dececionar e que um dia destes ele vai bater com a porta.

Não sei muito bem o que dizer ou fazer, a não ser ouvi-la. Faço-lhe um carinho na mão. Geralmente, é ela que tenta animar-me. Vê-la assim preocupa-me imenso. Neste momento, o que ela precisa é de desabafar. Não que eu tenha uma solução para lhe apresentar. Tive imensa sorte com a Lyla; a verdade é que não tive de me esforçar, ela chegou na altura certa.

– Ouve, vê as coisas assim: vocês andam a tentar mesmo a sério há, quê... oito, nove meses?

– Oito meses – diz ela numa voz que indica que pode recomeçar a chorar a qualquer momento.

– Pronto, isso são só oito ovos. E, como tu própria disseste no mês passado, em média um casal leva um ano a tentar ter um filho. Por isso, vocês estão só a três quartos do caminho, ainda nem estão na média. Sei que deve ser uma grande merda, ainda por cima porque ambos querem muito, mas lembra-te que até os médicos garantem que ainda não há razões para te preocupares. Não há nada de errado contigo; é tudo uma questão de timing da natureza, mais nada. E, quando finalmente te vires com o teu lindo bebé nos braços, um bebé tão desejado, vai ser ainda mais fantástico. Vais ser uma mãe maravilhosa, disso tenho a certeza.

– Sim. Tens razão. Vai acontecer. Eu *sei* que vai acontecer – responde ela, um tanto forçadamente, mais a querer convencer-se a si própria do que a concordar comigo.

– YES! – digo, no tom mais encorajador que consigo.

Chega por fim o nosso lanche, e ficamos ambas encantadas. Tudo parece quase demasiado perfeito para comer: na base de cima do porta-bolos triplo, uma fila de pequenas sanduíches impecavelmente aparadas; na do meio, está uma seleção de minitartes de fruta fresquíssima, *macarons* cor-de-rosa, amarelo-

limão e verde-menta, e pães-de-ló em miniatura, com recheio de morango; e na de baixo... oh, sim!... dois scones enormes acabados de fazer, servidos com duas tacinhas, uma com manteiga e outra com doce de morango. Pronto, foi desta que fui parar ao céu.

Quem me dera que todas as minhas refeições viessem servidas nestas bases com três andares. Facilitava-me imenso a vida e poupava-me muito tempo. Não havia cá viagens da cozinha para a sala e da sala para a cozinha, para trazer o prato principal e a sobremesa. Punha umas entradas na base de cima, o prato principal no meio e a sobremesa em baixo, *et voilà!* E fazia o mesmo com a comida da Lyla, claro. Douradinhos em baixo, puré de batata no meio e feijão em cima. Fico uns momentos a imaginá-la a tentar comer feijão de uma base para bolos de três andares e apercebo-me de que seria de doidos! Já para não falar da porcaria.

– Alô, Terra para Robin? Ficaste hipnotizada ou quê? – oiço a Lacey chamar-me, abanando uma mão à minha frente. Uau, estava mesmo a viajar...

– Não. Estava a pensar no quanto eu preciso de bases para bolos na minha vida.

– Eu acho que preciso é de mais bolos, na minha.

Soltamos uma risadinha cúmplice. Felizmente, a Lacey esqueceu-se de ficar triste por um momento e, agora, está de pé, posicionando o telemóvel no melhor ângulo para a foto perfeita. Ninguém à nossa volta reage, como é óbvio. Sabem que perante uma exposição tão bonita de comida é quase um crime não a fotografar.

Atacamos as sanduíches. Hmm... Deliciosas. Frescas, leves e crocantes – eu era capaz de comer umas cem de seguida. A Lacey

já tem uma corzinha saudável nas bochechas e parece bastante mais animada. Que bom. Ficamos em silêncio por um momento, concentradas na importante tarefa de saborearmos cada dentada.

– Sabes uma coisa, Robin? – diz a Piper, depois da última dentada na sanduíche de pepino. – Se eu tivesse engravidado este mês, teria o bebé em maio.

– Hã... sim, nove meses... sim, seria em maio. – Não sei onde é que ela quer chegar com isto.

– Pois. E maio é o pior mês para se ter um bebé – observa ela, secamente.

OK, já percebi: está a querer sentir-se menos mal por não ter engravidado agora. Confesso que não sei por que razão maio é assim tão mau para se ter um bebé, mas não sou eu que a vou impedir de se querer sentir melhor.

– É horrível, maio é péssimo, tens razão – digo, convencida de que é esta a resposta certa. E vejo-a a assentir veementemente.

– Nessa altura começa a época da febre dos fenos, e eu não iria poder levar o bebé a passear para apanhar ar fresco. Estar grávida em maio seria horrível, ter o bebé em maio seria péssimo e ter de cuidar de um recém-nascido em junho era mesmo para esquecer...

– Tens toda a razão, Lacey, foi melhor assim. Ainda bem que não engravidaste agora.

– Sim, sim, ainda bem *mesmo*.

E com esta passamos à base do meio. Ambas sabemos que estamos a mentir, a Lacey jamais apanharia febre dos fenos. Maio seria um mês ótimo, aliás, qualquer mês seria ótimo, mas não vai ser em maio, por isso, tudo o que eu possa fazer ou dizer para animar a minha melhor amiga é perfeito.

A base do meio consegue ser ainda melhor do que a primeira. Sempre considerei os *macarons* como uma espécie de «roupa nova do Imperador»: toda a gente os adora mas, no fundo, não passam de duas metades de suspiro, com doce no meio, a preços exorbitantes. Mas estes... oh, meu Deus, estes são outra coisa! Cada dentada, que se derrete na língua, liberta uma perfeita mistura de sabores doces e delicados, antes de chegarmos ao recheio, que complementa o merengue. Nunca um *macaron* me soube tão bem... Compreendo finalmente por que razão todos os bloggers de lifestyle os põem nos píncaros.

Completamente enfeitiçada por este momento mágico, ergo o olhar para a Lacey, que parece tão encantada quanto eu, e digo-lhe:

– Tive uma ideia completamente louca!

– O quê? – pergunta ela, curiosa, com um brilho malicioso nos olhos. Pode ser uma mulher casada e respeitada, mas adora divertir-se.

– Vamos sair esta noite!

– Como assim?

– *Sair?*... Tipo... cabelos vaporosos, lábios brilhantes, saltos vertiginosos? ‘Bora lá! É sábado, a Lyla está com o Simon e a Storie, a aprender a viver sabe Deus em que planeta. E aquilo que tu mais precisas neste momento, mais ainda do que a porra destes scones deliciosos, é de um cocktail! Um belo e fortíssimo cocktail.

– Numa condição... – diz ela, com um sorriso.

– Todas! – Apetece-me tanto divertir-me, que lhe concedo tudo o que ela quiser.

– Quero ser maquilhada por ti! – exclama a minha amiga, enfiando o último *macaron* na boca.

– Viva! – digo eu, um tanto alto de mais, batendo com a minha chávena de chá na dela e entornando um pouco na delicada toalha bordada.

Passei estes últimos anos enfiada em jeans deformados e velhos, saias de jersey e sabrinhas. A última vez que realmente me esforcei foi em Nova Iorque. Quem sabe não desencanto outro tipo sexy e simpático para passar a noite?

– Uau! Isso quer dizer que o Theo está *definitivamente* fora da corrida, hã?

– Não... nem por isso. Deixei de estar chateada com ele, só isso.

Caramba, isto soou-me estranhíssimo. Mas foi completamente sentido. Ainda não me tinha apercebido deste estado de espírito.

– Boa! Finalmente passaste para outra?

– Podes crer! E já não era sem tempo, porra! Comecei a perguntar-me o que é que era realmente importante na minha vida e, muito honestamente, não é ele – digo eu, enfatizando o *e/e* para soar mais convincente.

– Mais um viva! – diz a Lacey, alegremente. E fazemos um novo brinde de chá.

Trinta e dois

Com Nova Iorque a ser já um mero borrão de novas experiências e (arrepia)nte autoconhecimento, a crua realidade de ter de entreter a Lyla durante o turbilhão das férias de verão e o trabalho a sugar-me toda a energia, já me tinha esquecido do bem que sabe deixarmo-nos relaxar e divertir com uma das melhores amigas. Bolas, que bom que é! Como um banho *mesmo* quente depois de um extenuante dia de inverno ou uma limonada bem gelada numa tarde de verão.

Depois de termos consumido o nosso próprio peso em delícias de pastelaria, passamos em casa da Lacey para ela levar para a minha a roupa que vai usar logo à noite. O *closet* dela é tipo... o sonho de qualquer miúda. Tem tudo impecavelmente dobrado, cuidadosamente pendurado em cabides adequados ou arrumado no lugar e na posição mais corretos. Não há pilhas de roupa à balda ou sacos de plástico cheios de tralha atirados lá para o fundo, como no meu armário. Tenho mesmo de aprender com ela. A isto chama-se *ser adulto*. Graças ao seu imaculado sistema, não leva mais de trinta segundos a escolher o outfit para a noite: uma camisa-vestido azul-ciano, delicadamente bordada, um cinto castanho de fivela larga e umas sandálias de cunha. Mete tudo (delicadamente arrumado, claro) num saco de fim de semana e... ala para minha casa, onde a verdadeira magia está em vias de acontecer.

Ainda é só fim de tarde, por isso, ainda temos todo o tempo do mundo. Esteve um perfeito dia de fim de verão e o sol já está a ir embora, dando lugar a uma brisa agradável e muito bem-vinda. Abro as janelas todas para a acolher e disponho os meus pincéis sobre a cama, como se estivesse a trabalhar. A ideia é visitarmos

dois ou três bares à beira-rio, aproveitando em pleno a noite de fim de verão, sem pensarmos em mais nada que não seja rir e conversar.

Como nos bons velhos tempos, perdemos horas com os cabelos e a maquilhagem: pestanas falsas (do tipo discreto), cabelo ripado e cheio de volume e os fabulosos batons que geralmente não usamos durante o dia. Resumindo: soltamos a franga. Cuscamos sobre antigas colegas de liceu (ambas achamos que a Allisson Berry, um ano mais velha do que nós, deve andar a ter um caso, a julgar pelo seu enigmático estado do Facebook), conjeturamos sobre a próxima escapadinha da Lacey e do Karl a Roma, e eu celebro o facto de a Lyla andar tão bem na escola, ultimamente, e o alívio que isso representa. Conversas de meninas, cumplicidade e muito riso – exatamente tudo aquilo de que mais precisamos neste momento.

Depois de intensos vinte minutos de veste-e-tira roupa (há coisas que nunca mudam, há quinze anos fazíamos precisamente o mesmo em casa da mãe da Lacey, excitadas e transpiradas, com ela a insistir que tudo me ficava maravilhosamente), decido-me por um macacão de ganga curto, com botõezinhos de madeira nas ancas, e sandálias douradas. Um look casual, talvez, mas, com a minha maquilhagem perfeitamente radiosa e o meu cabelo fabuloso, estou mesmo de arrasar.

Finalmente, saímos e, pouco depois, já estamos num bar animado, confortavelmente instaladas nuns sofás, com uma mesa baixa à nossa frente – estrategicamente perto do balcão. É como se ambas soubéssemos secretamente que este é um bónus muito especial, que pode muito bem não se repetir tão cedo, e de que estávamos ambas a precisar neste momento. Alinhamos shots, bebemos *Pornstar Martinis* e rimos que nem umas parvas quando

chega a minha vez de ir buscar reforços e me dá para gritar a plenos pulmões «Porn Stars!», no bar apinhado de gente. Gritamos ao ouvido uma da outra o quanto nos amamos, que nunca nos deixaremos e como somos de facto as melhores amigas-para-sempre do universo. Dançamos, rimos e bebemos – e divertimo-nos imenso. Por que raio é que não fazemos isto mais vezes?

Mais tarde, já na cama, ainda mando uma última SMS à Lacey a saber se chegou bem a casa, depois de o táxi me ter deixado à porta da minha. Quanto a mim, consegui descalçar as sandálias e descer o macacão até à cintura, mas os sacanas dos botõezinhos de madeira pareciam guardas de prisão em miniatura. Por isso, após umas quantas tentativas falhadas, decidi dormir assim mesmo: de *calções* de ganga.

Recebo logo uma resposta da Lacey: *sabes que foste e sempre serás a minha amiga-para-sempre preferida, Robin Wilde? Ano-te muito*. Percebi que queria dizer «Amo-te.» Eu também *a ano* muito.

Ela tem tanta sorte por poder voltar para casa para os braços do seu amigo-para-sempre preferido: o marido, lindo de morrer, que a adora e enche de mimos.

De repente, e sem perceber porquê, a noite deixou de ser divertida e a minha cama parece-me gigante e solitária (mesmo com o macacão vestido). Adorava ter um homem fantástico aqui ao meu lado, como a Lacey certamente terá neste momento. Esta noite, não andei à procura de um tipo porreiro, mas, por outro lado... também não ignorei completamente essa hipótese. Houve dois homens com ótimo aspeto que me atraíram a atenção; um deles chegou até a sorrir-me, mas, ao contrário de Nova Iorque, não me senti com coragem suficiente para avançar. Quem sabe não precise da Piper ou de tubarõezinhos de goma a nadar na minha bebida ou apenas

da excitação de uma grande cidade... Mas, seja como for, não senti aquela confiança necessária para me aproximar de um estranho e fazer conversa. E, verdade seja dita, também ninguém se aproximou nem meteu conversa comigo. O que é triste, não? Sei que não sou horrorosa e que hoje estava especialmente interessante e glamorosa, mas nada aconteceu. Por isso, eis-me aqui, refastelada numa enorme cama de casal, sem ninguém com quem a partilhar.

Eu não acho que seja condenável mandarmos SMS às nossas amigas quando nos sentimos tristes ou sozinhas. Sinto-me à vontade para o fazer neste momento, a qualquer uma delas e sem problema nenhum. Podia mandar uma à Lacey, mas ela já deve estar a dormir. Ou a não-dormir com o Karl, o que seria ainda pior...

Começo a escrever. Sei que não devo, mas continuo.

Theo, tenho saudades tuas. Fixo o ecrã durante uns segundos. Depois, continuo: *o que é que nos aconteceu? Quem me dera ter-te aqui comigo, poder sentir o teu abraço.*

E clico em *Enviar*.

Trinta e três

Setembro

Recostada no banco de trás de um táxi, percorro lentamente a Waterloo Bridge, em plena hora de ponta (quando é que não é hora de ponta em Londres?). Aliso a minha lindíssima minissaia, enquanto deixo a mente vaguear pelos últimos dias.

Aquela ébria SMS deveria, realisticamente, ter sido um erro crasso. Enviei-a, mergulhei num sono profundo e acordei não com uma nem duas, mas com *três* mensagens do Theo.

Adorei a tua mensagem.

Também morro de saudades tuas.

Temos de falar muito brevemente. Falar a sério.

E, então, falámos. Fui lá abaixo (no meu já excessivamente citado roupão velho e desbotado), enchi um copo grande de água, tomei uma aspirina, sorri ao marcar o número dele e esqueci-me completamente da minha ressaca. Foi como se tudo o que se passara anteriormente não tivesse sido senão *águas passadas*, e algo em mim se incendiou. A onda de solidão que sentira minutos antes na minha cama XL só me fez desejá-lo de novo. A vida é demasiado curta e eu quero ser feliz, pensei. Depois de uma longa conversa e trocadas mais umas quantas SMS, finalmente concordei em vê-lo. Convidou-me para jantar e eu aceitei – com uma renovada réstia de esperança.

O táxi abrande e acaba por parar. Estamos na South Bank; daqui consigo ver o cartaz luminoso vermelho do topo da OXO Tower.

Lá vamos nós...

Parecendo absolutamente imperturbável, o Theo afasta a cadeira para eu me sentar. Está fantástico, como sempre. O look de hoje terá sido quiçá inspirado nalgum modelo masculino de revista. Fico completamente enfeitiçada. Elegantíssimas calças de fato azuis-escuras, um cinto de cabedal com ar de ter custado uma fortuna, imaculada camisa branca com os primeiros botões abertos. Nas costas da cadeira, o casaco azul-escuro do fato, com um lenço vermelho a espreitar do bolso da frente. Não consigo decidir se isso é sexy ou pretensioso, mas antes sequer de conseguir pensar nisso, ele diz-me:

– Tu estás... incrível. Estás tão diferente... Mal consigo fechar a boca... Linda! – O seu tom é claramente de surpresa.

Fico espantada por ele se aperceber de quão fantástica eu realmente estou. Quer dizer, eu sempre pensei que estava fantástica de todas as vezes que estive com ele, e sei que agora estou um pouco melhor, mas não cairia no exagero de me considerar assim «tão diferente». Diz-se que não há nada mais sexy do que uma aura segura e confiante, e ultimamente, graças ao sucesso do meu trabalho em Nova Iorque, àquela *one night stand* e ao facto de ter regressado a Londres com o pé direito, é claro que me sinto mais segura e confiante. Provei a mim mesma até onde consigo chegar quando me presto a isso, quando me dedico de alma e coração. Talvez seja isso. Ou talvez seja do meu novo contorno de olhos. Seja como for, obrigada, Theo.

Sob o brilho destas adoráveis luzinhas douradas, apercebo-me de que o Theo está nervoso. Que estranho. O homem mais *cool* que eu já vi na vida parece fraquejar das pernas. É quase como se estivéssemos num primeiro encontro ou, se calhar, é assim que alguém se sente quando vai pedir alguém em...

Oh, meu Deus! Será que ele me vai pedir em casamento?

Será que se vai pôr de joelhos *aqui e agora* e sacar de uma caixinha com o anel de noivado dos meus sonhos?

Hmmm... Será que se trata de uma peça nova e absolutamente trendy ou uma elegante e requintada joia herdada da parte da mãe? Ai, meu Deus, ainda bem que pinte as unhas com aquele verniz novo que...

– Ouve, Robin... Minha querida... Eu lamento imenso não termos passado mais tempo juntos ultimamente, mas as coisas lá no escritório entraram num ritmo absolutamente frenético, com a nova aquisição. Quem me dera ter tido mais tempo para... enfim, para ficar calmamente por casa contigo.

Oh!

Ele não me vai pedir em casamento. Claro que não. Porque é que me deu para pensar uma coisa dessas?

– Eu não *fico calmamente por casa*, Theo – digo eu, pausadamente, já que ainda me estou a chicotear por dentro por me ter deixado viajar por *terras de casamento*.

– Não, não, eu sei. Referia-me... à tua vida, que é mais... *flexível* que a minha, certo? – diz ele cautelosamente, estendendo a mão perfeita e pousando-a sobre os meus dedos-desprovidos-de-joias.

Conseguiu calar-me. Certo.

– Theo, isto é tudo... maravilhoso, a sério, mas será que não percebeste? A razão que nos tem mantido afastados este tempo todo é o facto de *eu* ter andado ocupadíssima. Sei que andas assoberbado com esse negócio recente, mas, desde que eu voltei de Nova Iorque, a Natalie tem solicitado cada vez mais o meu apoio, dando-me mais e mais trabalho e responsabilidades e... nunca pensei vir a dizer isto, mas... estou a adorar. É ótima esta sensação

de perceber que consigo gerir estas coisas todas. Deixa-me muito feliz e realizada. Sinto que finalmente estou a viver a vida. Decentemente. Pela primeira vez desde há muito tempo.

O Theo recosta-se na cadeira e começa a brincar com o pé do copo de vinho, como se eu estivesse a dar-lhe uma seca monumental e precisasse de algo que o distraísse.

– Tenho a certeza de que estás a fazer um excelente trabalho, Robin. A Natalie tem muita sorte em ter uma assistente tão motivada e eficiente – diz ele, com a cabeça levemente de lado, numa expressão solidária.

Sinto uma ligeira frustração. Mas não quero que ele pressinta a minha irritação, por isso, aperto levemente as coxas e tento não semicerrar os olhos.

– Pois... – Altura de mudar de assunto, acho eu. – Enfim, o que interessa é que ambos conseguimos um tempinho para estarmos juntos, não é?... Esta carta parece fantástica, o que é que vais pedir? – pergunto, num tom levemente esganiçado e rezando para que ele não o perceba. Confesso que ainda tenho alguma esperança de isto vir a dar em alguma coisa. Porque é que ele parte sempre do princípio que o que impede de estarmos juntos é a *sua* vida ocupadíssima? Mas vamos lá ver: um homem não aluga um terraço inteiro de um restaurante se não estiver apaixonado. De certeza que está tudo bem. É um novo começo.

Vai tudo correr bem, lindamente mesmo. Sim. Lindamente.

Reparo com prazer que há uma clara mudança no ambiente. Ele parece muito mais... presente. Tem o telemóvel desligado, olha-me nos olhos, está aqui. Parece-me o momento ideal para lhe explicar que tipo de coisas precisamos de mudar, se vamos tentar de novo. Tentar levá-lo a bem, fazê-lo tratar-me como sua igual e não como

um mero acessório. Acredito que ele faça isso por mim. Mais: sei que ele *quer* fazê-lo.

Todo este cenário é de cortar a respiração. Estamos completamente sozinhos; até os empregados se recolheram, esperando pacientemente por um sinal do Theo. As velas tremeluzem suavemente e o rio está lindo, refletindo todas as luzes da cidade.

Desvio os olhos da paisagem e pouso-os no bonito rosto do Theo.

– Porque é que fizeste tudo isto por mim, Theo?

Ele mexe-se desconfortavelmente na cadeira antes de começar:

– Eu senti a tua falta, Robin, sabes disso. Disse-to numa mensagem. Tenho mesmo muitas saudades tuas, porra. E, se fiz tudo isto, foi para te mostrar que és especial para mim. Quis impressionar-te, conquistar-te. Quero que sejas minha.

Ao longo deste discurso, deteto-lhe um leve tremor na voz. Creio que ele sente *mesmo* o que acabou de dizer. E penso mesmo que ele me quer na vida dele, de uma forma permanente. Soa tão sincero, que mal consigo respirar; quase que fico sem chão ao ouvi-lo falar com tanta franqueza, tanta... paixão.

Mas tenho de reter aquilo que o Cérebro me disse, em vez de deixar o Coração assumir o controlo e deitar por terra qualquer resolução. Tenho de me manter firme.

É a minha vez de me recostar na cadeira e respirar lenta e profundamente, como se o oxigénio a mais me mantivesse a mente mais clara, impedindo-me de me entregar cegamente a ele e a esta sua última declaração.

– Eu também senti a tua falta, Theo, claro que sim. Estas últimas semanas sem ti foram tão diferentes... Tive saudades de quando te

ligava, quando te punha a par do meu dia com pequenas mensagens. E a Lyla também tem saudades de te ter em casa para brincares com ela. Mas eu... preciso que as coisas sejam diferentes, desta vez. Sentir-me mais tua namorada, talvez. Passar tempo de qualidade contigo, não apenas debaixo dos lençóis.

Espero que o meu tom suave o ajude a ver as coisas pelo lado positivo. Não quero que ele se sinta pressionado, encurralado. Como a Natalie costuma dizer, «um homem ameaçado é um homem escusado».

Ele olha-me tão intensamente, tão sinceramente, que sinto logo borboletas na barriga. Quase que lhe consigo ver as rodas dentadas do cérebro a girarem.

– OK, já percebi: queres passar mais tempo comigo. Concordo absolutamente. Porque não vens comigo à festa anual da minha empresa? Este ano é em Paris, no Hotel Banke, e vai ser fabuloso, Robin. Organizamos este evento todos os anos como forma de agradecer à equipa, elevar-lhes a moral na etapa final até ao Natal. É sempre um momento épico, divertimo-nos imenso... Adorava ter-te lá comigo.

Eh lá! Não estava nada à espera disto. Um convite real para um acontecimento *real* com gente *real*! Mas que reviravolta!

Esforço-me por conter a minha excitação.

– OK... Então, seria um fim de semana contigo em Paris? Eu...

– Sim! Fantástico! – interrompe-me ele.

Oh, meu Deus! Um fim de semana *decente* com o Theo Salazan, o meu recentíssimo namorado a sério! Estou atordoadada. Felicíssima, mas atordoadada.

Ergo os olhos para o seu rosto e abro os lábios para lhe dizer quão inacreditavelmente feliz eu me sinto, mas ele interrompe-me,

com um movimento súbito para a frente e assumindo uma expressão consternada:

– Infelizmente, ainda não vai poder ser desta vez. A festa é na quinta-feira e saímos de cá de manhã. Ainda preciso de me reunir por lá com umas pessoas, por causa dos contratos, e provavelmente terei de estar no escritório na sexta-feira à tarde. Claro que eu adoraria passar o dia todo contigo, mas sabes como são estes contratos... O hotel tem um spa fantástico, sabes? Faço uma marcação para ti e passas o dia a mimar-te. Que tal?

Cai-me a ficha e percebo logo que as coisas, afinal, não vão mudar rigorosamente nada. Está tudo exatamente na mesma. E irrita-me esta atitude dele: está constantemente a querer subornar-me.

Volto a apertar as coxas para manter o corpo firme, mas desta vez nada faço para não semicerrar os olhos.

– Então, apanhamos o avião de manhã, eu passo o dia todo sozinha, depois serei tua acompanhante num jantar profissional e voltamos a correr na manhã seguinte? E isto é suposto ser um miminho especial para mim?

O olho treme-lhe, como geralmente acontece quando fica chateado.

– Estou a convidar-te para vires a Paris comigo, Robin. – Dá um gole no vinho tinto e pousa o copo na mesa um tanto bruscamente de mais, deixando um pequeno respingo vermelho na toalha imaculada. Fico a ver a mancha a espalhar-se... e, de repente, fico zangada. *Mesmo* zangada.

– Hmm... Não. Tu estás é a *convidar-me* para te acompanhar ao longo de um dia em que terei de ficar sozinha, para depois me

apresentares rapidamente a gente para a qual te estás nas tintas, antes de me largares de novo em casa.

Treme. Treme.

– Estás a gozar, certo? Isto é uma oferta estupenda para uma pessoa como tu! – diz ele, exasperado, batendo com o punho na mesa e fazendo saltar os talheres.

Ele que não pense que me intimida. É da mesma rês que o Langston, pelos vistos, e com esse pude eu bem.

– Uma pessoa *como eu*? – Fogo! Que grande sacana! Não mudou rigorosamente nada e eu, estúpida, cheguei a acreditar que sim.

– Sim, Robin, uma pessoa como tu! Detesto ter de te dar esta notícia, mas conheço pouquíssimos homens que se interessariam por uma mãe solteira, com um part-time que consiste em aplicar batom e sombras! Qualquer mulher na tua situação ficaria encantada por ir comigo a um programa destes!

Ui, esta doeu. Esta doeu p’ra caraças. Como um murro violentíssimo no peito, que nos deixa sem oxigénio. Sinto a pele a queimar e os olhos a arderem de indignação. Mas, aparentemente, ele não fica por aqui.

– Robin, tu não estás a fazer sentido nenhum! – Apoia as mãos na mesa como que a conter-se. – Estou a querer proporcionar-te uma noite estupenda em Paris, e tu recusas porque achas que tens coisas melhores para fazer? Também tens uma festa marcada em Paris, melhor do que a minha? Andas há que tempos a sonhar poderes fazer este tipo de coisas comigo, desesperada para andares comigo para todo o lado, ansiosa por seres mimada desta maneira, e agora dizes que não? Bastou-te uma *glamorosa* viagem de trabalho a Nova Iorque para ficares assim? Uma mulher

completamente diferente? – Ri-se com esta sua tirada final, como se o conceito de «mulher diferente» fosse algo digno de escárnio.

– Uau, Theo... Mas que querido da tua parte. – Praticamente cuspo as palavras, de tão chocada que estou. E furiosa. A raiva é tal, que tenho de cerrar os punhos no colo, cravar as unhas nas coxas para evitar vacilar. – Por acaso, *sinto-me* uma mulher completamente diferente, sim, e a viagem a Nova Iorque *foi efetivamente* glamorosa. Matei-me a trabalhar, tive um sucesso estrondoso e fui muito elogiada. E, ao contrário de ti, os homens que conheci por lá respeitaram-me, admiraram-me e trataram-me maravilhosamente!

– Tu não mudaste, Robin – diz ele tão baixinho, que mal consigo ouvi-lo. Fixa-me agora com uma expressão raivosa. Não creio que alguma vez tenha sido rejeitado, sobretudo por «uma mulher como eu». Continua, desta vez mais alto: – Podes ter entrado por aqui nessa tua minissaia... muito pouco apropriada à tua idade, diga-se, de decote e saltos altos, a achares que és qualquer coisa de extraordinário, mas não és. És patética! – Aponta para mim, não vá dar-se o caso de eu não perceber a quem é que se está a referir. Cabrão. – Andas por aí toda excitadinha e frenética, sem teres a mínima noção de nada, mandas-me mensagens sempre que te vais abaixo, não fazes ideia de como funciona o teu carro, a tua noção de organização resume-se a resmas de panfletos e contas por pagar espalhadas pela mesa da cozinha. Ah, e acho que nunca te vi com nada vestido que alguma vez tenha *cheirado* um ferro de engomar! Espanta-me como é que consegues gerir seja o que for na porra da vida que levas atualmente! Sabes quantos homens é que estariam dispostos a investir numa mulher como tu, mais a tua filha, coitada, que se agarra desesperadamente a qualquer criatura de

calças que tu decidas enfiar lá em casa? Muito poucos, Robin, muito poucos! Preferes desdenhar e virar costas a tudo isto, não é? – Faz um gesto à volta do requintado cenário.

Engulo as lágrimas com esforço. Sempre soube que o Theo tinha uma faceta impiedosa, mas esta agressão revela-se mil vezes mais cruel do que eu jamais o julguei capaz, movido apenas por puro despeito.

– Ouve, Robin, se te digo estas coisas é porque me preocupo contigo...

A voz dele altera-se de modo alarmante, já quase meiga, num nítido contraste com o tom que usou nem há cinco segundos. Vejo-o pousar a mão na minha. Limito-me a deixá-la ali, meio flácida, chocando-me a diferença das nossas temperaturas. A mão dele está gélida em comparação com todo o meu *eu* escaldante e suado, horrorizado com o rumo que esta noite tomou. Oiço-o prosseguir:

– Tu não és assim tão especial como pensas. Qualquer pessoa com dois dedos de testa sabe passar blush na cara de alguém. E tu nem sequer tens a Lyla contigo o tempo todo; a Kath vem sempre a correr salvar-te sempre que te vês sobrecarregada. Oh, coitada da Robin, lá está ela a chorar outra vez. A Lyla entornou leite na mesa e a pobre da Robin não consegue lidar com isso. O melhor é chamar a tia Kath para vir salvar a merda do dia, como de costume!

– Tira a mão da minha e recosta-se na cadeira, visivelmente satisfeito por se ver com o monopólio da conversa e saboreando a minha expressão perturbada. – E, depois de limpares essa carinha patética e ranhosa, vens a correr ter comigo para eu te confortar, não é? Não queres vir para Paris como minha *acompanhante*, como tu dizes, mas não te ouvi queixares-te quando foste minha

acompanhante nos jantares todos que te paguei e quando te tratei como a porra de uma princesa!

Aproveito a pausa para respirar fundo. Há um ano – há três meses, mesmo –, eu teria rompido num pranto ou fugido a sete pés – ou mesmo as duas coisas em simultâneo –, se me visse numa situação destas. Mas agora? Hoje? Não. Pelo menos, sem dizer de minha justiça.

– Podes ver-me como uma criatura patética e também podes achar que eu me entretenho a passar blush e rímel numas carinhas larocas, mas esse entretenimento dá-me dinheiro a ganhar.

Empurro ligeiramente a cadeira para trás, porque preciso de espaço. Sinto-me a sufocar, mas não quero que ele perceba como estou a uma unha negra de vomitar, chorar, desmaiar ou todas estas coisas ao mesmo tempo. Mas vou manter-me firme. E ele vai ter de me ouvir.

– Dinheiro esse que me permite sustentar-me, a mim e à minha filha. E, por acaso, Theo, sou muito boa no que faço. Não sou perfeita, mas esforço-me diariamente por me orientar e organizar, estou a dar o meu melhor e estou a conseguir. E mais: estou a ter um sucesso do caracas! E, finalmente, arranjei forças para ser honesta comigo própria em relação a isso. Não passei estes últimos anos a tentar remendar os meus momentos de vida menos bons; aceitei as consequências e estou a encará-las. Tudo o que quero é seguir em frente e tornar-me uma pessoa melhor, por mim e pela Lyla.

– Momentos de vida? – zomba ele. – Referes-te a seres uma mãe solteira solitária a viver na antiga casa da avozinha? Nunca tiveste grandes planos, Robin, nem sequer aspirações. Limitas-te a ficar contentinha por sobreviveres ao dia a dia, lixares a tua vida,

não dares à tua filha nenhum tipo de estrutura e rezares para que um tipo como eu te apareça à frente com uma vida nova numa bandeja de prata. E eu estou a oferecer-te tudo isso e tu recusas? Estás a gozar comigo, porra?

Fala cada vez mais alto, e, à medida que os meus olhos se vão enchendo de lágrimas, decido que não aguento mais. Nunca desejei ser uma mãe solteira solitária, mas não me arrependo nem por um segundo. A Lyla é tudo para mim. Agora, todas as pequenas inseguranças que eu senti na vida estão a ser-me atiradas à cara, devastando-me. Nunca me senti tão agredida como agora, não apenas eu mas também a minha pequenina. Ele sabe que usar a Lyla dá cabo de mim, mas eu engulo as lágrimas só para não lhe dar esse prazer. Turva-se a visão do rio e das luzinhas à minha volta. Tudo me parece sujo e horrível; quase não consigo respirar e sinto o coração tão toldado quanto a vista.

Estou a afogar-me nas suas palavras cruéis e, sem sequer dar por isso, arrasto violentamente a cadeira para trás, fazendo-a estatelar-se no chão. Levanto-me, apoiando as mãos na mesa.

Estou ferida de morte e com a cabeça a andar à roda, mas algures dentro de mim há ainda uma réstia de força – uma força que nunca pensei que tinha, uma força que nunca conheci senão neste momento.

Olho o Theo nos olhos.

– Tu não me metes medo, Theo Salazan. Não são as tuas opiniões que me definem. Isto acabou.

Num ímpeto final de bravura, faço rodar os saltos e saio dali.

Percorro a sala já sem a graciosa passada de um modelo de passerelle, mas numa marcha urgente, batendo com as ancas nos cantos das mesas, direita às portas de vidro do terraço. Só penso

em fugir de tudo isto, recuar no tempo até a um local onde nunca conheci o Theo, onde nunca me apaixonei por ele nem me vi profundamente destruída pela sua crueldade.

Ainda o ouço dizer:

– Não faças isto, Robin, tu não me faças uma porra destas!

Sinto uma forte pontada de dor na barriga da perna direita. Percebendo que é puramente do esforço físico, lamento ainda mais não me ter servido daquela exorbitante anuidade no ginásio oferecida pela minha mãe. Chego à porta do elevador, carrego no botão tantas vezes, que quase lhe destruo a engrenagem; quando as portas finalmente se abrem atiro-me literalmente lá para dentro. Mas ainda demora uma dolorosa eternidade até me ver lá em baixo. Respiro fundo. Não consigo parar de tremer, mas naqueles segundos de quietude ainda consigo captar o meu reflexo no espelho – por sorte, suavemente iluminado. Estou a chorar. Pensei que ia conseguir aguentar, mas é óbvio que não. Tenho cera seca colada no interior das coxas; devo ter entornado um daqueles candelabros para cima de mim, porra.

Foda-se.

Três horas depois – um Uber, um metro demasiadamente iluminado, um táxi e um lento caminhar pelo carreiro de acesso a casa –, meto as chaves à porta. A casa está silenciosa e vazia sem a Lyla. Pesa-me o coração, mas de súbito sinto-me profundamente grata pela camisa de noite que a querida Kath me ofereceu, feita pelas suas próprias mãos. Tiro-a da corda da roupa e enfio-a pela cabeça. Sinto-a como um abraço de alguém que me ama. Caio no sofá, com os olhos todos esborratados de rímel, mas, curiosamente,

ainda com o batom mate rosa-coral perfeitamente aplicado. E solto uma risada longa e incontida.

Poucas horas antes, imaginei uma noite completamente diferente. Conversinha charmosa sobre o quanto sentimos a falta um do outro, empolgantes planos para o futuro, a mão dele na minha, olhares trancados, vinho sublime, uma lenta e prazerosa sessão de sexo amantíssimo e apaixonado, antes de adormecer nos seus braços tonificados e bronzeados. Sonhei tanto com esta noite, desejei-a tão fervorosamente, e agora ficou desfeita, despedaçada, violentamente roubada de mim. Oiço as palavras dele uma e outra vez na minha cabeça, num loop infinito e insuportável. Mas a dor maior é a da desesperança: pela primeira vez desde que o conheci, toda a esperança que alimentei pelo «Theo & Robin» morreu de vez.

Ele não está apaixonado por mim.

Sinto-me vazia, abandonada.

Ele não está apaixonado por ti. Repito as palavras em voz alta para as fazer soar reais. Para fazer entrar definitivamente na minha cabeça oca e estúpida que um homem como o Theo jamais poderia amar alguém como eu. Disse-lhe que as opiniões dele não me definem, mas bem no fundo de mim mesma pergunto-me se não definirão.

Sinto-me inútil, desprezível.

Ele não está apaixonado por ti, Robin, repito a mim própria uma vez mais, antes de me levantar e parar em frente ao espelho manchado (ainda ontem pensei em limpá-lo) por cima da lareira. *Ele não te ama.* Rio-me histericamente, esmagada por tanta emoção. Deixo-me mergulhar neste momento doloroso e, ao mesmo tempo, estranhamente inebriante.

Permito-me gozar com a velha e ridícula Robin Wilde e abraço a cruel hilaridade desta noite, afastando a ideia de que a próxima emoção a instalar-se será a raiva. Uma emoção ainda mais extenuante.

Trinta e quatro

Passo os três dias seguintes num estado de puro torpor. Não consigo concentrar-me em rigorosamente nada. Permiti que as palavras do Theo me inundassem e arrasassem a minha já habitual frágil autoconfiança. No primeiro dia, nem sequer digo à Kath que estou em casa, temendo dar razão ao Theo sobre eu correr para ela ao menor contratempo. Encontra-me no dia seguinte (como me arrependo de lhe ter dado uma cópia das chaves), depois de eu lhe ter ignorado quatro chamadas e uma mensagem no voicemail a perguntar-me como correu a «noite especial». Entrou-me pela sala, deu-me um ralhete por não lhe ter dito que estava em casa – o que soou algo estranho, visto ela perdoar-me sempre este tipo de pecadilhos – e deitou no lixo uma série de pacotes e embalagens de fast food que deixei espalhados pela sala (pelos vistos, vinguei-me na comida, ontem à noite). Por fim, contei-lhe tudo. Comecei por me rir que nem uma possuída pelo hilariante que foi aquela cena; depois, chorei que nem uma madalena por saber que está tudo acabado; finalmente, acabei com um surto de raiva, ameaçando ir direta ao escritório dele e dar-lhe uma carga de porrada, tal o ódio que lhe tenho. Ele conseguiu confirmar tudo aquilo que O Vazio sempre foi e continua a ser. Passei grande parte deste ano a lutar contra as minhas próprias inseguranças, provando a mim mesma que sou boa, que tenho valor, mas ali, naquele cenário maravilhoso e irreal, ele libertou cada uma das coisas mais hediondas que eu sinto em relação a mim própria. Foi como se soubesse. Como se me conseguisse ler. Conhecia a lista secreta de todos os meus medos, empunhou-os, um a um, e foi-me esfaqueando lentamente com cada um deles.

Nunca na minha vida me senti tão mal como agora. O Vazio parece-me ainda mais implacável.

A Kath enche-me de mimos, servindo-me chávenas de chá indesejadas, contando-me que não conseguiu ir ao Cupcakes & Croché devido a uma forte enxaqueca (quem me dera que o meu único problema neste momento fosse uma enxaqueca) e lançando frases lapidares do tipo «há mais marés que marinheiros» ou «vai acontecer quando menos esperares» – o que só consegue fazer com que eu chore ainda mais. Isto porque já lá vão nove meses desde Nova Iorque, e aqui estou eu, com os mesmos dilemas de sempre. Peço à Kath que me poupe. Não consigo lidar com ela neste momento. Não quero que me tente animar com marés, muito menos com marinheiros. Quero ficar sozinha, afundada no sofá a ver televisão até adormecer. A Lyla, felizmente, está com o pai, e mandei uma mensagem à Natalie a dizer que estou com uma gastroenterite e que não vou poder aceitar trabalhos esta semana. Só quero que me deixem tão sozinha quanto me sinto.

Mas, no terceiro dia, depois de ter descido mais fundo do que pensei ser possível, as lágrimas secam e eu apercebo-me de que, afinal, não estou na mesma situação do passado.

Não preciso de me afundar n'O Vazio.

Tenho alternativas.

Posso escolher.

Se Nova Iorque me ensinou alguma coisa, foi que eu consigo lidar com a minha vida. Eu, Robin Wilde, sou uma mulher confiante e com controlo sobre a própria vida, e, seja qual for a rasteira que a vida me pregue, estou cá para me aguentar. Eu *consigo* fazer isto.

Aproveitando este rasgo de determinação – e o facto de a Lyla estar com o pai –, decido que já chega de viver de restos de comida

e resolvo ir às compras. Quero lá saber do meu aspeto; isso agora não é importante, sou superior a esse tipo de coisas. Tenho é de pegar na minha vida pelos cornos e andar para a frente.

Se me apetecer andar para a frente de rabo de cavalo oleoso e calças de fato de treino ruças e deformadas, vamos a isso! Estou farta de ter de seguir as regras da sociedade e que me digam o que fazer o tempo todo: arranjar um homem, portar-me bem, fazer bolos, levar a criança aos insufláveis, falar baixo, não beber demasiado, não falar de pornografia, não chatear as pessoas... Que se lixe isso tudo.

Estaciono meio à balda entre dois carros e atiro com a porta, antes de avançar decididamente até à porta do supermercado. Pego num cesto e lanço-me por um dos corredores, com o único propósito de o encher com o que me der na gana. Desta vez, não vou pelo politicamente correto. Para quê dar-me a esse trabalho? Estou sozinha, por isso, o melhor é desfrutar da minha vida. Dirijo-me à zona dos frigoríficos e saco de um pack de oito mousses de chocolate; depois, vou aos congelados e sirvo-me de umas quantas pizzas; finalmente, demoro-me na zona dos vinhos para ver se me inspiro.

Oiço uma voz familiar atrás de mim:

– Ora viva!

É a Gillian, a doce e atenciosa Gillian, cujo cesto contém, como já seria de esperar, ervilhas, iogurtes e pão.

Ali fico eu, a olhar para ela, nas minhas velhas calças de fato de treino, t-shirt largueirona a cheirar a fritos e com o cabelo nojento apanhado. Ela está o meu mais-que-perfeito oposto: vestidinho da Boden em malha de algodão, sabrinhas bonitas e confortáveis e o cabelo com ar de que acabou de ser lavado. Porreiro. A última coisa

que me apetecia ver neste momento era uma MEC. Sinto-me uma merda. E uma pequena parte de mim pergunta-se se *não serei* uma merda.

– Gillian... Olá. Estava aqui a... olhar para o vinho. As coisas não têm andado grande coisa, por isso... enfim, tu percebes-me.

Vejo logo a Gillian a entrar em modo «elegância e cerimónia». Está claramente a julgar-me e a achar que sou péssima mãe por comprar apenas sobremesas e *junk food* congelada. De certeza que irá contar à Finola e que ambas vão proibir os filhos de se darem com a Lyla, por ser uma tão má influência... E a certa altura a Val vai acabar por perceber e dizer coisas horríveis à minha filha, como já fez. Percebo que a Gillian quer dizer alguma coisa, e decido aqui e agora que não a vou deixar pôr-me mais em baixo do que já estou.

– Ouve, Gillian, como te disse, a vida não me está a correr nada bem neste momento e a última coisa que quero ouvir é a tua opinião acerca disso. Sei que és perfeita, aliás, vocês são todas perfeitas, mas eu não sou... e temos pena. Desculpa, mas vamos deixar as coisas como estão, OK? Vemo-nos na escola, para a semana.

Dou meia-volta e afasto-me o mais depressa que consigo, dirigindo-me para as caixas de self-service.

Levo-me a mim e ao pack de oito mousses de chocolate para casa e enfardo logo quatro de seguida. Depois, como a adulta responsável que sou, fico enjoadíssima, tenho uma crise de choro e vou para a cama. Como a Kath me diria, sem dúvida no pior timing possível, amanhã é um novo dia. Obrigadinha. Foda-se.

Acontece que, quando acordo, *não* é um novo dia: é a mesma merda de dia, só que mais tarde, e acompanhado de uma insistente

e ruidosa campainha da porta. Não pode ser a Kath – ainda há pouco me mandou uma mensagem a dizer que não vinha cá porque ainda não se sente muito bem. E o Simon ficou de cá vir deixar a Lyla amanhã, não hoje.

Assim que me levanto, arrependo-me amargamente de ter comido aquelas mousses todas – e, pior ainda, de ter deixado as embalagens vazias todas pegajosas no braço do sofá. Vejo as horas no telemóvel: oito da noite. E reparo em quatro chamadas não atendidas, da Gillian e da Finola. Terá acontecido algum drama na escola?

Um persistente bater na porta apressa-me a ir abri-la. Para meu enorme espanto (e horror), são elas. A Gillian e a Finola estão à porta de minha casa, cada uma com a sua garrafa de vinho na mão e, se os meus olhos inchados não me traem, uma caixa enorme de Ferrero Rocher.

– Olá! Não viemos cá para nos intrometermos ou para te deixarmos ainda mais em baixo – começa a Gillian nervosamente, alisando com a manga do bonito cardigan azul-escuro a bainha do ainda-mais-bonito vestido branco. Está sempre impecável, esta mulher. Ao contrário de mim.

– Mas já percebemos que estás a passar um mau bocado, querida. E não vamos deixar-te ficar assim – acrescenta a Finola no seu habitual tom militar. – Vá, afasta-te e deixa-nos entrar e ver o que podemos fazer para te ajudar.

Como é mais do que óbvio que não vão arredar pé daqui, abro-lhes, ainda meio atarantada, a porta para as deixar entrar. Rezo para ter deixado janelas abertas lá em cima e para que a casa não cheire a suor e a restos secos de mousse de chocolate. Ainda não

tomei banho e a minha casa parece um pardieiro. Meu Deus, que vergonha.

A Finola avança tipo bulldozer pela casa dentro e dirige-se à cozinha. A Gilian segue-a, no seu típico andar ligeiro e saltitante – e uma pequena parte de mim *morre* literalmente por elas se depararem com a minha casa neste estado. Há embalagens, papéis, cartões, guardanapos de papel, tupperwares sujos – enfim, tudo o que possa estar relacionado com *comida de merda* – espalhados por cada superfície possível; sacos de chá com dias (semanas?) numa pilha nojenta, dentro do lava-loiças; o contentor da reciclagem está cheio de latas individuais de gin tónico da Marks & Spencer; e, espalhadas pelo chão junto à máquina de lavar, variadíssimas peças de roupa suja. Foi a minha tentativa matinal de «dar um jeito à roupa», claramente fracassada, já que nem consegui sequer encher a máquina. Confesso que achei que, dadas as circunstâncias, até seria desculpável ter roupa suja espalhada pelo chão da cozinha, mas, agora, com duas Mães de Escola Chique em minha casa *pela primeira vez*, já não tenho tanta certeza. À medida que percorro a casa, constato que cheira decididamente a pó, a mofo e a falta de higiene. Só me apetece morrer.

– Robin, onde é que está a Lyla? – pergunta a Gillian elevando a voz, como se eu não estivesse mesmo atrás dela.

– Está em casa do pai. Oiçam, como é óbvio, esta porcaria toda vai ser limpa antes de ela chegar amanhã.

– Podemos ajudar-te? Eu passo a vida a arrumar a bagunça que a Clara faz, estou mais do que habituada – diz ela.

Está claramente a mentir; os olhos muito abertos e miradas furtivas pelo caos em que esta casa se encontra sugerem que está a sofrer de alguma ansiedade.

– Não, não, deixem-se estar. Por favor, sentem-se, eu vou fazer um...

– Não te ponhas com cerimónias connosco, querida. Vamos mas é arregaçar as mangas e começar a arrumar isto tudo – ordena a Finola, de mãos nas ancas, botas de montar por fora das calças justas cremes. – E, depois, podemos conversar calmamente acerca do que se está a passar e ver se conseguimos ajudar-te a saíres dessa alhada. Bom, alhada ou tomatada... se, como eu imagino, houver um homem por trás disso tudo.

Com esta, a Gillian e eu trocamos um olhar de sobrolho erguido. Ficamos sem saber como reagir. Por um segundo, acho que vou desatar a chorar. Até que rompemos as duas à gargalhada.

– Ora, por favor, vocês sabem o que eu quero dizer! – exclama a Finola, chocada com a nossa infantilidade, mas com vontade de rir.

Não conseguimos parar de rir, ao ponto de a barriga me doer. Mas é tão bom... sabe mesmo bem usar estes músculos para soltar umas gargalhadas, finalmente! Acabo por me sentir a relaxar e aceito de bom grado a ajuda delas. Pelo estado – e cheiro – das coisas, bem que estou a precisar.

Durante os vinte minutos que se seguem, estas duas queridas dão-me uma limpeza geral à casa: uma, de sacos de lixo em riste, e a outra, empurrando o aspirador. Entretanto, eu vou levando tralha lá para cima para ser devidamente arrumada. E ainda acabo de encher a máquina de roupa. Fazemos tudo relativamente depressa. Assim que acabamos, atiramo-nos para o sofá, bem-dispostas e sorridentes, ainda divertidíssimas com a piada da Finola.

– Obrigada. Vocês foram tão queridas... – digo, abraçando-me a uma almofada e sentindo que preciso ainda mais desesperadamente de um duche.

– Estavas com péssimo aspeto lá no supermercado, Robin, fiquei mesmo preocupada – observa a Gillian, voltando a cabeça para mim, também ela enterrada entre as almofadas do sofá. Acho que nunca a tinha visto tão relaxada. Isto é mesmo bom...

– Desculpa ter sido tão malcriada, nem sei por que te disse aquelas coisas. Estava tão estoirada, tão... na merda. Por favor, perdoa-me. – Levanto-me e vou à cozinha buscar a caixa dos chocolates. Elas bem merecem uma gulodice. Quanto a mim... nem se fala.

– Ora, por amor de Deus, nem digas isso – diz a Gillian, elevando a voz para que eu a ouça. – Só quero que saibas que não te estava a julgar, não estava *mesmo*. Fiquei foi muito preocupada porque nunca te tinha visto neste estado. És sempre a mais glamorosa do grupo, por isso...

– Hã?! – solto eu, completamente estupefacta, da porta da cozinha.

A Finola endireita-se no sofá, preparando-se para o seu discurso:

– Sim, também acho, estás sempre tão alegre, tão bem penteada e maquilhada... A Gillian ficou em pânico quando te viu assim, e, se queres saber, eu também, quando nos abriste a porta.

A Gillian também se endireita e começa a catrapiscar os olhos, o que geralmente acontece quando se prepara para dizer algo de importante.

– Robin, acho que te devo dizer, e sei que a Finola concorda comigo, que tu és uma mulher maravilhosa. Estás a criar uma menina fantástica, matas-te a trabalhar, estás sempre muito bonita e bem arranjada e a tua casa é... giríssima.

– Tchim-tchim – diz a Finola, erguendo um copo invisível.

Se bem que todas concordemos que esta última frase era escusada, tudo o resto era só o que eu mais precisava de ouvir neste momento. E vindo de duas mulheres que eu respeito e admiro, representa o perfeito antídoto para o Theo. Sinto-me amada e cuidada, o que é uma sensação maravilhosa.

Trinta e cinco

Duas semanas depois

Mais uma manhã, mais uma corrida frenética antes de entrar no carro. Confesso que não sei se a minha casa terá algum vórtice secreto que eu desconheça, mas sei que, se tiver de perder mais um minuto que seja à procura de peças do uniforme da escola, acho que me dá uma coisa. E sei também que gasto fortunas por mês a substituir essas peças perdidas e que nunca mais volto a encontrá-las.

Finalmente, depois de ter pulverizado com um tira-odores o avental que a Lyla usou ontem, para que ainda possa ser usado hoje (não me julguem), entramos no carro e pomo-nos a caminho da escola. Hoje é a Festa da Colheita – o espírito é animadíssimo –, e a Lyla não para de cantar aos berros a Canção do Outono, enquanto eu tento aplicar *lip gloss* aproveitando um semáforo fechado.

Lá dentro, o ambiente é mil vezes mais eufórico do que o que eu tive de suportar dentro do carro. Há crianças a correrem por todo o lado, carregando as suas oferendas até à Mesa do Outono (pediram-nos que contribuíssemos para um Banco Alimentar com refeições à base de produtos biológicos), e mães tagarelando com mães e recebendo chávenas de chá das mãos do diretor, Mr. Ravelle – que tem neste momento uma miríade de MEC à sua volta a ouvir atentamente todas as suas palavras.

Finalmente, as crianças dirigem-se às respetivas salas para «se prepararem», e nós deixamo-nos conduzir em manada até à enorme Mesa de Outono, atulhada de recipientes de comida dispostos no meio de vasos de flores secas e espigas de trigo e de cevada.

Perdi-me da Finola e da Gillian, mas em contrapartida oiço bem os acordes esganiçados da Val, logo atrás de mim, à conversa com uma das mããs organizadoras.

– Oh, meu Deus, Steph, olha só! – guincha ela, plena de excitação.

– O que foi? O que foi? – pergunta a desgraçada da Steph.

– Ali, na mesa! Uma das mães trouxe feijão de lata! – diz, enquanto aponta para uma tigela.

– Não vejo qual é o problema. É comida para o Banco Alimentar, de certeza que fará muito bom proveito a muitas famílias carenciadas, não? – contrapõe a Steph, em tom bondoso.

– Feijão de lata?! Que nojo! – insiste a outra.

– Já tivemos feijão de lata noutros Bancos Alimentares, e, honestamente, mal se dá pela diferença – diz a Steph, esforçando-se por manter um tom calmo.

– *Eu* dou! Quem é que pode ser tão pobre de espírito ao ponto de trazer comida de lata? Eu morria de vergonha!

Sinto o sangue a começar a ferver com o disparate desta conversa. Volto-me e, sem pensar duas vezes, lanço-lhe:

– Arranja uma vida, sim, Val? É uma lata de feijão, qualquer família carenciada fica grata, só tu é que fazes disso um bicho de sete cabeças.

E com esta me vou virando-lhe as costas e deixando a Steph com um sorriso divertido e a Val de boca aberta, empoleirada nos seus Valentinos. Quero lá saber do que ela pensa de mim nesta altura da minha vida! Longe vão os dias em que a opinião dela me preocupava... e se aprendi alguma coisa nos últimos meses foi a fazer frente a fanfarrões.

Quando encontro a Gillian e a Finola, sento-me ao lado delas e ficamos a ouvir a Mrs. Bell num solo de piano. Segundos depois, criaturinhas minúsculas entram ordeiramente, uma por uma, acenando à medida que reconhecem as mães e os pais na plateia, e sentam-se no chão, de perninhas cruzadas. Cada criança tem uma bandolete de cartão, à volta da cabeça, enfeitada com papel de alumínio e purpurinas em tons laranja, dourados, castanhos e verdes, para celebrar a estação. A Lyla vê-me, acena e aponta freneticamente para a sua bandolete; sorrio-lhe, levanto o polegar, e aceno de volta.

A Gillian aproxima-se de mim e segreda-me:

– Que tal se tem dado a Lyla com a coreografia? A Clara tem andado a praticá-la há dias e dias!

Hã? O quê?!

Coreografia? Não soube de coreografia nenhuma! Nem recebi nenhuma circular a informar-me. Ouvi o tema Dia de Outono oitenta vezes, sim, mas... Coreografia? Forma-se-me logo um nó no estômago. Será que me distraí? Que falhei de alguma maneira? Porra.

A Mrs. Bell dá início ao tema, e as crianças levantam-se e começam a cantar. Não sei o que se passa comigo, mas sempre que oiço criancinhas a cantarem sinto logo arrepiarem-se-me os pelos dos braços. É uma emoção tal, que tenho de morder o lábio para não chorar.

Ao fim de três acordes ligeiramente desafinados, o Mr. Ravelle entra em cena. Traz uma camisa demasiado apertada, que deixa antever claramente o corpo musculado. Mal consigo olhar para a cara dele, confesso.

– Senhoras e senhores, sejam muito bem-vindos, e a vocês, meninas e meninos, muito obrigado pela bonita canção. Estiveram fantásticos, creio que todos concordamos. – A plateia solta um murmúrio de apreço. – E agora, como todos certamente já saberão, as crianças vão apresentar uma coreografia especialmente pensada para este dia. Espero que gostem! E, sem mais demoras, apresento-lhes... as Folhas de Outono!

Com um forte aplauso impulsionado pelo diretor, antes de se retirar para a parte de trás do palco, a plateia acolhe um grupo composto pela sala da Lyla, que se dirige para meio do palco, ao som dos primeiros acordes do tema Dia de Outono. Confesso que estou mesmo muito nervosa. Sei que ela conhece a canção, mas uma coreografia é outro assunto. Por favor, que tudo lhe corra bem...

Uma a uma, as crianças assumem as suas posições e levantam os braços. A música começa e elas baixam-nos, num movimento floreado, como se de folhas caídas se tratassem. Até agora, tudo bem. E corre tudo lindamente... até à segunda estrofe. À frase «o cheirinho a bacon quando aperto os atacadores», altera-se a formação e começam a fazer outra coisa. Menos a Lyla. A Lyla lança-se para a frente e dá início ao que eu calculo que seja a sua ideia de dança *free style*. O coração sobe-me à boca... Mas a miúda tem ritmo, há que reconhecer. O grupo já está no coro, e ela continua completamente imersa na sua coreografia. Algumas das crianças pararam de dançar para olhar para ela – umas tentam até entrar no esquema –, e a Mrs Barnstorm está agora acorada do lado do palco, gesticulando freneticamente e incitando as crianças perdidas a voltarem às suas posições. Mas a Lyla não vê nem ouve nada: está completamente embrenhada no espírito da canção... e a

divertir-se que nem uma doida. Salta, avança e recua, agita os braços e... oh, meu Deus, estarei mesmo a vê-la bambolear-se?

O número acaba solenemente com a frase «Não devo esquecer». É então que a Lyla arranca a coroa da cabeça e lança-a sobre a plateia, como se estivesse em pleno concerto rock.

É aclamada com uma enorme salva de aplausos. As crianças saem de cena meio desconcertadas, e a Mrs. Barnstorm parece ficar à beira de um colapso cardíaco. Eu estou completa e literalmente mortificada. Devia ter-lhe ensinado a coreografia ou pelo menos tê-la ensaiado com ela. Como é que eu não soube que havia uma coreografia? Deixo-me ficar sentada até acabar a festa, corada que nem um tomate, e durante a vernissage dos chás e cafés só me apetece fugir.

– Mas que show que a Lyla deu! – comenta o Mr. Ravelle, ao vir ter comigo e oferecer-me uma chávena de chá. Ena, pá, visto assim de perto... o homem é mesmo bonito!

– Sim, pois... hahaha! Ela é muito... enérgica.

O problema é que foi a *minha filha* que descarrilou. Aposto que toda a gente ficou a achar que foi por ela vir de um lar desfeito, de uma família desestruturada, com uma mãe que nem sequer... Bom, resolvo parar com isto para não deixar que os pensamentos negativos se instalem.

– Quer saber o que é que eu penso, Mrs. Wilde? – pergunta-me o diretor, em tom suave.

Ai, meu Deus, acho que não quero saber. Mas ele prossegue mesmo assim:

– Acho que é maravilhoso ver uma criança com tanta paixão pela música. Viu-se como todas as outras ficaram completamente rendidas, cativadas pela interpretação muito própria que a Lyla

concedeu àquela dança. E se quer saber... eu também fiquei. Não concorda que seria extremamente aborrecido se as crianças fossem todas iguais? – Continua a fixar-me com uma expressão terna, naqueles belíssimos olhos verde-esmeralda.

OK, não estava nada à espera desta. Será que ele percebeu que eu fiquei para morrer?

– Sim... absolutamente. Ela é muito especial, de facto. E confesso que nem sequer sabia que havia uma coreografia. Sinto-me algo culpada por não a ter ajudado a ensaiá-la devidamente.

– Mrs. Wilde... – Agora, o tom dele consegue ser ainda mais terno. Sinto-me até levemente excitada na presença de um homem tão alto e tão em forma, e ao mesmo tempo tão meigo e atencioso. – A Lyla é maravilhosa. E é uma influenciadora nata, sabia? Todas as colegas a acham fantástica; vejo-as muitas vezes seguirem-lhe os exemplos. É muito raro vermos uma criança tão nova como a Lyla tão bem resolvida consigo mesma e a exhibir uma tal autoconfiança. Deve ter excelentes modelos... em casa e na vida.

Para meu profundo embaraço, sinto de novo as lágrimas a virem-me aos olhos. E esta? Logo eu, que sempre pensei que eu e a minha filha éramos alvo de chacota ou que eu estava a fazer um péssimo serviço como mãe... Afinal, ela tem sido uma influenciadora durante todo este tempo, um modelo a seguir, a líder da matilha. Bem que eu podia aprender alguma coisa com ela.

Antes de poder chorar de orgulho pela minha fabulosa cria – ou de pedir ao Mr. Ravelle para ser o pai do meu próximo filho –, vejo as crianças a correrem para o átrio principal, todas com as coroas na mão (até a Lyla conseguiu recuperar a dela!), a procurarem freneticamente os respetivos pais.

– Mamã, viste a minha dança? Ensaiei-a mil vezes com a tia Kath! Gostaste? – quer saber a Lyla com tanto entusiasmo, que mal lhe percebo a algaraviada.

– Se *gostei*? Filha, eu AMEI a tua dança! – respondo, envolvendo-a num abraço de urso. – Espera só até eu contar à tia Kath!

Trinta e seis

Outubro

Se quiser ser honesta comigo própria, tenho de admitir que, antes ainda de ir para Nova Iorque, percebi que algo de errado se passava. Mas não quis pensar muito nisso. Além de que, quando voltei, ela pareceu-me bem. Só que ultimamente a Kath tem tido muitos «dias não», com cansaço, enxaquecas e pequenas embrirações comigo por coisas sem importância. E a verdade é que agora, dois meses passados, eu temo o pior. Estou sempre a pensar no Derek, na rapidez com que ele se foi, e fico com vontade de vomitar só de pensar que pode acontecer o mesmo à Kath, à *minha* Kath. Nesta altura, tudo me parece muito pesado. Como é óbvio, a relação com o Theo acabou definitivamente, e eu ainda sofro com isso. A Lyla anda ainda mais feliz e bem-disposta desde o estrondoso sucesso da sua dança, e é raro ouvir uma palavra que seja da Natalie, que me atribuiu uma série de trabalhos à minha exclusiva responsabilidade. Por falar nisso, já devíamos ter feito um ponto de situação. Tenho de lhe ligar.

Enfim, o que importa é que, neste momento, eu sinto um enorme peso sobre os ombros.

Estou tão preocupada... Praticamente obriguei a Kath a marcar uma consulta com a médica de família para lhe falar neste cansaço e enxaquecas frequentes. Apareceu em minha casa logo a seguir à consulta e garantiu-me que estava tudo bem, mas que a médica lhe pediu que fosse ao hospital fazer uns exames. Estranhei e tentei saber um pouco mais: «Nenhum médico manda fazer *uns exames* se estiver tudo bem. O que é que se passa?» Lá acabou por confessar que uns dias antes tinha sofrido um desmaio (o que

também a levou logo a concordar com a marcação da consulta) e que começara a ter umas perdas de sangue estranhíssimas, uma vez que há meses que não lhe vinha o período. Como é óbvio, fui logo pesquisar no Google e cheguei rapidamente à conclusão mais lógica: cancro. E exigi acompanhá-la ao hospital.

Sem querer que ela se aperceba da minha angústia, baixo o volume do rádio e digo-lhe:

– Espero bem conseguir um lugar de estacionamento decente, já se sabe que as idas ao hospital podem vir a ser infernais, não é?

– Vamos conseguir, sim, querida – diz ela baixinho, meio ausente, perdida nos seus pensamentos – de preferência, não relacionados com cancro.

– Não te vou fazer andar quilómetros a pé, Kath! – Agora, já estou a começar a entrar em pânico. Vem-me à cabeça uma série de imagens sinistras e, não sei porquê, só me dá para falar atabalhoadamente sobre lugares de estacionamento. – Juro-te que peço o livro de reclamações se tivermos de estacionar muito longe. Como utente, tens direito a um lugar decente. – Estou praticamente à beira das lágrimas e creio que ambas sabemos que não é por causa do estacionamento.

– Robin, querida, para. Respira fundo. Eu posso perfeitamente andar, estou muito bem – diz-me, dando uma palmadinha na sua saia cigana, de padrões rosa-vivo, como que a deixar claro que se sente saudável e capaz de caminhar quilómetros, se for preciso.

– OK, deixa lá ver se conseguimos um bom lugar. Só te quero facilitar as coisas, querida, sabes que eu te adoro. – Olho-a de relance, sem tirar os olhos da estrada.

Ela afaga-me o joelho.

– Minha querida, eu estou ótima, a sério. Venho apenas fazer uns exames, não vou propriamente ser internada.

Respiro fundo e lembro a mim mesma que estou aqui pela Kath, que tenho de me controlar e dar-lhe todo o meu apoio. Finalmente, consigo um lugar. Um bom lugar.

– Claro, tens toda a razão. Já passámos por coisas piores e somos ambas mulheres fortes. Vou só tirar o teu casaco da mala e já entramos.

Rodeio o carro e abro a mala; limpo as lágrimas que já me afloram os olhos e rezo para que ela não repare. Inspiro uma bela golfada do ar fresco deste início de outono.

– E mais vale mantermos os inimigos por perto, não é mesmo? – acrescento.

– É isso mesmo – diz ela, com um sorriso. E entramos na receção.

Estas duas semanas de espera pelos exames da Kath estão a dar comigo em doida. Com os dias a ficarem mais pequenos e os relógios a andarem para trás, as nossas visitas às casas do National Trust e os passeios pelo campo dão imperiosamente lugar às tendas de insufláveis e aos parques *indoor* de trampolins – antros absolutamente hediondos, onde os miúdos queimam freneticamente as suas energias, os papás fazem questão de se exibirem, dando grandes quedas e fingindo que não fizeram uma hérnia discal, e as mães cruzam as pernas a cada salto. Lembro-me que, no inverno passado, as nossas saídas resumiram-se mesmo aos insufláveis e piscinas de bolas, onde mãezinhas que eu não conhecia de lado nenhum se sentavam à volta de mesas de plástico a beber café merdoso, enquanto os filhos se atacavam selvaticamente com

esferas de plástico e rolos em espuma, ou trepavam como macacos por pirâmides de cordas. A Lyla nunca pareceu divertir-se grande coisa nesses sítios, preferindo claramente colar-se a mim ou convencer-me a participar com ela nas corridas de obstáculos, em vez de socializar com as crianças da idade dela.

Ultimamente, e para meu enorme prazer, tem-me pedido para ir a casa de amigas ou convidá-las cá para casa, o que faz com que eu não me encontre tão frequentemente com as MEC. Por isso, resolvo enviar uma mensagem de grupo às minhas duas preferidas e desafiá-las para um encontro nos insufláveis.

Sentadas à volta de uma mesa e rodeadas de pacotes de snacks fritos, que juramos serem para as crianças, sinto-me bem e descontraída, feliz por estar de novo com a Gillian e a Finola. Como as coisas mudaram...

Vim de skinny jeans suaves e confortavelmente elásticos, t-shirt cinzenta, lisa, ténis brancos e sem maquilhagem. Há tempos, isto levar-me-ia a uma espiral de autocrítica e insegurança, mas agora já não. Deixo que a minha cara seja simplesmente a minha cara, permito-me vestir roupa confortável, limito-me a ser eu mesma e a não me preocupar. Quanto ao Theo, à Val, a qualquer criatura negativa, só quero que se lixem – continuo sozinha, mas muito bem resolvida, obrigada!

– O que é que tens feito ultimamente, querida? Passaste algum fim de semana com um charmoso encantador de que devamos ter conhecimento? – pergunta a Finola, com um sorriso maroto.

Do lado de lá da mesa laranja-néon, a Gillian reage entusiasmadíssima – tão querida, sei o quanto ela adora uma bela fofoca.

– Malogradamente, não, minhas boas amigas. A minha vida neste momento é completamente *man free*... e corre-me lindamente. Passei o fim de semana com a minha tia – digo calmamente, bebericando do meu café merdoso.

– Aquela das meias de croché? – quer saber a Gillian, elevando a voz para se fazer ouvir no meio da chinfrineira infernal da criançada.

– Sim, essa mesma. Sempre teve uma queda para o artesanato. Aliás, acho que não há nada que ela não faça bem. Quando a Lyla nasceu, fez-lhe um conjuntinho branco lindo, numa lã supersuave, com botõezinhos em madrepérula e renda nas mangas e nos colarinhos. A miúda parecia um anjinho.

– Que sorte! Eu adorava ter alguém na família que soubesse tricotar e coser. A mãe do Paul nem desconfia o que é uma agulha, e quanto à minha... enfim, anda sempre tão ocupada nos seus cruzeiros, que mal tem tempo para ver a Clara, quanto mais...

Curiosamente, denoto-lhe um certo azedume no comentário e fico admirada, já que ela é sempre tão dócil e contida. Vendo bem as coisas, nunca me passou pela cabeça que as outras pessoas pudessem não ter uma Kath nas suas vidas, para nos arrumar as gavetas da cozinha e ensinar danças loucas aos nossos filhos. Tenho andado sempre tão centrada no facto de ser mãe solteira, de os meus pais se terem mudado para longe, de me sentir tão sozinha... E, depois, a história com o Theo... Enfim, acho que nunca parei para perceber realmente quão grandiosa é a presença da Kath na minha vida.

– Tenho sorte, sim. Muita sorte. Tenho andado um pouco preocupada com a saúde dela – estamos à espera do resultado de uns exames –, e não temos tido muitos momentos «Robin & Kath».

Sabem que ela adora lojas solidárias? Eu entro lá e só vejo porcarias, mas ela entra e vê logo *couture*, é incrível! Quando eu era miúda, a Kath andava sempre comigo... e adoro ouvi-la contar histórias de quando me levava ao salão paroquial e ficávamos horas e horas por lá, entretidas com todas as atividades que havia para as crianças... Agora, que já sou adulta, adoro passar o dia com ela a visitar pequenas vilas ou na sua cozinha, a fazer artesanato...

Reparo que estão ambas a olhar para mim, fascinadas com o meu inflamado discurso acerca da Kath e de como é bom tê-la na minha vida. Resolvo poupá-las. Aponto para os miúdos e comento:

– Bom, daqui a nada são os nossos filhos que nos vêm convidar para almoçar.

– Ora aí está uma belíssima ideia! Quem sabe se o Roo e a Honor não me levam para algum retiro equestre, como paga pelas aulas matinais – praticamente ainda de madrugada, para ser franca – que lhes tenho dado ao longo da vida – ri-se a Finola.

– Sempre achei que tu adoravas essas longas horas passadas nos estábulos – observa a Gillian.

– Claro que adoro, querida, mas não me importava nada de poder ter outro tipo de cavalgada matinal com o Edgar de vez em quando – admite a Finola, provocando uma risada geral.

A ideia de a Finola querer ter ou *ter mesmo* uma cavalgada matinal com o marido diverte-nos imenso. Os quatro miúdos aparecem-nos à frente, visivelmente confusos por nos verem rir que nem umas loucas, e pedem-nos para irmos brincar com eles.

Em circunstâncias normais, levariam todos uma redonda nega, mas, uma vez que já fomos acometidas de um ataque de gargalhadas histéricas, deixamo-nos arrastar até à zona das

brincadeiras e passamos os quarenta e cinco minutos seguintes a correr, a rir, a escorregar e a cair.

Sempre que cruzo o olhar com o da Lyla, vejo-lhe uma felicidade muito especial, como quando lhe ponho o bolo de anos à frente ou acendemos as luzes da árvore de Natal pela primeira vez. Ela adora brincar com o Roo e os outros, mas sei que ter-me aqui com ela, e ver-me assim, solta e divertidíssima, a deixa absolutamente encantada. E eu também fico assim. Quero lá saber se tenho as cuecas a aparecerem por baixo dos jeans ou o cabelo colado à nuca, de tão suada que estou.

E também pouco quis saber quando fiquei presa no escorrega em caracol, e a Gillian e a Finola tiveram de me puxar pelos pés para me fazer descer. Isto, creio eu, é a essência da alegria. Neste momento, nem sequer me deixo angustiar pela Kath: limito-me a viver a vida, feliz e plenamente. E sabe mesmo muito bem.

Recebemos, por fim, os resultados. Já não me sentia tão profundamente aliviada desde que me puseram a Lyla nos braços e disseram: «Aqui tem, Miss Wilde, uma menina linda e saudável. Muitos parabéns!» O alívio é tão grande, que até sinto tonturas, enjoos, uma histeria incontável e uma vontade de rir para lá do inimaginável. Tudo ao mesmo tempo.

– A menopausa! Estás na *menopausa*! – repito vezes sem conta, à medida que a Kath e eu nos dirigimos ao parque de estacionamento.

– Pois estou, filha, pois estou, mas não vamos gritar isso aos quatro ventos, pois não? – diz ela, com um franzir de sobrolho, ainda que igualmente aliviada.

– Desculpa, Kath, mas é que estou tão feliz! Estava tão preocupada que fosse qualquer coisa... sinistra! – Vou praticamente a dançar até ao carro.

– Oh, sim, também eu. Agradeço a Deus os afrontamentos e as mudanças de humor, acredita – diz ela em tom sarcástico, mas com um sorriso estampado no rosto. – Espera só até chegar a tua vez, minha linda. Quando começares a ficar toda seca... *cá em baixo*, a morrer de calor cá em cima e a esqueceres-te do teu próprio nome!

– OK, não será do mais agradável que há, mas não é cancro! Nem uma doença do coração! Nem doença nenhuma, aliás! É só a menopausa! – Resolvo acalmar um pouco a minha excitação. – Agora, a sério, tia Kath, eu percebo-te e estou cá para te apoiar, prometo. Eu... cheguei a pensar que te ia perder, a sério. Que a Lyla e eu íamos ficar órfãs... – Solto uma risadinha, ainda que perceba que estou a ser ridícula.

Olho para a Kath, que entretanto parou, e reparo que está com lágrimas nos olhos.

– Oh! Desculpa, não devia ter dito a palavra «C». Oh, Kath, não quis angustiar-te, desculpa. Sabes que estou aqui para ti, e a Lyla também. Seja o que for que precisares, sempre que precisares de nós, a nossa porta está sempre aberta. Juro-te que nunca mais me chateio quando quiseres abrir as minhas contas ou quando coseres pompons nas minhas roupas! Eu adoro-te, tudo o que menos quero é que fiques triste!

– Não me deixaste triste, meu amor... Foi por teres dito «órfãs». Toda a minha vida senti que tu e a Lyla eram mais minhas filhas do que sobrinhas... e, agora, quando disseste isso... fiquei muito emocionada. Sei que devia estar triste por causa da porcaria da

menopausa, mas estou muito feliz! Tenho saúde, tenho as minhas meninas, tenho tudo de bom!

– Sim! Sim, minha querida Kath, temos tudo de bom! Nós todas!

E, com esta, enfiamo-nos no carro, muito provavelmente parecendo duas loucas – eu, de skinny jeans, e a Kath, de vaporosa saia cigana estampada –, e deixamos o hospital para trás.

A Lacey está a dar tudo por tudo para ultrapassar esta nova crise, mas eu bem vejo que, por dentro, está completamente devastada. Estou sentada com ela na salinha da florista, com as habituais chávenas de chá, a lata das bolachas recheadas e uma pilha de revistas de puericultura.

– Pensei que desta vez é que era, Robin! A sério, dez dias de atraso! Quase *duas semanas* e *todos* os sintomas. Eu sei que não devia ter comprado o teste tão cedo, mas estava mesmo ali a olhar para mim, mesmo ao lado das caixas... Assim que lhe peguei, senti-me tão confiante! Com aquele brilho, sabes... o brilho que dizem que as mulheres grávidas têm?... Por isso, peguei nele e fui para casa toda contente. – Aqui solta um soluço. – E deu negativo! Mais uma merda de um negativo!

– Oh, Lacey, tu vais conseguir, vais ver! Eu sei que sim. – Pouso o meu chá e fico a olhar lá dentro da chávena. Não sou só eu que tenho problemas, não sou só eu que por vezes me sinto desesperada: toda a gente trava as suas próprias batalhas. Não invejo a Lacey, coitada da minha querida amiga...

– Eu sei, também espero que sim, mas já andamos nisto há tanto tempo. Não tarda passamos a marca de um ano, e eu já estou muito farta. O sexo já deixou de ser sexo. Não aguento mais ver as minhas amigas a exibirem os seus lindos bebés ou ter de ir a chás

de bebés organizados por miúdas que nem sequer tiveram de tentar. Porque eu, em contrapartida, não faço outra coisa senão tentar e tentar e tentar!

Já tivemos esta conversa vezes sem conta, e eu continuo sempre sem saber o que dizer. Nem ela, acho eu.

– Sei que não há nada que eu possa dizer que te dê aquilo que realmente queres, Lacey, mas eu adoro-te e quero que saibas que vou estar sempre aqui para ti. Se te apetecer chorar, chora, se te apetecer partir coisas, força. O que quer que seja, eu estou contigo. E, daqui a uns tempos, quando finalmente aparecer nas nossas vidas o bebé mais maravilhoso deste mundo, eu vou ser a tia mais babada de sempre! Ficarei com ele sempre que precisares: quero levá-lo a passear, ensinar-lhe muitas coisas e, quando tiver idade suficiente, passo-o para a tia Piper, para ela o estragar com mimos e com muitas idas às compras, e para o transformar na criatura mais fashion do universo!

Olha, olha... pelos vistos, até sabia o que dizer. Só espero que seja aquilo que a Lacey quer ouvir.

Vejo-a esboçar um sorrisinho e dar um gole no chá. Consegui!

– Vai ser a coisinha mais perfeita do mundo, não vai, Robin? – pergunta-me, querendo desesperadamente uma confirmação.

– Claro que vai! Só temos de esperar que chegue – respondo, apertando-lhe afetuosamente a mão. – E até lá...

O telemóvel vibra sobre a enorme mesa de madeira, interrompendo-me.

– Oh, não, é o Simon! Será que me esqueci de pôr alguma coisa importante na mochila da Lyla? – pergunto, mais para mim própria. – Desculpa, Lacey, tenho mesmo de atender.

Ela faz-me um gesto que me deixa à vontade.

– Olá, Simon. Está tudo bem?

– Olá... Sim, eu... A Storie foi para o curso de aromaterapia e...

– Sim?

– Bom, é que... a Lyla está com imensa tosse e eu acho que...
Posso levar-ta?

– Não, Simon, é só tosse, não me digas que não consegues lidar com isso – digo, grata por ele não poder ver-me a revirar os olhos.

– Mas... como? A minha mãe dava-me sempre um gole de whisky, mas a Lyla não quer – diz ele, atestando a minha teoria de que não percebe rigorosamente nada de crianças.

– E faz ela muito bem, Simon. Porque essa ideia é imbecil, e ela só tem sete anos. Nem te atrevas a dar álcool à minha filha. Tens de ir à farmácia comprar xarope para crianças, deitá-la no sofá em frente à televisão, com uma mantinha, e fazer-lhe uma sopa, OK?

Por amor de Deus!

– OK, sim... pois. Então, não dá mesmo para eu a deixar contigo? É que... a Storie está fora e eu estou sozinho e... – continua ele a gaguejar, deixando-me cada vez mais exasperada.

– Simon... – Esforço-me por falar calma e pausadamente, já que o pressinto aflito. – Eu também tenho de lidar diariamente com esse tipo de coisas sozinha e nunca me ouviste queixar. Está tudo bem, é só um pouco de tosse, tu consegues lidar com isso. Desculpa, mas agora não posso mesmo. Se a coisa piorar, chama o médico a casa e depois liga-me. Mas, para já, não é nada de grave.

Desligo e reviro os olhos de novo, olhando para a Lacey.

– Mas que coisa, este gajo...

– Coitadinha... – diz ela, tentando ser compreensiva. Mas eu nem a oiço.

– *Coitadinho*?! Eu passo a vida a lidar com estes problemas, já é altura de ele saber virar-se, não? Caramba, é só um dia! – lanço-lhe eu, em modo «furibundo».

– Não, não, percebeste mal. Eu disse *coitadinha*, referia-me à Lyla... – diz-me, meio atarantada com o meu ataque de raiva.

– Ah, claro... Desculpa. Sei que pareço muito dura, mas ele tem de aprender a responsabilizar-se. Tenho a certeza de que é a Storie que trata de tudo quando a Lyla está com eles, e isso não está certo. A Lyla precisa que o pai tome conta dela. Desta vez, não lhe vou aparar os golpes. Tenho de ser firme, senão ele não vai mudar nunca.

Decido mudar de assunto, mas o telemóvel volta a vibrar, desta vez com uma chamada de um número desconhecido.

– Caramba, estás muito popular hoje! – diz a Lacey, enfiando outra bolacha na boca e trincando-a ruidosamente.

– Há sempre uma primeira vez para tudo – respondo-lhe, com um sorriso.

– Estou, sim?... Fala a Miss Popular! – digo, num tom esganiçado que diverte a minha amiga.

– Robin, é a Natalie. Desculpa ligar-te a um sábado, mas... preciso mesmo de falar contigo. Podes dar um saltinho cá a casa? Agora?

Trinta e sete

Dezembro

Uns minutos antes da meia-noite...

Com gestos cuidadosos e solenes, a Lyla pousa o seu copo de vinho na bancada de mármore da nossa nova cozinha – aos sete anos de idade, é uma honra recebermos um copo de vinho –, olha para mim e declara:

– Mamã, este é o nosso novo castelo, onde eu sou a princesa e tu és a rainha.

– E é mesmo, *Bluebird*, e que orgulho eu tenho em ser a tua rainha! Tivemos um ano e peras, não foi? Do que é que gostaste mais? – pergunto, enchendo-lhe o copo com mais um pouco de «vinho».

Hoje é dia 31 de dezembro, e estamos a ter o nosso exclusivíssimo réveillon, a duas, na casa nova, mais precisamente na cozinha, que tem um fabuloso balcão de pequenos-almoços – num maravilhoso contraste com a velha bancada de fórmica da cozinha antiga. O nosso repasto é constituído por hóstias de camarão, queijinhos Babybel cortados ao meio, «dedos» de chocolate e ursinhos de goma, e champanhe de faz de conta (sumo de maçã com gás). Posso não estar no Sugar Factory, com a Piper, nem na festa requintadíssima que a Lacey e o Karl organizaram, mas, muito honestamente, este deve ser o melhor réveillon que tive até hoje. Estou muito longe de estar onde imaginaria estar uns anos atrás. E estou muito feliz.

Depois da generosa oferta que a Natalie me fez, mudámos de casa. Eu adorava a casa da minha avó, pois era tudo aquilo de que

eu precisava quando o Simon me deixou: um porto de abrigo, familiar e acolhedor. Mas agora percebi que precisava de ter uma casa *minha*. Um cantinho conquistado por mim, no qual posso deixar a minha marca. Além de que já precisávamos de um ambiente mais saudável, sem humidades nem correntes de ar. Não tencionava mudar-me tão rapidamente, mas, quando vi esta casa à venda em Figgsberry Village, pronta a habitar, a cinco minutos da escola da Lyla e com um bonito jardim para ela brincar, nem pensei duas vezes. O Martin ajudou-me com a papelada e o Karl e a Lacey foram inexceláveis com a mudança que fizemos em inícios de dezembro – no dia a seguir ao meu 29.º aniversário. Arrependi-me amargamente da quantidade de cocktails que emborquei com a Lacey e o Karl – meu Deus, desencanaixotar coisas e ressaca são duas cenas que não combinam mesmo nada! Estes últimos dois meses têm sido de doidos... e agora, que penso nisso, não me passava pela cabeça ter força para me meter nisto. É a coisa boa de uma mudança na nossa vida: por vezes, nem damos por ela a não ser quando ela acontece.

A Lyla está empoleirada no banco giratório do balcão, rodeada de caixotes de cartão com as nossas coisas, infelizmente ainda por arrumar.

A resposta, excitadíssima, à minha pergunta surge numa catadupa inesperada:

– A Parada da Páscoa! Aquela noite em que levámos a tia Kath aos carrinhos de choque! Quando o Roo apareceu na Dovington's e estivemos os dois a fazer coroas de flores! Quando a tia Kath estava a fazer o jantar de Natal e a tua coroa caiu dentro do molho! Quando me fizeste uma tenda gigante na sala com lençóis velhos! Esta festa que estamos a ter!

É espantoso como coisinhas de nada podem representar tanto na vida de uma criança. Sempre pensei que os momentos altos de um ano teriam de ser grandes acontecimentos: umas férias, uma promoção ou um grande passo na vida, mas na cabeça da Lyla cada passinho é uma referência para ela. Não se preocupa em manter uma cronologia imaginária de acontecimentos que tenha imposto a si mesma; limita-se a deixar-se levar pela pura alegria, dormindo numa tenda erguida pela mãe ou divertindo-se com a tia numa feira popular.

– Queres saber qual foi o meu momento preferido do ano? – pergunto-lhe, olhando para aquele seu rostinho doce, tão feliz por estar comigo numa «festa» na cozinha.

– Quero! Qual foi, mamã?

– Tu.

– Eeeuuuu? – grita, enquanto faz girar o banco, quase fazendo tombar com o pé uma torre de caixotes.

– Sim, tu. Tu tens sido a minha coisa preferida todos os dias. Para já, ainda não consegues perceber isto, Lyla Blue, mas por vezes ser-se adulto é muito, muito difícil. E a mamã sabe que fez muitas escolhas erradas na vida. Isso preocupa-me porque quero muito que sejamos felizes, que tenhamos a melhor vida possível. Quero ter a certeza de que tens tudo aquilo de que precisas, que sou uma ótima mãe para ti. No início deste ano, andei muito triste. Não por nada que tu tenhas feito, claro, não quero nunca que penses isso, mas houve alturas em que me senti mesmo muito em baixo. Pensei que tinha conhecido um homem maravilhoso, o Theo – lembras-te do Theo? –, que seríamos muito felizes, os três, mas afinal... descobri que o Theo não passava de um verme.

A Lyla desata a rir, surpreendida por me ouvir insultar abertamente alguém.

– Um verme viscoso! – diz ela, alinhando na brincadeira.

– Um verme muuuito viscoso! – brinco eu, sentindo-me meio inebriada, quem sabe se por causa deste açúcar todo. – Mas queres saber a melhor? Fui para Nova Iorque e descobri que afinal até sou boa naquilo que faço. Depois, voltei para casa e percebi que também sou uma boa mãe para ti e que sou boa a fazer todas as coisas que as mães têm de fazer nas suas vidas. Percebi também que essas coisas todas se podiam fazer sem o verme do Theo e sem ser preciso termos mais alguém ao nosso lado. Que a nossa vida é um sucesso mesmo sem um namorado ou marido presente. Conseguimos fazê-las sozinhas! – Ergo o meu copo de Pinot Grigio, orgulhosa deste meu discurso e esperando que ela me aplauda ou coisa assim.

Mas a Lyla olha-me com expressão perplexa.

– Sozinhas não, mamã. Juntas. Sempre juntas, eu e tu, a melhor equipa «Lyla & Mamã» do mundo!

Agora, sim, fazemos um brinde. Depois, damos uma voltinha giratória nos respetivos bancos, para festejar – bancos superdivertidos, ao que parece –, e passamos o resto do serão a dançar em volta da nossa cozinha nova, ao som das playlists mais foleiras que conseguimos sacar no Spotify.

Já depois da meia-noite, após ter deitado uma menina muito cansada e ensonada, dou por mim a pensar em tudo o que já aconteceu desde aquele telefonema da Natalie, em outubro. Penso no quão longe este ano me levou, no quão mais longe ainda o próximo me levará... Eu e a minha filha, sempre juntas, como «a melhor equipa Lyla & Mamã» do mundo»!

Dois meses antes...

Ao tocar à porta da Natalie, pouco tempo depois de ela me ter ligado, reparei que tinha a mão a tremer. Qualquer coisa no seu tom de voz perturbou-me bastante. Sempre foi extremamente contida e profissional, por isso, eu não estava à espera de grandes e entusiásticas saudações. Mas isto foi diferente: algo nela soou muito pesado, muito determinado.

– Robin! Que bom ver-te! – disse-me o Martin, ao abrir a porta.

Acho que não conheço ninguém neste mundo que pudesse não gostar do Martin. É de uma beleza clássica, com olhos escuros e profundos, pele morena e muito suave, e uma voz grave e acetinada. Só o simples facto de o ver melhorou consideravelmente o meu estado de nervos.

– Entra, entra, a Natalie está na sala de visitas.

Óbvio que eles têm uma sala de visitas. Não passa de uma segunda sala de estar, nas traseiras da casa, mais pequena e sem televisão, mas se gostam de lhe chamar *sala de visitas* quem sou eu para os contrariar...

Como já seria de esperar, a Natalie revelou um extremo bom gosto na decoração de interiores.

Pesados e exuberantes cortinados dourados faziam realçar ainda mais os sofás de veludo verde-garrafa, colocados frente a frente sobre um tapete creme; entre eles, uma mesa de centro com pés dourados e tampo de vidro. Encontrei-a sentada num dos sofás, de jeans clarinhos e uma camisola preta larga, com o laptop pousado na mesa de centro e um ar seríssimo – o que me angustiou ainda mais.

– Natalie? – chamei-a, da porta da sala de estar.

– Entra, entra, Robin. Senta-te.

Sentei-me obedientemente e olhei para ela.

– Não estejas tão nervosa – disse-me ela, com um sorriso.

– Desculpa. Mas é que estou mesmo preocupada. O que é que se passa? – balbuciei. Depois, continuei, de rajada: – Estás doente? A Kath também pensou que estava doente e afinal era só a menopausa... Não que estejas em idade de ter a menopausa, claro, mas...

Porra. Não queria nada insinuar que ela estava a ficar velha, sobretudo se estivesse gravemente doente.

– Para, para, eu não estou doente e muito menos com a menopausa. – Percebi um certo agastamento perante a minha sugestão. – Mas estou a passar por uma fase de mudança, sim. Uma mudança importante na minha vida.

Respirou fundo e desviou o olhar para a mesa de centro. Estava com ar de quem se preparava para dizer algo mesmo importante. Deixei-me ficar sentada em silêncio e esperei, tentando não desmaiar, tal a tensão acumulada.

– Robin, tenho um longo discurso preparado, por isso, o melhor é dizê-lo de uma vez só, sem que me interrompas. No fim, podes comentar. OK?

Típico da Natalie: direta, concisa e eficaz.

– OK – concordei.

– OK... Como sabes, eu já dediquei muitos anos da minha vida à agência. Ergui-a de raiz, praticamente do nada, e hoje em dia adoro-a e vejo-a como um terceiro filho. Conheço-lhe cada pormenor e tenho o maior orgulho em cada passo que dei, em cada decisão que tomei, no meu staff, na reputação que ganhámos e, claro, em mim, por ter conseguido desenvolver e aperfeiçoar um negócio tão

próspero e bem-sucedido. Tem-me permitido, a mim e à minha família, um nível de vida bastante confortável: três filhos no ensino privado, uma casa fantástica, viagens memoráveis, e ainda nos deu para amearhar uma poupança bastante simpática.

» O problema é que, desde os três anos do Nathan, que não há um único dia que eu não tenha ido à agência, muitos fins de semana e feriados incluídos. Já não sei o que é ir a uma festa de anos de criança e ficar a tagarelar com as outras mães; perdi várias peças da escola por ter ficado retida no trabalho; chego sempre tarde para os jantares maravilhoso que o Martin prepara para nós, já para não falar daqueles em que pura e simplesmente não estou presente. E acho que nunca na minha vida tive um «fim de semana de meninas». Não sei o que isso é.

» E, ainda que não esteja próxima da menopausa – *eu sabia que a minha sugestão a tinha ofendido* –, a verdade é que já não vou para nova; por isso, decidi que não quero continuar a deixar de desfrutar da vida por causa do trabalho. Quero viajar mais com o Martin, conhecer países a que nunca fui. Quero poder jantar tranquilamente com os meus meninos e passar tempo de qualidade com os meus amigos. Já ando há anos a dizer ao Martin que me vou retirar, mas a questão é que nunca tive ninguém a quem pudesse passar o testemunho... Até agora. *Agora* quero muito que essa pessoa seja tu, Robin.

Calou-se por uns segundos; eu mal conseguia respirar. Deixei-a continuar:

– Precisava sobretudo de uma pessoa com integridade moral e uma forte ética profissional, para além de trabalhadora e talentosa, claro. Não estou a oferecer-te o negócio. Vou continuar a geri-lo, mas preciso absolutamente de um braço-direito que lide com o

trabalho do dia a dia, que me retire esta carga de cima. Ambas sabemos que tu és muito mais do que uma simples assistente. Já me mostraste vezes sem conta que tens as competências mais do que necessárias para trabalhar no terreno e sobretudo para lidar com pessoas. Tenciono contratar um gestor para lidar com a parte contratual e jurídica, mas gostava muito que assumisses as funções de diretora, gerindo todos os negócios e clientes, contratando os artistas certos para os trabalhos certos. Ah, e claro que também faço questão que escolhas uma assistente pessoal, de entre o nosso staff.

» É óbvio que isto vai exigir de ti uma maior disponibilidade, mas terás toda uma equipa para te apoiar – para além de mim, claro, pois tenciono passar-te a pasta de tudo aquilo que geralmente tratava. Terás naturalmente um salário à altura das responsabilidades. – Aqui, oferece-me um sorriso simpático antes de continuar: – Aquele contrato dos seis filmes que a agência ganhou deveu-se em grande parte a ti – todos reconhecemos isso –, e por essa razão, depois de ter pensado melhor no assunto, decidi que mereces um prémio. Vou pedir à Sarah, lá do escritório, que o inclua já no teu próximo ordenado. – Recostou-se no sofá, para rematar: – E então, o que é que achas? Aceitas este desafio?

Fiquei imóvel, completamente paralisada, como se tivesse levado uma epidural que só me permitisse mexer a boca e piscar os olhos. Passei a entender muito melhor a expressão «em estado de choque».

– Hãã... Natalie, isto... é demasiado. Fico tão honrada por teres essa opinião a meu respeito. Nem acredito que me estás a dar uma oportunidade destas... Eu... admiro-te há muitos anos, sempre

desejei ser como tu, e acho que nunca te vi falhar em nada. Tenho-te como o mais perfeito exemplo do sucesso.

Aos poucos, fui sentindo o meu corpo a recuperar a sensibilidade, a acordar para a vida. Foi embaraçoso ouvir a minha própria respiração, de tão pesada e arquejante; senti-me literalmente nas nuvens por alguém que eu tanto admiro me tratar como sua igual, convidando-me para a substituir. Nem precisei de pensar um segundo que fosse naquela fabulosa proposta. Fiquei tão empolgada! Senti logo que queria abraçar este desafio de alma e coração.

– Ai, Natalie... é claro que aceito a tua oferta! Nem imaginas com que prazer. Acho que és uma mulher incrível, e trabalhar tão próximo de ti seria para mim um enorme privilégio. Quem sabe até se não fico tão gira como tu dentro de uns jeans clarinhos!

– Bem podes esperar sentada! – disse-me ela num sorriso, gingando sensualmente no sofá.

Estacionei à porta de casa e entrei. Continuava em choque. Precisava de mais algum tempo para assimilar tudo o que a Natalie me dissera. Estava genuinamente convencida de que ela tinha uma vida perfeita. Nunca pensei que tivesse os seus próprios dilemas. Mas toda a gente os tem, não é verdade? O que conta é a maneira como lidamos com eles. Ela era a pessoa que eu sempre quis ser. Eis a minha oportunidade.

Nesse dia, a casa pareceu-me mergulhada numa paz profunda. A Lyla estava com o Simon, e eu tinha feito uma bela de uma limpeza na véspera; por isso, senti uma aura muito fresca, muito tranquila. Mesmo com todo o ruído e bulício na minha mente, a minha casa surgiu-me como um oásis de bonança.

Enrosquei-me no meu cantinho preferido do sofá, peguei no comando e fui fazendo zapping, mas não consegui concentrar-me. Estava com uma fortíssima pedrada de adrenalina. Que dia... Mas mal podia esperar que viesse o próximo, para começar o meu novo e fabuloso desafio de vida.

Três semanas atrás...

Já nos tínhamos mudado em dezembro, mas a casa continuava numa confusão, com caixotes espalhados por todas as divisões. Fiquei perplexa com a quantidade de tralha que fui acumulando em casa da minha avó, mesmo depois do meu surto de ordem e arrumação do início deste ano!

A Lyla estava a brincar com os livros de autocolantes, e, quando eu estava a abrir o milionésimo vigésimo segundo caixote de tralha, ouvi tocar o telemóvel.

Se há coisa que me horroriza são números desconhecidos. Num gesto de coragem, decidi atender (sim, se a Natalie acredita em mim, se consigo fazer uma mudança sozinha e o eyeliner mais perfeito que alguma vez viram na vida, é porque devo ser mesmo boa).

– Estou?

– Robin? – disse uma voz masculina.

– Sim, quem fala? – Detesto este jogo. Diz lá quem és e o que é que queres, antes que me dê qualquer coisinha má.

– Olá, Robin, é o Edward. De Nova Iorque?...

Oh, meu Deus! Por que raio é que o sensualão do Edward me ligaria de Nova Iorque? Fiquei tão confusa quanto encantada, mas,

claro, não lhe ia transmitir essa ideia.

– Ah, Edward, olá! Como é que estás? – Boa, Robin, assim é que é! Tão cool...

– Estou ótimo, a vida do costume, trabalho, casa, uns copos de vez em quando... Sabes como é.

Isso eu sei. Só não sei qual é a tua ideia, mas vamos lá a isto.

– Sim, claro, também eu. Acabei de mudar de casa e ando numa roda-viva de arrumações.

– A sério? Que bom, isso é *fantááástico*, Robin!

O homem até pode ser britânico, mas tem aquele tipo de entusiasmo americano que lhe dá imensa graça.

Fez-me lembrar a Marnie, quando há uns tempos me comunicou pelo Facebook que tinha começado a filmar um episódio piloto de uma série *fantááástica*. O seu entusiasmo era palpável, tal como agora com o Edward.

– Pois é... – disse ele. – Ouve, estou a ligar-te porque no próximo mês vou aí para os teus lados e gostava muito de te rever... Podíamos jantar, o que me dizes?

Nããão! Estava a ser convidada para jantar por um *one night stand*? Essas coisas simplesmente *não* acontecem.

– Bom, seria indelicado da minha parte não festejar contigo a minha mudança, por isso... Claro que sim, é uma excelente ideia!

Já sei que o que seria estranho era eu festejar a minha mudança para a casa nova com um homem com quem dei uma única queca meses antes, mas a verdade é que este telefonema me apanhou completamente desprevenida.

– Fantástico! – exclamou ele, soando um nadinha mais entusiasmado do que provavelmente gostaria. – Ouve, agora tenho mesmo de ir, prometi aos rapazes que ia ter com eles para um copo,

mas fico muito contente. Vamo-nos falando ou trocando mensagens... Ou as duas coisas, hahaha!

Adorei o facto de ter sido *eu* a segura e confiante (só ao telefone, claro, mas isso não interessa nada) e ele, o enrascado e gaguejante – o que, confesso, me despertou alguma ternura.

– Certo. Fico à espera do telefonema ou da mensagem, ou das duas coisas – brinquei.

– Falamos em breve, Robin Wilde!

Desligámos, e eu recostei-me no sofá, sorrindo para mim própria. Muito bem, assim seja.

Poucos dias depois do Natal, a Lacey apareceu em minha casa para deixar uns presentes. Ela e o Karl tinham acabado de regressar de uma escapadinha a um turismo rural nas Terras Altas, onde festejaram um Natal só a dois.

– Já pensaste, Robin, daqui a um ano estarei a festejar o Natal com o meu novo bebé – disse ela, numa alegria meio forçada, bebericando do seu café e olhando pela janela da sala para o meu novo jardim.

Em grande parte, foi por causa deste jardim que eu decidi ficar com a casa. A casa da minha avó tinha apenas um quintalzinho com um barracão a cair de velho, sem relva nem flores. E *sobretudo* sem a maravilhosa cerejeira em flor que vejo da minha janela, ansiosa por florescer já na próxima primavera.

– Pois é, vai ser maravilhoso! – disse-lhe eu, animadamente. – Ainda bem que aproveitaste este Natal romântico, já que para o ano já serão três de certeza. Vai acontecer, Lacey, eu sei que sim!

– Algo me diz que este mês será um bom mês – disse ela, com ar sonhador, tentando disfarçar as lágrimas de emoção que lhe

humedeceram os olhos.

Um pardalito saltitou pelo pátio e foi debicar as migalhas que a Lyla espalhara de manhã. A Lacey continuava a achar que todos os meses eram *bons meses*, e não era eu quem lhe ia cercear essa ilusão. Custava-me muito ver a minha amiga a sofrer daquela maneira. Vi-a tirar um pacote de lenços de papel da carteira.

Quem sabe se o próximo ano não seria o tal?

Quem sabe se não seria já para o ano que a Lyla teria um amiguinho ou amiguinha para brincar no seu novo e verdejante relvado?

Pus-me a divagar por um cenário de vaporosos vestidinhos de verão e crianças a correrem pelo meio dos aspersores de rega, até ser interrompida por um gritinho entusiasmado da minha amiga:

– Oh, ainda não te mostrei! Tens de ver isto! – Abriu a carteira de tamanho XL e tirou de lá uma revista *OK!* – É o Theo! Vê, vê! Dei com isto no dia de Natal e ainda pensei em ligar-te, mas não tinha rede, por isso, guardei a revista. Achei que ias querer ver.

Ouvir o nome do Theo depois de tanto tempo fez-me estremecer. Peguei na revista com mãos trémulas, esforçando-me por controlar aquele súbito surto de nervosismo. Abri-a numa página dobrada num canto, e ali estava ela: uma fotografia do Theo, tirada numa sofisticadíssima Gala de Natal. Depois do choque inicial, apercebi-me de que não se tratava realmente de uma notícia sobre o Theo. Ele surgia num dos cantos da foto, meio de costas, claramente evitando as câmaras, enquanto um grupinho de amigos todos aperlados e com ótimo ar sorriam beatificamente para o fotógrafo. A legenda dizia:

Lady Sophia Fennelsworth aproveitou a oportunidade para anunciar o seu noivado com Lord Freddie Goldman. Theodore Salazan (na foto, no extremo esquerdo), trinta e quatro anos, conhecido magnata imobiliário e filho único da financiadora internacional Caroline Salazan, manteve nos últimos dezoito meses uma relação intermitente com Lady Sophia, e já se faziam apostas sobre se seria ele o feliz contemplado da famosa herdeira. «Tantas fez que a deixou escapar», brincou o velho amigo de infância de Salazan, Tommy Fitzgerald, confidenciando que o amigo estaria retirado numa estância de ski em Whistler, a tentar curar o coração partido. Fontes próximas de Lady Sophia garantem que ela sempre soube a quem pertencia o seu coração, e que o casamento com Goldman era um sonho tornado realidade. Os agora noivos darão o nó já na próxima primavera, em Radboth Manor, numa cerimónia que terá a Princesa Florence da Dinamarca como principal dama de honor (...)

Poisei a revista aberta no colo e fiquei à espera de um acesso de raiva, ou então de tristeza e desilusão. A Lacey estendeu-me uma mão amiga, preocupada com a minha reação.

– Eu sabia que não tinha a sua atenção exclusiva, sempre me senti como uma segunda escolha – murmurei, prendendo o olhar na foto da revista.

– Tu nunca foste nem nunca serás uma segunda escolha, amiga. És a primeira e a melhor de todas – disse a Lacey, ternurenta como sempre.

– Queres saber? Isto não me magoa nem sequer me preocupa. Isto faz sentido. Finalmente, tudo faz sentido.

Atirei com a revista para cima da mesa e respirei fundo. Estava agora exatamente onde era suposto estar e com quem devia estar. Oxalá o Theo pudesse dizer o mesmo...

1 de janeiro

Tenho a minha caixa de memórias ao meu lado, no sofá. Passei ainda algum tempo a vasculhá-la; agora, é hora de lhe fechar a tampa e olhar para a frente. Pego no meu diário novinho em folha – uma pechincha que descobri nos saldos de Ano Novo – e abro-o na primeira página, lisa e branquinha. Começo a escrever:

O Dia de Ano Novo voltou a ser um dos meus favoritos. Muita gente se queixa quando chega janeiro, porque desaparece de vez a magia do Natal, as decorações são guardadas e regressamos todos ao dia a dia da vida real, com dias cinzentos, contas para pagar e muito menos dinheiro no banco.

Mas eu não vejo as coisas assim. Para mim, o Dia de Ano Novo serve sempre para refletir sobre o ano que passou e preparar-me para o que começa. Estabeleço objetivos, uns mais exequíveis do que outros (ainda não é desta que me inscrevo no ginásio), e sinto-me sempre empolgada pelo facto de que, num ano a estrear, terei a oportunidade de ser a pessoa que quero realmente ser: satisfeita e capaz; saber que, lá no fundo, sou uma ótima mãe para a Lyla sem que seja necessário que mo digam ou que o tenha de o provar seja a quem for; conseguir andar de cabeça erguida em skinny jeans, saltos altos e t-shirt metida para dentro; ter orgulho na minha casa e torná-la acolhedora (sem ter de enfiar embalagens vazias de

chocolate no meio das almofadas do sofá quando entra um convidado); ter um sólido grupo de amigas e não ter vergonha de ser solteira.

A cada ano que começa, eu sonho com novas e diferentes maneiras de alcançar estes objetivos. Já namorei com homens na esperança de que eles me resgatassem; experimentei dietas novas e fiz questão de ir ao ginásio quatro vezes seguidas, na esperança de me conseguir enfiar nos meus antigos jeans; comprei as lancheiras e mochilas de última geração e um iPad com proteção anticriança, convencida de que isso me faria parecer a Mãe Perfeita; coleí-me à Lacey como uma lapa, ignorando as pontadas de solidão.

No entanto, este ano que passou foi diferente. Percebi que não precisava de nada daquilo. E, ao libertar-me de todas estas concepções erradas, consegui tornar-me na minha principal crítica. O Theo não era a solução, aliás, nenhum homem é. Trabalhei que nem uma mula e isso compensou-me e de que maneira; nem sempre deixei a Lyla na escola com as meias adequadas e ela não morreu por isso; descobri que as MEC não eram aquilo que eu julgava (a não ser a Val, mas essa é um caso perdido); e percebi que a única pessoa que fazia juízos sobre a minha maneira de ser mãe era eu própria.

Passei todos estes anos à procura da resposta, da coisa ou da pessoa que me conseguisse salvar, mas hoje sei que tenho de ser eu própria a fazê-lo, por mim e para mim. Tenho de ser eu e só eu.

Esta noite, enquanto vou retirando cuidadosamente cada adereço da nossa nova árvore de Natal (agora com um aspeto tristíssimo), embrulhando as peças em papel de seda e guardando-as para o próximo ano, não contenho lágrimas grossas que me correm pelo rosto.

A Lyla acaricia-me suavemente o braço e quer saber:

– Estás triste, mamã?

Sorrio à minha lindíssima filha e respondo:

– Não, querida. Estou é muito feliz.

Agradecimentos

Ahhh, o *Momento Óscar* de escrever um livro, com a diferença de que não estou num palco, não tenho uma estatueta na mão nem estou enfiada num vestido exclusivo. Escrevo isto na minha mesa da cozinha, enfiada numa sweatshirt gigante e com um pacote de tiras de milho mesmo à mão de semear. Quem disse que a vida de escritor não era glamorosa?

Pois bem, eu não teria esta vida *oh-tão-glamorosa* se não fosse por uma série de pessoas; por isso, e com a mesma alegria e emoção de um discurso típico de uma noite de óscares, deixem-me mencioná-las.

Antes de mais, agradeço à Maddie Chester e à Abigail Bergstrom, da *Gleam Futures*.

A Maddie é a minha diretora, que, desde o segundo em que abri a boca para dizer «Quero escrever um livro sobre uma mãe solteira, numa perspetiva totalmente realista», ficou logo do meu lado, dizendo que devia e podia fazê-lo e para não desistir – nem mesmo daquela vez que lhe liguei a chorar, cheia de dúvidas e inseguranças, depois de devorar uma caixa inteira de chocolates. Ela é das melhores pessoas que conheço. Talvez a melhor.

A Abigail, que se juntou à *Gleam* como minha agente literária, aturou-me pacientemente nos primeiros dias, sempre sentada ao meu lado, ouvindo-me dizer como eu queria que o livro evoluísse e

lendo os incontáveis rascunhos das propostas iniciais. Para além disso, pôs-me em contacto com as melhores editoras do mercado, sobretudo a melhor de todas, a Bonnier Zaffre, com quem felizmente acabei por ficar. A calma e generosa Abi foi o meu porto de abrigo, sem nunca deixar de responder às mensagens que eu lhe mandava de dia e de noite (desculpa aquela da uma da manhã, Abi!). Sem ela creio que não teria conseguido desenvolver a minha ideia inicial. Muito obrigada mesmo, Maddie e Abi!

Foi graças à Maddie e à Abi que eu vim a descobrir e conhecer de perto a fabulosa malta da Bonnier. Percebi desde o primeiro minuto que eles eram a equipa ideal para mim, quando a Eleanor Dryden (minha editora *extraordinaire*) levou demasiado a sério uma ideia que eu tinha, em vez de tentar torná-la *fofinha*. Nunca deixaram de me impressionar a confiança e o apreço que a Bonnier sempre revelou pelo «*Dupla mais que perfeita*», bem como a quase inesgotável energia de toda a gente que se envolveu no projeto. Devo agradecer em particular a Emily Burns, Stephen Dumughn, Georgia Mannering, Nico Poilblanc, Vincent Kelleher, Angie Willocks, Ruth Logan, Sarah Bauer e Alex Alden, pelo alto nível de profissionalismo demonstrado do princípio ao fim.

Nos dias em que me senti menos brilhante, lembrei-me que existia também toda uma equipa de felizes fazedores-de-livros a trabalharem no design da capa, na promoção e distribuição (e quarenta e cinco mil coisas mais), o que me fez ter sempre presente o significado da expressão «esforço de equipa».

Não posso deixar de referir mais alguns nomes, pelo esforço e dedicação demonstrados. São eles: Tara, Jamie, Nick, James, Asmaa, Felice, Eleanor, Kate e Mark, e ainda Jenny H, Jenny P, Katie G e Kati N. Sinto-me extremamente grata por ter podido

trabalhar com pessoas tão maravilhosas e poder fazer parte do seu mundo.

Eleanor Dryden, minha Editora: enormes obrigados, gigantescos e cheios de baba. Se conseguisse subir a um dos pilares de Trafalgar Square e gritar «OBRIGADA!», garanto-te que o faria. Desde o dia em que estendemos um rolo gigante de papel sobre o chão da minha sala, e nos dedicámos a escrevinhar todas as minhas ideias, até ao dia em que nos instalámos na «suite do amor» daquele requintado hotel londrino (é uma longa história...) e pudemos dizer «Pronto, está feito!», a Eli tem sido incrível.

A Eli obrigou-me a ir bem mais longe no *Dupla mais que perfeita* do que eu alguma vez pensei ser capaz, e hoje sei que foi graças a esse empurrão que eu consegui retirar o melhor que havia da história inicial da Robin Wilde. Juntas, tivemos muitos momentos altos (já alguma vez beberam de mais e fizeram uma disco-party sob os arcos e abóbadas de um edifício em ruínas? Nós já!) e partilhámos conversas com «demasiada informação» (desculpa, querida Eli, por aquela descrição horivelmente gráfica que te fiz!), e vivemos algumas situações – muito poucas e praticamente insignificantes – menos boas (aquele telefonema em dezembro em que eu confidenciei que só estava a escrever porcarias e a Eli me pediu que fechasse o laptop e desse o dia por terminado... obrigada!).

Em todos os passos desta aventura, a Eli manteve-se estável, solidária, profissional (não vamos voltar a falar daquela disco-party) e positiva. A Eli é muito mais do que a Editora deste livro: é também

uma grande amiga e uma alegria constante na minha vida. Obrigada, Eli.

Ainda que não tenham estado envolvidos na parte mais séria e profissional desta aventura, também os meus amigos merecem um muito sentido e gigantesco «obrigada». Foram tantas e tantas as vezes que eu recusei convites para escapadelas ao John Lewis (o meu passatempo favorito) ou para ir beber um copo ao nosso pub de eleição (o meu segundo passatempo favorito), em prol de um «desculpa, é o livro». Nunca os vi revirarem os olhos ou mostrarem-se chateados, mas, antes, oferecerem-se para levarem a Darcy com eles nos seus programas infantis, para que eu pudesse concentrar-me no meu trabalho. E nunca, mas nunca deixaram de me dizer o quão ansiosos estavam por ler o livro.

Um agradecimento muito especial à Clare, à Esther, à Vicki, à Emma e à tia Judith.

Obrigada ao Liam, o amor da minha vida, o homem que ficou noites e noites sentado ao meu lado a ver inenarráveis filmes de ação, enquanto eu teclava e teclava e teclava. Passou tanto tempo comigo enquanto escrevi este livro, que agora até diz que acha extremamente reconfortante o som do meu teclado. A cada conquista (o primeiro capítulo pronto, as primeiras vinte mil palavras enviadas, a primeira versão totalmente impressa, etc.), o Liam esteve presente e festejou a meu lado. Nunca se queixou por eu não poder «sair para brincar», nem nunca teve ciúmes das vezes e vezes e vezes em que o meu laptop lhe pareceu mais importante,

para mim, do que ele próprio. Espero sinceramente que, um dia, a Robin Wilde encontre um homem tão bom quanto o meu.

E, finalmente, um «obrigada» divertido, já que ela ainda não consegue ler isto, à minha filha Darcy. Como nunca me sentei com ela para lhe explicar que a mamã estava a escrever um livro, não pensei que a Darcy prestasse sequer alguma atenção ao meu trabalho. E, com a idade dela, alguém prestaria? Por vezes, depois de me perguntar o que estava a fazer e de eu lhe responder «Estou só a escrever, meu amor», ela ia à vida dela entreter-se com qualquer coisa. Na última «Tarde dos Pais» a que eu fui, convidaram-me para dar uma vista de olhos aos trabalhos dela – e numa das páginas vi uma coisa que me deixou completamente arrebatada. Fora pedido às crianças que descrevessem os pais, e a Darcy escreveu: «A minha mamã é muito esperta porque escreveu um livro.» Deixei-me ficar sentada naquela cadeirinha em miniatura e desatei a chorar. Ao longo de todos aqueles meses em que me senti culpada por dar tanto de mim ao *Dupla mais que perfeita*, ela sempre me compreendeu e, em vez de se ressentir, achou sempre que eu era «muito esperta».

Ter lido aquilo deu-me a força anímica de que precisava para levar o *Dupla mais que perfeita* a bom porto e sentir-me mais e mais orgulhosa. Darcy, quando fores mais crescida e souberes ler muito bem: obrigada por teres pensado tão bem de mim. Tudo isto é para ti.

Pronto, lá estou eu quase a chorar outra vez – e já se me acabaram as tiras de milho, por isso, vou deixar por aqui este meu discurso-digno-de-uma-cerimónia-de-Ócares. A Robin Wilde é tudo aquilo que eu quero que ela seja. Amo-a de paixão e sou muito grata a todos aqueles que também a amam.

Caros leitores,

Se estão a ler isto é porque já têm nas mãos um exemplar do meu primeiro romance, e isso deixa-me extasiada!

Cada capítulo, cada página e cada palavra deste livro contêm um pedacinho do meu coração. Tirando a minha filha, creio que nunca dediquei tanto amor e dedicação a alguma coisa em toda a minha vida!

Alturas houve em que achei que não iria sequer ser capaz de acabar este livro ou mesmo de conseguir escrever alguma coisa que merecesse a vossa leitura. Noutras, senti-me tão deslumbrada ao acabar uma determinada parte da história (uma parte *fantástica*), que dei saltos mortais para trás. Sozinha. Haha, patético, não?

Contudo, aquilo que me moveu, que me fez avançar pelo meio dos momentos de incerteza e insegurança foram vocês. O facto de vos imaginar com este livro nas mãos (o que me deixa extasiada, não se esqueçam) e a possibilidade de retirarem prazer desta leitura. Mal posso esperar por que a Robin Wilde faça parte da vida de outras pessoas, e não apenas da minha. Para que mais pessoas se tornem amiga dela e a adorem por todas as suas fraquezas. Para que mais pessoas queiram dar um forte abraço à tia Kath ou um beijinho repenicado nas bochechas da Kyla. E, acima de tudo, mal

posso esperar por que todos vocês sintam a esperança e o entusiasmo que este livro desperta.

Se alguma vez se sentirem em baixo, se ouvirem O Vazio bater à vossa porta, se lhes apetecer um pouco de companhia numa noite tranquila ou se a leitura representar a vossa melhor escapatória, não se esqueçam de que podem sempre regressar a este livro, visitar a vossa amiga Robin e lembrarem-se de que, tal como ela, estão rodeados de pessoas que vos amam e se preocupam.

Quero que terminem este livro sabendo que são *vocês* os vossos próprios heróis e heroínas, e que conseguem fazer tudo aquilo a que se propuserem, tal como a Robin Wilde.

Lembrem-se sempre que podem, e devem, recorrer aos vossos amigos sempre que precisarem de apoio. Ou a mim, claro está, através de @LouisePentland (Twitter e Instagram), #WildeLikeMe

Vou sempre adorar conhecer pessoas tão fantásticas como vocês!

Grandes abraços e beijinhos